



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

RAFAELA DEFENDI MARIANO

**MARCADORES DISCURSIVOS E SEQUÊNCIAS TEXTUAIS:
UMA ANÁLISE DAS AÇÕES DE TEXTUALIZAÇÃO EM
PROGRAMAS MIDIÁTICOS**

CAMPINAS,

2014



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM**

RAFAELA DEFENDI MARIANO

**MARCADORES DISCURSIVOS E SEQUÊNCIAS TEXTUAIS:
UMA ANÁLISE DAS AÇÕES DE TEXTUALIZAÇÃO EM
PROGRAMAS MIDIÁTICOS**

Dissertação apresentada ao Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Campinas, como requisito para a obtenção do título de Mestra em Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Anna Christina Bentes da Silva

CAMPINAS,

2014

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem
Crisllene Queiroz Custódio - CRB 8/8624

M337m Mariano, Rafaela Defendi, 1990-
Marcadores discursivos e sequências textuais : uma análise das ações de textualização em programas midiáticos / Rafaela Defendi Mariano. – Campinas, SP : [s.n.], 2014.

Orientador: Anna Christina Bentes da Silva.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Textualização. 2. Marcadores discursivos. 3. Sequências textuais. 4. Televisão - Programas. I. Bentes, Anna Christina, 1963-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Discourse markers and textual sequences in media discourse

Palavras-chave em inglês:

Textualization

Discourse markers

Textual sequences

Programs, Television

Área de concentração: Linguística

Titulação: Mestra em Linguística

Banca examinadora:

Anna Christina Bentes da Silva [Orientador]

Zilda Gaspar Oliveira de Aquino

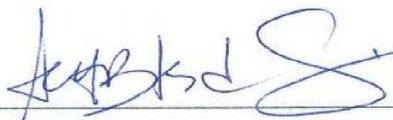
Eduardo Penhavel de Souza

Data de defesa: 03-04-2014

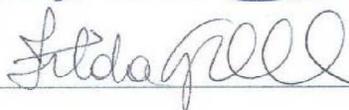
Programa de Pós-Graduação: Linguística

BANCA EXAMINADORA:

Anna Christina Bentes da Silva



Zilda Gaspar Oliveira de Aquino



Eduardo Penhavel de Souza



Edwiges Maria Morato



Vanda Maria da Silva Elias



IEL/UNICAMP
2014

Dedico este trabalho aos meus pais Eliana e Tarcísio, ao Tar e ao Rafael, os pilares da minha vida.

AGRADECIMENTOS

Durante os dois anos em que me dediquei a esta pesquisa, algumas pessoas foram essenciais a sua realização, graças ao apoio, à compreensão, à paciência, ao incentivo dispensados a mim. Considero-me abençoada por ter tido essas pessoas que, direta ou indiretamente, possibilitaram o término dessa importante etapa da minha vida.

Agradeço primeiramente a Deus que me acolheu nos momentos de dúvidas e que me ajudou nas escolhas difíceis.

A meus pais, Tarcísio Mariano e Eliana Defendi Mariano, pelas renúncias, pela paciência, pelos cuidados, pelo afeto e pelo apoio para que os meus sonhos e projetos se concretizassem. Nenhum agradecimento é suficiente para externar toda a gratidão que sinto por tudo que me proporcionaram nessa vida.

Ao Rafael, pelo amor, carinho, companheirismo, pela paciência nos momentos de angústia e pela atenção dispensada a ouvir os percursos da minha pesquisa.

Ao meu irmão que, mesmo longe, me incentivou, à sua maneira carinhosa particular.

Devo um agradecimento mais que especial à minha orientadora Anna Christina Bentes cujo papel é fundamental na minha formação acadêmica desde 2008. Além de suas aulas terem me despertado o encantamento pela ciência da linguagem, a confiança depositada em minha capacidade como pesquisadora foi fundamental para o desenvolvimento deste trabalho e para que eu continue meu percurso acadêmico dedicado à pesquisa. Agradeço ainda pelas oportunidades que me proporciona dentro e fora do espaço acadêmico, pelos momentos de descontração e pelos momentos de discussão, que me permitem expandir meu horizonte de conhecimento.

À querida Lívia Granato que, por meio de sua dissertação e dos diálogos que manteve comigo durante os últimos anos, abriu meus olhos para um tema fascinante e desafiador. O seu trabalho de dissertação tem grandes impactos na pesquisa que ora apresento.

Agradeço à minha querida amiga e companheira de jornada Beatriz Ferreira Silva, que está sempre pronta a me ouvir e a me ajudar nos empreendimentos analíticos. E, mais que isso, agradeço à Bia pelos bons momentos em que rimos e em que compartilhamos angústias e sonhos.

A todos os meus carinhosos e queridos amigos que, de perto ou de longe, estiveram na torcida. Um agradecimento especial à Cláudia Goulart, à Vivian Rio e ao Caio Mira pelos momentos de parceria acadêmica, de agradável companhia e de descontração.

Agradeço à Profa. Dra. Zilda Aquino e ao Prof. Dr. Eduardo Penhavel pelas suas valiosas sugestões na banca de qualificação, pela disponibilidade em ler meu trabalho e em participar da defesa, um momento tão significativo no meu percurso acadêmico.

Faço, também, um agradecimento especial à professora doutora Edwiges Morato com a qual aprendi a desvendar de maneira mais aprofundada as teorias da linguagem. Agradeço ainda ao professor doutor Renato Cabral Rezende e à professora doutora Vivian Cristina Rio Stella pelas valiosas contribuições dadas nos eventos científicos em que foram debatedores de meus trabalhos.

A todos, meu sincero muito obrigada.

RESUMO

Na presente pesquisa, procuramos investigar em que medida os recursos do nível textual são formatados e, de certa forma, formatam as situações de uso. Para tanto, analisamos as ações de textualização empreendidas pelos participantes do programa midiático “Manos e Minas”, veiculado pela TV Cultura. Em função de um de nossos objetivos específicos ser o de demonstrar como um olhar para as ações de textualização empreendidas pelos participantes desse programa midiático pode nos auxiliar na percepção da estruturação composicional dos textos analisados, selecionamos os marcadores discursivos e as sequências textuais como unidades de análise. Para proceder, então, à análise dessas unidades, assumimos a noção de marcadores discursivos (doravante, MDs) da perspectiva textual-interativa e a noção de sequência textual proposta por Adam (2008). O *corpus* selecionado para análise é composto de três amostras do programa de auditório “Manos e Minas”. Esse programa midiático pode ser considerado como lugar estratégico na televisão brasileira, uma vez que “Manos e Minas” se coloca como um programa de representação e de valorização de um campo de não-prestígio social e cultural: a periferia. A partir de nossas análises, observamos, no programa “Manos e Minas”, relações de mútua constitutividade existentes entre (i) o emprego de certas sequências textuais e determinadas situações comunicativas desenhadas para atingir certos objetivos mais gerais do programa e entre (ii) a emergência de algumas sequências textuais e os papéis sociais específicos desempenhados pelos sujeitos dentro da estrutura de participação do programa. Também observamos que os MDs nesse programa parecem desempenhar um papel fundamental na estruturação dos microtextos produzidos pelos participantes do programa. De modo geral, podemos dizer que nossas análises deram visibilidade às inúmeras possibilidades de combinação de tipos e ações textuais, combinações estas que, em geral, são conectadas por meio de MDs. Por fim, podemos concluir que a textualidade constitutiva da produção discursiva analisada é plasmada pelas relações sociais estabelecidas entre os participantes do programa. A interação entre os interlocutores no “Manos e Minas” é fortemente marcada por um caráter fático e colaborativo, reforçado pela presença significativa dos MDs interacionais e pelo desenvolvimento de sequências textuais do tipo dialogal.

PALAVRAS-CHAVE: Textualização – Marcadores discursivos – Sequências textuais – Televisão - Programas.

ABSTRACT

On this present research, we aim to investigate the extent in which textual-level resources are formatted and, somewhat, format the usage situations. To do that, we analyze the textualizing actions undertaken by participants in media production “Manos e Minas”, transmitted by TV Cultura. As one of our goals is to demonstrate how a deep look for the textualizing actions undertaken by participants of this media production can help us to understand the compositional structuring of analyzed texts, we selected discourse markers and textual sequences as the analysis units. To proceed to the analysis of these units, we adopted discourse markers concept (from now on DMs) from textual-interactive perspective, and textual sequence concept proposed by Adam (2008). The *corpus* selected for analysis is composed from three samples of auditorium production “Manos e Minas”. This media production can be seen as strategical spot on Brazilian television once “Manos e Minas” is situated as a production for representation and valorization of a social e cultural non-prestige field: the peripherie. From our analysis, we observed in “Manos e Minas” production an mutual constitution between (i) the use of certain textual sequences and communicative situations designed to reach more general objectives of the show; and (ii) the outbreak of certain textual sequences and the specific social roles played by subjects within the structure of participation on this auditorium TV show. We also observed that DMs on this show seems to play a critical role structuring micro texts produced by participants on the show. Overall, we can say that our analysis put into visibility the multiple combination possibilities of textual types and actions, which are generally connected through DMs. Finally, we can conclude that the textuality which constitutes this discursive production is shaped by social relationships established by its speakers. The interaction between speakers in “Manos e Minas” production is strongly marked by an phatic and collaborative nature, reinforced by significative presence of interactional DMs and development of dialogue sequences.

KEY-WORDS: Textualization - Discourse markers - Textual sequences – Programs, Television.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1. OS ESTUDOS TEXTUAIS-DISCURSIVOS SOBRE MARCADORES DISCURSIVOS	13
1.1 Os articuladores textuais	13
1.2 A perspectiva textual-interativa	20
1.3 Características, critérios de análise e funções dos marcadores discursivos	36
1.4 A atuação dos marcadores discursivos na articulação tópica	43
1.5 Marcadores discursivos como recursos estratégicos para a construção de estilo	47
CAPÍTULO 2 AÇÕES DE TEXTUALIZAÇÃO EM PROGRAMAS MIDIÁTICOS: RECORTES METODOLÓGICOS E CONSTITUIÇÃO DO CORPUS	59
2.1 Os recortes metodológicos	59
2.1.1 Recorte textual-interativo: as funções dos MDs na organização tópica e interativa	60
2.1.2 Recorte textual: as sequências textuais	67
2.2 Da constituição do <i>corpus</i> : o programa “Manos e Minas”	75
2.3 Do sistema de transcrição	81
CAPÍTULO 3. AS AÇÕES DE TEXTUALIZAÇÃO EM PROGRAMAS MIDIÁTICOS: OS MARCADORES DISCURSIVOS E O DESENVOLVIMENTO DE SEQUÊNCIAS TEXTUAIS	83
3.1 Análise do programa “Manos e Minas” de 20/09/2009	84
3.1.1 Organização tópica e sequências textuais	85
3.1.2 Marcadores discursivos, sequências textuais e tópico	108
3.1.3 Algumas conclusões	139
3.2 Análise do programa “Manos e Minas” de 07/05/2011	147
3.2.1 Organização tópica e sequências textuais	147
3.2.2 Marcadores discursivos, sequências textuais e tópico	164
3.2.3 Algumas conclusões	180
CONSIDERAÇÕES FINAIS	189

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	205
ANEXO 1: NORMAS DE TRANSCRIÇÃO	211
ANEXO 2: TRANSCRIÇÃO DO “MANOS E MINAS” DE 20/09/2009	217
ANEXO 3: TRANSCRIÇÃO DO “MANOS E MINAS” DE 07/05/2011	241

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, dedicamo-nos a investigar os usos dos marcadores discursivos (doravante, MDs) pelos participantes de três amostras do programa “Manos e Minas”¹ e as relações desses usos com os tipos de sequências textuais e com os tipos de situações comunicativas² nas quais os MDs são mobilizados. Dessa forma, a partir de nossas análises, pudemos dar início à descrição da estrutura composicional desse programa midiático quanto aos usos desses recursos textuais-discursivos.

A ideia de se apresentar um trabalho cujo objetivo é desenvolver uma investigação que enfatize o entendimento do fenômeno textual articulando seus aspectos formais e sócio-históricos (Hanks, 2008) e mostrar a inter-relação entre as unidades linguísticas (os MDs) e as unidades textuais (as sequências textuais) se justifica pelo fato de ser fundamental, nos estudos textuais recentes, buscar entender o funcionamento dos textos e dos discursos a partir do aprofundamento da compreensão de como as estratégias de textualização são colocadas em jogo pelos interlocutores em um dado cenário social. Por isso, nosso interesse em analisar os recursos de textualização empreendidos pelos sujeitos do fazer textual de forma a não apenas concretizarem os seus projetos de dizer mas também a contribuir para a centração (Hanks, 2008) do texto em relação a um dado contexto sociocultural mais amplo.

Procuramos, então, demonstrar como um olhar para os MDs, quando articulado ao estudo sobre as sequências textuais, pode nos auxiliar na percepção da estruturação composicional das amostras selecionadas, já que, no programa “Manos e Minas”, os MDs parecem ter relações importantes com as sequências textuais na instauração e no desenvolvimento das diversas situações comunicativas constitutivas desses programas.

Nossa hipótese, então, é a de que há relações entre o desenvolvimento de um determinado tipo de sequência textual e os usos dos MDs. Além disso, acreditamos que

¹ Os vídeos das amostras do programa “Manos e Minas” estão disponíveis em uma conta do dropbox que pode ser acessada com o e-mail marcadoresesequencias@gmail.com e com a senha manoseminas.

² A noção de situação comunicativa, baseada em Gumperz (1982), refere-se aos espaços nos quais os sujeitos mobilizam informações subjetivas (contexto cognitivo) e propriedades sociais (representações e definições da interação em curso, ou os chamados “enquadres”); tal acepção carrega a ideia de que os sentidos são sempre negociados e, portanto, situados nas interações.

essas relações são responsáveis pela estruturação dos microtextos verbais produzidos no interior desse programa televisivo. Nossa análise recai sobre composições sequencialmente heterogêneas, mas que não deixam de ter uma macro-organização textual; em outras palavras, a heterogeneidade textual observada no programa em questão é sistematicamente organizada por formas de progressão referencial e textual (Koch, 2002), entre as quais estão os usos dos MDs.

Desenvolvemos, neste trabalho, análises de unidades textuais. Por conta disso, apresentamos, em um primeiro momento, a noção de texto assumida nos estudos textuais, pois consideramos que nosso trabalho, ao eleger especificamente como objeto de análise os MDs, situa-se no interior dos estudos textuais, campo este que tem um papel de fundamental importância para a compreensão do funcionamento da progressão textual e que fornece ao analista as ferramentas necessárias para desvendar os diferentes níveis em que atuam os articuladores textuais e diferenciar esses itens conforme sua função discursivo-argumentativa, textual, interacional etc.

Fenômeno com o qual lidamos diariamente em nossas práticas interacionais, o texto, no campo dos estudos da linguagem e, mais especificamente, no campo da Linguística Textual, foi tendo seu conceito modificado em virtude das mudanças de perspectivas³ no que se refere, sobretudo, à noção de linguagem e à própria noção de texto.

Na década de 80, houve a tentativa por parte de Beaugrande e Dressler (1981) de buscar uma propriedade distintiva do texto: a textualidade. Nesse sentido, os autores postulam que o “*status* de texto” só é alcançado mediante a satisfação de sete padrões para seu funcionamento, quais sejam: a coesão, a coerência, a intencionalidade, a informatividade, a aceitabilidade, a situacionalidade e a intertextualidade. Esses padrões aliarão, de acordo com os autores, “a organização interna a uma função comunicativa do texto”.

A partir da inquietação do campo de estudos textuais em não aceitar a análise de elementos estritamente semântico-formais, houve a mudança na concepção de textualidade. Se antes era considerada propriedade interna a um “texto-artefato”, a partir do estudo de Beaugrande (1997), passa-se a falar em termos de “princípios de textualidade”,

³ A fim de um panorama completo da trajetória da Linguística Textual, conferir Bentes (2001) e Koch (2004).

ou seja, trata-se de um empreendimento conjunto entre inter-actantes. As ações linguageiras realizadas nos textos e que compõem a textualidade passam, portanto, a ser entendidas como uma forma de ação humana e que envolvem, em vista disso, compartilhamento de conhecimentos, perspectivização, reconhecimento de intenção, relevância/focalização etc. Esse foi, segundo Bentes e Rezende (2008, p.9), um passo decisivo na pesquisa dos estudos textuais, visto que se passou a estabelecer uma “ligação visceral entre língua x texto x contexto”, ou seja, passa-se ainda mais a levar em consideração que o texto não se encerra em estrutura interna apenas linguisticamente e que, portanto, a análise textual não se resolve em termos do sistema.

O texto passa, então, a ser visto como um “lugar de constituição e de interação de sujeitos sociais, como um evento, portanto, em que convergem ações linguísticas, cognitivas e sociais (Beaugrande, 1997)” (KOCH, 2002, p.9).

No âmbito dos estudos textuais brasileiros, uma de suas maiores pesquisadoras, a professora Ingedore Koch, adota essa concepção sociointeracionista de linguagem, vista como “lugar de “inter-ação” entre sujeitos sociais, isto é, de sujeitos ativos empenhados em uma atividade sociocomunicativa” (KOCH, 2002, p.19). A partir dessa perspectiva, a autora define o texto, então, como sendo ao mesmo tempo objeto e processo dialógico de interação social em que os interlocutores buscam, a partir da superfície do objeto textual, estabelecer sentidos para suas ações linguísticas. Nesse sentido, o texto é tido como lugar de interação entre atores sociais e de construção interacional dos sentidos em que os objetos-de-discurso e as múltiplas propostas de sentidos são construídas interativamente por meio de ações linguísticas, cognitivas e sociais.

A partir dessa perspectiva, a produção textual é entendida por Koch (2002; 2004) como uma ação dinâmica de natureza linguística e social que demanda a participação de interactantes inseridos em um determinado contexto sociocultural. Sua realização é presidida por dois grandes movimentos, um de retroação e outro de prospecção, responsáveis pela confecção da tessitura textual⁴. A partir da observação desses movimentos, a maioria dos pesquisadores passou a classificar os recursos coesivos em dois

⁴ Em Koch (2002; 2004), procede-se a uma reformulação completa do conceito de coesão textual. Para a autora, então, o texto deve ser pensado nesses dois grandes movimentos cognitivo-discursivos de retroação e avanço contínuos.

grandes grupos responsáveis pela continuidade dos sentidos no texto: a coesão referencial/remissiva, responsável pelo movimento de retroação/remissão; e a coesão sequencial, responsável pelo movimento de prospecção/continuidade (Koch, 2004).

Em virtude do nosso interesse pela análise dos articuladores textuais e, mais especificamente, pela análise dos MDs, o nosso objeto de investigação é o movimento prospectivo. Por conta disso, em nosso capítulo inicial, procuramos contribuir com uma breve discussão sobre a classificação dos articuladores textuais proposta por Koch (2002; 2004), para um futuro aperfeiçoamento dessa classificação, considerando principalmente o fato de que os MDs atuam fortemente na organização da dimensão textual-interativa da produção discursiva.

Em relação ao *corpus*, podemos dizer que a escolha de um programa midiático para a análise desses recursos textuais-discursivos se justifica, em primeiro lugar, pela importância de se poder observar nesse tipo de dado (multissemiótico) algumas relações entre os usos dos MDs, os papéis dos participantes do programa (estrutura de participação) e os tipos de sequências que esses participantes desenvolvem (estrutura composicional do programa).

Quanto à escolha do programa “Manos e Minas”, esta se deu em função de esse *corpus* integrar o banco de dados do projeto no interior do qual a presente pesquisa se inseriu inicialmente (“*É nós na fita*: a formação de registros e a elaboração de estilos no campo da cultura popular urbana paulista”⁵), e em função do fato de a estrutura geral e as temáticas desse programa terem sido exaustivamente descritas e analisadas por Granato (2011), o que permitiu que pudéssemos investigar em que medida as ações de textualização formatam e são formatas por esse contexto mais macro.

Além disso, o “Manos e Minas” constitui-se como “lugar estratégico” na televisão brasileira, visto que se coloca como um programa de representação e de valorização de um campo de não-prestígio social e cultural: a periferia. Esse programa, a nosso ver, é alternativo em relação àqueles produzidos na grande mídia, já que sua

⁵ Processo FAPESP No. 2009/08369-8, coordenado pela Professora Doutora Anna Christina Bentes.

abordagem etnográfica⁶ é pouco comum, além de tratar de temas dos pontos de vista dos próprios sujeitos que participam do programa e que são por ele tematizados (Granato, 2011; Mariano, 2011). Por isso é que podemos dizer, segundo Granato (2011), que o “Manos e Minas” se distancia dos quadros de orientação do gênero⁷ programa de auditório mais canônico por não ter seus objetivos centrados no entretenimento.

A partir da descrição e da comparação dos programas de auditório “Manos e Minas” e “Altas Horas”, no que se refere à sua estrutura composicional e às suas temáticas⁸, Granato (2011) conclui que os principais aspectos da inovação, manipulação e mudança (Hanks, 2008) em “Manos e Minas” residem não somente na qualidade das temáticas tratadas, que sinalizam os objetivos a que se propõe cada um dos programas, mas também na qualidade dos elementos estruturadores do gênero – atores sociais e recursos semióticos. Essa natureza qualitativamente diferente das temáticas e dos recursos estruturadores do gênero está intimamente relacionada com o fato de que toda a produção do programa “Manos e Minas” é voltada para um contexto especial, o da periferia. Tratamos de forma um pouco mais detalhada desse aspecto no capítulo 2.

Cabe ainda destacar nesta introdução que, em 2010, o programa “Manos e Minas” passa por algumas reformulações após ter sido suspenso por quase cinco meses em função da decisão, não concretizada, de seu término. Os quadros Interferência e Buzão:

⁶ Há no programa uma distribuição de vozes na medida em que não apenas os especialistas ou pessoas renomadas no meio midiático são convidadas a falar. Ao permitir que pessoas “comuns” da periferia que vivenciam o tema tratado ou que possuem alguma relação com ele façam relatos de suas experiências, descrevam situações vividas ou ainda defendam seus pontos de vista, o programa claramente assume que não há uma voz mais importante. Nesse sentido, esses sujeitos “comuns” que são convidados a falar têm sua autoridade constituída pelo programa e pelos seus ouvintes, já que são autorizados a dar uma contribuição verbal mais longa a respeito de suas próprias experiências pessoais (Toolan, 1988 *apud* Bentes, 2000). Essa distribuição de vozes, ou polifonia, promovida pelo programa constitui seu caráter etnográfico, já que permite que os telespectadores do programa possam construir uma compreensão da vida social dos moradores da periferia a partir do relato das suas vivências e da exposição de seus pontos de vista.

⁷ Em relação aos gêneros do discurso, Hanks (2008), a partir de uma síntese entre a poética sociológica de Bakhtin (1986) e a teoria da prática de Bordieu (1977), postula que “os gêneros consistem em quadros de orientação, procedimentos interpretativos e conjunto de expectativas que não pertencem à estrutura do discurso, e sim às maneiras pelas quais os autores sociais se relacionam com a língua (Bauman, 1986)” (p.68-9). Essa definição permite, então, que os pesquisadores descrevam as práticas de linguagem de forma a relacionar as descrições de propriedades formais aos aspectos ideológicos e de ação de gêneros específicos, evitando assim, segundo Hanks (2008), uma abordagem formal que considere os gêneros como agrupamentos estáveis de elementos temáticos, estilísticos e composicionais, independentes das condições históricas e dos valores sociais a eles associados em um dado contexto.

⁸ Cabe salientar que a autora analisou amostras do programa nos anos de 2008 e 2009, quando ele ainda não havia passado pela reestruturação ocorrida em 2010.

Circular Periférico, comandados, respectivamente, por Ferréz e Alessandro Buzo, foram extintos. Enquanto o primeiro dava, segundo Granato (2011), visibilidade e voz aos entrevistados para discorrerem sobre suas práticas, sobre sua atuação profissional e para darem suas opiniões, o quadro comandado por Buzo se destacava no programa por ter o papel de construir um retrato da periferia pelos seus próprios moradores que, além de entrevistados, eram responsáveis, juntamente com o apresentador, pela apresentação dos espaços visitados na periferia pelo programa (Granato, 2011).

Além do desaparecimento desses dois quadros, podemos dizer que houve uma redução e quase extinção dos quadros do programa de cunho mais etnográfico nos quais os repórteres visitavam projetos e lugares da periferia e entrevistavam os moradores desses lugares.

Pode-se dizer também que não se observa mais, nas amostras exibidas a partir de 2010, a expansão do tópico das reportagens externas em entrevistas com participantes da plateia, o que propiciava que esses sujeitos expusessem seus pontos de vista sobre as realidades retratadas e/ou fizessem relatos de suas próprias experiências. A nosso ver, o programa reduz significativamente a participação de sujeitos “comuns” das periferias (aqueles que eram entrevistados na plateia e aqueles que participavam do quadro *Buzão: Circular Periférico*, sobretudo), assim como a exposição de suas trajetórias de vida, de seus problemas e de seus pontos de vista.

Consideramos que os recursos de inovação que colocaram o “Manos e Minas” como “lugar estratégico” na televisão brasileira, segundo Granato (2011), sofrem alterações significativas em virtude das reformulações feitas no programa a partir de 2010. Essas mudanças nas configurações sócio-históricas do programa parecem ter impactos, então, nas ações de textualização empreendidas pelos seus participantes.

A nosso ver, o programa “Manos e Minas” estaria, então, na direção da oficialização e da regulação (Hanks, 2008), apresentando traços que o aproximam do gênero programa de auditório mais canônico e estabilizado na medida em que passa a ter, como convidados, sujeitos considerados exemplos de sucesso pela grande mídia, ou seja, pessoas que têm uma carreira profissional promissora, de cuja área são representantes legítimos e que, em sua maioria, fazem parte de uma classe socioeconomicamente mais

estabilizada. Assim, os convidados do programa estão circunscritos em um campo de prestígio social e cultural acerca do qual a grande mídia televisiva também tematiza em outros programas.

Ao constatar as mudanças nas configurações sócio-históricas do programa “Manos e Minas”, buscamos observar, neste trabalho, em que medida a dimensão mais macro do contexto impactaria as ações de textualização empreendidas pelos participantes do programa e vice versa, ou ainda a maneira pela qual essas ações de textualização refletem e, ao mesmo tempo, impactam também o contexto (Hanks, 2008).

Em relação aos usos dos MDs, o que nos chamou a atenção em um primeiro momento foi o fato de que, no programa, os apresentadores, por terem de lidar com uma estrutura de elocução que envolve (i) o convidado entrevistado, (ii) o convidado da plateia e (iii) o telespectador, lançam mão, então, de estratégias textuais-discursivas específicas para promover a interação com esses diferentes interlocutores, sejam eles diretos ou não.

Dessa forma, acreditamos que os usos dos MDs e das sequências textuais pode nos revelar quais os impactos da estrutura de participação no programa de modo que possamos ter como hipótese o fato de que alguns tipos de sequências e alguns usos de MDs estão relacionados ao papel do apresentador, enquanto outros tipos de sequências e de MDs ao papel do convidado/entrevistado. Também consideramos que, no caso da amostra de 07/05/2011, por haver maior participação de artistas convidados e menos de sujeitos “comuns” em relação às amostras de 16/07/2008 e de 20/09/2009, pode haver diferenças nos usos desses recursos textuais-discursivos e no desenvolvimento das unidades textuais em função de os artistas, assim como os apresentadores, terem de lidar com um tipo de interação complexa que envolve a interlocução não apenas com o apresentador/entrevistador, mas com a plateia e com os telespectadores, pois, não podem deixar de interagir também com aqueles que acompanham sua trajetória profissional.

Nosso objetivo principal, então, é investigar em que medida os recursos do nível textual são formatados e, de certa forma, formatam as situações de uso. Para tanto, analisamos como se caracterizam os aspectos textuais-discursivos das amostras selecionadas do conjunto de programas que compõem o *corpus* do projeto “*É nós na fita: a formação de registros e a elaboração de estilos no campo da cultura popular urbana*”

paulista” – os programas “Manos e Minas” de 16/07/2008, de 20/09/2009 e de 07/05/2011. Para dar conta do nosso objetivo geral, procuramos não apenas caracterizar como são desenvolvidas as sequências textuais, mas também observar quais os MDs usados e suas funções em cada tipo de sequência.

A partir das análises das sequências textuais e dos MDs, procuramos traçar relações entre os usos desses recursos linguísticos (os MDs) e o desenvolvimento dessas unidades textuais (as sequências) bem como comparar as ações de textualização nas diferentes amostras selecionadas. Essas comparações são bastante pertinentes, a nosso ver, na medida em que, ao observarmos indicações de mudança nas configurações sócio-históricas do programa “Manos e Minas” a partir do ano de 2010, também observaremos como as ações de textualização, no que se refere aos usos das unidades linguísticas (os MDs) e das unidades textuais (as sequências textuais), podem reforçar ou não as mudanças nos quadros de orientação do gênero programa de auditório.

Para desenvolver, então, a descrição e análise da estrutura composicional desse programa midiático quanto aos usos dos MDs e ao desenvolvimento das sequências textuais e investigar como as configurações sócio-históricas e os quadros de orientação impactam essas ações de textualização e são por elas impactados, organizamos o presente trabalho da seguinte forma: no capítulo 1, apresentamos (i) uma discussão sobre a proposta integrada de Koch (2002, 2004) para as diversas marcas que são responsáveis pelo encadeamento de segmentos textuais; (ii) a teorização sobre os MDs sob a perspectiva dos estudos brasileiros de base textual-interativa e (iii) os resultados de alguns estudos, desenvolvidos no âmbito dessa perspectiva e que investigam os usos desses recursos textuais-discursivos em *corpora* de natureza oral; no capítulo 2, apresentamos os procedimentos metodológicos de análise; e no capítulo 3, apresentamos e discutimos (i) as análises desenvolvidas a respeito dos usos dos MDs e do desenvolvimento das sequências textuais no *corpus* selecionado e (ii) as conclusões a que chegamos quanto à análise dessas ações de textualização e das suas relações com os objetivos a que se propõe o programa “Manos e Minas”, com o gênero em que são produzidas e com o tipo de estrutura de participação que caracteriza os quadros de orientação do gênero.

Na primeira seção do capítulo inicial, apresentamos uma discussão sobre os itens que operam a progressão textual. Koch (2002, 2004), no âmbito dos estudos textuais, faz uma proposta integrada das diversas marcas que são responsáveis pelo encadeamento de segmentos textuais de extensões variadas. Esses itens, denominados articuladores textuais, por serem multifuncionais, podem ser classificados de formas diferentes a depender das relações que estabelecem no texto. Essa discussão é bastante revelante, a nosso ver, visto que os estudos desenvolvidos por Koch (2002, 2004) são inaugurais na classificação dos articuladores textuais, já que a autora contempla diferentes itens desempenhando diferentes funções. Por conta disso, os pesquisadores que lidam tanto com os articuladores textuais das diferentes classes como aqueles que analisam especificamente os MDs, como é o nosso caso, não podem deixar de levar em consideração tal proposta na medida em que ela nos permite, além de observar como os diferentes itens atuam, diferenciar a atuação dos MDs daqueles articuladores que possuem conteúdo proposicional ou que atuam argumentativamente.

Na segunda seção do capítulo inicial, apresentamos um panorama dos estudos sobre MDs sintetizados por Guerra (2007) e Penhavel (2010), assim como o princípio teórico e metodológico elementar comum às diferentes abordagens apresentadas. A apresentação desse mapeamento é bastante relevante, considerando que o analista deve optar por uma concepção particular, mas tendo em vista uma visão mais global sobre as outras concepções e abordagens e as relações entre elas.

Feita, então, essa apresentação inicial, dedicamo-nos à exposição das bases teóricas que norteiam nosso trabalho. Apresentamos, então, (i) as noções de linguagem e de texto propostas pela perspectiva textual-interativa e assumidas em nosso trabalho; (ii) a noção de tópico discursivo, unidade de análise dos MDs; e (iii) a noção de contexto proposta por Hanks (2008). Ainda nessa seção, apresentamos o estudo de Maschler (2009). Essa autora postula, a partir da análise dos MDs em textos orais da língua hebraica, que os MDs, em função da natureza metadiscursiva, desempenham um papel significativo na sinalização de mudança de enquadre (Goffman, [1979]2002), atuando, então, como pistas de contextualização (Gumperz, 1982). Assumimos, portanto, neste trabalho a perspectiva textual-interativa, representada principalmente por seus critérios de análise, articulada aos

postulados mais gerais de Maschler (2009) sobre o papel dos MDs no funcionamento da dimensão textual-interativa.

Em seguida à apresentação de nossas bases teóricas, expomos as características, os critérios de análise e as funções dos MDs, conforme propostos por Risso *et al.* (2006). A partir desses critérios que nossas análises são desenvolvidas.

Por fim, apresentamos ainda no primeiro capítulo os resultados de alguns estudos recentes desenvolvidos no âmbito da perspectiva textual-interativa (Penhavel, 2010; 2011; Mariano, 2012; Bentes e Mariano, 2013; Bentes, Ferreira-Silva e Mariano, 2013). Tais estudos nos ajudaram também a proceder os recortes metodológicos de nosso trabalho e a pensar as nossas hipóteses a respeito das relações entre os usos dos MDs e a mobilização das sequências textuais.

No segundo capítulo, tratamos dos recortes metodológicos selecionados para o desenvolvimento das análises, quais sejam: o recorte textual (sequências textuais) e o recorte textual-interativo (subfunções dos MDs sequenciadores e interacionais). Tais recortes permitem, então, que analisemos as relações de mútua constitutividade entre os usos dos MDs no programa midiático “Manos e Minas” e as diferentes situações comunicativas e sequências textuais nos quais esses MDs são usados e, ainda, suas funções na organização textual-interativa. Também tratamos nesse capítulo da constituição do *corpus*, das justificativas para a escolha das amostras e da metodologia de transcrição dos dados que constituem o *corpus* deste trabalho.

No terceiro capítulo, apresentamos nossas análises no que concerne à caracterização dos aspectos textuais-discursivos das amostras selecionadas. Ao longo do capítulo, procuramos:

- a) caracterizar como são desenvolvidas as sequências textuais ao longo dos programas;
- b) observar as relações entre a mobilização das sequências textuais e os tópicos desenvolvidos no programa;
- c) observar os MDs usados e suas funções em cada tipo de sequência;
- d) analisar as subfunções exercidas pelos MDs interacionais e sequenciadores;

- e) fazer uma descrição inicial da estrutura composicional do programa “Manos e Minas” no que se refere aos usos dos recursos textuais-discursivos por parte dos participantes do programa.

Ao final, procuramos também traçar algumas comparações entre as ações de textualização nas diferentes amostras selecionadas, buscando entender como essas ações de textualização são influenciadas pelo contexto mais macro e, ao mesmo tempo, impactam o contexto das configurações sócio-históricas dos programas de auditório televisivos e também os quadros de orientação do gênero. Além disso, pudemos dar início à descrição da estrutura composicional do programa “Manos e Minas” no que se refere aos usos dos recursos textuais-discursivos pelos seus participantes.

CAPÍTULO 1

OS ESTUDOS TEXTUAIS-DISCURSIVOS SOBRE MARCADORES DISCURSIVOS

1.1 Os articuladores textuais

Nesse primeiro momento de nosso trabalho, apresentamos uma discussão sobre os itens que operam a progressão textual. Koch (2002; 2004) faz uma proposta integrada das diversas marcas que são responsáveis pelo encadeamento de segmentos textuais de extensões variadas. Esses itens, denominados pela autora articuladores textuais, por serem multifuncionais, podem ser classificados de formas diferentes a depender das relações que estabelecem no texto.

No movimento de progressão sequencial, os articuladores textuais são, segundo a autora, “procedimentos linguísticos por meio dos quais se estabelecem, entre os segmentos do texto (enunciados, partes de enunciados, parágrafos e mesmo sequências textuais), diversos tipos de relações semânticas e/ou pragmático-discursivas, à medida que se faz o texto progredir” (KOCH, 2002, p. 121). Dentre esses procedimentos linguísticos, o uso de articuladores textuais ou operadores do discurso é, segundo a autora, um dos responsáveis pelo encadeamento de segmentos textuais de variadas extensões e pela organização global do texto, explicitando, em um nível maior, as articulações das sequências ou das partes maiores do texto; em um nível intermediário, o encadeamento entre parágrafos ou entre períodos; e em um nível microestrutural, a articulação de orações ou mesmo membros oracionais.

Esses elementos linguísticos, que atuam em diferentes níveis, podem apresentar, segundo a autora, diferentes funções, tais como: (i) relacionar elementos de conteúdo ou estabelecer entre esses elementos do conteúdo relações de natureza lógico-semântica; (ii) sinalizar relações discursivo-argumentativas entre os segmentos textuais; (iii) desempenhar, no próprio texto, funções de ordem metadiscursiva; ou (iv) funcionar como organizadores textuais. A depender da função que detêm no texto, esses articuladores

textuais podem ser divididos, segundo Koch (2004), em quatro grandes classes, respectivamente: os de conteúdo proposicional; os enunciativos ou discursivo-argumentativos; os metadiscursivos; e os organizadores textuais.

Os articuladores de conteúdo proposicional são responsáveis por situar no espaço e no tempo os conteúdos abordados pelo enunciado (relações espaciotemporais) ou estabelecer entre esses elementos do conteúdo relações de natureza lógico-semântica como causalidade, condicionalidade, conformidade, disjunção inclusiva e exclusiva, finalidade etc.

Os articuladores enunciativos ou discursivo-argumentativos são responsáveis por encadear atos de fala distintos, em que o segundo toma o primeiro como tema com a finalidade de justificá-lo, explicá-lo, contrapor-lhe ou acrescentar-lhe argumentos, generalizar, especificar ou concluir a partir dele, comprovar-lhe a veracidade etc. São, portanto, articuladores responsáveis pela orientação argumentativa dos enunciados que introduzem e por indicar a força argumentativa dos enunciados para o qual apontam (Koch, 2004). Nesse caso, Koch ([1984] 2009) se fundamenta na tese defendida tanto por Anscombe & Ducrot (1976) e por Vogt (1980), como por Ducrot (1973), segundo a qual a argumentatividade não é algo apenas acrescentado ao uso linguístico, mas, ao contrário, está inscrita na própria língua. Em outras palavras, para esses autores, o uso da linguagem é inerentemente argumentativo: quando se interage através da linguagem, pretende-se orientar os enunciados produzidos no sentido de determinadas conclusões. A partir dessa tese, Koch ([1984] 2009) postula que existe na gramática de cada língua uma série de morfemas que “(...) funcionam como operadores argumentativos ou discursivos” (p.102).

Ao contrário da Gramática Tradicional que os categoriza como uma “classe à parte” e que os considera como elementos meramente relacionais, Guimarães (2001), assim como Koch ([1984]2009), parte do postulado de Ducrot (1981) segundo o qual “a frase pode comportar diversos morfemas, expressões ou termos que, além de seu conteúdo informativo, servem para dar uma orientação argumentativa ao enunciado” (p.178). Nesse sentido, esses operadores da argumentação não apenas ligam orações, como definem as gramáticas tradicionais, mas também possibilitam construir relações discursivo-argumentativas, funcionando, portanto, como organizadores textuais e discursivos.

A terceira classe proposta por Koch (2004) e que revela o cunho sociocognitivo e interacional da construção do texto é a de articuladores metadiscursivos cuja função seria a de “introduzir comentários ora sobre a forma ou o modo de formulação do enunciado (o modo como aquilo que se diz é dito, o estatuto discursivo do que é dito), ora sobre a própria enunciação” (KOCH, 2004, p. 135). A autora, a partir de uma perspectiva sociointeracionista, aprofunda as ideias de Borillo (1985) a respeito da metadiscursividade. Segundo Borillo (1985 *apud* Rezende, 2010), a auto-reflexividade da linguagem não se esgota no código linguístico, ou seja, os interlocutores podem refletir não apenas sobre a língua ou o discurso em desenvolvimento, mas sobre sua própria ação comunicativa e sobre os elementos do quadro interacional em que se encontram. Koch (2002; 2004), ao conceber o texto como uma arena linguístico-discursiva na qual os interlocutores se valem de estratégias de diferentes ordens para realizarem seus fins comunicativos, prevê o sujeito da produção textual como estrategista, ou seja, como aquele que manipula os recursos linguísticos, que avalia a própria interação, que comenta tanto sobre o seu discurso como sobre o discurso do outro, que atua de forma que o texto pode, auto-reflexivamente, voltar-se a si mesmo.

Dentro da classe dos articuladores metadiscursivos, a autora ainda os subdivide em três grupos: *modalizadores* ou *lógico-pragmáticos*, *metaformativos* e *metaenunciativos*. Cabe aqui expor a diferença entre estes dois últimos. Enquanto os metaformativos introduzem enunciados metaformativos que são estratégias por meio das quais o locutor opera sobre os enunciados que produz, procedendo a reformulações; os metaenunciativos introduzem enunciados que atuam no âmbito da própria atividade enunciativa, tomando-a como objeto de reflexão (reflexão sobre o “dizer-enquanto-se-diz”), ou seja, são enunciados que evidenciam a propriedade autorreflexiva da linguagem.

Podemos considerar que os articuladores metaformativos têm uma importante função textual-interativa, já que pode sinalizar para os interlocutores a busca por denominações (*mais precisamente, sobretudo, isto é, quer dizer que*) ou a nomeação do tipo de ato discursivo que o enunciado pretende realizar (*a título de esclarecimento/de comentário, de crítica...,cabe a pergunta, a indagação* etc.); ou ainda orientar os interlocutores sobre a forma como deve ser entendido o estatuto de um segmento textual em

relação aos anteriores (*em suma, resumindo, em acréscimo a, para terminar*) ou sobre o funcionamento do SegT na organização tópica (*quanto a, em relação a, no que diz respeito a, a respeito de, no que tange a, no que concerne a, com referência a, relativamente a, é interessante lembrar que e voltando ao assunto*). Nesse sentido, esses articuladores apresentam, além da natureza metadiscursiva, um importante papel na organização textual-interativa, pois sinalizam ao interlocutor como o texto se organiza de forma que ele possa identificar quando o tópico está sendo introduzido, quando o tópico é interrompido e reintroduzido, quando há digressão etc.

Já os articuladores metaenunciativos (*digamos assim, podemos dizer assim, por assim dizer, como se diz habitualmente, no exato sentido do termo*), ao tomarem a atividade enunciativa como próprio objeto de reflexão, podem ser considerados como mecanismos que se voltam para dentro do próprio texto e, portanto, apresentam função tipicamente textual-discursiva. Portanto, enquanto os articuladores metaformativos apresentam uma natureza metadiscursiva que faz o texto refletir sobre si mesmo e voltar-se também para fora do discurso ao orientarem os interlocutores quanto à organização textual, os articuladores metaenunciativos são mecanismos que se voltam apenas para dentro do próprio texto, já que se trata da reflexão sobre o “dizer-enquanto-se-diz”.

A última classe proposta por Koch (2004) é a dos organizadores textuais⁹ que têm por função “estruturar a linearidade do texto, organizá-lo em uma sucessão de fragmentos complementares que facilitam o tratamento interpretativo (Maingueneau, 1996, p.170)” (p.133). Em virtude da função de organização da linearidade do texto, Maingueneau (*apud* Koch, 2004) os descreve como “marcadores de integração linear”, sendo que, na organização espacial do texto, suas funções essenciais seriam as de abertura, intermediação e fechamento.

Esses organizadores textuais não atuam no nível do SegT, mas globalmente, articulando partes maiores do texto. Portanto, não são responsáveis pela organização tópica, pois se assim o fossem, eles iriam atuar tanto na articulação intertópica (abertura e

⁹ Em trabalho anterior (Koch, 2002), os organizadores textuais integravam a classe dos metaenunciativos e não uma classe particular como no trabalho de 2004.

fechamento do SegT) como na articulação intratópica (encaminhamento do SegT) ou ainda na retomada tópica após inserção ou digressão.

Jubran (2006c) afirma que esses mesmos elementos, para além de sua função de organizadores globais do texto, atuam metadiscursivamente, marcando o *estatuto discursivo* de um fragmento textual no esquema de composição do texto, ou seja, desempenham funções na construção textual, seja sinalizando a introdução ou a finalização de um tópico, sua interrupção, sua retomada ou ainda a introdução de parênteses. Ainda segundo a autora, embora esses elementos projetem predominantemente a função textual, têm a sua contrapartida pragmática na medida em que facilitam a compreensão do interlocutor quanto à progressão do texto. Nesse sentido, eles se aproximam dos articuladores metaformativos que também apresentam, a nosso ver, função na organização textual-interativa, mas se diferenciam destes por não introduzirem comentários sobre a forma ou o modo de formulação do enunciado.

Koch (2004) destaca também que, dentro da classe dos organizadores textuais, há aqueles que “amarram” as porções textuais e são denominados, então, “marcadores discursivos continuadores”. Nesse grupo, incluem-se: *aí, daí, então, agora, aí então*. São, segundo a autora, extremamente frequentes nos textos orais, mas também têm ocorrência significativa em textos escritos, sobretudo quando estes têm como objetivo mostrar estilisticamente uma aproximação com aqueles.

Esses organizadores textuais, denominados marcadores discursivos (MDs) por Risso *et al.* (2002, 2006), são os recursos linguísticos para os quais voltamos nossa atenção em nossas análises. Diferentemente dos articuladores de conteúdo proposicional e dos articuladores discursivo-argumentativos que articulam enunciados e/ou atos de fala, estabelecendo relações espaço-temporais, lógico-semânticas ou discursivo-argumentativas, os MDs atuam na organização textual-interativa dos textos de língua falada. Dessa forma, eles atuam no amarramento textual das porções de informação progressivamente liberadas ao longo do evento comunicativo, seja no nível intertópico (entre tópicos) ou no nível intratópico (encaminhamento das informações dentro do próprio segmento tópico) e, simultaneamente também, segundo Risso (2006), atuam no encaminhamento de perspectivas assumidas em relação ao assunto, no ato interacional. Nesse sentido, os MDs

podem atuar mais especificamente na progressão textual (os sequenciadores), ainda que possuam secundariamente o traço interacional, ou possuir função predominantemente interacional, ainda que atuem secundariamente na organização textual.

Voltando nossa atenção para a proposta integrada de Koch (2004), cabe dizer que os articuladores textuais são multifuncionais e, assim sendo, um mesmo articulador pode estabelecer diferentes tipos de relações significativas e em diferentes níveis textuais a depender do contexto textual-discursivo. Segundo a autora, todos eles operam a progressão textual, desempenhando funções de ordem cognitiva, discursiva-argumentativa, organizacional, metaenunciativa e interacional. Nesse sentido, essas formas são responsáveis não apenas pela coesão, como se costuma apontar, mas também e, sobretudo, pelas indicações e sinalizações que orientam os interactantes na produção do sentido. Ou seja, os articuladores textuais auxiliam no estabelecimento da coerência do texto, que é entendida pela autora como resultante de uma construção pelos usuários do texto, numa dada situação comunicativa para a qual contribuem, de maneira relevante, todos os fatores de textualidade.

Especificamente quanto à função de ordem cognitiva, consideramos que, ao se adotar uma noção de texto como um evento comunicativo para o qual convergem ações linguísticas, cognitivas e sociais, esta não deveria ser tratada como uma função específica, como ocorre em relação às outras elencadas pela autora (discursiva-argumentativa, organizacional, metaenunciativa, interacional). A nosso ver, as estratégias cognitivas são fundamentais na construção textual dos sentidos e, portanto, na mobilização de todos os tipos de articuladores textuais. Portanto, os articuladores, mesmo desempenhando especificamente funções discursivo-argumentativa, organizacional, metaenunciativa e interacional, são produzidos sociocognitivamente, já que operam a progressão textual. Não há, nesse sentido, a necessidade, como ocorre em relação às outras funções, de especificar que há uma categoria de articuladores textuais que operam cognitivamente, já que a natureza cognitiva presidiria toda a produção textual e, conseqüentemente, os usos desses elementos.

Também salientamos o fato de que os exemplos apresentados por Koch (2002; 2004) mostram que, em sua classificação, os MDs podem fazer parte tanto da categoria dos

organizadores textuais, sobretudo aqueles que são denominados “marcadores discursivos continuadores” (*aí, daí, então, agora, aí então*) quanto dos articuladores metadiscursivos (*isto é, quer dizer, quanto a, em relação a, no que diz respeito a, digamos assim, podemos dizer assim, por assim dizer*).

Na perspectiva textual-interativa, alguns desses últimos são considerados MDs responsáveis por sinalizar o início de reformulação dentro do próprio SegT (*isto é, quer dizer*) - e, por isso, perdem parcialmente a transparência semântica - ou por sinalizar o início do segmento tópico (*quanto a, em relação a, no que diz respeito a*). Ainda em relação aos articuladores metadiscursivos, pode-se dizer que *digamos assim, podemos dizer assim, por assim dizer* atuam, segundo a perspectiva textual-interativa, na orientação da interação, pois, embora possam corresponder a automonitoramentos, sinalizam formalmente um envolvimento interpessoal.

Cabe salientar também que os “marcadores discursivos continuadores” integram, na proposta de Koch (2004), a classe dos organizadores textuais que não atuam na organização tópica, mas na organização de partes maiores do texto. No entanto, a nosso ver, os continuadores (*agora, aí, daí, então, aí então*) não atuam apenas na articulação de grandes porções textuais, como postula Koch (2004). Os estudos feitos por Guerra (2007) e Penhavel (2010, 2011) comprovam que esses elementos atuam na progressão tópica, seja no nível intertópico ou intratópico. Portanto, não faz sentido que estejam na classe dos organizadores textuais, pois os articuladores responsáveis pela articulação dos segmentos tópicos integram, segundo a classificação de Koch (2004), os metaenunciativos.

Outra questão que cabe salientar é que Koch (2004) não teoriza a respeito dos MDs que, na perspectiva textual-interativa, são considerados importantes recursos (tais como *né?, entendeu?, certo, uhum* etc.) por sinalizarem uma nítida orientação por parte de um dos participantes da interação em direção ao seu interlocutor, ou vice-versa. Isso mostra que os estudos textuais desenvolvidos por Koch (2002, 2004) focalizam os elementos que atuam, sobretudo, na coesão do texto, mesmo que se saliente que esses recursos são também importantes na construção da coerência textual, ao fornecer pistas ao interlocutor de como o texto se organiza ou de como os enunciados, os segmentos, os parágrafos ou as

partes do texto se relacionam, seja do ponto de vista lógico-semântico, textual e/ou discursivo-argumentativo.

Quanto à classificação dos articuladores textuais em quatro diferentes classes, pudemos observar que algumas das funções de cada categoria podem se sobrepor, como é o caso dos articuladores metaformativos que atuam também na organização tópica, assim como os organizadores textuais e, mais especificamente, os marcadores continuadores que funcionam metadiscursivamente. Porém, a autora também evidencia as particularidades de cada classe de articuladores textuais, segundo sua atuação na dimensão discursiva-argumentativa, organizacional, metaenunciativa ou interacional. Cabe salientar ainda que, na perspectiva de Koch (2002; 2004), a dimensão interacional constitui uma dimensão à parte quando da consideração dos articuladores textuais, diferentemente da perspectiva textual-interativa que postula, como será melhor exposto ao longo de nosso trabalho, a articulação dessas duas dimensões na definição dos MDs.

Os estudos desenvolvidos por Koch (2002; 2004) são inaugurais na classificação dos articuladores textuais de modo a contemplar diferentes itens desempenhando diferentes funções e, por isso, os pesquisadores que lidam tanto com os articuladores textuais das diferentes classes como aqueles que analisam especificamente os MDs, como é o nosso caso, não podem deixar de levar em consideração tal proposta na medida em que ela nos permite, além de observar como os diferentes itens atuam, diferenciar a atuação dos MDs daqueles que possuem conteúdo proposicional ou que atuam argumentativamente.

Por conta disso, o analista que lida com MDs tem necessariamente de saber diferenciar um *mas* que atua textual-interativamente daquele que atua como operador argumentativo. E, nesse sentido, a proposta de Koch (2004) é fundamentalmente relevante para que essas diferenças sejam estabelecidas.

1.2 A perspectiva textual-interativa

A investigação bibliográfica da presente pesquisa a respeito dos estudos dos marcadores discursivos nos revelou, em um primeiro momento, que a extensa bibliografia

sobre o tema¹⁰ fez com que pesquisadores como Guerra (2007) e Penhavel (2010) procurassem sistematizar um quadro representativo do atual estado da arte nas pesquisas sobre MDs. Essa importante sistematização realizada por esses pesquisadores evidencia algumas das principais similaridades e diferenças entre as perspectivas teóricas que se dedicam ao estudo dos MDs.

Considerando que o analista deve optar por uma concepção particular, mas tendo em vista uma visão mais global sobre as outras concepções e abordagens e sobre as relações entre elas, Penhavel (2010) desenvolveu um importante trabalho de mapeamento dos estudos sobre MDs desenvolvidos sob os mais diversos âmbitos e quadros teóricos metodológicos.

Quando se investiga algumas das principais abordagens de estudos de MDs, visando à identificação de algum princípio teórico e metodológico elementar comum a elas, observam-se, segundo Guerra (2007) e Penhavel (2010), quatro abordagens principais: a abordagem de Fraser (1990, 1996, 1999, 2006a, 2009a, 2009b); a abordagem de Blakemore (1987, 1992, 2000, 2002, 2006); a abordagem de Fischer (2006c); e a abordagem de Schiffrin (1987, 2006). Desenvolvida na área da Pragmática, particularmente no quadro teórico metodológico de sua tipologia de marcadores pragmáticos, a abordagem de Fraser caracteriza o MD como “uma expressão linguística que (...) sinaliza a relação, pretendida pelo falante, entre o enunciado que o MD introduz e o enunciado anterior” (FRASER, 1999 *apud* GUERRA, 2007, p.15), ou seja, os MDs são concebidos como um dos tipos de Marcadores Pragmáticos e relacionam necessariamente dois segmentos, dispostos sequencialmente, podendo estabelecer as seguintes relações semânticas entre eles: adição, contraste, inferência ou temporalidade. Nesse caso, o MD não cria a relação, mas *marcalsinaliza* essa relação e exerce a função de sequenciador frasal.

Já na abordagem de Blakemore, também desenvolvida na área da Pragmática, especificamente, no âmbito do quadro teórico-metodológico da Teoria da Relevância, os MDs são vistos como “elementos que codificam informação sobre como manipular o

¹⁰ A vasta bibliografia sobre o tema parece evidenciar a relevância dos MDs na organização do discurso. Segundo Risso *et al.* (2006), “Difícilmente um trabalho de análise de texto oral, que tenha um enfoque voltado para a apreensão e caracterização de aspectos discursivos, deixa de abordá-los” (p. 403).

significado conceitual de novos segmentos introduzidos no discurso relativamente ao discurso precedente” (GUERRA, 2007, p. 36). Nesse sentido, a autora, assim como Fraser, focaliza itens com função conectiva e, segundo Penhavel (2010), o modo como esses itens contribuem para a interpretação de enunciados, sendo que a abordagem de Blakemore se diferencia pela presença do enfoque cognitivo, ausente na abordagem de Fraser.

Em relação à abordagem de Fischer, desenvolvida na área da Análise da Conversação, as partículas discursivas incluem as interjeições, os marcadores de hesitação (indicam um processo mental em andamento) e os marcadores de segmentação. Nesse caso, a autora considera como MDs os elementos que envolvem diretamente o parceiro da comunicação e/ou aqueles que afirmam o resultado de um processo cognitivo.

Por fim, na abordagem de Schiffrin, desenvolvida na área de Análise do Discurso, particularmente no âmbito de seu modelo de coerência do discurso, os MDs são vistos como elementos que contribuem para integrar enunciados a um ou mais dos domínios componentes de seu modelo, promovendo assim a construção da coerência do discurso. Os MDs, portanto, sinalizam, na visão da autora, como os enunciados devem ser integrados às relações de coerência do discurso.

A partir desse levantamento, Penhavel (2010) propõe uma classificação dessas abordagens de estudos dos MDs:

- a) um primeiro tipo de abordagem incluiria os estudos que analisam os MDs como expressões com função de conexão, integradas a um enunciado matriz e que se referem a um aspecto desse enunciado, como são os casos dos trabalhos de Fraser (1996, 2006a *apud* Penhavel, 2010) e de Blakemore (1987, 2002 *apud* Penhavel, 2010);
- b) um segundo tipo de abordagem incluiria os estudos que analisam os MDs como expressões que apresentam função de gerenciamento da conversação, como é o caso do trabalho de Fischer (2006c *apud* Penhavel, 2010) que analisa as partículas discursivas vinculadas ao processo de interação;
- c) um terceiro tipo de abordagem incluiria estudos que consideram os MDs como expressões que atuam tanto com a função conectiva/textual quanto

com a função no gerenciamento da conversação. Penhavel (2010) considera que o estudo de Schiffrin (2006 *apud* Penhavel, 2010) pode ser considerado um exemplo desse terceiro tipo de abordagem, já que os MDs analisados pela autora são tanto elementos que ligam enunciados quanto ao seu aspecto informacional (domínio da *estrutura de ideias*) e/ou ao seu valor de ato de fala (domínio da *estrutura de ação*), como também aqueles que organizam a relação de interação face-a-face (domínio do *esquema de participação*).

Os trabalhos de Risso *et al.* (2006) e de outros autores da Perspectiva Textual-Interativa constituem um exemplo claro de abordagem do terceiro tipo, visto que consideram como MDs tanto aquelas expressões que exercem a função basicamente sequenciadora quanto aqueles que são basicamente interacionais.

No interior dos estudos de base textual-interativa desenvolvidos no Brasil, foi definida uma concepção aprofundada e detalhada de MD. Sob essa perspectiva que se desenvolvem os trabalhos de Risso *et al.* (2002) e de Urbano (1999) e seus respectivos trabalhos revisitados (Risso, 2006; Risso *et al.*, 2006; Urbano, 2006), e com base nesses estudos que nossas análises de um *corpus* de natureza midiática são desenvolvidas.

Adotar um enfoque textual-interativo significa conceber a linguagem como “uma forma de ação, uma atividade verbal exercida entre pelo menos dois interlocutores, dentro de uma localização contextual, em que um se situa reciprocamente em relação ao outro, levando em conta circunstâncias de enunciação” (JUBRAN & KOCH, 2006, p.28). Nessa perspectiva, ressalta-se que a competência comunicativa não tem um caráter de exclusão ou adição quanto à competência linguística, mas é entendida como a capacidade de manter a interação social, mediante a conjugação do saber linguístico a operações instauradas por uma ordem específica de fatores que dá estatuto textual ao produto da interlocução verbal. Nesse sentido, os textos são vistos como resultado da ação verbal e, portanto, “entidades comunicativas verbalmente realizadas e não entidades que adicionalmente possuem um caráter comunicativo” (SCHMIDT, 1979 *apud* JUBRAN & KOCH, 2006, p.29).

Essa concepção de linguagem como atividade de interação verbal e a delimitação do produto dessa interação, o texto, como objeto de estudo são determinadas pela base teórica da perspectiva textual-interativa, que congrega princípios de três disciplinas: a Linguística Textual (doravante, LT), a Pragmática e a Análise da Conversação (doravante, AC). Enquanto a dimensão comunicativo-interacional é respaldada por uma ótica pragmática, que orienta a descrição de dados linguísticos-textuais essencialmente a partir de seu funcionamento em situações reais de uso da linguagem, a LT oferece subsídios para a configuração do objeto de estudo, o texto; e a AC é a base para que a perspectiva textual-interativa explique como os interlocutores interagem com os mais variados tipos de conhecimentos, linguísticos e não linguísticos, em busca de objetivos bem definidos na formulação de textos cooperativos.

É no interior desses parâmetros que a perspectiva textual-interativa procura tomar o texto como objeto de estudos e, a partir dele, pela recorrência em contextos definidos, depreender regularidades das formas de processamento textual, dos mecanismos de estruturação textual (entre os quais se incluem os MDs) e de suas correspondentes funções pragmáticos-textuais.

Consideramos, então, ser fundamental nos estudos sobre MDs -expressões largamente mobilizadas em textos orais e cuja atuação se dá tanto na dimensão textual (sequenciamento tópico) quanto na dimensão interacional (envolvimento com o interlocutor)- que se adote uma perspectiva cujos critérios sejam suficientemente definidos para uma análise que envolva essas duas dimensões. Nesse sentido, a perspectiva textual-interativa é uma abordagem que podemos considerar eficaz na análise dessas expressões por conjugar teorias textuais (Linguística Textual) e teorias voltadas à análise dos usos linguísticos nas interações face-a-face (Pragmática e Análise da Conversação).

A nosso ver, trata-se, portanto, de uma abordagem que dispõe de mecanismos bastante sofisticados para identificar se uma expressão funciona ou não como MD em determinado contexto, pois não desvincula a dimensão interacional da dimensão textual, como comumente as abordagens fazem. Quando observamos os outros modelos teórico-metodológicos que se dedicam ao estudo dos MDs e de outros fenômenos linguísticos,

observamos, como expusemos na seção anterior, um foco específico em apenas umas das dimensões: na dimensão textual (traço de conectividade) ou na dimensão interacional.

Porém, apesar de considerar que os MDs facilitariam o gerenciamento da conversação ao explicitar parte da estruturação tópica (MDs sequenciadores tópicos) ou ao explicitar significações interacionais (MDs interacionais), a Perspectiva Textual-Interativa não apresenta discussões a respeito da natureza metadiscursiva dos MDs ou do seu papel na dimensão interacional no que se refere à identificação para a manutenção e/ou mudança dos enquadres interativos nos quais os interlocutores estão envolvidos.

A noção interativa de enquadre refere-se à percepção de qual atividade está sendo encenada, de qual sentido os locutores dão ao que dizem (Tannen e Wallat, [1987] 2002). Nesse sentido, consideramos que o estudo de Maschler (2009), segundo o qual os MDs teriam uma natureza metadiscursiva por se referirem ao próprio texto, à própria interação ou ao próprio processo cognitivo que ocorre durante a verbalização, poderia ser discutido no âmbito dos estudos textuais-interativos brasileiros. Além disso, a autora postula, a partir de suas análises, que os MDs, em função dessa natureza metadiscursiva, podem funcionar como pistas para os interactantes de como deve ser interpretado o enquadre (*framing*) e de quando há mudanças nele.

Defendemos, então, que a incorporação por parte dos estudos textuais-interativos dessa reflexão a respeito da natureza metadiscursiva e da atuação dos MDs na sinalização de mudança de enquadre faria com que a análise da dimensão interacional dos usos dos MDs fosse feita de modo a realmente se estudar o texto como um produto linguístico marcado pela dinâmica da atuação interacional. Nesse sentido, os postulados de Maschler (2009), desenvolvidos a partir dos pressupostos da Sociolinguística Interacional, permitiriam uma análise ainda mais detalhada da atuação dos MDs na dimensão interacional, como iremos discutir melhor mais adiante.

Em relação à noção de contexto, a perspectiva textual-interativa defende que se adote uma noção que ultrapasse o co-texto e até mesmo o entorno físico. Decidimos, então, trabalhar em nossas análises a integração dos níveis micro e macro, conforme proposto por Hanks (2008). Esse autor se destaca no campo dos estudos do texto e, mais especificamente, no campo da abordagem sociocognitiva, por elevar a noção de contexto,

bem como a de interação, à condição de princípio explicativo da cognição humana. Em busca, então, de uma integração dos diferentes níveis de análise, o autor chama a atenção para o fato de que as abordagens “individualistas”, tais como as desenvolvidas na teoria dos atos de fala, nas abordagens griceanas da conversação, na teoria da relevância, na etnometodologia e na análise da conversação, são, em grande medida, complementares às abordagens “globais”, como é o caso da perspectiva foucaultiana de discurso, da perspectiva bourdieusiana de mercados linguísticos e de capital simbólico e cultural e da perspectiva da Análise Crítica do Discurso.

A partir da observação de que as práticas de linguagem são “formatadas” pelos contextos e ajudam a formatá-los em vários níveis (uma relação dialética, portanto) e de que é patente a inadequação de todas as abordagens dicotômicas por distorcerem a significação dos traços contextuais e produzirem um vácuo entre um nível e outro, o autor propõe uma integração dessas duas abordagens. Dessa forma, segundo Hanks (2008), o foco na linguagem requer uma análise detalhada dos fatos locais emergentes, tanto os linguísticos como os etnográficos (*micro*), enquanto o foco em sistemas socioculturais e linguísticos requer uma análise igualmente cuidadosa das regularidades formais e funcionais, cujas motivações encontram-se bem distantes dos indivíduos e de suas ações (*macro*). É, então, a partir dessa integração dos níveis micro e macro que desenvolvemos nossas análises em torno do contexto de nossos dados.

Além da noção de contexto, a noção de tópico discursivo constitui uma noção fundamental neste trabalho, na medida em que propriedades definicionais dos MDs estão diretamente ligadas ao conceito de tópico discursivo. Os MDs sob o viés da perspectiva textual-interativa são vistos como:

(...) expressões que contribuem para o processamento textual-interativo do discurso, isto é, expressões que articulam segmentos textuais de natureza tópica e/ou que codificam orientações dos interlocutores em relação ao processo de interação verbal (PENHAVEL, 2010, p.28).

A topicalidade, segundo Jubran (2006b), diz respeito ao fato de que, em um evento comunicativo, os interlocutores se preocupam em se entrosar, procurando “manter a conversa em torno de um conjunto de *objetos-de-discurso* compartilhados, que se

constituem como foco da interação verbal. Há como que uma consciência de que se deve falar sobre algo” (p. 90). O tópico discursivo é, então, estabelecido como a categoria analítica para se operar os recortes de segmentos textuais e “decorre, portanto, de um processo que envolve colaborativamente os participantes do ato interacional na construção da conversação, assentada em um complexo de fatores contextuais” (p. 90).

Nesse mesmo sentido, Marcuschi (1998, p.14) afirma que os fenômenos relacionados à manutenção, à progressão, à organização e ao estabelecimento do tópico são: “o fio condutor da organização discursiva, que constitui um traço fundamental para definir os processos de entrosamento e colaboração entre os falantes na determinação dos núcleos comuns e para demonstrar a forma dinâmica pela qual a conversa se estrutura”. Por isso, a estruturação tópica pode ser considerada o fio condutor da organização textual-interativa.

Em relação à noção de tópico, Mira (2012) afirma que nos *handbooks* encontrados no campo da Linguística, sobretudo naqueles que se dedicam à Análise do Discurso de linha anglo-americana, a definição mais comum é revestida de um caráter intuitivo, calcado na identificação “daquilo sobre o que se fala”¹¹. Nos estudos textuais brasileiros, o conceito de tópico discursivo, postulado inicialmente por Koch (1990), também centrava-se na noção de “tema” ou “*aboutness*” e apresentava caráter vago, o que dificultava, então, sua operacionalização.

Procurando ultrapassar os empecilhos e na busca por uma definição de tópico como uma categoria operacionalizável em termos de análise, Maynard (1980) analisa a topicalidade, postulando que esse fenômeno é muito mais que uma questão de conteúdo, como trabalhos anteriores apontavam, pois, segundo o autor, por se tratar de uma realização de interlocutores, ela é altamente organizada e passível de descrição. Dessa forma, a partir de uma perspectiva interativa, o autor vê a topicalidade como um princípio organizador da conversação, já que se trata de um processo no qual os interlocutores se engajam colaborativamente na construção da conversação. É nesse sentido que o autor postula que

¹¹ Para os objetivos da presente pesquisa, apresentamos a concepção de tópico no domínio discursivo e não no âmbito gramatical da frase. No âmbito gramatical, o *tópico frasal* é concebido a partir da distinção *tema/remã* e relaciona-se ao tema, sendo equivalente, na maioria das vezes, ao sujeito do enunciado, por ser aquilo sobre o qual se fala (Marcuschi, 2006).

as mudanças de tópico, por exemplo, podem ser feitas em função de aspectos interacionais, tais como desacordos ou outros tipos de desatenção do receptor.

Levando em consideração, então, que as mudanças de tópico ocorrem em lugares específicos e de maneira bastante caracterizadas na interação, o autor postula que a estruturação tópica só é mais bem compreendida quando o contexto de interação também o for. Isso significa que não podemos deixar de considerar os processos interacionais envolvidos na situação comunicativa quando pretendemos desenvolver a análise tópica, pois muitos desses processos interacionais nos permitem descrever a organização tópica e, nesse sentido, corrobora-se, segundo Maynard (1980), a tese de Garfinkel (1967) de que “aquilo sobre o que se fala” não pode ser desvinculado do modo “como se fala”.

Ainda com base em Garfinkel (1967), Maynard (1980) afirma que “a consideração da estruturação tópica, então, é necessária para a compreensão do fenômeno de mudança tópica na conversação” (p. 284, tradução nossa), pois quando os interlocutores começam a enfrentar problemas para desenvolver alguma conversa, por exemplo, uma mudança de tópico pode, segundo o autor, ser empregada para estabelecer aquilo que seria a fala contínua.

Podemos dizer, então, que, no âmbito dos estudos discursivos, em um primeiro momento, fica mais evidente a preocupação de delimitar uma categoria analítica que fosse capaz de delimitar um conjunto de referentes mais salientes na materialidade linguística de textos orais ou escritos, ou, em outras palavras, a preocupação com o conteúdo, sobre o que se fala; em outro momento, destaca-se a função interacional do tópico na organização do discurso, sobretudo, nos textos orais, como fez Maynard (1980).

Percebemos, então, um contraste na definição da noção de tópico entre uma perspectiva que enfoca a forma que o tópico tem (a partir de qual critério ele é identificado) e outra perspectiva que enfoca a sua função (o que ele exerce). Consideramos que a perspectiva textual-interativa consegue conjugar de maneira satisfatória para fins teóricos-analíticos tanto a função textual quanto a natureza interativa do tópico discursivo (cf. Jubran, 2006a) e supera, portanto, essa dicotomia entre forma e função. Além disso, quando revisitado por Jubran *et al.* ([1992] 2002), Jubran (2006a) e Jubran (2006b), o novo conceito apresenta critérios claros de identificação que permitem um menor grau de

subjetividade e melhor operacionalização, ultrapassando assim o caráter intuitivo inicial da categoria.

Para superar a dicotomia entre a forma que o tópico apresenta e a sua função, a perspectiva textual-interativa considera que é fundamental que o produto linguístico seja abordado a partir das marcas que os fatores interacionais imprimem na superfície textual (Jubran, 2006a). Isso significa que a noção de tópico acrescenta à dinâmica interacional um caráter organizador discursivo.

Apesar da relevância da dimensão interativa para a conceituação do tópico como uma categoria analítica, os autores da abordagem textual-interativa não deixam de afirmar o peso maior na dimensão textual que o tratamento dessa categoria implica. Segundo Jubran (2006a), tal posicionamento se justifica em função do objetivo de se estabelecer “traços que definam uma categoria analítica operacionalizável com alguma segurança e objetividade na identificação de unidades textuais” (p. 91). Nesse sentido, a dimensão interacional está relacionada ao envolvimento conjunto dos interlocutores na produção de um texto, e não como fator de demarcação tópica. É essa opção pela maior ênfase no caráter textual do tópico discursivo que faz com que o intuitivismo do analista para delimitação dos SegTs em textos orais seja minimizado. Esse posicionamento, tal como é defendido pelos autores dessa perspectiva, resulta em uma maior segurança metodológica na etapa de análise do tópico discursivo.

Também com a finalidade de possibilitar a análise da centração tópica de textos em geral, Jubran (2006a) afirma que é necessário se afastar da compreensão de tópico discursivo exclusivamente como decorrente do envolvimento colaborativo dos participantes de um ato conversacional que atuam conjuntamente na elaboração textual. A função interacional é considerada, então, de modo mais amplo como inerente a todo e qualquer texto, pois “o produtor de um texto, seja falado ou escrito, orienta suas escolhas linguístico-discursivas em função do interlocutor presente no intercâmbio oral ou pretendido no evento comunicativo realizado por meio da escrita” (JUBRAN, 2006a, p.35).

A partir dessa ênfase na dimensão textual, Jubran ([1992]2002, 2006a, 2006b) postula as propriedades que definem a noção de tópico: a centração e a organicidade. Por meio da propriedade de centração, é possível delimitar “os enunciados formulados pelos

interlocutores a respeito de um conjunto de referentes, concernentes entre si e em relevância num determinado ponto da mensagem” (Jubran, 2006b, p.91). Nesse sentido, a propriedade da centração abrange três traços:

a) concernência: relação de interdependência semântica entre os enunciados de um segmento textual – implicativa, associativa, exemplificativa, ou de outra ordem -, pela qual se dá a integração desses enunciados em um conjunto específico de referentes (objetos-de-discurso);

b) relevância: proeminência desse conjunto, decorrente da posição focal assumida pelos seus elementos;

c) pontualização: localização desse conjunto, tido como focal, em determinado momento do falado. (JUBRAN, 2006b, p. 92)

Podemos dizer, então, que os traços da propriedade de centração visam delinear o tópico em sua materialidade textual, ou seja, apreender o conjunto de referentes dispostos na superfície do texto que são concernentes entre si e estão em relevância num determinado momento do texto. Esses traços de concernência e relevância se apresentam, portanto, como critérios a partir dos quais o tópico pode ser identificado pelo analista, o que permite assim mais segurança e objetividade na delimitação da categoria. Nesse mesmo sentido, Mira (2012, p.54) afirma que “os traços desta propriedade são, na realidade, as ferramentas para demarcar as marcas textuais que dão contornos nítidos a um conjunto de referentes coerente e organizado na superfície do discurso oral”.

Partindo do postulado de tópico não apenas como conteúdo, Jubran *et al.* (2002) postulam a segunda propriedade do tópico: a organicidade, que diz respeito às relações de interdependência tópica e que está relacionada mais diretamente à dimensão interacional do tópico, à função que o tópico desempenha na organização do discurso oral. No plano vertical, os tópicos podem ser descritos hierarquicamente “conforme as dependências de superordenação e subordinação entre tópicos que se implicam pelo grau de abrangência do assunto” e, no plano horizontal, “de acordo com as articulações intertópicas em termo de adjacências ou interposições na linha discursiva” (JUBRAN *et al.*, 2002, p. 345).

As funções textual e interativa são consideradas como imbricadas nos processos de formulação textual e de interação de maneira a não ser possível considerá-las

separadamente, como Jubran & Koch (2006, p.29) justificam: “os fatores interacionais são inerentes à expressão linguística, devido à introjeção natural da atividade discursiva no produto verbal de um ato comunicativo”. O princípio de gradiência, fundamental nessa perspectiva, permite, no entanto, a dominância de uma ou outra contraparte quando um determinado procedimento de construção textual atua preponderantemente na organização informacional do texto ou focaliza de maneira mais acentuada a atividade enunciativa.

Nosso trabalho, como já dissemos anteriormente, assume a abordagem da perspectiva textual-interativa para as análises que desenvolvemos dos MDs. No entanto, acreditamos que os postulados sociointeracionistas de Maschler (2009) a respeito da natureza metadiscursiva e da atuação dos MDs na sinalização de mudança de enquadre interativo podem ser articulados aos critérios de análise desenvolvidos no interior da perspectiva textual-interativa, o que permitirá uma análise ainda mais detalhada da atuação dos MDs na dimensão textual-interacional.

Maschler (2009) postula que o processo semântico-pragmático de *metalinguaging*¹² está no cerne tanto do emprego como da gramaticalização dos MDs. Esses são vistos, então, por essa autora como elementos linguísticos empregados para a *metalinguaging*, ou seja, para o processo de uso da linguagem em que se comunica o próprio processo desse uso ou, em outras palavras,

*(...) a linguagem sobre a interação, em oposição à linguagem sobre o mundo extralinguístico. (...) ao invés de se referir ao mundo percebido pelos falantes (através da linguagem) (...), os marcadores discursivos referem ao próprio texto, à própria interação entre os seus falantes, ou ao processo cognitivo que ocorre em suas mentes durante a verbalização (MASCHLER, 2009, p.1).*¹³

¹² A autora usa o termo *metalinguaging*, invocando o termo ‘*linguaging*’ de A.L. Becker (1988), que propôs esse termo ao invés de *language* com o intuito de reforçar a ideia de linguagem não como algo acabado, mas como um processo em curso. Por isso, então, a utilização do sufixo *-ing* que marca na língua inglesa a ideia de algo contínuo, em processo.

¹³ “(...) *linguaging* about the interaction, as opposed to *linguaging* about the extralingual world. (...) rather than referring to the world perceived by speakers (through language) (...), discourse markers refer to the text itself, to the interaction among its speakers, or to the cognitive process taking place in their minds during verbalization” (MASCHLER, 2009, p.1).

Assim como Guerra (2007) e Penhavel (2010), Maschler (2009) procura, de alguma maneira, sistematizar as principais abordagens que fundamentam os estudos acerca dos MDs de forma a poder inserir a sua nova abordagem no contexto dessas abordagens anteriores. A autora frisa primeiramente a variedade de abordagens que postulam a função textual dos MDs em relacionar enunciados a outras unidades do discurso, como é o caso dos estudos de Schiffrin, de Fraser, de Hansen e de Redeker. Há ainda, segundo Maschler (2009), outras abordagens que caracterizam os MDs segundo suas funções interacionais como é o caso, segundo a autora, dos estudos de Schourup, Östman e Stubbs.

Há ainda, conforme expõe Maschler (2009), algumas poucas abordagens que salientam as funções cognitivas dos MDs, como é o caso do trabalho de Even-Zohar (1982), que caracteriza esses elementos (chamados *conectivos pragmáticos* em sua terminologia) como indicadores da “forte necessidade do falante em organizar seu discurso” ou “a ansiedade do falante em desenhar a máxima atenção a todas suas mudanças de mente”¹⁴ (EVEN-ZOHAR, 1982 *apud* MASCHLER, 2009, p.8). No entanto, o foco desse autor não é na mudança de enquadre (*frame*) no sentido de Goffman, como assumida por Maschler (2009).

Em seu estudo sobre o *footing*, Goffman postula que:

*Uma mudança de footing implica uma mudança no alinhamento que assumimos para nós mesmos e para os outros presentes, expressa na forma em que conduzimos a produção ou recepção de uma elocução. Uma mudança em nosso footing é outra maneira de falar de **uma mudança em nosso enquadre de eventos**. [...] os participantes constantemente mudam seus footings enquanto vão falando, sendo essas mudanças uma característica inerente à fala natural¹⁵ (GOFFMAN, 1981: 128) (MASCHLER, 2009, p. 10, ênfases do autor, tradução nossa)*

¹⁴ “(...) the speaker’s strong need to organize his discourse (...) the speaker’s anxiety to draw maximum attention to all his **shifts of mind** (emphasis mine)” (EVEN-ZOHAR, 1982 *apud* MASCHLER, 2009, p.8).

¹⁵ “A change in footing implies a change in the alignment we take up to ourselves and the others present as expressed in the way we manage the production or reception of an utterance. A change in our footing is another way of talking about a **change in our frame for events**. [...] participants over the course of their speaking constantly change their footing, these changes being a persistent feature of natural talk (GOFFMAN, 1981: 128, emphasis mine)” (MASCHLER, 2009, p.10).

Goffman ([1979] 2002) postula que nos encontros face a face, os participantes se perguntam continuamente sobre “o que está acontecendo aqui e agora”. Então, a partir dessa interpretação e orientação a respeito da situação interacional, os participantes constroem, segundo o autor, os “enquadres” que são responsáveis pela organização dos discursos. A dinamicidade dos enquadres produzidos ao longo das interações e a sua relação com a maneira como os participantes gerenciam a produção e recepção de um enunciado fizeram com que Goffman ([1979] 2002) propusesse o conceito de *footing* que dá conta das mudanças de projeção e alinhamento que os interactantes assumem para si mesmos e para os envolvidos na situação comunicativa. Uma mudança de *footing*, portanto, implica uma mudança de postura, de posição, o *realinhamento* do “eu” de um participante acerca de seu discurso em construção e a respeito do que considera que “está acontecendo aqui e agora” na interação.

A partir desses estudos desenvolvidos no âmbito da Sociolinguística Interacional, Maschler (2009) observa que, em função da sua natureza metalinguística, os MDs desempenham um papel significativo no enquadre (*framing*) do discurso, já que eles podem ser empregados com vistas a criar e refletir mudanças de enquadre, funcionando, então, como pistas de contextualização¹⁶ (Gumperz, 1982) ao sinalizar tais mudanças. Portanto, os MDs constituem para Maschler (2009) “uma das mais proeminentes estratégias linguísticas para negociar o *footing*, ou mudanças de enquadre, na interação”¹⁷ (p.10). Para definir um MD, o enunciado em questão deve, segundo Maschler (2009), preencher uma condição semântica, qual seja:

O enunciado deve ter uma interpretação metalinguística no contexto em que ocorre. Em outras palavras, ao invés de se referir ao mundo

¹⁶ Pistas de contextualização são, segundo Gumperz (1982), sinais linguísticos ou não captados pelos interactantes que sinalizam de que forma a interação deve ser interpretada, ou seja, elas têm um caráter indicial. Essas pistas podem ser de ordem linguística, prosódica, paralinguística (pausas, hesitações, alongamentos, silêncios), proxêmica (distância entre os interactantes- tanto física como social) ou cinésica (expressões faciais, movimentação corporal). O valor sinalizado por tais pistas depende, segundo o autor, do reconhecimento por parte dos participantes que devem “ler” o evento em que estão inseridas ou, em outros termos, depende do enquadre em que situa a metamensagem contida nos enunciados. Nesse sentido, as pistas portam informação, mas sua interpretação relaciona-se com o significado social que está sendo negociado na interação verbal.

¹⁷ “(...) one of most prominent linguistic strategies for negotiation footing, or frame shifts, in interaction” (MASCHLER, 2009, p.10).

extralinguístico, deve referir-se metalinguisticamente ao domínio do texto (nesse caso, nós estamos lidando com um ‘marcador discursivo textual’), à interação entre seus participantes (incluindo relações entre falante e seu enunciado – ‘marcador discursivo interpessoal’), ou ao seu processo cognitivo (‘marcador discursivo cognitivo’) (MASCHLER, 2009, p.17, tradução nossa)¹⁸.

Partindo, portanto, dos estudos da Sociolinguística Interacional, sobretudo dos estudos clássicos de Goffman ([1979]2002) e de Gumperz (1982) a respeito, respectivamente, do *footing* e das pistas de contextualização, Maschler (2009) procura comprovar, por meio de suas análises dos usos de MDs em interações cotidianas entre amigos e entre familiares em hebraico, que os interactantes usam estrategicamente esses recursos textuais-discursivos, dando pistas aos interlocutores de como a interação deve ser interpretada, ou seja, essas estratégias funcionam no estabelecimento de enquadres (*frames*) na medida em que o falante sinaliza por meio delas a atividade em que está engajado e com que quadros comunicativos está operando.

Apesar, então, de não apresentarem um conteúdo referencial, os MDs, ao fazerem com que o enunciado tenha uma interpretação metalinguística no contexto em que ocorre- seja referindo-se metalinguisticamente ao domínio do texto, da interação ou do processo cognitivo-, atuam como importantes recursos na interação, visto que permitem aos interactantes negociarem o *footing* ou sinalizarem as mudanças de enquadre. Seu estudo, portanto, é fundamental quando se volta a atenção para as interações-sejam elas cotidianas ou institucionalizadas- e quando se tem o interesse em compreender como as unidades linguísticas funcionam nas conversações.

Quanto às mudanças de enquadre, Maschler (2009) considera que Goffman (1981), ao focar nas mudanças no “alinhamento que assumimos para nós mesmos e para os outros participantes”, parece ver a mudança de enquadre como um fenômeno formatado majoritariamente pelas restrições interpessoais. No entanto, segundo Maschler (2009), um olhar mais aproximado revela que, além da mudança no alinhamento interpessoal, ocorrem

¹⁸ “The utterance must have a *metalingual interpretation* in the context in which it occurs. In other words, rather than referring to the extralingual world, it must refer metalingually to the realm of the text [in which we are concerned with a ‘textual discourse marker’], to the interaction among its participants [including relations between speaker and his/her utterance- ‘interpersonal discourse marker’], or to their cognitive processes [‘cognitive discourse marker’].

mudanças adicionais nos outros domínios do contexto nesses momentos de realinhamento, ou seja, podem ocorrer (i) mudança referencial (um novo tópico ou subtópico discursivo, por exemplo); (ii) mudança na estrutura linguística (como, por exemplo, o uso de uma sentença ou aspecto diferente); (iii) mudança no processo cognitivo de natureza diferente daqueles que ocorrem em outros momentos da interação, o que pode ser sinalizada pelos marcadores de preenchimento e de hesitação empregados nos limites da ação conversacional.

Há ainda, conforme Goffman ([1979] 2002), mudanças na prosódia e no comportamento não-verbal acompanhando frequentemente a mudança de enquadre.

Maschler (2009) parte da proposta de Becker (1988), segundo o qual o texto é condicionado por vários domínios contextuais, visto que quando usamos a linguagem, sempre estamos simultaneamente (i) interagindo com pessoas (domínio interpessoal); (ii) referindo ao mundo extralinguístico que acreditamos existir além da linguagem (domínio referencial); (iii) formatando estruturas linguísticas (domínio estrutural); (iv) relembrando e evocando textos antecedentes (domínio do texto prévio); (v) usando um meio particular (domínio do suporte/veículo); e (vi) ocupando um espaço que, se não para nosso enunciado, pode consistir no silêncio (domínio do silêncio).

Com base na proposta de Becker (1988), Maschler (2009) postula que no momento de mudança de enquadre haveria frequentemente mudanças máximas, relativas ao discurso adjacente e com restrições de vários domínios contextuais moldando o discurso.

Consideramos que a abordagem de Maschler (2009) é muito importante no cenário de estudos sobre MDs. Então, embora não adotemos a concepção de MDs proposta pela autora, consideramos fundamental a sua postulação de que haveria uma relação entre o uso dos MDs e a mudança de enquadre. Esse vínculo entre o uso de MDs e a mudança de enquadre é algo que fundamenta nossa hipótese a respeito da existência de relações entre os usos dos MDs e as sequências textuais que os participantes dos programas analisados produzem. Os MDs marcariam, então, a mudança de enquadre e também o tipo de sequência textual produzida.

Ao longo deste trabalho, assumimos os pressupostos gerais elaborados por Maschler (2009) de que os MDs apresentam um forte caráter metadiscursivo. Como já

dissemos anteriormente, a nosso ver, é possível articular essa postulação à teorização desenvolvida no interior da Perspectiva Textual-Interativa. Consideramos que essa última abordagem destaca-se como uma das poucas abordagens que procura delimitar todas as expressões linguísticas pertencentes a essa classe segundo critérios bem definidos, conforme pode ser visto na próxima seção. A nosso ver, trata-se, portanto, de uma abordagem que dispõe de mecanismos bastante sofisticados para identificar se uma expressão funciona ou não como MD em determinado contexto e, inclusive, para identificar graus de prototipicidade dos MDs, o que desconhecemos que existam em outras abordagens. Porém, admitimos, como já afirmamos anteriormente, que o estudo desenvolvido por Maschler (2009) é de fundamental importância para nosso trabalho, já que o vínculo entre o uso de MDs e a mudança de enquadre, proposto pela autora, é algo que fundamenta nossa hipótese a respeito da existência de relações entre os usos dos MDs, os tipos de sequências textuais que os participantes dos programas analisados produzem e os tipos de situações comunicativas no interior das quais os textos são produzidos.

Nesse sentido, podemos dizer que a perspectiva textual-interativa, por sua base nas teorias do texto e da interação, poderia incorporar em suas análises essa relação entre MDs e mudança de enquadre, proposta por Maschler (2009) a partir de pressupostos teóricos da Sociolinguística Interacional. Consideramos que a incorporação desse postulado faria com que a análise da dimensão interacional dos usos dos MDs fosse feita de modo a realmente se estudar o texto como um produto linguístico marcado pela dinâmica da atuação interacional. Além disso, consideramos que o estudo de Maschler (2009) deve ser discutido no âmbito dos estudos textual-interativos brasileiros por apresentar uma reflexão acerca da natureza metadiscursiva dos MDs que não é desenvolvida nesses estudos.

1.3. Características, critérios de análise e funções dos marcadores discursivos

Dando continuidade à apresentação da perspectiva textual-interativa, ressaltamos que Risso *et al.* (2002) postulam a existência de dois tipos básicos de MDs: aqueles que exercem fundamentalmente a função de sequenciadores tópicos e aqueles que exercem a função de basicamente orientadores da interação. Porém, todo recurso que atua no nível textual, como os MDs, cumpre sempre uma função orientadora da interação, ainda

que fragilmente, visto que, sob a perspectiva textual-interativa, o texto ganha existência dentro de um processo interacional.

Em virtude da tendência para agregação contínua de novos exemplares ao conjunto dos MDs, que vai se tornando cada vez mais amorfo e heterogêneo, e da falta de um assentamento comum de suas propriedades básicas, Risso *et al.* (2002) procuraram estabelecer os traços básicos identificadores do estatuto dos MDs, capazes de conduzir a uma definição mais precisa e operacionalmente viável de sua natureza. Os autores analisaram, então, as ocorrências em quinze inquéritos do Projeto NURC, cada um com quinze minutos de gravação, totalizando, assim, a análise de 225 minutos de elocuições formais, ou diálogos entre informante e documentador ou ainda diálogos entre dois informantes.

Os autores primeiramente fizeram um levantamento de unidades que são apontadas na área dos estudos da linguagem como MDs (1298, no total) - dentre as quais se encontravam vocativos e interjeições, modalizadores (*realmente*), operadores argumentativos (*inclusive*), advérbios e conjunções - e analisaram essas unidades em relação a dez variáveis:

- 1. Padrão de recorrência:** baixa, média ou alta frequência;
- 2. Articulação de segmentos do discurso:** sequenciador tópico, sequenciador frasal, não-sequenciador;
- 3. Orientação da interação:** basicamente orientador (orientação forte), secundariamente orientador¹⁹ (orientação média) ou fragilmente orientador²⁰ (orientação fraca);
- 4. Relação com o conteúdo proposicional** (relação das unidades com a informação contedística das diferentes porções tópicas escopadas ou indiciadas): totalmente transparente; parcialmente transparente; opaco; não se aplica;
- 5. Transparência semântica:** totalmente transparente, parcialmente transparente, opaco, não se aplica²¹;
- 6. Apresentação formal:** forma única ou forma variante;

¹⁹ Segundo Risso *et al.* (2006), quando a unidade sinaliza opinião ou orientação argumentativa, o grau de interação é considerado secundário, como é o caso, por exemplo, dos MDs *bom* e *ah*.

²⁰ O MD é considerado fragilmente orientador quando a interação se define apenas em função da própria natureza do evento conversacional.

²¹ É o caso dos elementos não-lexicalizados (*ah, uhn, uhm uhn*), que não possuem conteúdo cognitivo claramente estabelecido.

7. Relação sintática com a estrutura oracional: sintaticamente independente ou sintaticamente dependente;

8. Demarcação prosódica: com pauta demarcativa ou sem pauta demarcativa;

9. Autonomia comunicativa: comunicativamente autônomo ou não;

10. Massa fônica: até três sílabas tônica ou além de três sílabas;

Em um segundo momento, Risso *et al.* (2002) fizeram o cruzamento dessas variáveis e obtiveram os seguintes resultados: as unidades basicamente orientadoras da interação provêm, em sua grande maioria (77,4%), das unidades não-sequenciadoras e as unidades fragilmente orientadoras são, em sua quase totalidade (98,1%), sequenciadores tópicos. Através da leitura do resultado desse cruzamento, os autores puderam afirmar que há uma maior função de articulação quando o foco funcional não é a interação e uma maior função interacional quando o foco funcional não é o sequenciamento. São exemplos potenciais do primeiro tipo expressões como *agora, então, quer dizer, enfim, em primeiro lugar* etc. e, do segundo tipo, itens como *uhn uhn, certo, sabe?, né?, veja* etc.

Com base na análise dessas dez variáveis, Risso *et al.* (2002) puderam definir que cinco delas são mais decisivas na identificação dos MDs, uma vez que apresentam os traços que, por serem os mais prototípicos dos MDs, formam o denominado núcleo piloto de definição dessas expressões. São elas as variáveis 2, 3, 4, 7 e 9.

O núcleo-piloto dos MDs é definido, então, pelas seguintes características:

- i. possuem função textual-interativa (sequenciador tópico e fragilmente/secundariamente orientador ou não-sequenciador e basicamente orientador da interação);
- ii. são exteriores ao conteúdo proposicional e à informação cognitiva dos tópicos, visto que operam no plano da atividade enunciativa e não no plano do conteúdo²² (“codificam uma “informação pragmática”, segundo Fraser (1990 *apud* Risso *et al.*, 2006));
- iii. são unidades sintaticamente independentes;

²² Isso não significa, porém, que não possam contribuir para a modalização e para o movimento organizacional do conteúdo referencial, ao inscreverem nele condições ou circunstâncias variadas da enunciação.

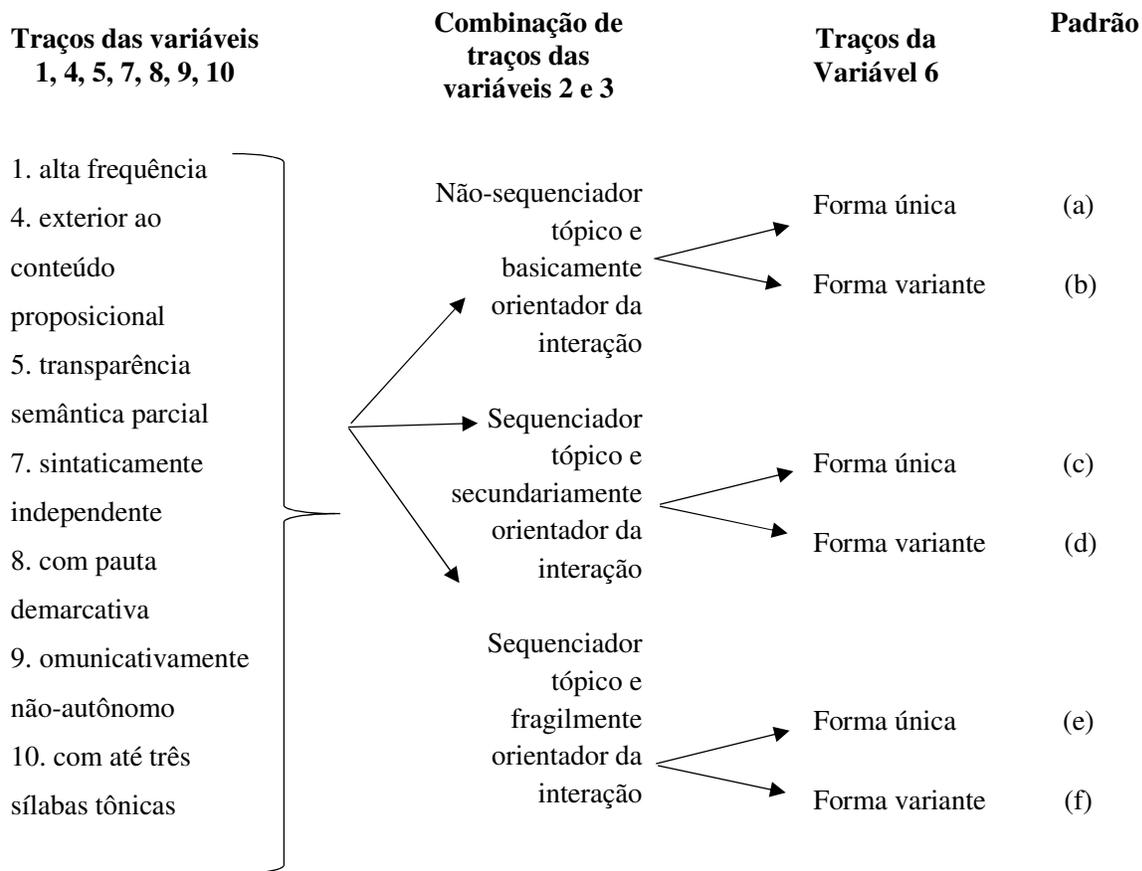
- iv. são dependentes comunicativamente, ou seja, são insuficientes para serem enunciados completos quando sozinhos, ao contrário de interjeições, vocativos e palavras-frase, por exemplo.

Quanto às outras cinco variáveis (que não comportam traços formadores do núcleo-piloto), os MDs prototípicos apresentam as seguintes características:

- v. são formas recorrentes no espaço textual;
- vi. manifestam um processo de acomodação do significado literal da palavras que o constituem, ou seja, há geralmente um novo uso das bases gramaticais ou uma reaplicação de um significado lexical, o que leva muitas vezes à perda parcial da transparência semântica²³;
- vii. podem ter forma única ou variante;
- viii. ocorrem na maioria das vezes com pausa prosódica demarcativa, o que reforça a evidência de sua independência sintática;
- ix. possuem extensão reduzida (até três sílabas tônicas).

Essa combinatória de traços dos MDs prototípicos pode ser esquematizada da seguinte forma:

²³ Os MDs, por exemplo, podem passar por uma adaptação de um significado gramatical. É assim que há novos usos de preposições, conjunções (*mas, e, porque, então*) ou de certos advérbios (*agora, aí*). Eles podem ainda se originar de unidades lexicais como verbos, adjetivos e substantivos, como é o caso de *bom, olha, certo* etc.



Esquema 1: Matrizes-padrão dos MDs (retirado de Guerra, 2007)

Risso *et al.* (2006) propõem, então, a partir da definição do núcleo-piloto e das matrizes-padrão dos MDs, um *continuum* no qual os elementos mais típicos e modelares, os MDs prototípicos, seguem um dos padrões (a-f), enquanto os elementos menos típicos e modelares, os MDs não prototípicos, manifestam esses traços de modo mais ou menos parcial e diversificado, dentro de uma margem relativamente previsível (não ultrapassa, geralmente, dois pontos desviantes). Expressões que não manifestam quaisquer das possibilidades acima são definidas como unidades limítrofes ou são excluídas da análise como MDs. Exemplos dessas unidades limítrofes são: *nós vamos encontrar, a gente está falando aqui, está claro até aqui?, nós vamos terminar aqui hoje, a gente falou ainda há pouco, por sinal, até, inclusive, acho, acho que, eu considero que, tenho impressão (de que...), eu continuo achando que, parece que, realmente, efetivamente, exatamente, justamente*, entre outros.

Podemos observar que essas expressões são, em sua maioria, estratégias metadiscursivas variadas de organização do fluxo informacional perante o interlocutor, operadores argumentativos, indicações de ponto de vista, sintetizadores, modalizadores discursivos, interjeições, vocativos. Risso *et al.* (2002) salientam que, no caso da estratégia metadiscursiva de organização do fluxo informacional “o meu discurso está claro até aqui?”, pode haver um processo de estratificação morfossintática e/ou semântica. Esse processo iria de uma construção explícita e elaborada, com laços de integração sintática no contexto linguístico, com considerável carga de transparência semântica e com autossuficiência informativa, até um estágio de forte redução ou cristalização de estruturas e de conteúdos, como pode ser observado em: *o meu discurso está claro até aqui? > está claro isso até aqui? > está claro até aqui? > está claro? > claro? > tá?*. No estágio final desse percurso, as formas *claro?* e *tá?* já são considerados MDs pela perda semântica parcial e pela maior cristalização, compensadas pela maior ativação de aspectos discursivos e de ordem pragmático-interacional.

Como já exposto, os MDs, sob a perspectiva textual-interativa, funcionam como sequenciadores tópicos e como orientadores da interação. Como sequenciadores tópicos, os MDs podem atuar:

- a. na abertura do tópico, quando demarcam concretamente a mudança de centração (Jubran *et al.*, 2002) que dá origem a um novo tópico no texto falado. Nesse caso, segundo Risso (2006), ele funciona “na estruturação interna desse segmento, ou seja, na organização intratópica, ao indicar a parte introdutória do tópico”, mas, ao mesmo tempo, sinaliza, segundo a autora, “a associação desse tópico com outro precedente, (...) estabelecendo, assim, relações intertópicas” (RISSO, 2006, p. 435);
- b. no encaminhamento do tópico, estabelecendo “uma relação coesiva entre proposições integradas em um mesmo conjunto de referentes que formulam um dado tópico, configurando uma atuação local (...) em um processo de articulação intratópica” (RISSO, 2006, p. 435);
- c. no fechamento de tópico;
- d. na retomada do tópico após inserção;

- e. na inserção de exemplos: um dos MDs prototípicos de inserção de exemplos é o *por exemplo*. Porém, os MDs *bem* e *bom* podem ocorrer também no interior de um tópico, dando entrada a porções menores de informação e, mais especificamente, abrindo a operação de exemplificação²⁴;
- f. na inserção de reformulações, como é o caso dos MDs *quer dizer, digamos, ou melhor, em outras palavras, finalmente* (Fávero *et al.*, 2006);

Já como orientadores da interação, os MDs podem atuar:

- a. na dinâmica de turnos. O *então*, por exemplo, pode ser usado em contexto de retomada de turno e, nesse caso, constitui também uma tentativa de retorno à informação suspensa. Esse MD também pode ser usado como estratégia na disputa de turno;
- b. na indicialização de pronta disposição daquele que responde para o atendimento da expectativa daquele que pergunta. Os MDs *bom, bem, ah e olha*, ao abrirem os turnos em pares adjacentes de pergunta-resposta, atuam como pistas da articulação de dois turnos, mas também na orientação da interação, indicializando a pronta disposição do interlocutor em responder a pergunta do locutor, cumprindo-se assim, uma interação verbal centrada;
- c. na checagem de atenção do interlocutor, como é o caso dos MDs do tipo *checking: né?, certo?, entendeu?, viu?* etc.;
- d. nos heteromonitoramentos em que o interlocutor demonstra estar acompanhando e entendendo as colocações do locutor, como é o caso dos MDs do tipo *feedback: ahn, uhn, certo, claro* etc;

²⁴ Isso pode ser observado nesse exemplo dado por Risso (2006): “[...] essa palavra taxionomia quer...refere-se mais ou menos a uma classificação...digo mais ou menos porque nós vamos ver qual é a diferença que existe entre uma taxionomia e uma classificação... eu poderia...por exemplo...dividir esta aula em os alunos homen(s) e as mulheres... eu estaria... fazendo uma classificação sem...no entanto... dizer qual é o mais importante [...] **bem**...eu poderia...dividir a...uma coleção de livros em livros didáticos e não-didáticos....sem...no entanto...dizer que...quais seriam os mais importantes [...]” (RISSO, 2006, p. 492). Nesse caso, o *bem* indicia o segundo passo da exemplificação para se concretizar a diferença entre os termos *taxionomia* e *classificação*.

- e. na função de invocar ou chamar a atenção do interlocutor para o ato da interação, possibilitando, assim, a sua progressão, como é o caso dos MDs do tipo interpelativo e injuntivo: *ô, meu, mano, cara, olha, etc.*

Se essas são funções dos MDs, podemos dizer, então, que eles atuam metadiscursivamente, seja na organização do fluxo informacional, seja na organização da interação.

Na próxima seção, apresentamos os estudos de Penhavel (2010, 2011) e de Guerra e Penhavel (2010) cujas análises dos MDs em *corpora* oral corroboram tanto a adequação, a eficácia e a operacionalidade da categoria de tópico discursivo (Jubran *et al.*, [1992]2002, Jubran, 2006a, 2006b), quanto a pertinência dos mecanismos propostos pela perspectiva textual-interativa no que se refere à análise dos MDs, indicando a legitimidade dessa abordagem como um quadro teórico-metodológico apto à descrição e à explicação de fenômenos vinculados à dimensão textual-interativa da linguagem.

1.4 A atuação dos marcadores discursivos na articulação tópica

A pesquisa desenvolvida por Penhavel (2010) teve como objetivo investigar o processo de estruturação interna de segmentos tópicos mínimos (SegTs mínimos) no gênero Relato de Opinião e, assim, identificar parâmetros ou níveis de análise em relação aos quais se possa analisar a atuação de MDs nesse processo. Segundo o autor, o interesse por essa investigação se justifica pelo fato de ainda não haver, no quadro da perspectiva textual-interativa, um conjunto significativo de análises sistemáticas do processo de estruturação interna de SegTs mínimos em (sub)partes constituintes, o que comprometeria, segundo Penhavel (2010), a análise da atuação de MDs nesse processo, além de representar uma lacuna na descrição do processo geral de construção textual. Enquanto no caso da articulação tópica no nível acima do SegT mínimo, a perspectiva textual-interativa já apresenta caracterização bastante específica e, inclusive, metodologia bem definida, baseada principalmente nos critérios de centração e organicidade tópicas, no caso da investigação sobre a estruturação interna dos SegTs mínimos ainda não havia critérios

claros estabelecidos. Nesse sentido, Penhavel (2010) procurou analisar a atuação dos MDs no domínio da estruturação intratópica.

Em sua investigação, o pesquisador analisou um total de 64 SegTs mínimos identificados em textos do gênero Relato de Opinião. Os SegTs mínimos são os menores SegTs do texto, isto é, “os menores conjuntos de enunciados capazes de comportar a propriedade de centração” (PENHAVEL, 2011, p.6). O autor pôde observar que, no gênero analisado, os locutores estruturam os SegTs mínimos com base em grupos de enunciados que constroem referências centrais e grupos de enunciados que constroem referências subsidiárias em relação à ideia nuclear do SegT. Isso significa que o processo de estruturação interna de SegTs mínimos, nesse gênero, é norteado pela relação *central-subsidiário*. Dessa forma, Penhavel (2010; 2011) denomina os grupos centrais de enunciados como *posição* e os grupos subsidiários como *suporte*. Trazemos aqui um exemplo apresentado pelo autor para ilustrar como essa estruturação interna de SegTs mínimos em unidades e subunidades constituintes é um processo altamente sistemático e, segundo ele, passível de ser descrito em termos de regras gerais de estruturação:

então eu acho que <u>nossa cidade é uma das cidades boa</u> né	1
porque nossa população é grande...e ainda tem os de fora também que (estuda)	
2	
aqui né... porque cê vê (doc.: sei) quantos e quantos que vem de LONGE...cê vai 3	
no Hospital de Base lá cê fala –“ não eu num tô em Rio Preto”–...de tanta 4	
ambulância que você vê de cidades de fora né...	5
então eu acho que <u>nossa cidade é uma cidade boa</u> né...	6
contentar todo mundo eu acho que o prefeito num vai contentar mesmo (doc.: 7	
num tem como né)... num tem como... ninguém vai contentar né...	8
mas eu acho <u>uma cidade muito boa</u> e gosto daqui...	9
inclusive num tenho vontade de mudar daqui não (doc.:é isso é verdade) vou 10	
morrer aqui mesmo tá(inint.) (IBORUNA: AC-132; RO: L.411-419)	11

(PENHAVEL, 2010, p. 58)

Conforme a análise desenvolvida por Penhavel (2010), o tópico desse SegT pode ser sintetizado como *Nossa cidade é uma cidade boa*. Ainda, segundo o autor, os enunciados nas linhas 1, 6 e 9 expressam esse tópico de forma direta, ou seja, trata-se de um momento em que os enunciados estão voltados para definir, estabelecer, determinar de forma mais direta o tópico do segmento, constituindo, assim, o grupo de enunciados que constitui referências centrais (*posição*). Já os grupos de enunciados nas linhas 2-5, 7-8 e 10-11 abordam, segundo o autor, cada um de uma forma particular, três ideias específicas que desenvolvem o tópico central: a cidade é boa porque a população é grande e porque recebe, ainda, pessoas de outras cidades; a cidade é boa apesar de nem todos estarem satisfeitos com o prefeito; a cidade é boa e, por isso, a locutora planeja não se mudar da cidade. Dessa forma, pode-se observar, segundo o autor, a alternância entre grupos de enunciados que constroem referências centrais e grupos que constroem referências subsidiárias relativamente ao tópico do SegT, constituindo assim a relação *central-subsidiário*, ou *posição-suporte*.

Ainda conforme Penhavel (2010), a relação posição-suporte é uma relação potencialmente recursiva, ou seja, os grupos de enunciados que funcionam como posição ou suporte podem também ser estruturados internamente com base nessa mesma relação. Nesse caso, o SegT como um todo constitui, ele próprio, um domínio, uma vez que sua estruturação é fundamentada na relação posição-suporte; a partir daí, a cada vez que essa relação é reaplicada, recursivamente, instaura-se um novo domínio. O autor focaliza sua investigação nesses diferentes domínios, visto que, para ele, o MD atua nessa dimensão, ou seja, ele não funciona apenas diretamente em relação à estruturação global do SegT, mas também no que se refere a um domínio particular. Assim, o interesse do autor é analisar o uso do MD, procurando responder à seguinte questão: “em que medida a estruturação interna dos SegTs depende do uso de MDs?” (PENHAVAL, 2011, p.77).

As análises desenvolvidas por Penhavel (2010) demonstraram que, na grande maioria das vezes (em mais de 90% dos casos), a construção dos domínios está ancorada no uso de MDs, seja em uma situação em que todas as posições e todos os suportes de um dado domínio são introduzidos por um MD (35% dos casos), ou ainda em uma situação na

qual há uso de MDs para a marcação parcial da estruturação de um domínio. Isso indica, segundo o autor, um papel expressivo dos MDs na estruturação intratópica.

Ainda, segundo Penhavel (2010), esses resultados corroboram a ideia, defendida por outras abordagens, de que os MDs não são imprescindíveis na estruturação intratópica, já que os locutores não chegam a marcar sempre todas as (sub)partes dos SegTs com MDs. Porém, ao se considerar que eles têm uma função fundamental de *facilitar a interpretação da estrutura intratópica*, é inegável o fato de que os locutores não devem deixar todas as subpartes do SegT sem marcação, já que isso representaria um esforço de processamento muito alto por parte do interlocutor. E, nesse sentido, a estruturação intratópica em domínios torna-se altamente estratégica, pois os locutores podem efetuar essa variação no grau de explicitação da estrutura intratópica através dos domínios que compõem o SegT, mudando o padrão de uso de MDs, ou o não uso, de um para outro domínio.

No caso do estudo de Guerra e Penhavel (2010) a respeito do processo de estruturação interna de SegTs mínimos em cartas de leitores de jornais paulistas do século XIX, os autores observaram que, nesse gênero, o padrão de estruturação dos SegTs consiste na construção (potencial) das (sub)unidades de Abertura, Explicação, Avaliação, Fechamento e Interpelação, nessa ordem sequencial (devendo o SegT apresentar, pelo menos, Explicação ou Avaliação). No caso da Interpelação, os autores destacam o uso de MDs de fechamento tópico como uma estratégia de particularização dessa subunidade, na medida em que pode ser vista como um momento de fechamento do SegT.

A partir dos estudos de Penhavel (2010; 2011) e de Guerra e Penhavel (2010), pudemos constatar, então, que a análise da topicalidade possibilita, além da descrição do gênero quanto às suas temáticas, a descrição da sua estrutura composicional na medida em que é possível descrever a estruturação tópica, seja no nível mais global, seja no nível da estruturação interna dos SegTs e também os usos dos MDs nessa estruturação.

No caso de nosso trabalho, como investigamos gêneros que apresentam uma natureza híbrida, como é o caso do gênero programa de auditório, a relação central-subsidiário postulada por Penhavel (2010) quanto ao gênero argumentativo Relato de Opinião parece não reger todos os SegTs de nosso *corpus*. Apesar disso, consideramos

fundamental que investiguemos se essa relação se mantem, por exemplo, nas sequências do tipo argumentativa. Se isso ocorrer, podemos começar a pensar que tal relação constitui um traço da estrutura de SegTs cuja natureza é essencialmente argumentativa, o que permitiria analisar com muito mais segurança os MDs que atuam intratopicamente nos SegTs que apresentam essa natureza. É por isso que podemos dizer que os trabalhos desenvolvidos por Penhavel (2010, 2011) e por Guerra e Penhavel (2010) são bastante importantes no cenário de pesquisas da Perspectiva Textual-Interativa, pois abrem alguns caminhos para a análise das sub-partes dos SegTs que até então não haviam sido pensados.

Na próxima seção, apresentamos os resultados de nossa pesquisa de Iniciação Científica (Mariano, 2012; Bentes e Mariano, 2013; Bentes, Ferreira-Silva e Mariano, 2013). Esses resultados são aqui trazidos, pois nos ajudaram a proceder os recortes metodológicos do presente trabalho e também porque corroboraram o postulado de Maschler (2009), segundo o qual os MDs podem atuar como pistas de contextualização e seu uso pode ser estratégico. Esse uso estratégico pode ser explicado em função da conclusão a que chegamos de que os MDs são recursos sobre os quais incide a manipulação estilística, ou seja, são *loci* de manipulação estilística por parte dos locutores.

1.5 Marcadores discursivos como recursos estratégicos para a construção de estilo

Em nossa pesquisa de Iniciação Científica, intitulada “Recursos para a construção de estilos: tópico e marcadores discursivos na fala de um *rapper* paulista” (Mariano, 2012²⁵), analisamos os usos dos MDs por parte de um *rapper*, protagonista de movimento social, em diferentes situações comunicativas e postulamos que esses elementos textuais-discursivos, assim como a gestão do tópico discursivo, constituem importantes *loci* de observação da manipulação estilística (Bell, 2001). Apresentamos aqui, ainda que brevemente, algumas conclusões a que chegamos (Bentes e Mariano, 2013; Bentes,

²⁵ Essa pesquisa de Iniciação Científica foi desenvolvida no ano de 2011 com financiamento da Fapesp (Processo nº 2010/17357-0). Para consultá-la, acessar [<http://www.projetonoisnafita.com.br>], site do Projeto *É nós na fita: a formação de registros e a elaboração de estilos no campo da cultura popular urbana paulista* (Processo FAPESP No. 2009/08369-8), coordenado pela Professora Doutora Anna Christina Bentes.

Ferreira-Silva e Mariano, 2013) e que nos levaram a desenvolver a presente pesquisa a partir dos recortes metodológicos que apresentamos no próximo capítulo.

Partimos dos postulados de Irvine (2001), segundo a qual a chave para a compreensão do estilo reside na observação de como os falantes exploram criativamente as “vozes” associadas a grupos sociais. Imagens de pessoas consideradas típicas desses grupos – e suas personalidades, seus humores, seus comportamentos, suas atividades e contextos caracteristicamente associados a eles - são racionalizadas e organizadas em um sistema cultural/ideológico, de forma que essas imagens tornam-se disponíveis como um quadro de referência no interior do qual os falantes produzem suas performances e no interior do qual suas audiências os interpretam. Ou seja, uma das muitas formas por meio das quais as pessoas diferenciam as situações e exibem certas atitudes é explorar e/ou cuidadosamente evitar as “vozes” dos outros, ou o que elas assumem que sejam essas “vozes”. O estilo incluiria, então, para a autora até mesmo as formas mais subliminares por meio das quais os indivíduos “navegam” entre as variedades disponíveis e tentam encenar uma representação coerente de si mesmos – um “eu”, que pode também se subdividir em um sistema de aspectos diferenciados do *self*. Além disso, o estilo envolve princípios de distinção que podem se estender para além do sistema linguístico, ou seja, para outros aspectos do comportamento que estão semioticamente organizados.

Em Mariano (2012), analisamos a manipulação estilística por parte de Mano Brown (doravante, MB) em quatro situações comunicativas: uma fala pública (discurso de agradecimento) do *rapper* por estar recebendo um prêmio da Cooperativa Cultural da Periferia (Cooperifa²⁶); um depoimento de MB, dentro do seu carro, a uma jornalista que participa da produção do DVD *100% Favela*; uma discussão informal da qual participam principalmente Mano Brown, Ferréz, Ylsão Negredo e Mc Tó em uma casa da periferia de São Paulo para a filmagem do DVD *100% Favela*; e uma entrevista televisiva concedida por MB ao programa *Roda Viva*²⁷, da TV Cultura, em 24/09/2007.

²⁶ Essa cooperativa foi fundada pelo poeta Sérgio Vaz e produz uma série de ações culturais na periferia de São Paulo, dentre elas um Sarau de Poesias.

²⁷ Transmitido em rede nacional pela TV Cultura, esse programa consolidou-se como um dos mais tradicionais programas de entrevistas da televisão brasileira. Nele, são tratados temas de interesse do momento sócio-histórico nacional e internacional, como questões voltadas à política, cultura, economia, e são

Observamos em nossa pesquisa que, na fala pública de MB, o principal efeito discursivo, em virtude dos próprios tópicos abordados pelo *rapper*, é o de um certo grau de proximidade com os interlocutores. MB, por exemplo, critica a si mesmo e aos membros da sua comunidade e, além disso, exemplifica com cenas do cotidiano da periferia.

Em relação à segunda situação comunicativa, Mariano (2012) salienta que há inicialmente apenas um “participante endereçado e ratificado” (Goffman, [1979] 2002) e os interlocutores estão bem próximos e em um lugar conhecido e familiar para o *rapper*: o seu carro.

Na discussão informal, há, segundo Mariano (2012), a proposição de um tópico: o *rap* brasileiro, o que faz com que esses participantes apresentem suas visões sobre a realidade de suas comunidades. Esse encontro social (Goffman, [1964] 2002) apresenta, assim, um caráter expositivo e didático, sobretudo em virtude do fato de MB parecer ser o mediador da interação e o responsável, então, por fazer as perguntas ou introduzir os tópicos, de acordo com o roteiro previamente estabelecido.

Quanto à entrevista televisiva, Bentes, Ferreira-Silva e Mariano (2013) salientam que, em virtude do fato de MB pouco conceder entrevistas à grande mídia e de o programa *Roda Viva* quase nunca entrevistar um representante da cultura da periferia e/ou protagonista de movimento social, o contexto dessa entrevista se mostra bastante especial, visto que caracteriza um movimento interessante que é o da presença da periferia (por meio de um protagonista de movimento social, poeta e músico) no centro (grande mídia). Esse movimento faz com que o *rapper* se insira em uma interação complexa que demanda dele, no curso de sua produção linguístico-discursiva, atitudes que são, a um só tempo, de negociação e também de fixação de interesses, objetivos e identidades muitas vezes conflitantes entre si (cf. Bentes, Ferreira-Silva, Mariano, 2013).

Nas análises desenvolvidas, pudemos primeiramente observar que no discurso de agradecimento foram usados 40 MDs, o que mostra uma média de ocorrência três vezes maior (um MD a cada 5 segundos) que a média encontrada por Risso *et al.* (2002, 2006) em seu *corpus* que inclui inquéritos do NURC (um MD a cada 15 segundos). No caso do

convidadas personalidades importantes, profissionais do jornalismo, muitas vezes tidos como especialistas em suas áreas de atuação (Palumbo, 2007).

depoimento dado à jornalista, também observamos uma média de uso bem significativa: um MD é produzido a cada 10 segundos.

Na tabela a seguir, podemos observar que os MDs interacionais são os mais usados pelo *rapper* em todas as situações analisadas, com exceção do depoimento:

Encontro Social	Discurso Público	Depoimento	Discussão informal	Entrevista Televisiva
MDs basicamente interacionais	21 (57%)	6 (46%)	30 (59%)	242 (67%)
MDs basicamente sequenciadores	16 (43%)	7 (54%)	21 (41%)	117 (33%)

Tabela 1: As funções dos MDs usados por Mano Brown nas quatro situações comunicativas (Mariano, 2012).

Esse resultado nos levou a concluir que MB faz um uso estratégico desses recursos, já que atribui diferentes valores aos MDs a depender de sua função (organização tópica ou orientação da interação). Ao mesmo tempo, esses usos, sobretudo dos MDs *checkings*, também indiciam um tipo de elaboração discursiva por parte de MB que enfatiza tanto a atenção ao interlocutor (*design* de audiência) como a procura por reconhecimento de sua participação como válida, sobretudo em produções discursivas que envolvem grande quantidade de críticas, sejam elas direcionadas a si mesmo e/ou a sua comunidade (fala pública de agradecimento), sejam elas feitas em relação a pressupostos gerais das perguntas ou declarações de seus interlocutores (entrevista televisiva). Consideramos que essa conclusão pode ser feita levando-se em consideração que os MDs interacionais e, particularmente, os *checkings* “trazem o interlocutor para dentro do discurso” por meio da busca de aprovação discursiva (URBANO, 1999).

Para voltarmos a nossa atenção aos MDs mais usados por MB em cada situação comunicativa, apresentamos a tabela a seguir, retirada de nosso relatório final:

Situação Comunicativa	Fala pública (agradecimento)	Depoimento	Discussão informal	Entrevista televisiva
MD mais usado	<i>né?</i> (27,5%)	<i>aí</i> (26%)	<i>tá ligado?</i> (18%)	<i>né?</i> (22%)
Segundo MD mais usado	<i>e</i> (25%)	<i>tá ligado?! e/ né?</i> (20% cada)	<i>entendeu?! aí</i> (12% cada)	<i>entendeu?</i> (16%)

Tabela 2: MDs mais usados em cada situação comunicativa por MB (Mariano, 2012).

Podemos observar que os usos dos MDs nas situações de fala pública e de entrevista se assemelham: os MDs *né?*, *e* e *entendeu?* são os mais usados nessas situações comunicativas.

Em termos qualitativos, pudemos constatar que o *rapper* usa o MD *tá ligado?* sobretudo quando se sente confortável, ou seja, quando está falando em situações que considera mais informais, como o depoimento e a discussão informal entre ele e seus companheiros. Claramente, então, o uso desse MD parece revelar a influência do contexto no uso de recursos textuais-discursivos, já que parece estar relacionado a certas situações comunicativas, mais relaxadas e informais. Além disso, nos revela ainda o processo de iconização/rematização (Irvine, 2001) de um determinado estilo, ou seja, o uso desse MD indicia uma certa identidade social e estaria relacionado a certas situações comunicativas. Quando MB usa o MD *tá ligado?* em sua produção discursiva em contextos mais formais, como é o da entrevista televisiva ao Roda Viva, esse MD indicia o reforço à cuidadosa construção de sua identidade social: a de um sujeito comprometido com sua comunidade a partir da exibição de uma consciência de classe (Cf. Bentes, 2009b, 2011).

Já em relação aos usos dos MDs na segunda e na terceira situação, Mariano (2012) também constata algumas semelhanças no que se refere aos usos significativos do MD sequenciador *aí* e do MD interacional *tá ligado?*. Esses MDs não são usados na fala pública (agradecimento), porém, também são frequentemente usados na entrevista de MB ao *Roda Viva*. Podemos dizer, então, que nessa entrevista televisiva há tanto o uso de MDs sequenciadores que parecem indicar um maior grau de formalidade²⁸, como o *então* e o *e*, como também de MDs mais próximos do polo informal: o *aí* e o *tipo*. Em relação aos MDs interacionais, observa-se que também há tanto o uso de MDs mais frequentes em situações

²⁸ O grau de formalidade é aqui entendido em relação ao grau de atenção dado à fala ou ao grau de monitoramento estilístico (Labov, 2008).

mais formais do *continuum* de estilos, como o *entendeu?*, o *certo?* e o *vamos dizer assim*, quanto de MDs mais informais como o *né?* e o *tá ligado?*.

Os usos, então, na entrevista, de MDs mais frequentes em situações mais formais do *continuum* de monitoramento estilístico revelam, a nosso ver, uma tentativa por parte de MB de adequar sua linguagem aos dos entrevistadores²⁹ (*design* de audiência), que são jornalistas e pessoas renomadas no meio midiático. Ao mesmo tempo, observamos que MB também mobiliza MDs mais próximos do polo informal, mostrando, assim, sua tentativa de se manter coerente ao seu grupo de origem (*design* de referência), usando, para tanto, recursos linguísticos que são usados pelo seu grupo social. Nessa tentativa, então, de manipular sua linguagem de acordo com os dois tipos de *design* postulados por Bell (2001), MB usa, nessa entrevista, MDs dos dois polos de um possível *continuum* de estilos das três situações comunicativas anteriores.

No caso da entrevista televisiva, Bentes, Ferreira-Silva e Mariano (2013) analisam a produção discursiva de MB no programa de entrevistas *Roda Viva* com o objetivo geral de observar a manipulação estilística por parte do *rapper* de alguns recursos de natureza textual-discursiva que podem ser considerados como índices de impolidez ou ainda como atenuadores.

Especificamente quanto ao uso bastante recorrente de MDs, as autoras afirmam que se trata de um dos índices desse alto grau de monitoramento estilístico, visto que, como sabe de sua imagem pública, conforme apresentada no início do programa (“a voz da periferia”, “caráter durão”, “polêmico”, “raramente vai à mídia”), o *rapper* usa MDs - notadamente os interacionais com função *checking* - para indiciar um tipo de elaboração discursiva que enfatiza tanto a atenção ao interlocutor como a procura por reconhecimento de sua participação como válida.

Além disso, as autoras constataam que o alto uso de MDs, principalmente os interacionais, por parte de MB corresponde a um importante e frequente recurso atenuador na medida em que se revela um “um recurso estratégico dentro da atividade argumentativa

²⁹ Os entrevistadores foram os intelectuais: Paulo Markum, jornalista da TV Cultura e mediador do programa *Roda Viva*; Maria Rita Kehl, psicanalista; Paulo Lima, editor da revista *Trip*; Paulo Lins, escritor de *Cidade de Deus* e professor; José Nêumanne, jornalista; Renato Lombardi, jornalista e comentarista da TV Cultura; e Ricardo Franca Cruz, editor-chefe da Revista *Rolling Stone*.

e conversacional que busca a aceitação do ouvinte, seja do dito e do dizer ou do próprio falante” (BRIZ, 2005, p.53). Os MDs fazem, então, segundo as autoras, parte dos recursos mobilizados por MB para ter um desempenho considerado positivo na situação comunicativa que envolve exposição de pontos de vista e, sobretudo, argumentação.

Há momentos, porém, em que esses mesmos recursos (MDs de natureza interacional) não mais funcionam apenas como checagem de informações ou busca de aprovação discursiva, mas como formas de comprometer o entrevistador com as informações e avaliações que MB fornece. Isso revela que os MDs interacionais exercem outras funções além daquela que a bibliografia sobre o tema costuma apontar, a depender da intencionalidade do locutor e do contexto em que são usados. MB, então, em alguns momentos da entrevista, quando, por exemplo, recebe uma pergunta da entrevistadora Maria Rita Khel que ameaça a sua face, também tenta expor a face da entrevistadora ao requerer dela uma posição por meio dos MDs *checkings certo? e é isso?*.

Nesse sentido, pode-se afirmar, segundo as autoras, que MB usa esses recursos que marcam um tipo de comportamento deliberadamente impolido com vistas a atingir um determinado fim, e, mais ainda, com o intuito de fazer com que a parte menos “poderosa” na interação passe, mesmo que momentaneamente, a ser “empoderada” (Culpeper, 2008).

As autoras concluem, então, que MB ora faz uso de recursos que exibem de forma aberta o conflito entre ele e os “de fora”, reforçando sua identidade de ator social comprometido com a periferia e com os seus moradores, ora faz uso de recursos atenuadores para se adequar às restrições genéricas.

Para finalizar a apresentação dos resultados de nossa pesquisa, apresentamos o quadro a seguir, que propusemos juntamente com Bentes (2011), no qual há o *continuum* de contextos para a emergência dos diferentes estilos do *rapper*, levando em consideração também a forma de organização dos conteúdos tópicos (Mariano, 2012) e a análise dessas produções discursivas no nível lexical (Bentes, 2009b):

Contexto 1	Contexto 2	Contexto 3
Situação comunicativa: Agradecimento público em evento que lhe concede um prêmio.	Situação comunicativa: Fala com jornalista, dentro do carro do <i>rapper</i> .	Situação comunicativa: Encontro entre <i>rappers</i> para filmagem profissional.
Gênero textual: Discurso de agradecimento	Gênero textual: Depoimento	Gênero textual: Discussão informal com outros protagonistas de movimento social com objetivo de informar o público mais amplo sobre a visão deles sobre o <i>rap</i> brasileiro
Tipo textual: Comentário	Tipo textual: Relato de experiência pessoal	Tipo textual: Comentário
Tópico discursivo: Qualidades e defeitos do ser humano	Tópico discursivo: Documentário e sonho	Tópico discursivo: <i>Rap</i> brasileiro
Estilo: + formal: com pouca descontinuidade tópica, mas apresentando marcas identitárias de classe – ausência explícita de concordância nominal e verbal.	Estilo - formal: apresentando uma maior descontinuidade tópica e caracterizado pelo uso de gírias, expressões idiomáticas, palavrões e MDs característicos de situações informais e de proximidade entre os interlocutores desse grupo social.	Estilo + formal apresentando pouca descontinuidade tópica e uma organização textual de natureza expositiva e argumentativa.

Tabela 3: *Continuum* de contextos para a emergência dos diferentes estilos do *rapper* (Mariano, 2012).

As análises desenvolvidas em nossa pesquisa anterior puderam mostrar algumas importantes conclusões a respeito da manipulação estilística de recursos textuais-discursivos. Ainda que tenhamos apresentado aqui apenas os resultados das análises no que se refere à manipulação dos MDs, em nossa pesquisa ainda desenvolvemos análises quanto à manipulação da gestão do tópico discursivo (Jubran *et al.*, 2002) por parte do *rapper* Mano Brown. Essas análises nos mostram, primeiramente, que esse sujeito mostra um alto grau de reflexão a respeito desses recursos textuais-discursivos e dos efeitos produzidos por

eles, pois manipula diferentes tipos de MDs a depender da situação comunicativa em que está e dos efeitos que pretende produzir com a mobilização desses recursos.

Podemos dizer, então, que, ao usar estrategicamente os diferentes recursos textuais-discursivos, Mano Brown manipula estilisticamente tais recursos, já que, a produção de seu estilo é realizada situacionalmente e voltada para a obtenção de propósitos comunicativos em relação a essas situações sociais (Coupland, 2001, 2007). Ou seja, MB manipula esses recursos de acordo com a situação comunicativa em que se encontra e conforme as identidades sociais que estão em jogo em cada uma dessas situações.

Nesse sentido, podemos dizer que Mano Brown manipula variados recursos, dentre os quais aqueles sobre os quais nossas análises se voltaram: os textuais-discursivos, a serviço da elaboração de uma *persona* social relacionada tanto à classe social como ao pertencimento a uma determinada comunidade, a dos moradores da periferia de São Paulo. Acreditamos que é isso, então, que o *rapper* Mano Brown faz em todas as situações comunicativas analisadas: a um só tempo manipula recursos semióticos vários de forma a dar uma identidade de classe a sua linguagem, construindo, ao mesmo tempo, uma legitimação para o lugar enunciativo que ocupa e, portanto, uma distinção social (Irvine, 2001). Nesse sentido é que Bentes (2009b) defende que “a natureza popular de sua linguagem não pode ser reificada ou essencializada, já que se forja na vida, na prática, na experiência social” (p.132). Por isso, temos um desafio quando lidamos com a linguagem humana e, mais especificamente, com a linguagem popular.

A partir dos estudos desenvolvidos tanto por Penhavel (2010, 2011) e Guerra e Penhavel (2010) como por Mariano (2012), Bentes e Mariano (2013) e Bentes, Ferreira-Silva e Mariano (2013), constatou-se que os MDs podem ser recursos estratégicos, usados como pistas de contextualização. Nesse caso, tanto no estudo a respeito dos usos dos MDs nos domínios de estruturação intratópica do gênero Relato de Opinião (Penhavel, 2010, 2011) como no estudo desses usos nos domínios de estruturação intratópica do gênero Carta de Leitor (Guerra, Penhavel, 2010), os MDs se mostraram recursos estratégicos importantes na sinalização de como devem ser interpretadas a organização das estruturas intratópicas.

Apesar de atuarem no nível textual por serem, nesse caso, MDs sequenciadores, esses MDs não deixam também de ter importante função cognitiva (facilitar o processamento da estrutura interna do SegT mínimo) e também interativa (sinalizar alguma relação ao interlocutor). Ainda segundo Penhavel (2012a), os MDs facilitariam o gerenciamento da conversação: para o ouvinte na interpretação do texto e para o falante no controle que este pode ter da construção do texto, oferecendo “ao ouvinte indicações, sinalizações, pistas suficientes para a interpretação do texto”. Em outras palavras, “os MDs facilitam o trabalho do falante de construção de um texto interpretável” (PENHAVAL, 2012a, p. 84).

Para a perspectiva textual-interativa, os MDs sequenciadores, usados em algumas das (sub)partes da estruturação tópica de um texto, teriam justamente a função de explicitar parte dessa estruturação tópica e, assim, facilitar seu reconhecimento (pelo interlocutor) e sua indicação (pelo locutor). Já os MDs basicamente interacionais explicitariam significações interacionais e, assim, facilitariam a apreensão dessas significações pelos interlocutores. Por isso, a importância de se adotar a perspectiva textual-interativa para a análise desses recursos.

No caso dos trabalhos desenvolvidos por Mariano (2012), Bentes e Mariano (2013) e Bentes, Ferreira-Silva e Mariano (2013), constatou-se que os MDs são recursos textuais-discursivos sobre os quais incide a manipulação estilística. Por isso, seus usos estão intrinsecamente relacionados às situações comunicativas em que são mobilizados e às identidades sociais em jogo nessas situações.

A partir das conclusões de nossa pesquisa de Iniciação Científica que nos apontaram a importância da análise dos recursos do nível textual para a compreensão da manipulação do estilo e as relações intrínsecas entre contexto e usos de recursos textuais-discursivos, analisamos no presente trabalho as relações de mútua constitutividade entre os usos dos MDs em um programa midiático que se constitui como “lugar estratégico” na televisão brasileira e as diferentes situações comunicativas e sequências textuais nos quais esses MDs são usados e, ainda, suas funções na organização textual-interativa.

No próximo capítulo, então, apresentamos os recortes metodológicos que procedemos para desenvolver as análises dos usos dos MDs: o recorte textual (as

seqüências textuais) e o recorte textual-interativo (as subfunções dos MDs sequenciadores e interacionais e sua posição no SegT ou no turno conversacional). Além disso, tratamos da constituição do *corpus* e apresentamos as justificativas para a escolha das amostras. Por fim, apresentamos a metodologia de transcrição dos dados que constituem o *corpus* deste trabalho.

CAPÍTULO 2

AÇÕES DE TEXTUALIZAÇÃO EM PROGRAMAS MIDIÁTICOS: RECORTES METODOLÓGICOS E CONSTITUIÇÃO DO CORPUS

No presente capítulo, apresentamos os recortes metodológicos que nos permitiram analisar os usos dos MDs no que se refere (i) à sua subfunção e à sua posição no turno conversacional ou no SegT; (ii) ao tipo de sequência textual em que aparece; e (iii) à situação comunicativa em que é mobilizado. Ainda neste capítulo explicamos sobre a constituição do *corpus* e as justificativas para a escolha das amostras. E, por fim, contemplamos a metodologia de transcrição de dados adotada, bem como as justificativas para a escolha do sistema de transcrição de dados do projeto ALIP.

2.1 Os recortes metodológicos

Em função do nosso objetivo ser o de demonstrar como um olhar para as ações de textualização empreendidas pelos participantes do programa “Manos e Minas” pode nos auxiliar na percepção da estruturação composicional dos textos analisados, selecionamos como dispositivos analíticos uma unidade em nível linguístico, os MDs. Nosso interesse, porém, não é apenas desenvolver uma análise de caráter quantitativo, mas observar mais detalhadamente os *loci* de ocorrência desses recursos textuais-discursivos. Portanto, nossa análise compreendeu não apenas a contagem, feita manualmente, dos MDs, como a análise qualitativa da posição em que ocorre o MD no turno ou no SegT, das subfunções dos MDs identificados e do tipo de sequência textual em que ocorrem os MDs.

Primeiramente, observamos se os MDs ocorrem na posição inicial, medial ou final do SegT (no caso dos MDs sequenciadores) e do turno conversacional (no caso dos MDs orientadores da interação). Além disso, verificamos as subfunções dos MDs interacionais, conforme propostas por Urbano (1999, 2006) e revistas por Guerra (2007); e as subfunções dos MDs sequenciadores, conforme propostas por Risso (2006). Em segundo

lugar, a partir da segmentação dos textos em sequências textuais (Adam, 2008), observamos as especificações dos usos dos MDs quando se observa esse nível textual.

2.1.1 Recorte textual-interativo: as funções dos MDs na organização tópica e interativa

Como exposto no capítulo teórico, os MDs podem atuar no nível interacional como orientadores da interação e/ou no nível textual como sequenciadores tópicos. Estes últimos podem atuar no plano da articulação intertópica ou no plano da articulação intratópica. No plano intratópico, o MD atua na progressão tópica, seja no encaminhamento ou fecho do tópico, seja na retomada tópica após inserção, e também no gerenciamento de processos de construção textual localmente situados, isto é, que não envolvem a estruturação de um SegT, como é o caso dos MDs *quer dizer* e *por exemplo*, que são responsáveis por introduzir, respectivamente, uma paráfrase e um exemplo no âmbito do enunciado em que ocorre. No plano intertópico, o MD atua na articulação de SegTs inteiros.

Por um lado, o procedimento de identificação do traço de sequenciamento intertópico se mostra significativamente preciso, pois os critérios de centração e organicidade, propostos pela perspectiva textual-interativa, permitem segmentar o texto em SegTs. Dessa forma, a ocorrência de uma expressão sequenciadora no início de um SegT, por exemplo, evidencia a função de sequenciador tópico, no caso intertópico. Por outro lado, a Perspectiva Textual-Interativa apresenta poucos trabalhos que explicitem os critérios para que se possa distinguir, no caso do sequenciamento intratópico, entre os traços sequenciador tópico e sequenciador frasal. Nesse sentido, como mostramos no capítulo anterior, os trabalhos de Guerra (2007) e de Penhavel (2010) são pioneiros na investigação de critérios para que se estabeleça essa distinção.

Penhavel (2010) postula que, particularmente no gênero Relato de Opinião, o processo de estruturação intratópica se funda na aplicação recursiva da relação central-subsidiário e que é em relação a esse esquema de organização que os MDs atuam em termos de estruturação interna dos SegTs. Como em nosso trabalho investigamos um gênero que apresenta natureza híbrida, como é o caso do gênero programa de auditório,

observamos que a relação central-subsidiário não rege todos os SegTs. Nos SegTs desenvolvidos no interior de sequências do tipo argumentativa, por exemplo, é provável que a estruturação intratópica se funde na relação central-subsidiário, conforme proposto por Penhavel (2010). Porém, acreditamos que a natureza híbrida faça com que haja diferentes tipos de estruturação interna dos SegTs, a depender, sobretudo, do tipo de ação discursiva (narrar, descrever, explicar, argumentar). Nesse sentido, a organização discursiva se mostra fundamental no tipo de estruturação do SegT e no tipo de MD usado.

Para procedermos, então, à distinção dos itens usados pelos participantes dos programas, nossas análises se basearam nos critérios delimitadores de unidades constituintes dos SegTs, conforme propõe Guerra (2007). Segundo a autora, esses critérios seriam: (i) o grau de integração sintática e semântico-pragmática entre os segmentos; (ii) o grau de integração prosódica entre os segmentos; e (iii) o grau de relevância textual-interativa do segmento no interior do SegT.

O grau de integração sintática e semântico-pragmática seria o critério mais elementar nessa distinção na medida em que, se dois segmentos não apresentam essa integração entre si, isso seria uma evidência quase definitiva de que eles não podem constituir uma mesma sentença, ou melhor, de que o sequenciamento entre eles não seria frasal. Nesse caso, o grau mínimo de integração ocorre quando dois segmentos formam uma estrutura paratática por justaposição de construção ou por ligação por “conectivo” que não necessariamente sinaliza relação lógico-semântica entre os segmentos.

Em relação ao segundo critério, Guerra (2007) salienta que há casos de sequenciamento em que existe integração sintática e semântico-pragmática, mas há aspectos prosódicos típicos de sequenciamento tópico. Deve-se, então, observar a presença de pausas em torno do sequenciador e o alongamento desse item, visto que, segundo Guerra (2007), a presença de pausas e/ou alongamentos evidenciam que o locutor ainda está planejando o discurso subsequente e, desse modo, parece indicar que o segmento introduzido pela expressão constitui um novo passo na progressão do discurso, e não na formação de uma estrutura sentencial única.

O terceiro critério proposto pela autora e que se mostra decisivo na análise é o grau de relevância textual-interativa do segmento introduzido no interior do SegT. No caso

de SegTs do gênero Relato de Opinião, há diferentes conjuntos de referentes, relacionados entre si, um principal e outros secundários, ou seja, há um conjunto de referentes que se destaca em relação a outros conjuntos de referentes que apresentam uma relevância secundária, embora sejam concernentes entre si. Em SegTs do gênero Narrativa de Experiência Pessoal, a autora destaca que a relevância dos segmentos introduzidos é identificada na medida em que apresentam diferentes informações sobre um determinado conjunto de referentes, ou seja, o segmento se caracteriza como relevante na medida em que introduz, por exemplo, uma nova ação, relevante do ponto de vista global para a narrativa. Esse critério de relevância textual-interativa evidencia, então, que a função do MD no sequenciamento intratópico, conforme afirma Penhavel (2004), não é a de ligar, em um nível local, o segmento que introduz ao imediatamente anterior, mas a de ligar, em um nível global, o segmento introduzido a todo o bloco discursivo precedente. Isso significa que o segmento introduzido constitui uma nova informação necessária para a construção da informação global e não propriamente para a organização local do conteúdo de uma sentença.

A distinção, então, entre a função de sequenciamento tópico e sequenciamento frasal só é possível mediante a investigação desses três critérios propostos por Guerra (2007). Apesar de o terceiro critério ser o mais decisivo, só é possível certificar-se de que o segmento tem relevância textual-interativa e, portanto, constitui um novo passo na estruturação do SegT depois de se recorrer aos demais critérios.

Por meio das propriedades de contração e organicidade e dos três critérios acima, foi possível segmentar os programas que constituem o *corpus* desta pesquisa e identificar os MDs que atuam tanto na articulação intertópica quanto na articulação intratópica. Além dessa segmentação tópica e da identificação dos MDs sequenciadores, nossa investigação procura classificar esses MDs conforme suas subfunções.

Especificamente quanto à articulação intratópica, Risso (2006) identifica que o MD *agora* pode introduzir um dado particular no assunto, promover mudança de orientação discursiva ou ainda retomar o tópico após inserção parentética. Já o MD *então* pode atuar no encaminhamento do tópico, no fecho do tópico, na retomada tópica após inserção e

ainda no funcionamento da dinâmica de turnos, quando apresenta uma função interacionalmente também.

Com base na investigação desenvolvida por Risso (2006), nossas análises contemplam as seguintes subfunções dos MDs sequenciadores:

1. Articulação intertópica: abertura do segmento tópico;
2. Articulação intratópica:
 - a. Encaminhamento do tópico;
 - b. Introdução de inserção parentética;
 - c. Retomada após inserção;
 - d. Mudança de orientação discursiva;
 - e. Fecho do tópico;
 - f. Dinâmica de turnos/abertura de resposta;

Consideramos que, quando o MD introduz um dado particular no assunto, ele está atuando no encaminhamento do tópico na medida que essa nova informação, necessária para a construção da informação global, dá sequenciamento ao SegT sem, no entanto, mudar a centração desse SegT. Por conta disso, não assumimos que a introdução de um dado particular no assunto seja, conforme propõe Risso (2006), uma subfunção da articulação intratópica, pois essa introdução promove o encaminhamento tópico e esta sim seria, então, uma subfunção do MD sequenciador.

Em relação à segunda subfunção, observamos que, apesar de Risso (2006) não tê-la levantado em sua proposta, não podemos deixar de considerá-la em função do fato de que um parêntese ou uma paráfrase normalmente não vão funcionar como um MD, mas vão funcionar como tal as expressões que introduzem o parêntese ou a paráfrase, já que os MDs são expressões, dentre outras, que articulam elementos com estatuto tópico. Nesse caso, os MDs podem atuar não apenas na retomada tópica após inserção, como afirma Risso (2006), mas também na própria introdução de inserções. Essas inserções podem atuar, segundo Silva e Koch (2002), (i) introduzindo exemplificações ou justificativas; (ii) fazendo alusão a um conhecimento prévio que, frequentemente, constitui um pré-requisito para o pleno entendimento do assunto; (iii) apresentando ilustrações ou exemplificações; (iv)

introduzindo comentários metaformativos; (v) introduzindo formulação de questões retóricas; (vi) introduzindo comentários jocosos; (vii) expressando a atitude do locutor perante o dito ao introduzir, por exemplo, atenuações, avaliações, ressalvas.

Segundo Jubran (2006), uma das marcas formais do processo parentético é a presença de sinais de retorno ao tópico, que é feito, sobretudo, por meio de MDs. Nesse sentido, faz-se necessário que consideremos que uma das subfunções dos MDs na articulação intratópica seja o retorno ao tópico principal após inserção parentética.

Quanto à subfunção de mudança de orientação, cabe destacar primeiramente que, segundo Schiffrin (1987), a orientação é a perspectiva que o locutor assume em relação ao que está sendo dito. Os MDs, então, costumam sinalizar essa mudança de perspectiva no discurso. Além de comumente ser sinalizada pelos MDs, a mudança de orientação pode acarretar também uma mudança de modos discursivos, ou seja, se antes produzia-se um discurso do tipo declarativo, a partir da mudança na orientação, o locutor pode vir a produzir um discurso interrogativo ou se anteriormente o locutor produzia um discurso narrativo, a partir dessa mudança o discurso pode passar a ser avaliativo.

No que diz respeito à subfunção de fecho do tópico, é comum que o MD introduza uma sentença que seja uma repetição ou uma paráfrase da informação global do SegT, ou ainda, que introduza uma sentença com alguma expressão anafórica que faça referência ao que foi dito no SegT. Essa subparte do SegT é responsável, então, pelo fechamento desse SegT.

Por fim, quanto à subfunção no gerenciamento dos turnos, é comum que MDs como *então* e *mas* cumpram esse papel. Nesse caso, eles não cumprem a mesma função que MDs sequenciadores interacionais como *bem*, *bom*, *ah*, pois, apesar de atuar na dinâmica de turnos, o *então* e o *mas*, pelo traço sequenciador e pelas propriedades pragmáticas típicas de um conector contra-argumentativo que ainda carregam, não podem ser considerados marcas basicamente interacionais e/ou da dialogicidade entre locutores. Trata-se apenas de MDs que funcionam, sobretudo, na sinalização da retomada de turno do locutor após ser interrompido pelo interlocutor, na indicação de tentativa de manutenção de turno quando há disputa pela palavra entre os interlocutores ou ainda como um mecanismo estratégico para apoiar a tomada de turno.

Como os itens que funcionam como MDs sequenciadores são multifuncionais, ou seja, podem atuar como conjunções, advérbios, adjetivos, operadores argumentativos, nossa análise quantitativa não foi feita por meio de programas estatísticos. Além disso, nossa análise qualitativa compreendeu não a observação de variáveis sociolinguísticas, tais como sexo, idade, classe social, mas a variável de natureza textual. Em função disso, a análise desenvolvida foi feita manualmente e sem auxílio de programas estatísticos. Entendemos ainda que, quando se trata de análises de recursos textuais-discursivos, a análise mais pormenorizada do co-texto se faz muito importante, o que fica inviabilizado quando os dados são tratados em programas computacionais.

Em relação aos MDs interacionais, nossa análise se fundamenta na classificação proposta por Guerra (2007), que se trata de uma revisão daquela proposta por Urbano (1999, 2006). Primeiramente, apresentamos, então, a proposta desse autor. Segundo ele, os MDs interacionais apresentariam as seguintes subfunções:

1. Fático de natureza interativa e entonação exclamativa: formas produzidas pelo locutor, mas orientadas diretamente para o interlocutor (alto grau de intersubjetividade). Exemplos: *olha!*, *veja!*, *venha cá!*;
2. Fático de natureza ou entonação interrogativa: formas produzidas pelo locutor após declaração produzida também por ele³⁰. Exemplos: *né?*, *certo?*, *entendeu?*;
3. Fático de natureza e entonação interrogativa: formas produzidas pelo locutor após uma pergunta (retórica ou não) também produzida por ele. Exemplos: *hein?*, *ahn?*, *é?*;
4. *Feedback* (FB): podem ser produzidos pelos interlocutores isoladamente, retroalimentando o locutor e mantendo-o no seu papel discursivo (*backchannel*) ou no início do turno do interlocutor, possibilitando a este assumir o papel de locutor. Exemplos: *uhn uhn*, *certo*.
5. Início de respostas ou comentários: formas produzidas pelo interlocutor, ao tomar o turno, em respostas ou comentários. Exemplos: *mas*, *bom*, *então*, *ah*, *pois é*;

³⁰ Outros autores também denominam esse tipo de MD como requisito de apoio discursivo (RAD) ou busca de aprovação discursiva (BAD) ou ainda *checkings*.

6. Início de fala citada: formas produzidas pelo locutor ao citar fala de outro sujeito ou sua própria fala fora do evento conversacional em curso, como é o caso do *ah* exclamativo.

Guerra (2007) denomina a primeira subfunção dos MDs interacionais como injuntivo em virtude do fato de esse tipo de MD impor a restrição de que uma expressão, para exercer essa subfunção, tem de apresentar um elemento verbal no imperativo. Quanto à segunda e à terceira subfunções, Guerra (2007) as denomina como *checking*, como também procedemos na nossa análise. Quanto à quarta subfunção, Guerra (2007) também denomina *feedback*. Em relação à quinta e à sexta subfunções, Guerra (2007) denomina como iniciador, salientando que esse tipo de MD funciona como um sequenciador da interação, já que parece “sinalizar, primariamente, que o locutor vai iniciar a resposta a uma pergunta ou uma nova parte da interação” (p.68). O papel desses MDs, então, é a de chamar a atenção do interlocutor para o início do turno ou da resposta e não propriamente marcar uma relação entre dois segmentos do discurso. Uma outra subfunção levantada por Guerra (2007) é a de interpelação, que inclui, por exemplo, formas que fazem menção direta ao interlocutor, tais como *mano*, *cara*, *meu*.

Segundo Guerra (2007), as subfunções dos MDs interacionais apresentam “o traço de conectividade, não, primariamente, entre partes do texto e de marcação de relações semântico-pragmáticas entre elas, e sim, fundamentalmente, de conexão do ato de interação verbal” (p.93). Essas cinco subfunções (injuntivo, *checking*, *feedback*, iniciador e interpelativo) atuam, então, no gerenciamento dos momentos de progressão da interação, contribuindo para o estabelecimento de condições interacionais para a continuação do discurso.

Nosso objetivo, então, é observar as subfunções dos MDs conforme propostas por Guerra (2007) para poder verificar de forma mais detalhada a relação que se estabelece entre os MDs no que se refere a essas subfunções e a sua mobilização nas sequências textuais, procurando analisar, então, as relações que existem entre o nível linguístico e o nível textual. Guerra (2007) e Guerra e Penhavel (2011) estabeleceram um rearranjo das classificações propostas por Urbano (2006) e acrescentaram uma nova subfunção não

prevista por esse autor nem por Rizzo *et al.* (2006). Para tanto, adotamos em nossas análises as categorias dessa nova proposta, que contempla as seguintes subfunções: checagem, retroalimentação, injunção, iniciação e interpelação.

2.1.2 Recorte textual: as sequências textuais

A noção de sequência textual nos permite explorar uma importante forma de estruturação verbal dos textos de nosso *corpus* e, assim, observar como os usos dos MDs podem estar relacionados ao tipo de sequência textual em que ocorrem e também investigar a possibilidade dos MDs atuarem nos encadeamentos dessas sequências.

A noção de sequência textual possibilita uma teorização sobre os movimentos de segmentação e ligação observados nos processos de compreensão e produção textual. Nosso recorte focaliza, então, especificamente a estrutura composicional do texto quanto às sequências textuais (Adam, 2008) nele desenvolvidas.

Adam (2008) sustenta a tese de que a “proposição-enunciado” – unidade textual básica – se agrupa semanticamente em unidades textuais de níveis crescentes de complexidade: as sequências textuais ou os períodos. Enquanto as primeiras são caracterizadas por Adam (2008) como unidades mais complexas e tipificadas, os períodos são unidades textuais frouxamente tipificadas. Nesse sentido, a diferença entre período e sequência é, para o autor, mais uma questão de grau de complexidade. As sequências do tipo descritiva, por exemplo, caracterizam-se por “uma frágil caracterização sequencial” e situam-se, portanto, entre o período e as sequências propriamente ditas (a narrativa, a explicativa, a argumentativa e a dialogal).

As sequências são, segundo o autor, compostas por macroproposições, que são “uma espécie de período cuja propriedade principal é a de ser uma unidade ligada a outras macroproposições, ocupando posições precisa dentro do todo ordenado da sequência” (ADAM, 2008, p. 204). Assim, cada macroproposição adquire o seu sentido em relação às outras na unidade hierárquica complexa da sequência, que seria, segundo o autor:

- **uma rede relacional hierárquica:** uma grandeza analisável em partes ligadas entre si e ligadas ao todo que elas constituem;
- **uma entidade relativamente autônoma, dotada de uma organização interna** que lhe é própria, e, portanto, numa relação de dependência-independência com o conjunto mais amplo do qual faz parte (o texto) (ADAM, 2008, p.204, grifos nossos).

Essa definição ancora-se na concepção de que a sequência textual é um tipo de operação de textualização ou uma estrutura composicional de natureza linguística.

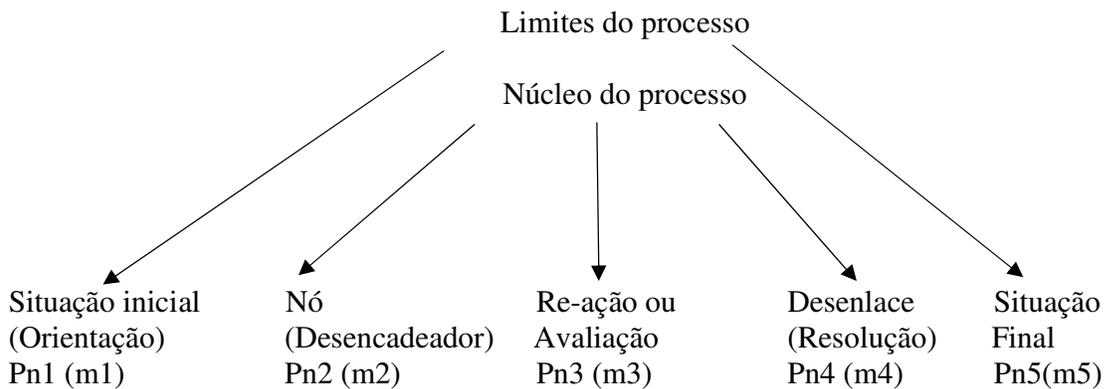
As macroproposições que compõe uma sequência textual se combinam e, a depender das relações macrossemânticas entre elas, originam sequências do tipo narrativa, argumentativa, explicativa, dialogal e descritiva. Esses tipos de sequências de base constituem, segundo Adam (2008), relações macrossemânticas que foram memorizadas por impregnação cultural, ou seja, por leitura, escuta e produção de textos, e passam, então, a ser reconhecidas pelos interlocutores nos processos de produção e recepção de textos.

Quanto às sequências descritivas, Adam (2008) reformula sua postulação anterior de que haveria macroproposições descritivas, argumentando que é difícil tratá-las assim em função dos segmentos descritivos não apresentarem uma organização interna pré-configurada como ocorre com as macroproposições das sequências argumentativas, explicativas e narrativas. O autor considera, então, que se trata mais de um repertório de operações (qualificação do todo, seleção de partes desse todo, qualificação de partes, renomeação do todo etc.) do que de uma organização estrutural. Em virtude de sua pouca ordenação, Adam (2008) atenta para o fato de que a descrição molda-se permanentemente aos planos de texto. Pensando em termos de um *continuum*, ela estaria, segundo o autor, entre o período e a sequência, já que apesar de formar ciclos mais periódicos do que sequenciais propriamente, ela é tipificada o suficiente para ser identificável como unidade particular.

A macro-operação principal que faz do segmento descritivo um período fortemente característico e uma espécie de sequência é a tematização, que se dá pela denominação e apresentação do quadro de descrição, seja previamente às outras operações e abrindo o período descritivo (pré-tematização ou ancoragem), seja em seu curso ou no final da sequência (pós-tematização ou ancoragem diferida), ou ainda por meio de

retematização (ou reformulação), que consiste na redenominação e reenquadramento do objeto. A aspectualização é uma macro-operação que se apoia na tematização e consiste na seleção do conjunto de informações que comporão a descrição, seja através de partições (fragmentações) ou de qualificações (atribuição de propriedades ao todo)³¹. A macro-operação de relação pode ser efetivada pela operação de contiguidade, seja temporal, espacial ou ainda entre diferentes partes, e pela operação de analogia, que permite se descrever algo colocando-o em relação com outros objetos/indivíduos. Por fim, a macro-operação de expansão consiste na extensão da descrição pelo acréscimo de uma operação a outra anterior.

Quanto à estrutura da sequência narrativa, Adam (2008) postula que esse tipo de sequência é constituída por “cinco macroproposições narrativas de base (Pn) que correspondem a cinco momentos (m) do aspecto: antes do processo (m1), o início do processo (m2), o curso do processo (m3), o fim do processo (m4) e, por último, depois do processo (m5)” (p.224), conforme se pode observar no esquema proposto pelo autor:



Esquema 2: Estrutura hierárquica da sequência narrativa (retirado de Adam, 2008)

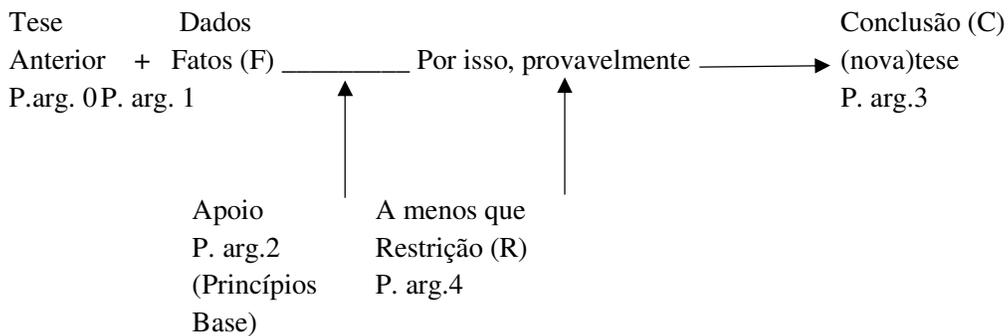
No que diz respeito a essas sequências, Adam (2008) salienta que sua função está ligada à exposição de “fatos”, sejam eles reais ou imaginários. Esses fatos abrangem, segundo o autor, duas realidades: eventos e ações. Enquanto a ação se caracteriza pela

³¹ Tal operação é realizada geralmente pela estrutura nome + adjetivo e/ou pelo recurso predicativo ao verbo *ser* como em “A montanha é alta”. A aspectualização pode se dar também por meio de proposições-enunciados de caráter acional, ou seja, descreve-se um personagem pelas suas ações, apresentadas como habituais, o que equivale a torná-las propriedades dessa personagem.

presença de um agente que provoca ou tenta evitar uma mudança, o evento acontece sem intervenção intencional de um agente, ou seja, sob o efeito de causas. O autor afirma ainda que, a depender da forma de construção da narrativa, ela vai ter um maior ou menor grau de narrativização. O mais alto grau de narrativização corresponderia, então, à estrutura hierárquica proposta no esquema acima em que a sequência é construída por meio de cinco macroproposições narrativas: “a base Pn1 é dinamizada por Pn2 e conduz a um estado transitório Pn3, que se interrompe, ele próprio, sob o efeito de Pn4 que leva ao final Pn5” (ADAM, 2008, p.227). Caso ela seja construída apenas por uma simples enumeração de ações/eventos, ela tem um baixo grau de complexidade e, portanto, de narrativização.

Quando a sequência narrativa se inscreve em um contexto dialogal oral, como é o caso de nossos dados, Adam (2008) afirma que consta nela uma abertura ou uma *entrada-prefácio* ou ainda um simples *resumo* e, no final dela, uma *avaliação final*. Essas proposições adicionais garantem, então, segundo o autor, a delimitação do mundo da narração.

As sequências argumentativas ocorrem, segundo Adam (2008, p.232), quando se pretende “demonstrar-justificar uma tese e refutar uma tese ou certos argumentos de uma tese adversa”. Nesses dois casos, a partir das premissas, dados e fatos, chega-se a uma conclusão-asserção, como o autor mostra no esquema a seguir:



Esquema 3: Sequência argumentativa prototípica completa (retirado de Adam, 2008)

Para diferenciar um período argumentativo (“série de proposições ligadas por conectores argumentativos”) de uma sequência argumentativa propriamente dita, o autor

cita o modelo de composição descrito por Ducrot (1980, 1973), segundo o qual, muitos textos literários, principalmente aqueles escritos nos XVII e XVIII, apresentam-se como raciocínios, ou seja, têm como objeto demonstrar ou refutar uma tese. Para isso, os autores “partem de premissas, nem sempre explícitas, aliás, supostamente incontestáveis, e tentam mostrar que não se pode admitir essas premissas sem admitir, também esta ou aquela conclusão – sendo a conclusão a tese a ser demonstrada, ou a negação da tese de seus adversários”. Para, então, passar das premissas às conclusões, os mesmos utilizam diversos procedimentos argumentativos que, segundo o autor, “**nenhum homem sensato poderia deixar de realizar**” (DUCROT, 1980a; 1973 *apud* ADAM, 2008, p.232, grifos nossos).

No trato argumentativo, Adam (2008) assume a noção dialógica de Moeschler (1985 *apud* Adam, 2008) de que a argumentação está relacionada a um contradiscurso:

Um discurso argumentativo [...] situa-se sempre em relação a um contradiscurso efetivo ou virtual. A argumentação é, assim, indissociável da polêmica. Defender uma tese ou uma conclusão é sempre defendê-la contra outras teses ou conclusões [...] (MOESCHLER, 1985 *apud* ADAM, 2009, p. 147).

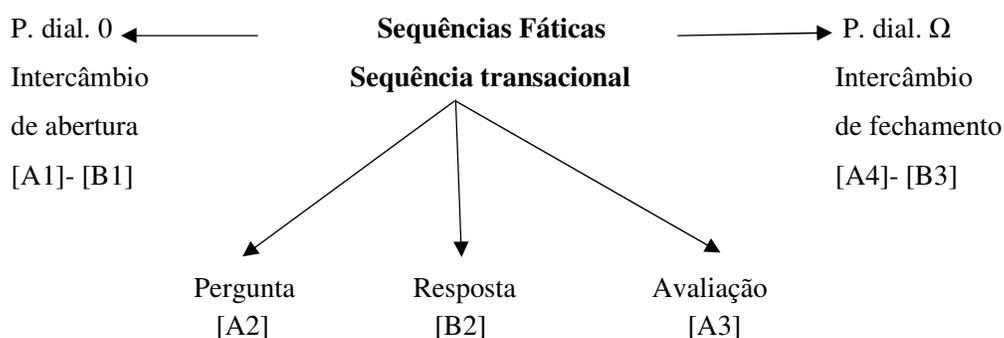
O princípio dialógico em que se baseia Adam (2008) o faz postular que o esquema da sequência argumentativa, apresentado acima, comporta dois níveis: o justificativo (P.arg 1+2+3) no qual a estratégia argumentativa é dominada pelos conhecimentos colocados; e o nível dialógico ou contra-argumentativo (P.arg 0 e P. arg. 4) no qual a argumentação é negociada com um contra-argumentador (interlocutor) real ou potencial.

No caso das sequências explicativas, Adam (2008) postula que abarcariam uma descrição inicial, destinada a introduzir o objeto problemático; um problema (questão), com base no funcionamento do operador “por que?”; uma explicação/resposta a esse problema com base no funcionamento do operador “porque”; e uma avaliação/ratificação. A explicação é, segundo o autor, um ato intermediário entre o objetivo primário da asserção (partilhar uma crença ou um conhecimento) e o objetivo último do ato (convencer para fazer agir). Por isso, as proposições que compõem a sequência explicativa tentam que o mundo seja visto pelo leitor-interlocutor de acordo com a crença do locutor.

Por fim, quanto às sequências dialogais, Adam (2008) se baseia na terminologia de Kerbrat-Orecchioni (1996), segundo a qual:

Os atos de linguagem se combinam para constituir intervenções, atos e intervenções são produzidos por um único e mesmo locutor; quando dois locutores pelo menos intervêm, trata-se de um intercâmbio; os intercâmbios se combinam para constituir as sequências, as quais se combinam para constituir as interações, unidades máximas de análise (KERBRAT-ORECCHIONI, 1996, apud ADAM, 2008, p.36).

Dessa forma, um texto dialogal pode apresentar “sequências fáticas” de abertura e de fechamento que enquadram o núcleo transacional de base (sequência transacional), conforme esquematizado a seguir:



Esquema 4: Composição de um texto conversacional (retirado de Adam, 2008)

As “saudações elementares habituais” que podem abrir e fechar a sequência transacional, tais como cumprimentos ou agradecimentos e despedidas, tornam mais natural a conversação.

Segundo Adam (2008), quando se observa os discursos escritos, os cinco tipos de base (narrativa, descritiva, dialogal, explicativa e argumentativa) se encontram no mesmo plano, porém, quando observamos uma situação oral, não se pode observar o modo de composição poligerenciado da sequência dialogal como se observa os outros quatro modos monogerenciados. Essa diferença ocorre, segundo o autor, em função do fato de que o modo de composição do diálogo conversacional estende sua hegemonia sobre todos os outros quatro modos de composição. É assim que se tem, então, o encaixamento dessas

sequências em (i) sequências narrativas monologais por meio da interrupção do diálogo e do estabelecimento de transições entre esses modos de composição; (ii) sequências descritivas, o que conduz geralmente à dialogização do procedimento descritivo; (iii) sequências argumentativas e explicativas, que são mais facilmente integradas na co-construção de um texto dialogal.

A tipologia de Adam (2008) também procura dar conta da heterogeneidade dos textos e dispõe que a estruturação sequencial se dá pela combinação de sequências e pela dominância sequencial. Ainda que seja possível falarmos de textos formados por uma única sequência, a situação mais frequente é o encadeamento de várias sequências, apresentando, no entanto, uma composição que se determina como dominante. Isso faz com que seja possível falarmos de textos predominantemente narrativos, descritivos, argumentativos, explicativos ou dialogais, apesar da presença de sequências de vários tipos. Nesse caso, essa dominância sequencial pode ser definida pela sequência matriz que abre e fecha o texto, pelo maior número de sequências de um mesmo tipo ou pela sequência na qual um texto pode ser resumido. Isso não significa, porém, que o autor defende uma tipologização dos textos, já que, como ele próprio afirma, a dominância sequencial está diretamente ligada aos gêneros e subgêneros e, portanto, mantém relações hierárquicas instáveis e sempre suscetíveis de serem modificadas. Por isso, o autor salienta a importância de se evitar “tipologias de texto excessivamente ambiciosas” a fim de não se negligenciar a heterogeneidade textual e a complexidade das ordenações sequenciais em benefício do efeito dominante. O autor defende essa posição a partir, principalmente, de sua observação a respeito, por exemplo, de que uma fábula pode ser considerada um gênero narrativo em função de ter como matriz uma sequência do tipo narrativa, porém, quando se focaliza o encaixamento da sequência argumentativa presente em sua moralidade, ela pode ser considerada também um gênero argumentativo. Por isso, a importância de se trabalhar com textos reais e evitar tipologias *a priori* a fim de observar a complexidade sequencial do próprio texto que se analisa.

Sendo assim, a concepção de sequências textuais, como formulada por Adam (2008), deve levar em conta elementos cognitivo-semânticos, complementados por uma

perspectiva que é também pragmática, de acordo com Passeggi *et al.* (2010), e que salienta o caráter operatório dessa noção em análises textuais.

Além desse tipo de estruturação sequencial composicional, Adam (2008) chama a atenção para o fato de que geralmente os agrupamentos de proposições não correspondem a sequências completas, o que faz, então, com que o principal fator unificador da estrutura composicional seja o plano de texto. As ligações textuais para o autor, portanto, podem ocorrer por meio do plano de texto ou das sequências textuais, conforme representa o esquema a seguir:



Esquema 5: Estruturação Sequencial Composicional (retirado de Adam, 2008)

O autor distingue, então, os planos de texto *fixos*, isto é, estabilizados pelo estado histórico de um gênero ou subgênero de discurso e os planos de texto *ocasionais*.

Quanto aos planos de texto fixos, Adam (2008) dá como exemplos a estrutura de um verbete de dicionário ou de uma dissertação e as estruturas literárias cristalizadas (estruturas formais da poesia, do teatro clássico).

Os planos de texto ocasionais, mais abertos e flexíveis, podem ser encontrados no editorial, na canção, nas peças publicitárias, no discurso político, no romance. Eles se caracterizam por se inovarem quanto ao gênero ou subgênero de discurso. Dessa forma, as

partes ou segmentos do texto são marcados por uma variedade de recursos, textuais e peritextuais.

Por fim, é importante expor ainda que Adam (2008) afirma que, sobretudo nos textos não-narrativos, sejam conversações, textos argumentativos ou explicativos, as mudanças de tópicos são os principais indicadores do plano de texto. Nesses casos, o papel dos organizadores e dos conectores é determinante na estruturação desses textos. Como dissemos inicialmente, acreditamos que, apesar das várias mudanças de situação comunicativa ao longo das amostras dos programas midiáticos analisados, a centração em um tópico e a organização tópica indiciada pelos MDs são cruciais no estabelecimento do plano textual, conforme investigamos em nossas análises.

Nesta seção inicial do segundo capítulo, apresentamos os recortes metodológicos selecionados para o desenvolvimento das análises: o recorte textual-interativo (subfunções dos MDs sequenciadores e interacionais) e o recorte textual (sequências textuais). Buscamos ainda justificar em que medida a seleção desses recortes é importante para que se verifique nossas hipóteses de que:

- (i) haveria relações entre os usos dos MDs, os tipos de sequências textuais que os participantes dos programas analisados produzem e os tipos de situações comunicativas no interior das quais os textos são produzidos;
- (ii) as mudanças nas configurações sócio-histórias do programa “Manos e Minas” promoveriam mudanças nas ações de textualização empreendidas pelos seus participantes.

Na próxima seção, apresentamos o programa “Manos e Minas” no que diz respeito aos seus objetivos, aos seus atores sociais, aos seus quadros e às suas temáticas. Ainda justificamos a seleção das amostras para os objetivos de nosso trabalho.

2.2 Da constituição do *corpus*: o programa “Manos e Minas”

No presente trabalho, para o alcance dos objetivos a que nos propomos, selecionamos um *corpus* composto por duas gravações do programa de auditório “Manos e Minas”: 20 de setembro de 2009 e 07 de maio de 2011, gravações estas que denominamos

aqui como amostras. Ainda foi analisada quantitativamente mais uma amostra do programa “Manos e Minas”, exibida em 16/07/2008, para que pudéssemos fazer uma comparação mais longitudinal dos recursos textuais-discursivos nas amostras.

Acreditamos, portanto, que, assim constituído, esse *corpus* seria representativo para os objetivos a que esse trabalho se propõe, já que poderíamos observar se as ações de textualização mobilizadas pelos participantes sofreram alguma modificação ao longo do tempo e se as amostras do programa apresentaram diferenças no que diz respeito aos usos dos recursos textuais-discursivos.

O programa “Manos e Minas” estreou na TV Cultura no dia 7 de maio de 2008, tendo como apresentador um dos principais nomes do *hip-hop* paulistano: Rappin’ Hood. Gravado no Auditório Franco Zampari, em São Paulo, e apresentado em três ou quatro blocos, “Manos e Minas”, apesar de ser um programa de auditório, gênero já consolidado na TV Brasileira, diferencia-se dos demais por ter um objetivo que faz com que ele não esteja no *status quo* dos programas televisivos brasileiros, como Granato (2011) observa em sua pesquisa:

O papel do programa de trazer “a voz da periferia” à mídia televisiva, de divulgar, valorizar e possibilitar o conhecimento sobre essa realidade do ponto de vista dos próprios sujeitos que participam e promovem práticas sociais, culturais, literárias e musicais vinculadas tanto às comunidades da periferia quanto ao universo do movimento hip-hop (GRANATO, 2011, p.72).

Esses objetivos parecem constituir-se, segundo a autora, no próprio ponto de partida para a inovação desse exemplar do gênero, historicamente vinculado ao entretenimento (Aronchi de Souza, 2004), sobretudo pelo fato de se mostrar a periferia e a sua cultura a partir do ponto de vista dos próprios sujeitos que participam do programa e que são por ele tematizados, como afirma Rappin’ Hood em uma notícia em áudio publicada no site Radar Cultura:

*E é muito bom trazer esse público, essa cultura pra tevê. É uma responsabilidade, né? Ser representante do povo na tevê, **poder trazer essa cultura, poder tratar o povo da periferia e fazê-los se verem representados na tevê.** É uma oportunidade única, assim, que eu só tenho*

*que agradecer.*³² (<http://www.radarcultura.com.br/node/15856>, *grifos nossos*)

O “Manos e Minas” pode ser considerado um programa de auditório, pois apresenta, segundo a autora, uma estrutura muito semelhante à desse gênero, de acordo com a definição de Aronchi de Souza (2004). Além de aproximar o telespectador da realidade da produção televisiva, o “Manos e Minas”:

- possui um apresentador reconhecido pela audiência à qual se destina (um *rapper*);
- é apresentado em um espaço necessário para sua produção: palco e plateia, “que permitem a interação do apresentador com o público presente à gravação” (ARONCHI DE SOUZA, 2004, p.96). Nesse sentido é comum que o público participe de entrevistas, jogos e brincadeiras na plateia ou no palco;
- tem uma plateia que é cuidadosamente controlada e determinante para o sucesso por “mostrar alegria, animação, interesse, podendo cantar, dançar e dar opinião; sempre instigada pela figura do apresentador, que centraliza a atenção e conduz o programa” (ARONCHI DE SOUZA, 2004, p.94);
- tem apresentação de música, de dança e de outras produções artísticas;
- apresenta uma sucessão de quadros, entrevistas, jogos e atrações diversas que fazem do programa de auditório um gênero “que comporta facilmente vários formatos: há pequenas reportagens, debates, videoclipes e encenações que dão ritmo à produção” (ARONCHI DE SOUZA, 2004, p.96).

Apesar dessa relativa estabilidade, o programa apresenta alguns aspectos de inovação, manipulação e mudança (Hanks, 2008) que residem não somente na mudança da qualidade das temáticas, que sinalizam os objetivos a que se propõe o programa, mas também na mudança da qualidade dos elementos estruturadores do programa de auditório – atores sociais e recursos semióticos. Como já dissemos anteriormente, a mudança na qualidade das temáticas e na qualidade dos elementos estruturadores do gênero está

³² Essa citação se encontra na tese de Granato (2011) e se refere à reportagem em áudio publicada originalmente no site www.radarcultura.com.br, cujo link é <http://www.radarcultura.com.br/node/15856>.

intimamente relacionada com o fato de que toda a produção do programa “Manos e Minas” é voltada para um contexto especial, o da periferia.

Quanto aos elementos identificados pela autora como responsáveis pela inovação do gênero na produção do programa “Manos e Minas”, destacamos: a participação de atores sociais legitimados pela comunidade da periferia e não pela comunidade do meio televisivo³³; a recorrente ativação, tematização e remissão a referentes relativos aos elementos da cultura da periferia e do *hip-hop*; a participação dos integrantes da plateia em entrevistas no auditório, o que permite que os representantes das comunidades da periferia compartilhem seus pontos de vista, suas vivências, seus saberes acerca da periferia e que relatem suas trajetórias de vida; o direcionamento do programa a temáticas relativas, em sua maioria, à realidade econômica, social, cultural e artística da periferia brasileira e não à vida pessoal dos convidados; e, por fim, o direcionamento do programa a temáticas que possibilitam evidenciar uma imagem da periferia diferente daquela veiculada pela mídia em geral.

Todos esses elementos, a par de outros elencados pela autora, evidenciam, segundo Granato (2011), a transformação do gênero programa de auditório, já que “Manos e Minas”, ao contrário de outro programa analisado pela autora, o “Altas Horas”, não apresenta seus objetivos centrados no entretenimento. Dessa forma, as variedades do entretenimento

(...) deram lugar aos retratos da realidade social, cultural, econômica e artística da periferia, representada principalmente pelo movimento hip-hop, vinculados incisivamente (i) à política, em virtude da crítica aos problemas sociais e econômicos vivenciados pelos sujeitos, (ii) à cultura, pela divulgação das práticas culturais várias do cotidiano dos sujeitos, e (iii) à arte, pela valorização das produções artísticas dos sujeitos da periferia. (GRANATO, 2011, p.237)

³³ Em relação ao apresentador do programa (mestre de cerimônia-MC), é interessante notar que todos aqueles que desempenharam essa função ao longo da trajetória do programa (Rappin’ Hood, Thaíde, Max B.O e Anelis Assumpção) são originalmente *rappers* e, portanto, são representantes legítimos da cultura *hip-hop* no país e sujeitos bastante reconhecidos nas comunidades de periferia, além de compartilharem da vivência na periferia e da participação em projetos sociais. Por terem vivenciado a realidade da periferia e por serem protagonistas de movimento social, os apresentadores representam o ponto de vista dos moradores da periferia, caracterizando, assim, mais um traço inovador do programa, como constatou Granato (2011).

Quanto aos quadros fixos do programa, cabe notar que até o ano de 2010, compunham o programa o quadro “Interferência” e o quadro “Buzão: Circular periférico”. O primeiro quadro, gravado na “Barraca do Saldanha”, no Capão Redondo, favela da Zona Sul de São Paulo, era apresentado pelo escritor Ferréz que entrevistava cantores, cineastas, poetas e artistas cujo engajamento social e político envolvia também a periferia.

O segundo quadro era apresentado quinzenalmente pelo escritor Alessandro Buzo, também protagonista de movimento social, que visitava, em cada episódio, um bairro da periferia de cidades do estado de São Paulo e do Rio de Janeiro, apresentando e promovendo as atividades socioculturais do lugar. Além da conversa inicial com o representante da comunidade que é o “anfitrião”, durante a visita, Buzo conversa com os moradores e em cada espaço visitado, “são feitas entrevistas com os participantes das práticas a fim de que sejam conhecidas tais práticas, bem como sua história, objetivos, alcances e participantes, por meio dos relatos e da filmagem” (GRANATO, 2011, p. 100). Esse quadro também confirma a inovação do programa e corrobora os seus objetivos na medida em que é construído “um retrato da periferia pelos próprios sujeitos, já que esses além de entrevistados são também responsáveis pela apresentação dos espaços visitados” (GRANATO, 2011, p. 233).

No que se refere aos tópicos das reportagens, a autora afirma que “são relacionados ao cotidiano ou a práticas culturais da periferia, datas comemorativas nacionais, concursos, projetos sociais, elementos do *hip-hop*, exposições, shows, saúde, carreira musical, empregabilidade, acessibilidade, práticas de leitura e/ou escrita” (p. 103). Dessa forma, Granato (2011) observa que as temáticas do programa “Manos e Minas”:

(...) não se relacionam específica e/ou exclusivamente ao entretenimento, tal como assinalam Tinhorão (1981) e Aronchi de Souza (2004) sobre esse gênero, mas: (i) às práticas sociais, culturais, educacionais de periferia; (ii) às dificuldades várias dos sujeitos da periferia; (iii) aos preconceitos sociais e raciais vivenciados pelos sujeitos da periferia e (iv) ao universo do hip-hop, com vistas à valorização e à legitimação dessas práticas de periferia na televisão e (v) à crítica à condição de exclusão social de muitos sujeitos de periferia, à falta de emprego e de educação de qualidade, à falta de investimentos governamentais na periferia. (GRANATO, 2011, p. 223)

Granato (2011), então, conclui que os elementos composicionais do programa, descritos durante a pesquisa, corroboram os objetivos do programa de trazer “a voz da periferia’ à mídia televisiva” e de valorizar essa realidade do ponto de vista dos próprios participantes que promovem práticas sociais, culturais, literárias e musicais. Isso revela, então, que esses objetivos do programa são reforçados pela gestão dos tópicos discursivos, pelos elementos semióticos e pela escolha dos apresentadores e de todos os atores sociais que participam do programa, pois, como moradores da periferia e/ou protagonistas de movimento social, esses sujeitos compartilham as práticas socioculturais do espaço em foco: a periferia.

Em 2010, o programa passa por algumas reformulações após ter sido suspenso por quase cinco meses em função da decisão, não concretizada, de seu término. Em um comunicado, o presidente da TV Cultura afirma que o programa voltaria “à grade depois de passar por um processo de repaginação, aumentando o interesse em função de novas atrações”³⁴.

Quando da reestreia do programa, outro quadro passou a ser fixo na programação. “A rua é nós”, homônimo do *rap* de Emicida, passou a ser exibido pelo *rapper* e apresentador, que fez entrevistas com grandes cantores da música popular brasileira, como Jair Rodrigues, Di Melo, Kiko Dinucci, Leci Brandão e também com artistas ligados à cultura *hip-hop*, como DJ Nato, Flora Matos, Grupo Inquérito, entre outros.

Em relação às outras mudanças, pudemos observar que, além da extinção dos quadros de Ferréz e de Alessandro Buzo, houve uma redução e quase extinção dos quadros de cunho mais etnográfico nos quais os repórteres visitavam projetos e lugares da periferia e entrevistavam os moradores desses lugares. Além disso, não se observa mais a expansão do tópico das reportagens externas em entrevistas com participantes da plateia, o que permitia que esses sujeitos expusessem seus pontos de vista sobre as realidades retratadas e/ou que relatassem suas próprias experiências. A nosso ver, o programa reduz

³⁴ Notícia disponível no site: [<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/788059-tv-cultura-diz-que-manos-e-minas-sera-mantido.shtml>], acesso em 01/07/2013.

significativamente a participação de sujeitos “comuns” das periferias e, assim, a exposição de suas trajetórias de vida, de seus problemas e de seus pontos de vista.

Nossa hipótese, então, é a de que os recursos de inovação que colocaram o programa “Manos e Minas” como “lugar estratégico” na televisão brasileira, segundo Granato (2011), sofrem alterações significativas em virtude das reformulações pelas quais o mesmo passa em 2010. Acreditamos que essas mudanças nas configurações sócio-históricas do programa têm impactos, então, no quadro de orientação discursiva (gênero) (Cf. Hanks, 2008) e também nas ações de textualização empreendidas pelos interactantes.

Se nossa hipótese se confirmar, o programa estaria, então, na direção da oficialização e da regulação (Hanks, 2008), apresentando traços que o aproximam do gênero programa de auditório mais canônico e estabilizado, como é o caso do programa “Altas Horas” que apresenta como convidados os sujeitos considerados exemplos de sucesso pela grande mídia, seja pela carreira profissional promissora ou por serem representantes legítimos da área em que atuam; e que tematiza principalmente i) os convidados do programa no que diz respeito à sua vida pessoal e profissional e (ii) a sexualidade. Nesse sentido, o *Altas Horas* compartilha dos valores da grande mídia, ao tematizar essencialmente pessoas de apenas uma classe social como exemplos de sucesso. Nesse sentido, embora o programa vincule-se a um objetivo centrado no entretenimento, ele apresenta ações políticas de valorização de uma classe social, estabelecendo, assim, sua estabilização no meio midiático.

Na próxima seção, para finalizarmos os aspectos relativos à metodologia de nosso trabalho, apresentamos o sistema usado para a transcrição do *corpus* que constitui este trabalho.

2.3 Do sistema de transcrição

O protocolo de transcrição dos dados adotado em nossa pesquisa é o empregado nos estudos sociolinguísticos do grupo de pesquisadores do projeto ALIP (Amostra Linguística do Interior Paulista), sob supervisão dos professores Sebastião Carlos Leite

Gonçalves e Luciani Ester Tenani (Unesp)³⁵. Esse sistema de transcrição, segundo os professores, é constituído a partir das convenções desenvolvidas por outros projetos que realizaram tarefa semelhante, especialmente o projeto Nurc (Castilho, 1990) por sua abrangência nacional.

A escolha desse protocolo se deve primeiramente ao fato de possibilitar a marcação dos fenômenos relativos ao registro dos participantes dos programas, sem correções gramaticais. A notação de marcadores de interação não lexicalizados e das exclamações, de hesitações e ênfases também se faz importante a fim de que a transcrição, de fato, transponha esse discurso falado “da forma mais fiel possível”, como postulam os pesquisadores do projeto ALIP.

Por fim, é importante salientar também que, de modo a ser um retrato mais próximo de como são organizados os quadros e blocos de cada programa, a organização de cada amostra transcrita, que consta nos Anexos, explicita a divisão que os programas fazem dos quadros – externos e internos.

³⁵ As normas se encontram no anexo 1 e estão disponíveis em: [www.iboruna.ibilce.br], acesso em 01/07/2013.

CAPÍTULO 3

AS AÇÕES DE TEXTUALIZAÇÃO EM PROGRAMAS MIDIÁTICOS: OS MARCADORES DISCURSIVOS E O DESENVOLVIMENTO DE SEQUÊNCIAS TEXTUAIS

Neste capítulo, procuramos demonstrar como um olhar para os marcadores discursivos, quando articulado ao estudo sobre as sequências textuais, pode nos auxiliar na percepção da estruturação composicional do gênero em questão, já que os MDs parecem ter relações importantes com as sequências textuais produzidas no interior do “Manos e Minas” e com a instauração e o desenvolvimento das diversas situações comunicativas constitutivas desse programa.

Como já dissemos anteriormente, nossa hipótese é a de que há relações entre o desenvolvimento de um determinado tipo de sequência textual e os usos dos MDs. Além disso, acreditamos que essas relações são responsáveis pela estruturação dos microtextos verbais produzidos no interior dos programas televisivos. Nossa análise recai sobre composições sequencialmente heterogêneas que não deixam de ter uma macro-organização textual; em outras palavras, a heterogeneidade textual observada no programa em questão é sistematicamente organizada por formas de progressão referencial e textual (Koch, 2002), entre as quais os usos dos MDs.

Para dar conta, então, da caracterização de aspectos textuais-discursivos das amostras por nós selecionadas dos programas que compõem o *corpus* do projeto “*É nós na fita*: a formação de registros e a elaboração de estilos no campo da cultura popular urbana paulista” – os programas “Manos e Minas” de 20/09/2009 e 07/05/2011, procuramos (i) analisar como são desenvolvidas as sequências textuais ao longo das amostras; (ii) observar os MDs usados e suas funções em cada tipo de sequência; e (iii) analisar as subfunções exercidas pelos MDs interacionais e sequenciadores. Além disso, procuramos fazer a análise quantitativa de outra amostra, a de 16/07/2008, para que pudéssemos fazer uma comparação quantitativa dos recursos textuais-discursivos entre as amostras selecionadas.

Para poder identificar os MDs sequenciadores, procedemos à segmentação tópica dos textos. Além disso, procuramos observar a organização tópica de cada amostra analisada assim como as relações que se estabelecem entre o desenvolvimento de um determinado tópico e a mobilização de um determinado tipo de sequência textual.

Na primeira parte da análise das amostras selecionadas (seções 3.1.1 e 3.2.1), apresentamos, então, a organização tópica das amostras do programa de 20/09/2009 e 07/05/2011, e também as relações que observamos no que diz respeito aos tópicos desenvolvidos e às sequências textuais mobilizadas.

Na segunda parte da análise (seções 3.1.2 e 3.2.2), caracterizamos as amostras quanto às sequências textuais produzidas pelos participantes do programa e procedemos a uma análise quantitativa e qualitativa dos MDs e de suas subfunções nas diferentes sequências textuais. Organizamos essa segunda parte da análise considerando a seguinte ordem dos tipos de sequências desenvolvidas ao longo do programa: dialogais, descritivas explicativas, narrativas e argumentativas.

Nas seções finais de análise de cada amostra (seções 3.1.3 e 3.2.3), apresentamos alguns gráficos que ilustram os usos totais dos MDs no programa, os usos dos MDs segundo sua função sequenciadora ou interacional e os usos dos MDs segundo a estrutura de participação do programa (apresentador ou entrevistado). Além disso, procuramos traçar algumas relações entre as ações de textualização analisadas e os objetivos colocados pelo programa, o gênero em que são produzidas e o tipo de estrutura de participação que caracteriza os quadros de orientação do gênero.

3.1 Analisando o programa “Manos e Minas” de 20/09/2009

3.1.1 Organização tópica e sequências textuais

Como nosso objetivo é observar os usos dos MDs nos diferentes tipos de sequências textuais, o primeiro passo de nossa análise foi proceder à segmentação da amostra do programa em SegTs para que assim pudéssemos identificar os MDs que atuam na organização intertópica. Além disso, nessa primeira parte da análise, com vistas a compreender melhor como os tópicos mobilizados no programa se organizam e em que

medida cada tópico é desenvolvido, estabelecemos a organização tópica hierárquica da amostra do programa.

A partir, então, da segmentação do programa em unidades tópicas e a partir da organização hierárquica dos tópicos, pudemos observar que na amostra do “Manos e Minas” de 20/09/2009 não há um grande supertópico que superordene todos os demais tópicos do programa. Encontramos, então, cinco grandes tópicos sendo desenvolvidos, quais sejam: “Apresentação do programa “Manos e Minas”, “História de vida de Gog e do *hip-hop*”, “Prêmio Nacional de Comunicação e Justiça”; “Violência nas escolas”; “O futebol no jornalismo e na política”.

Em relação às sequências textuais, podemos observar que nessa amostra do programa são desenvolvidas, sobretudo, sequências descritivas e dialogais. Porém, também observamos o desenvolvimento de longas sequências do tipo narrativa, explicativa e argumentativa, sobretudo nos momentos de reportagens externas. Enquanto na apresentação do programa no palco são desenvolvidas, sobretudo, sequências do tipo descritiva e dialógica, durante as reportagens são comumente desenvolvidas sequências do tipo explicativa e argumentativa. Já nas entrevistas, tanto no palco como na plateia, observam-se principalmente sequências do tipo narrativa.

Nesse caso, além das situações comunicativas se diferenciarem ao longo do programa, as sequências textuais também são diferentes de acordo com essas situações. Sendo assim, um dos impactos dessa organização discursiva pode ser verificado nas ações de textualização empreendidas pelos participantes do programa. Nesse sentido, nossas análises mostram relações entre o domínio da organização textual-discursiva e as ações de textualização (usos dos MDs e desenvolvimento de sequências textuais) empreendidas pelos participantes do programa.

Como dissemos, não pudemos observar no programa a centração em um tópico mais abrangente (Supertópico) que recubra todos os tópicos dos níveis mais inferiores. Desse modo, conforme se pode observar na apresentação do programa, diferentes tópicos são abordados, sem que haja uma superordenação deles:

Exemplo 1 ³⁶		
34	5 {agora é o seguinte hein?... direto do Jardim Santa	Seq. Descritiva
35	Margarida... Jardim Ângela na verdade... o Ricardo	
36	Arantes Costa... mais conhecido como Ricardo AKN...	
37	é o grafiteiro de hoje no “Manos e Minas”... RG do	
38	grafiteiro na tela ((mostra-se o RG do grafiteiro))...}	
39	6 {“Manos e Minas” mostra aí e debate também... um	
40	assunto que interessa a todo mundo... a violência nas	
41	escolas... a gente vai falá(r) sobre isso hoje...} 7 {direto	
42	da barraca do Saldanha... no Capão Redondo... Ferréz	
43	conversa com ele que é um craque no jornalismo	
44	esportivo... Juca Kfourir ... é fera o rapaz}	

Nesse início do programa, o apresentador antecipa as atrações do programa e os tópicos que serão desenvolvidos ao longo dele. É interessante notar que, além dos supertópicos desenvolvidos nas reportagens e nas entrevistas (“História de vida de Gog e do *hip-hop*”; “Prêmio Nacional de Comunicação e Justiça”, “Violência na escolas”, “O Futebol no jornalismo e na política”), há o desenvolvimento de um supertópico que parece apresentar uma natureza metadiscursiva. Ao apresentar o programa e as suas atrações, o apresentador do “Manos e Minas” tematiza o próprio programa e essas atrações: “Apresentação do programa Manos e Minas”.

Dessa forma, além de empregar sequências do tipo descritiva para desenvolver uma descrição procedimental, simultânea à própria atração do programa, o apresentador desenvolve um supertópico que revela a sua competência metagenérica ao se apropriar desse gênero (Bentes *et al.*, 2003). Ou seja, o apresentador demonstra um conhecimento convencionalizado sobre o gênero. Tal conhecimento revela um tipo de inscrição ativa no domínio discursivo específico, o que implica a mobilização de um tipo de sequência textual e um supertópico cuja natureza revela a apropriação pelo apresentador da organização textual-discursiva do gênero programa de auditório.

Se observamos, então, os cinco supertópicos da amostra do “Manos e Minas” de 20/09/2009, notamos uma clara distinção: enquanto o primeiro está relacionado

³⁶ Nos exemplos apresentados, os números e os colchetes (ex: **5**{) se referem ao início e ao número do segmento tópico. Seu fechamento é marcado pelo colchete (}).

especificamente aos elementos do gênero programa de auditório, os outros se relacionam às temáticas mais específicas do “Manos e Minas”. Podemos dizer, então, que o programa não só incorpora os traços formais do gênero programa de auditório como se situa, quanto à sua temática, em relação às ações de um contexto específico: a periferia. Isso demonstra, segundo Granato (2011), certos aspectos de inovação do gênero programa de auditório, já que o objetivo do “Manos e Minas” não se centra apenas no entretenimento.

Ao se tematizar, então, a história do *rapper* Gog, a história do *hip-hop* e o prêmio recebido por Gog pelo vídeo “Conheça o Ministério Público”, o programa corrobora o objetivo a que se propõe: o de trazer à televisão a realidade social e as práticas culturais da periferia brasileira e a cultura *hip-hop* sob o ponto de vista dos próprios sujeitos que vivem essa cultura. Além disso, o programa se mostra um exemplo da possibilidade de um rearranjo da configuração genérica, dado que os aspectos de inovação, manipulação e mudança são mais evidentes no programa em virtude de seus objetivos e das suas temáticas, que não são atinentes somente ao objetivo de entreter.

Para compreendermos melhor a distinção da natureza do primeiro supertópico, intitulado “Apresentação do programa “Manos e Minas”, observemos, então, os subtópicos subordinados a ele:

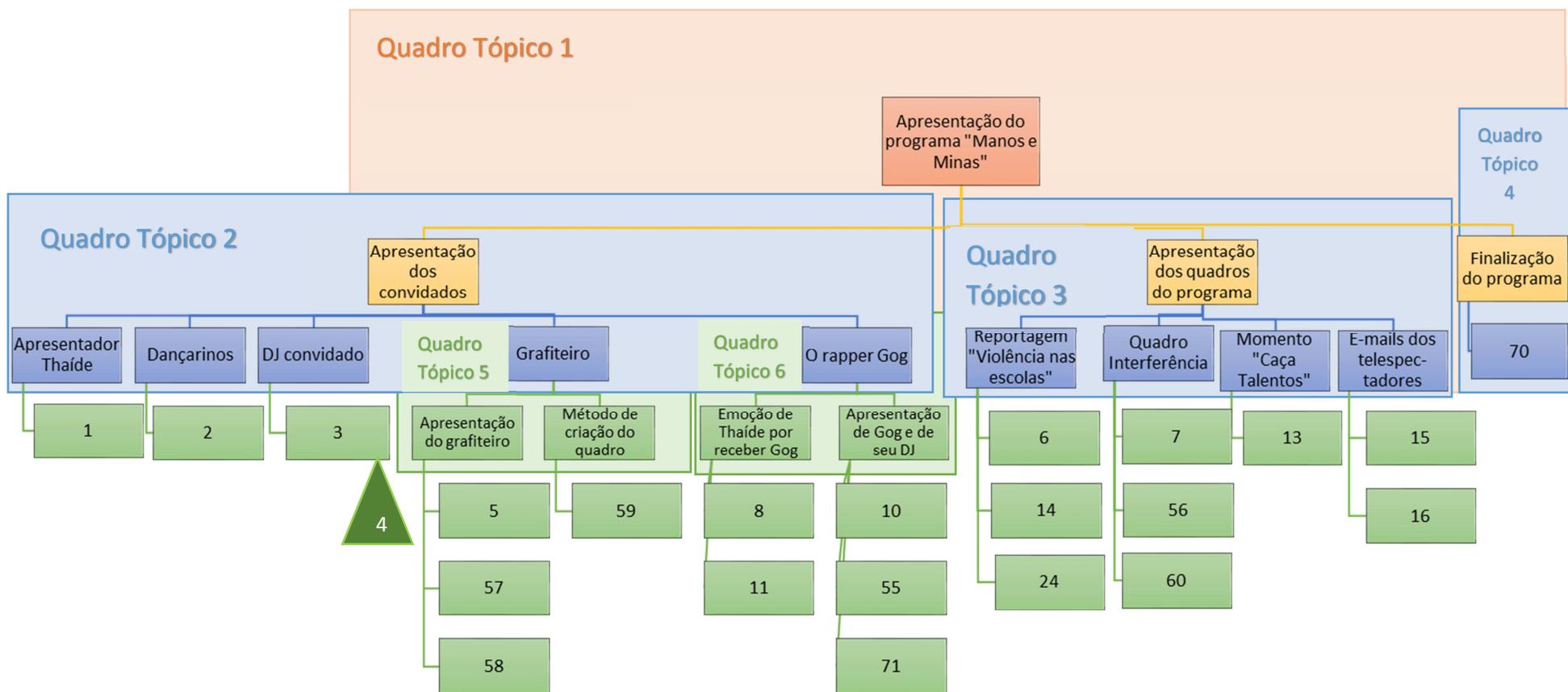


Gráfico 1: Supertópico "Apresentação do programa "Manos e Minas", amostra do Manos e Minas de 20/09/2009.

Segmento tópico	Linhas
1	22-24
2	24-26
3	28-29
4	31-33
Inserção³⁷	
5	34-38
6	39-41
7	41-44
8	68-71
9	72-81
10	84-86
11	88-94
12	100-102
13	125-126
14	160-162
15	175-180
16	194-200
17	214-237
18	238-244
19	244-249
20	250-260
21	260-264
22	264-273
23	273-295
24	316-326
25	331-335
26	338-342
27	343-348
28	349-355
29	356-360
30	361-371
31	372-381
32	382-390
33	391-396
34	397-406
35	407-414
36	415-424

Segmento tópico	Linhas
37	425-429
38	430-435
39	436-438
40	441-446
41	452-461
42	462-468
43	468-478
44	485-494
45	496-509
46	510-530
47	531-557
48	560-563
49	571-582
50	583-590
51	599-608
52	608-615
53	616-622
54	625-628
55	637-639
56	639-640
57	653-655
58	657-658
59	658-668
60	677-682
61	684-698
62	699-714
63	716-720
64	720-731
65	732-741
66	741-749
67	749-761
68	762-766
69	767-774
70	780-787
71	796-799

Tabela 4: Organização linear dos segmentos tópicos do programa “Manos e Minas” de 20/09/2009³⁸.

³⁷ Inserção do tópico “Participação de Erik Jay no Campeonato Mundial de DJs”.

³⁸ As linhas da amostra do programa não contempladas nessa tabela se referem às sequências do tipo dialogal, que, a nosso ver, não são centradas em um tópico discursivo e que não constituem, portanto, segmentos tópicos.

Como podemos observar, dos 71 SegTs desenvolvidos no programa “Manos e Minas”, 22 deles são desenvolvidos para construir o supertópico “Apresentação do programa “Manos e Minas”. Os subtópicos referentes à apresentação do programa dizem respeito: (i) à apresentação dos convidados, sendo que estes são todos ligados à cultura *hip-hop*; (ii) à apresentação dos quadros do programa e (iii) à finalização do programa. Podemos observar ainda que eles se desenvolvem, sobretudo, no início (SegTs 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 13, 14, 15, 16), quando o apresentador tematiza os quadros que serão exibidos e os convidados que farão suas apresentações artísticas, e no final do programa (SegTs 55 a 60, 70 e 71), quando tematiza o próprio encerramento do programa e as atrações que foram apresentadas.

Nos gráficos a seguir, podemos observar os dois supertópicos que são desenvolvidos na entrevista de Thaíde com o *rapper* Gog:

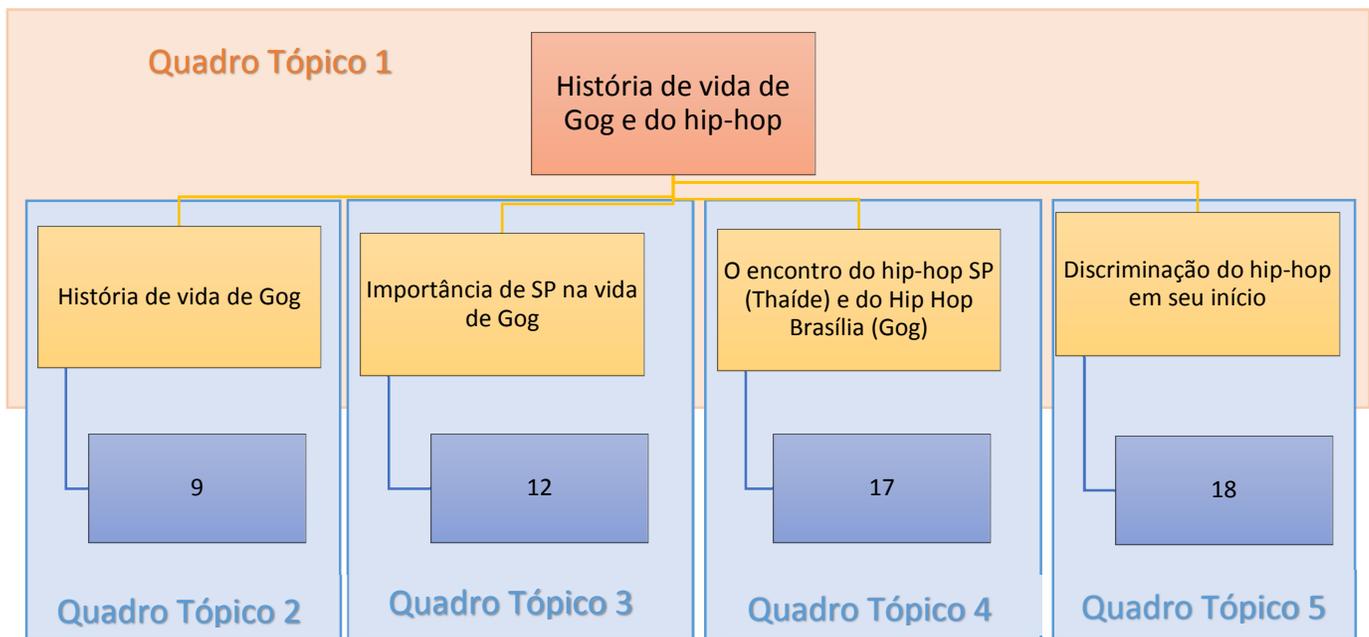


Gráfico 2: Supertópico “História de vida de Gog e do *hip-hop*”, amostra do Manos e Minas de 20/09/2009.

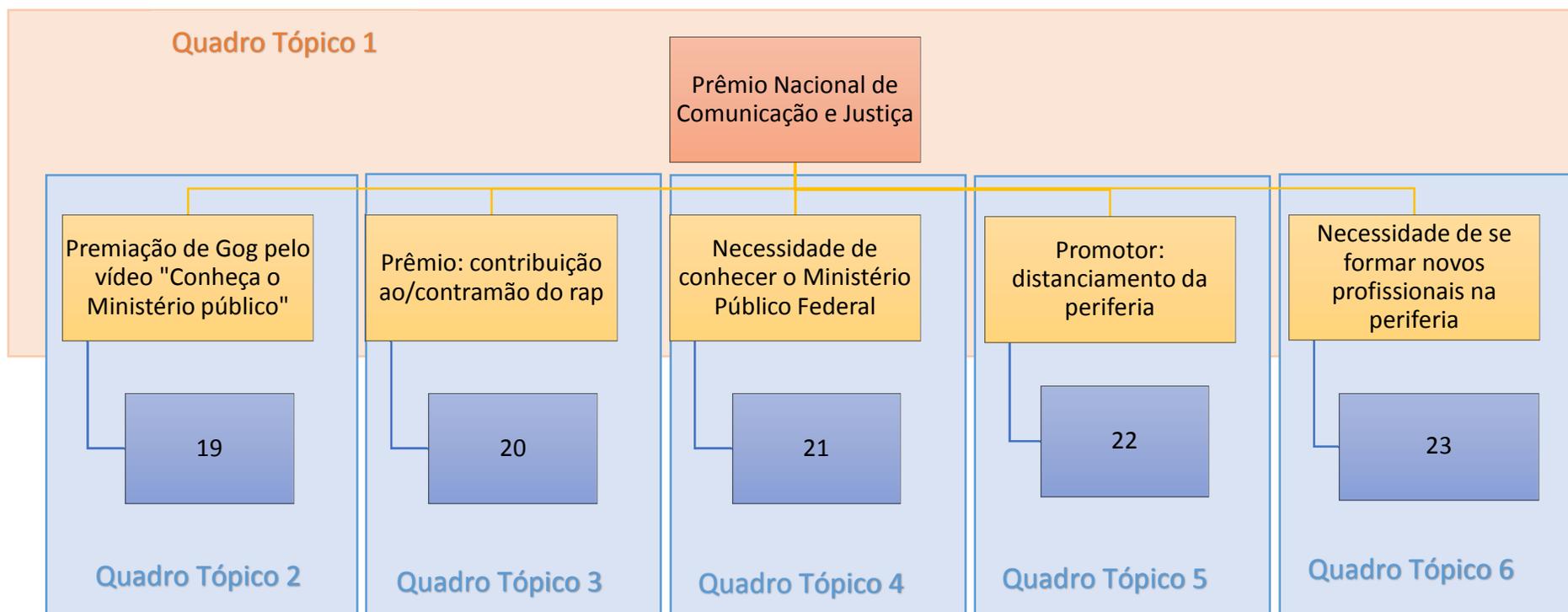


Gráfico 3: Supertópico “Prêmio Nacional de Comunicação e Justiça”, amostra do Manos e Minas de 20/09/2009.

Na entrevista com o *rapper* Gog, são desenvolvidos dois supertópicos distintos. O primeiro, intitulado “História de vida de Gog e do *hip-hop*”, se desenvolve na primeira parte da entrevista. Já o segundo, intitulado “Prêmio Nacional de Comunicação e Justiça”, apesar de tematizar o *rap*, sobretudo no segundo subtópico (“Prêmio: contribuição ao/contramão do rap”), tem como foco o prêmio recebido por Gog e não o *rap* ou o *hip-hop*. Por conta disso, consideramos que a centração, a partir do SegT 19, deixa de ser a história do próprio Gog ou do *hip-hop* e passa a ser o Prêmio Nacional de Comunicação e Justiça. A centração nesse tópico é confirmada quando observamos os tópicos ligados a ele. Os cinco subtópicos se relacionam diretamente ao prêmio recebido, à justiça e à sua contribuição para a periferia e não à história de vida de Gog ou à história do encontro entre o *hip-hop* de São Paulo e de Brasília, como ocorre no supertópico “História de vida de Gog e do *hip-hop*”.

O quarto supertópico do programa, intitulado “Violência nas escolas”, é desenvolvido em duas reportagens externas e em entrevistas com participantes da plateia. Por conta de ser o tópico mais desenvolvido ao longo do programa, ele se desdobra em oito subtópicos imediatamente inferiores. Esses subtópicos, por sua vez, se desdobram em níveis mais inferiores, constituindo novos quadros tópicos. Nesse primeiro momento, apresentamos, então, o primeiro quadro tópico encabeçado pelo supertópico “Violência nas escolas”:

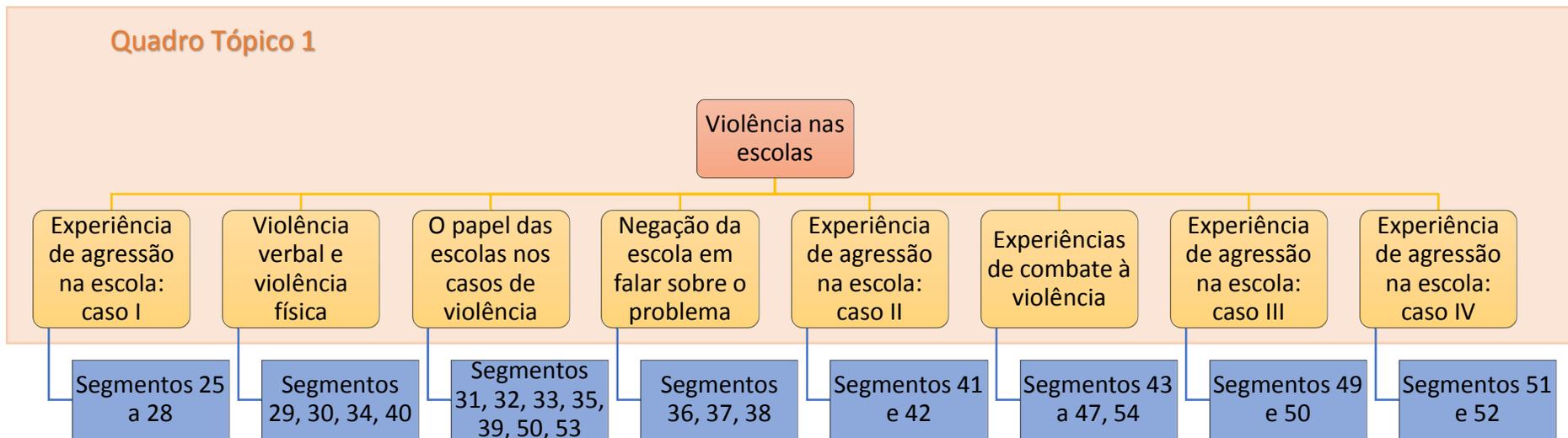


Gráfico 4: Quadro tópico encabeçado pelo supertópico “Violência nas escolas”, amostra do Manos e Minas de 20/09/2009.

Como dissemos anteriormente, os oito subtópicos se desdobram em níveis mais inferiores, constituindo, então, os supertópicos em relação aos tópicos imediatamente inferiores, conforme pode ser visto nos gráficos a seguir que ilustram o desenvolvimento dos tópicos em níveis mais inferiores:

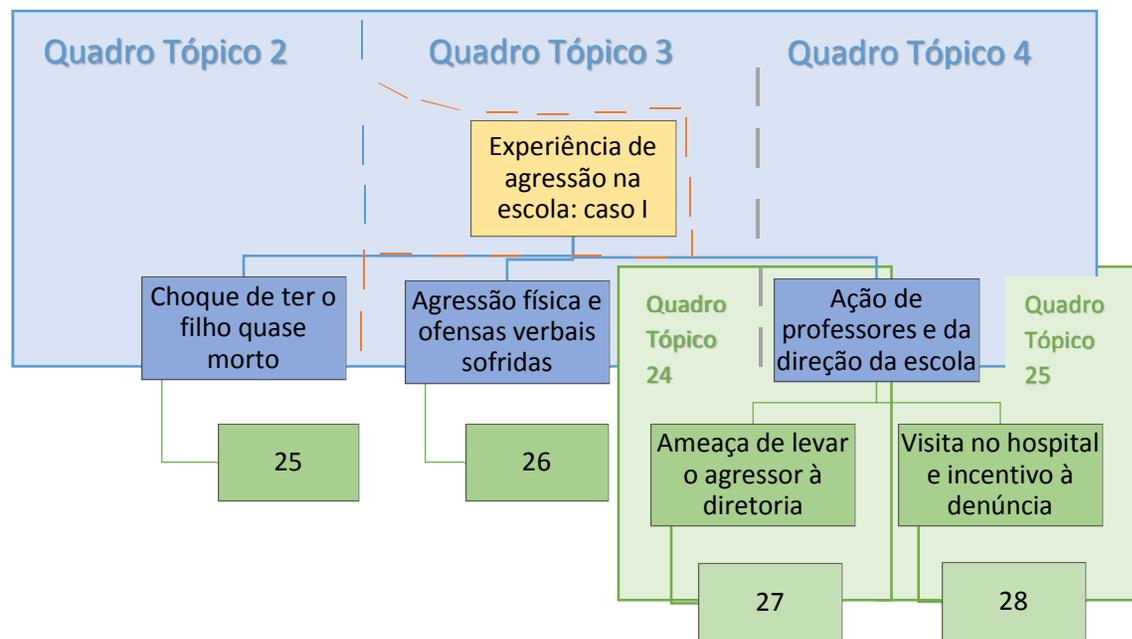


Gráfico 5: Quadros tópicos encabeçados pelos supertópicos “Experiência de agressão na escola: caso I” e “Ação de professores e da direção da escola”, amostra do Manos e Minas de 20/09/2009.

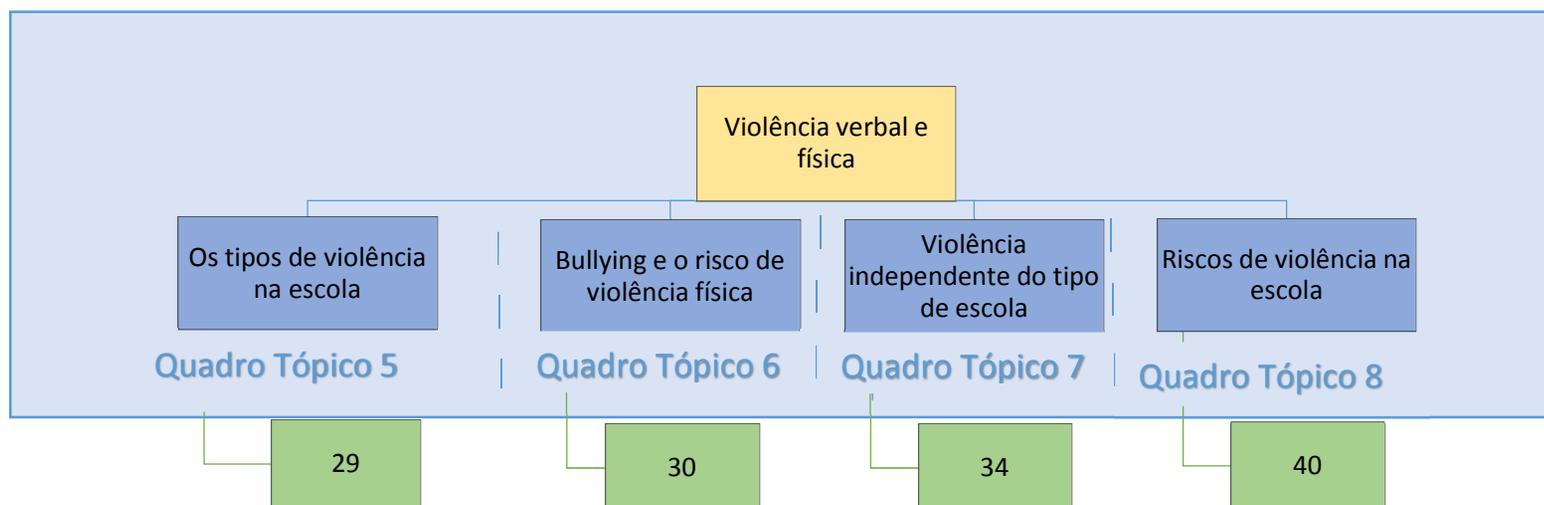


Gráfico 6: Quadros tópicos encabeçados pelo supertópico “Violência verbal e física”, amostra do Manos e Minas de 20/09/2009.

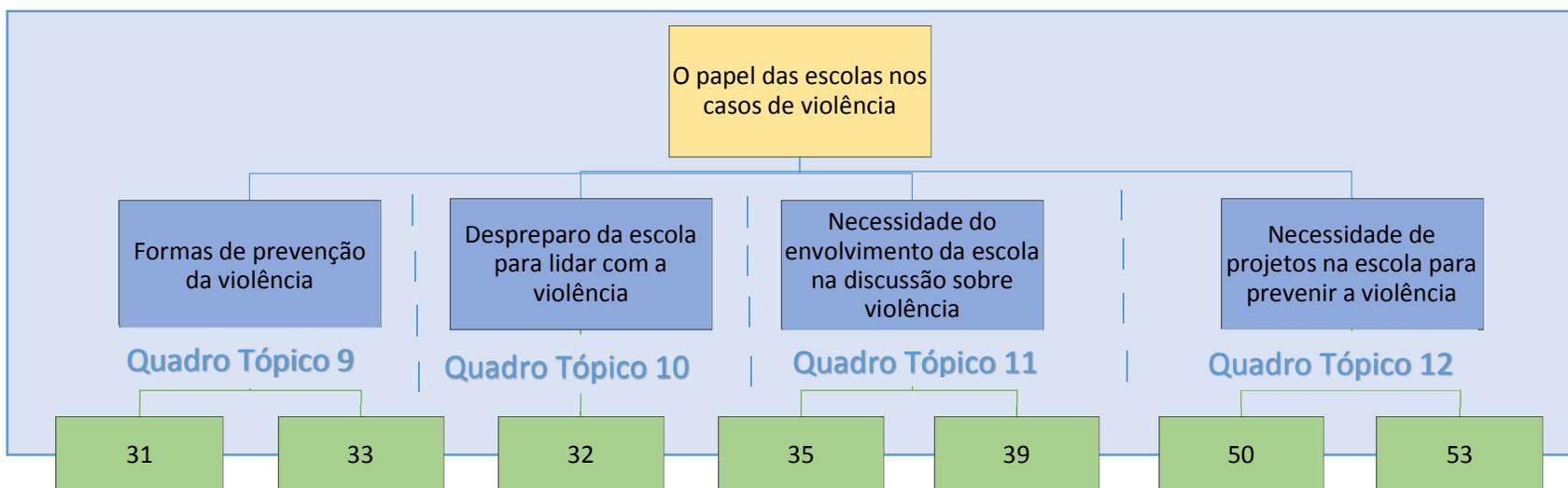


Gráfico 7: Quadros tópicos encabeçados pelo supertópico “Experiência de agressão na escola: caso I”, amostra do Manos e Minas de 20/09/2009.

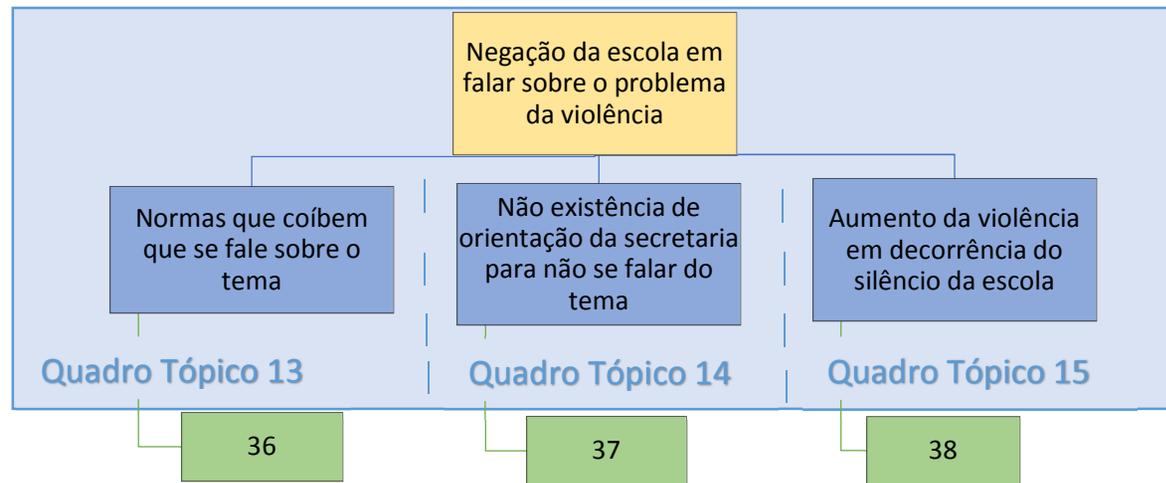


Gráfico 8: Quadros tópicos encabeçados pelo supertópico “Negação da escola em falar sobre o problema da violência”, amostra de 20/09/2009.

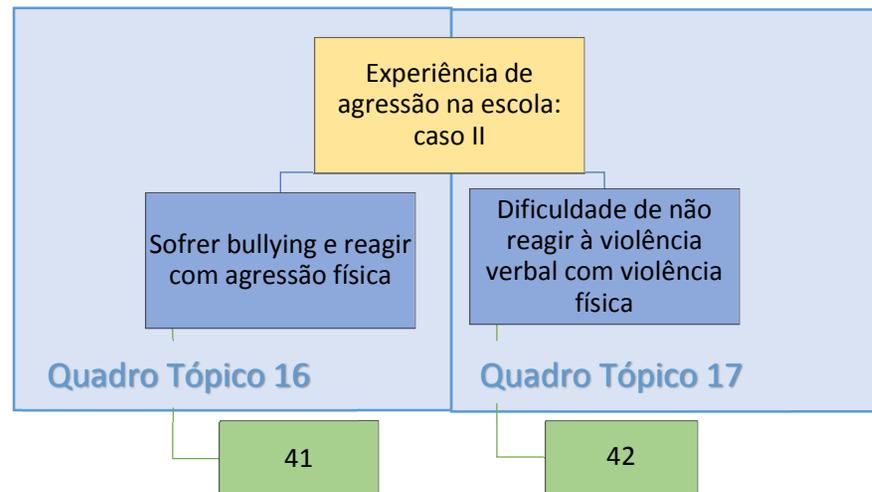


Gráfico 9: Quadros tópicos encabeçados pelo supertópico “Experiência de agressão na escola: caso II”, amostra do Manos e Minas de 20/09/2009.

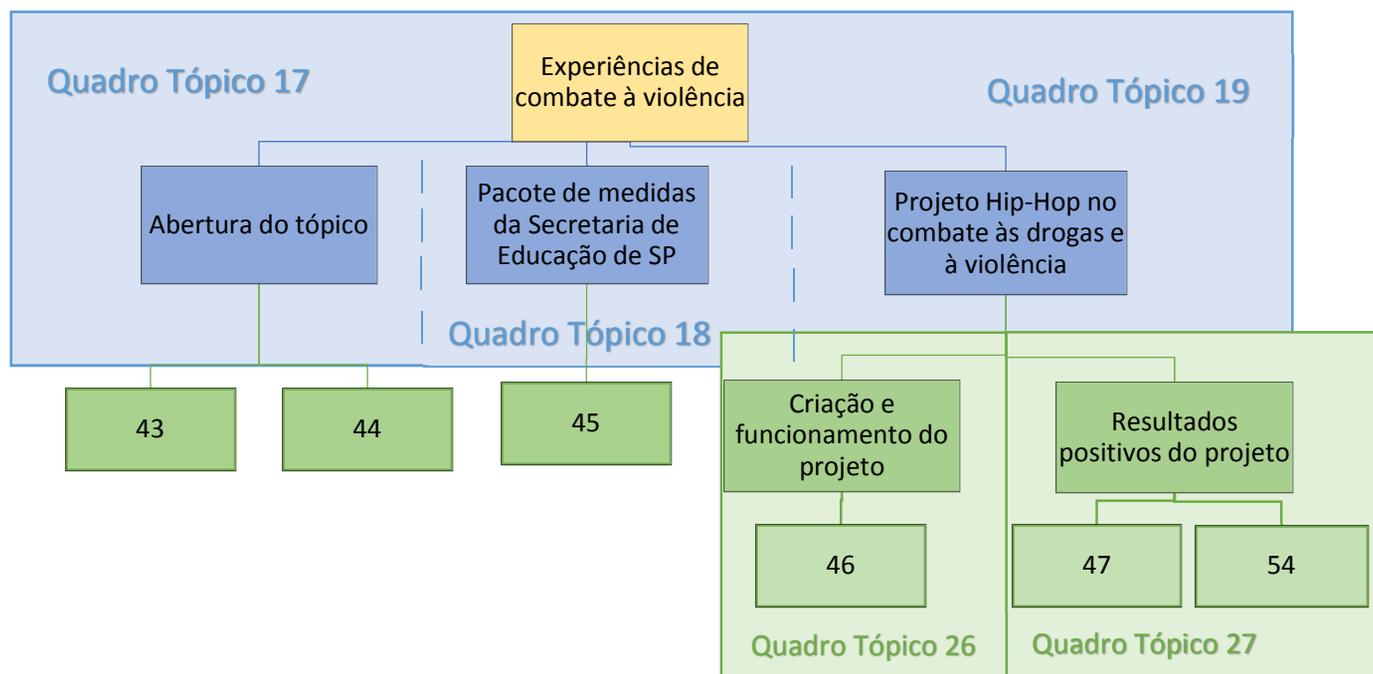


Gráfico 10: Quadros tópicos encabeçados pelos supertópicos “Experiência de combate à violência” e “Projeto Hip-hop no combate às drogas e à violência”, amostra do Manos e Minas de 20/09/2009.

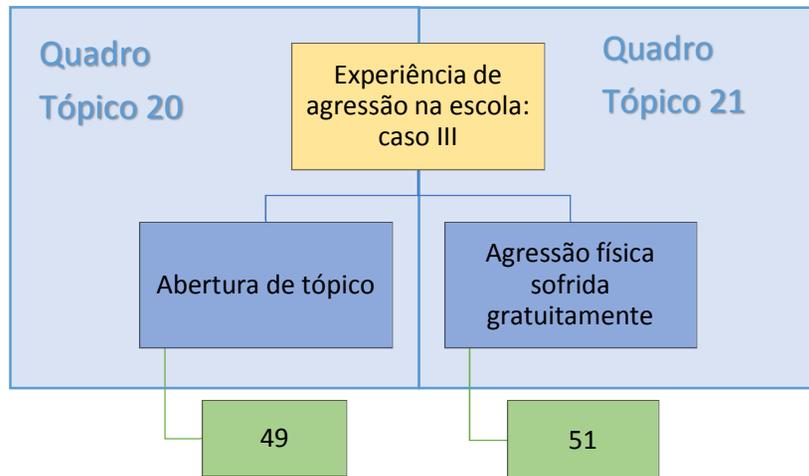


Gráfico 11: Quadro tópico encabeçado pelo supertópico “Experiência de agressão na escola: caso I”, amostra do Manos e Minas de 20/09/2009.

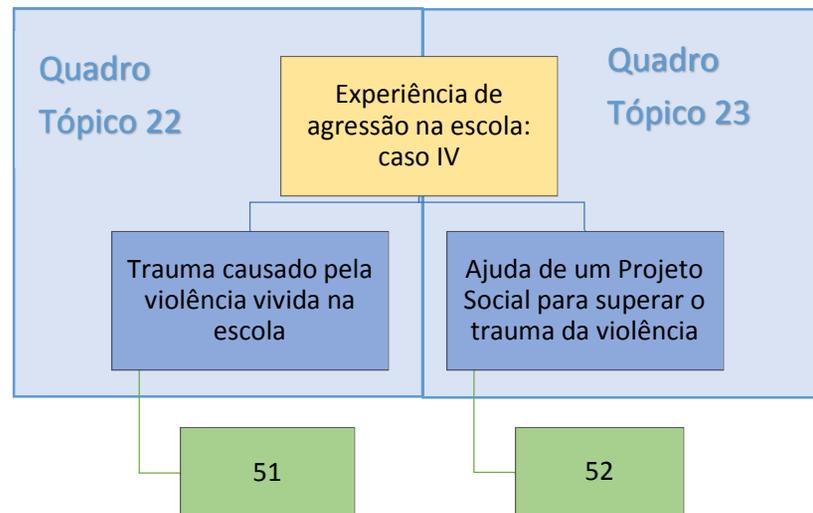


Gráfico 12: Quadro tópico encabeçado pelo supertópico “Experiência de agressão na escola: caso I”, amostra do Manos e Minas de 20/09/2009.

Os tópicos subordinados ao supertópico “Violência nas escolas” são desenvolvidos do SegT 25 ao SegT 54. O programa, portanto, tem sua maior parte dedicada a essa temática. Também observamos que esse é o tópico desenvolvido tanto por especialistas no assunto (o secretário adjunto de educação do Estado de São Paulo e um pesquisador do Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo) como por representantes da periferia que tiveram experiências de violência na escola.

Esse tópico, então, é desenvolvido em diferentes interações no programa e por entrevistados cujas trajetórias de vida são bem distintas. Ao tratar esse tópico sob o ponto de vista não apenas de especialistas, mas de sujeitos comuns que vivenciaram e têm alguma experiência ligada à violência, o programa “Manos e Minas” se coloca como um programa cujo caráter etnográfico se destaca na mídia brasileira.

Em relação à distribuição dos tópicos ao longo do programa, observamos, ao contrário de Granato (2011), que a organização dos blocos não se dá em função das temáticas sobre as quais o programa trata em cada exibição. Em outras palavras, há alguns supertópicos que são desenvolvidos em mais de um bloco do programa. Isso ocorre com os tópicos “Apresentação do programa “Manos e Minas” e “Violência na escolas”. Este último é desenvolvido em duas reportagens externas e em três entrevistas na plateia. O planejamento prévio do programa permite, então, que o tópico continue centrado nessa temática, apesar de ser desenvolvido por diferentes participantes em diferentes interações.

Como dissemos, o supertópico “A violência nas escolas” é desenvolvido tanto em reportagens externas como em entrevistas na plateia. Essa retomada tópica também foi observada por Granato (2011) na amostra do programa de 16/07/2008. Segundo a autora, essa retomada do tópico da reportagem externa em interações na plateia constitui “uma estratégia cujo objetivo é o de tanto de produzir uma expansão do tópico em questão como também propiciar a exposição dos pontos de vista dos sujeitos sobre as realidades retratadas e/ou sobre os relatos de suas próprias experiências” (GRANATO, 2011, p. 172).

Ainda segundo a autora, essa manutenção do tópico em outra(s) interação(ões) relaciona-se ao que Jubran *et. al.* (2002) denomina movimento de tópico, que ocorre “quando, na conversação, os interlocutores realizam um “deslizamento” de um aspecto de um tópico para outro “a fim de ocasionar um conjunto diferente de mencionáveis

(referentes, entidades)” (p. 351). No caso da expansão do tópico “Violência nas escolas”, as entrevistas na plateia permitem que outros exemplos de casos de violência e os impactos vividos pelos representantes da periferia sejam relatados. Nesse caso, corrobora-se o objetivo do programa, ao fazer com que o tópico seja desenvolvido por um considerável contingente de moradores da periferia que compartilham a vivência da violência no espaço escolar.

Ainda em relação ao tópico “A violência nas escolas”, é importante considerar que a temática da violência, apesar de não ser recorrente, conforme investiga Granato (2011), nas amostras do “Manos e Minas” de 2008 e 2009, pode integrar uma temática mais geral que é bastante importante no programa. Segundo a autora, as reportagens externas do programa “Manos e Minas” trazem um conjunto de tópicos que, assim como os quadros fixos “Interferência” e “Buzão: Circular Periférico”, também são relativos à cultura *hip-hop* e à realidade da periferia. A autora, a partir do levantamento dos tópicos desenvolvidos nas reportagens das amostras de 2008 e de 2009 do programa, identifica algumas temáticas recorrentes, quais sejam:

1. Cultura *hip-hop*: rap; grafite; break, DJ e movimento *hip-hop*;
2. Práticas culturais e esportivas em geral: música; esportes; eventos culturais; cinema e literatura;
3. Realidade social brasileira: projetos sociais e/ou educativos; periferia; cultura negra; emprego e comportamento.

Segundo Granato (2011), o tópico “Violência nas escolas”, assim como os tópicos “Gravidez na adolescência”, “Crescimento do consumo de crack”, entre outros, integram o conjunto referente à temática “Realidade social brasileira” e, mais especificamente, à temática “Comportamento”. Trata-se, portanto, de um tópico cuja temática mais geral é relevante e recorrente no programa.

Por fim, o último supertópico do programa, intitulado “O futebol no jornalismo e na política”, é desenvolvido durante a entrevista com o jornalista esportivo Juca Kfourri no quadro Interferência. Observemos, então, os subtópicos subordinados a esse supertópico:

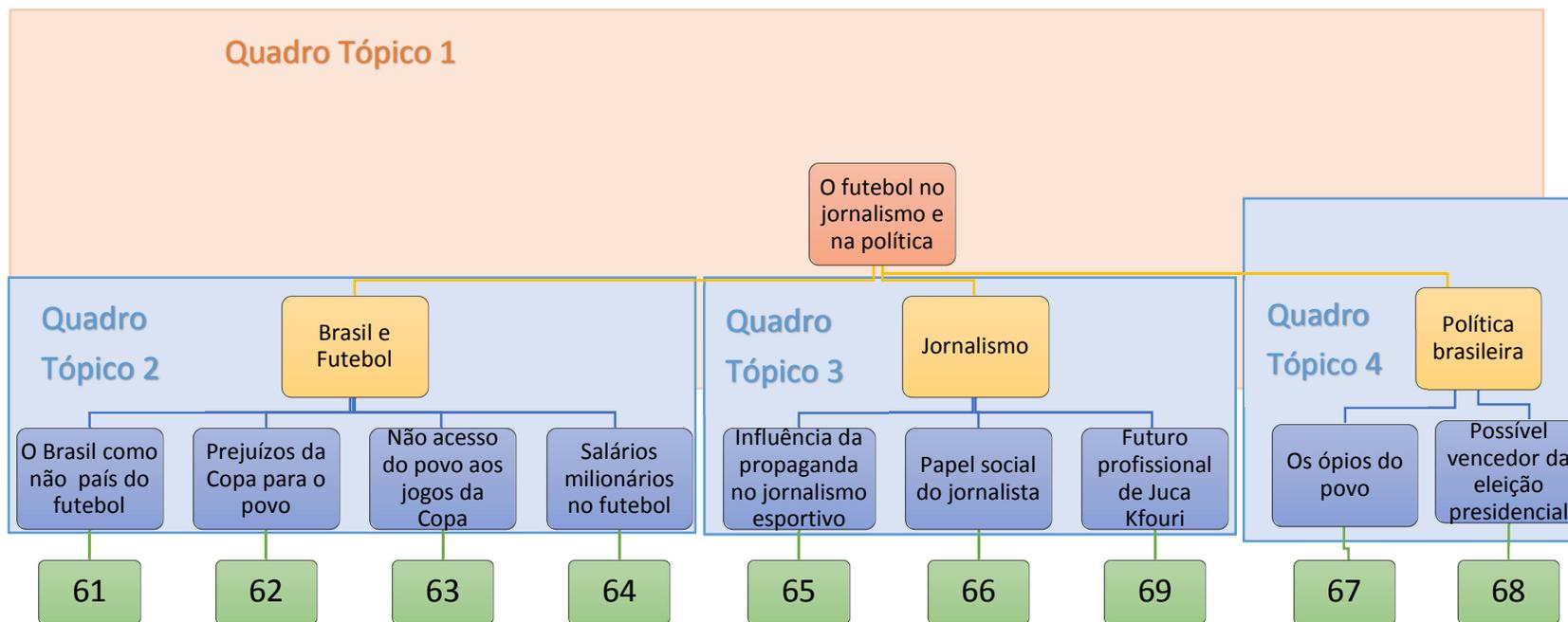


Gráfico 13: Supertópico “o futebol no jornalismo e na política”, amostra do Manos e Minas de 20/09/2009.

No que se refere ao quadro “Interferência”, Granato (2011) afirma que os tópicos mobilizados nesse quadro nas amostras do programa de 2008 e de 2009 são relativos não apenas à realidade da periferia, mas especificamente relacionados à história de vida e/ou à atuação profissional e social do entrevistado. No caso do jornalista esportivo Juca Kfourri, podemos observar que tanto o supertópico “O futebol no jornalismo e na política” quanto os subtópicos subordinados a ele tratam de temáticas relativas à atuação profissional do entrevistado. Juca Kfourri, ligado à área do jornalismo esportivo, trata da temática do futebol e do jornalismo, mas também trata desses dois temas relacionando-os à política e à sociedade.

Segundo Granato (2011), é comum que nesse quadro se discuta a respeito da mídia (“televisão” e “grande mídia”), da educação, da identidade pessoal e/ou profissional, da política etc. Apesar, então, da especificidade da atuação de Juca Kfourri, são mobilizadas em sua entrevista temáticas que são, em geral, comuns ao quadro do programa comandado por Ferréz. Nesse caso, nossa análise corrobora a conclusão de Granato (2011), segundo a qual é evidente o interesse do quadro de fazer o entrevistado falar “a partir de direcionamentos temáticos específicos por parte do entrevistador”, tais direcionamentos estariam “na mesma direção dos objetivos assinalados por Ferréz sobre o quadro: tirar o acesso e a produção da informação apenas do círculo composto pela elite cultural, estendendo-os às demais esferas sociais” (p. 153).

Ainda sobre os tópicos mobilizados na amostra analisada, podemos dizer que, assim como aponta Granato (2011), o programa parece não se relacionar específica e/ou exclusivamente ao entretenimento, tal como se costuma assinalar a respeito do gênero programa de auditório. Nesse sentido, o programa, sobretudo quando se observa seus participantes e seus tópicos, parece se ancorar, conforme se propõe desde o início desta pesquisa, no *habitus* (Bourdieu, 1983) da comunidade da periferia.

Quando passamos a observar os tópicos desenvolvidos e as sequências textuais mobilizadas, podemos verificar algumas relações bastante importantes, como o fato de que as sequências do tipo descritiva e dialogal serem as mais mobilizadas quando o primeiro supertópico, intitulado “Apresentação do programa “Manos e Minas”, é desenvolvido. No caso do supertópico “Violência nas escolas”, são desenvolvidas, sobretudo, sequências do

tipo narrativa e explicativa. Na tabela a seguir, podemos observar que, no desenvolvimento de cada supertópico, é comum a predominância da mobilização de um ou dois tipos de sequência textual:

Supertópico	Subtópicos	Sequência Textual
Apresentação do programa “Manos e Minas”	Apresentação dos convidados	Descritivas Explicativa
	Apresentação dos quadros do programa	Descritivas
	Finalização do programa	Descritivas
História de vida de Gog e do <i>hip-hop</i>	História de vida de Gog	Narrativa
	Importância de SP na vida de Gog	Narrativa
	O encontro do <i>hip-hop</i> de São Paulo (Thaíde) e do <i>hip-hop</i> de Brasília (Gog)	Narrativa
	Discriminação do <i>hip-hop</i> em seu início	Narrativa
Prêmio Nacional de Comunicação e Justiça	Premiação de Gog pelo vídeo "Conheça o Ministério Público"	Narrativa
	Prêmio: contribuição ao/contramão do <i>rap</i>	Argumentativa
	Necessidade de conhecer o Ministério Público Federal	Argumentativa
	Promotor: distanciamento da periferia	Argumentativa
	Necessidade de se formar novos profissionais na periferia	Argumentativa
Violência nas escolas	Experiência de agressão na escola: caso I	Narrativa
	Violência verbal e violência física	Descritivas Explicativas
	O papel da escola nos casos de violência	Explicativas Argumentativa Descritiva
	Negação da escola em falar sobre o problema da violência	Explicativa
	Experiência de agressão na escola: caso II	Narrativa
	Experiências de combate à violência	Descritivas Narrativas Explicativas
	Experiência de agressão na escola: caso III	Descritiva Narrativa
	Experiência de agressão na escola: caso IV	Narrativa
O futebol no jornalismo e na política	Brasil e Futebol	Explicativa Argumentativa
	Jornalismo	Argumentativa
	Política brasileira	Argumentativa

Tabela 5: Tópicos e sequências textuais desenvolvidos no programa “Manos e Minas” de 20/09/2009.

Como dissemos anteriormente, é comum a mobilização de (i) sequências do tipo descritiva quando se desenvolvem os tópicos subordinados ao supertópico “Apresentação do programa “Manos e Minas””; (ii) sequências do tipo narrativa quando se desenvolvem os tópicos subordinados ao supertópico “História de vida de Gog e do *hip-hop*”; (iii) sequências do tipo argumentativa quando se desenvolvem os tópicos subordinados aos supertópicos “Prêmio Nacional de Comunicação e Justiça” e “O futebol no jornalismo e na política”. Já no caso do supertópico “Violência na escolas”, podemos perceber que há o desenvolvimento de sequências descritivas, explicativas, argumentativas e narrativas. Isso ocorre em função de esse tópico ser desenvolvido por especialistas que descrevem e explicam o problema e possíveis soluções para ele e por participantes que narram suas experiências relacionadas ao tema. Há, então, nesse caso, uma função informativa bastante importante, que é reforçada pelas sequências descritivas e explicativas desenvolvidas por especialistas, mas também uma função de mostrar uma realidade do ponto de vista dos próprios sujeitos que vivem essa realidade e que desenvolvem, então, sequências do tipo narrativa.

Ainda no que se refere à tabela acima, conforme se pode observar, não inserimos as sequências do tipo dialogal. Essa decisão foi tomada em função de considerarmos que nas sequências dialogais desse programa não há centração em um tópico discursivo. Conforme postula Adam (2008), há vários níveis da análise de discurso e níveis da análise textual. Para o autor, então, o analista deve procurar levar em consideração todos esses níveis.

Porém, observamos em nossa pesquisa de monografia (Mariano, 2011) que, no caso do programa de auditório “Manos e Minas”, há determinados segmentos textuais em que alguns níveis se sobrepõem aos demais. Em outras palavras, pudemos identificar alguns segmentos nos quais os atos de discurso (ações) são mais caracterizadores do segmento do que o conteúdo informacional (semântica- representação discursiva). Concluimos, então, a partir da proposta de Adam (2008), que esses segmentos cujas ações se sobressaem ao conteúdo são sequências do tipo dialogal, que se caracterizam, entre outras coisas, pela presença da função fática de linguagem. Nesse caso, o foco está em seu papel interacional e acional e não sobre o que se fala.

Em seus dados, retirados do corpus do Projeto NURC, Jubran *et al.* (2002) classificaram os segmentos em que a natureza interacional se sobrepõe à natureza semântica como “digressão baseada na interação”. No caso das amostras do programa de auditório “Manos e Minas”, não podemos considerar como digressões os segmentos que não são centrados em um tópico, visto que, a nosso ver, essas sequências não se justificam por uma contigência interacional (como no caso de ruídos externos, chegada de alguém, ou problemas no canal comunicativo), tal como ocorre nas digressões. Nesse caso, esses segmentos constituem sequências do tipo dialogal e sua presença no programa de auditório revela um traço da estrutura composicional desse gênero cuja estrutura de participação envolve não apenas a díade entrevistado/entrevistador, mas tríades em que interagem apresentador, entrevistado, plateia e/ou telespectador.

Podemos perceber ainda que, apesar da natureza interacional, as sequências dialogais apresentam funções textuais bastante definidas, tais como a de abertura (apresentações, saudações, cumprimentos) e de fechamento de tópicos (saudações, agradecimentos) e/ou de situações comunicativas.

Em função dessas observações feitas em nossa pesquisa (Mariano, 2011), decidimos não considerar, em nossas análises, as sequências do tipo dialogal como sendo SegTs. Apesar de não as termos considerado na análise da organização tópica, pudemos observar algumas particularidades de sua relação com os tópicos mobilizados no programa. Primeiramente observamos que as sequências dialogais, além de numerosas, são bastante presentes ao longo da amostra do programa “Manos e Minas” de 20/09/2009, seja quando os participantes se cumprimentam, se despedem ou quando agradecem. Em segundo lugar, observamos que elas ocorrem em várias situações comunicativas dessa amostra³⁹, todas elas no auditório, como por exemplo: na apresentação dos convidados e dos quadros a serem exibidos, na entrevista com Gog, na apresentação musical de Gog, na apresentação dos *b-boys*, na leitura dos e-mails enviados pelo público e nas duas entrevistas com membros da plateia após as reportagens externas. Essas sequências são desenvolvidas, então, quando os tópicos subordinados aos supertópicos “Apresentação do programa “Manos e Minas”,

³⁹ A ausência de sequências dialogais ocorre apenas nos casos da (i) reportagem de orientação social sobre o tema “Violência na escola” e da (ii) entrevista com o jornalista esportivo Juca Kfoury no quadro Interferência.

“História de vida de Gog e do *hip-hop*” e “Violência nas escolas” (especificamente os subtópicos “Experiência de agressão na escola: caso II, caso III, caso IV”) são desenvolvidos. Também cabe salientar que essas sequências são desenvolvidas, sobretudo, pelo apresentador Thaíde (TH), como se pode observar no exemplo a seguir:

Exemplo 2			
627	TH	um pouco mais de GOG pra todos nós (es)tá certo?	Seq. Descritiva
628		agora eu vô(u) assistí(r) dali... daquele lado... pode	Seq. Dialogal
629		sê(r)? posso chegá(r) até aí? muito obrigado... eu	
630		vô(u) ali... certo? GOG com vocês aqui no “Manos e	
631		Minas”... mas cadê o barulho pra ele ⁴³ [porque ele	
632		merece]	
633	PL	⁴³ [((palmas, gritos e assobios))]	
634		((GOG começa a cantar “Brasil com P” 45’29” – 49’44”))	
635	TH	⁴⁴ [grande GOG... poeta GOG no “Manos e Minas”...]	
636		55{e é o seguinte hein?... daqui a pouco a gente vai	Seq. Descritiva
637		chegá(r) e trocá(r) mais uma ideia... vamo(s)	
638		chamá(r) mais GOG}}... 56{e também Ferrez batendo	
639		aquele bolão com Juca Kfourì...}	
640		então não saia daí que já já a gente volta... vamo(s)	
641		que vamo(s)	Seq. Dialogal
642	PL	⁴⁴ [((aplausos, gritos e assobios))] o som não pode	
643		pará(r)	
644	TH	é bom demais... é isso aí	
645		((vinheta - intervalo))	
646		((vinheta – retorno do programa))	
647	TH	⁴⁵ [muito bem... é: muito bem... “Manos e Minas”	
648		está de volta no ar].... depois desse pequeno	
649		intervalinho ... a gente continua se divertindo	
650		aqui... não é verdade? não é verdade? não é?	

Em um primeiro momento, importa ressaltar a figura do apresentador como principal locutor das sequências dialogais (apesar de não ser o único). Acreditamos que isso pode ser explicado pela relação entre a função dessas sequências e o papel do apresentador no que diz respeito à estrutura de participação do programa. Por meio das sequências

dialogais, o apresentador é responsável pela promoção da interação com a plateia (“*cadê o barulho para ele?*”), com os telespectadores (“*não saia daí que já já a gente volta*”) e também, em outros momentos, com os convidados do palco.

Até aqui, procuramos apresentar a organização tópica da amostra do programa “Manos e Minas” de 20/09/2009 bem como as relações que observamos no que diz respeito aos tópicos desenvolvidos e as sequências textuais mobilizadas. Na próxima seção, procuramos caracterizar essa amostra quanto às sequências textuais produzidas pelos seus participantes e fazemos uma análise quantitativa e qualitativa dos MDs usados e de suas subfunções nas diferentes sequências textuais

3.1.2 Marcadores discursivos, sequências textuais e tópico

Dando continuidade à análise da amostra de 20/09/2009 no que se refere às sequências textuais produzidas e aos MDs usados, apresentamos nossas análises especificamente quanto a essas ações de textualização empreendidas pelos participantes do programa. Primeiramente, pudemos observar que, no contexto de produção de textos predominantemente dialogais, de forma a promover diferentes interações, o apresentador do programa, o *rapper* Thaíde, recorrentemente, faz uso de MDs interacionais que reforçam tanto o caráter interativo do programa como o caráter cooperativo e colaborativo das interações, principalmente em função do fato de que há um significativo uso de MDs com função *checking* ou de busca de aprovação discursiva (*certo?, não é verdade?, não é?*).

Além do apresentador Thaíde, pudemos notar ao longo do programa que o *rapper* Gog também desenvolve sequências dialogais para se comunicar com a plateia e com o público telespectador (“*pras periferias de São Paulo...e pra todos aqueles que fazem do Brasil um país melhor*”). Há também alguns convidados que desenvolvem sequências transacionais de respostas (Adam, 2008) às perguntas introdutórias de Thaíde, como podemos observar nesse início de entrevista:

Exemplo 3			
132	TH	chega aí...como é que (es)tá? ((Thaíde cumprimenta os entrevistados)) qual o seu nome?	Seq. Dialogal
133			
134	VI	é Vitor	
(...)			
147	TH	(es)tá bom... da onde vocês são... (es)tão representando?	
148			
149	VI	(es)tô(u) representan(d)o o ²⁹ [Guttemberg aí... Zona Norte é nós]	
150			
151	PL	²⁹ [((palmas, gritos e assobios))]	

Em relação a esse tipo de sequência, que se caracteriza, entre outras coisas, por ter o enfoque em uma ação - no caso, interacional- e não em um tópico concernente, nossa hipótese era realmente encontrar um maior número de MDs interacionais que reforçariam o caráter interacional desse tipo de sequência. Essa hipótese se confirmou quando quantificamos os MDs.

Encontramos um grande número de MDs com função interacional (85,2%) sendo usados nas sequências de abertura e fechamento da interação (ADAM, 2008) no programa selecionado. Quanto aos sequenciadores, por essas sequências dialogais não constituírem SegTs, consideramos como MDs aqueles que iniciam a sequência e aqueles que atuam no processamento local, introduzindo paráfrases e/ou exemplificações, conforme podemos verificar na tabela a seguir:

MDs interacionais					MDs sequenciadores
Checking	Feedback	Injuntivo	Iniciador	Interpelativo	
Certo? (8)	Opa (1)	Ó (2)	0	Mano (1)	Então (2)
Hein? (6)					E (1)
Não é verdade? (2)					Quer dizer (1)
Firmeza? (1)					
Né? (1)					
Não é? (1)					
Total: 19 (70,4%)	Total: 1 (3,7%)	Total: 2 (7,4%)	0	Total: 1 (3,7%)	Total: 4 (14,8%)

Tabela 6⁴⁰: Uso dos MDs nas sequências dialogais do programa “Manos e Minas” de 20/09/2009.

⁴⁰ As tabelas contêm o número total dos MDs usados no programa, e não apenas daqueles que podem ser observados nos exemplos recortados.

Ao observarmos essa tabela, podemos notar, portanto, que nas sequências dialogais é muito comum o uso de MDs interacionais com função de *checking*, como foi possível observar no exemplo 2 em que Thaíde usa os MDs *certo?*, *não é verdade?*, *não é?*. Também no exemplo 2 acima, foi possível observar o MD *então* atuando na abertura da sequência textual. Após descrever as atrações do bloco posterior, o apresentador Thaíde, para marcar a abertura de uma nova ação discursiva, usa o MD *então*. Nesse caso, esse MD sinaliza o fechamento da sequência descritiva e a abertura da sequência dialogal na qual o apresentador se dirige diretamente ao público telespectador por meio de verbos no modo imperativo.

Por fim, embora as sequências dialogais sejam extremamente frequentes nos momentos iniciais e finais do programa, momentos nos quais o apresentador faz um primeiro ou último contato com os participantes, verificamos o largo emprego dessas sequências ao longo de todo o programa.

Além das sequências dialogais, outro tipo de sequência bastante usada ao longo do programa são as descritivas, que se caracterizam, sobretudo, pela atribuição de propriedades ao objeto tematizado (Adam, 2008).

Quanto às sequências descritivas, elas são mobilizadas quando os seguintes supertópicos são desenvolvidos: “Apresentação do programa “Manos e Minas” (subtópicos: “Apresentação dos convidados”, “Apresentação dos quadros do programa”) e “Violência nas escolas” (subtópicos: “Violência verbal e violência física”, “O papel da escola nos casos de violência”, “Experiência de combate à violência” e “Experiência de agressão na escola: caso III”).

Podemos dizer, então, que essas sequências são desenvolvidas quando se tematiza sobre o próprio programa e suas atrações e quando se tematiza sobre a violência nas escolas. No caso dos tópicos relacionados a essa temática, os apresentadores mobilizam sequências do tipo descritiva quando definem os tipos de violência na escola e o papel da escola nos casos de violência ou quando tratam dos projetos para evitar a violência na escola. Cabe destacar que, apesar de estarem presentes na situação de reportagem externa, essas sequências são, assim como ocorre no auditório, desenvolvidas pelo apresentador/reporter e não pelos convidados/entrevistados.

Podemos dizer, então, que, assim como no caso das sequências dialogais, o emprego das sequências descritivas encontra-se bastante relacionado ao papel do apresentador no programa “Manos e Minas” de 20/09/2009. No decorrer do programa, essas sequências também são, em sua maioria, desenvolvidas pelo apresentador no auditório, sobretudo na mudança de situação comunicativa (Gumperz, 1982), como podemos ver no exemplo 4, a seguir, em que, após a apresentação do *rapper* GOG, o apresentador Thaíde inicia a chamada do próximo quadro. Essa apresentação é feita por meio de sequências que descrevem o tema (“*histórias envolvendo violência que acontecem nas escolas*”) e as ações que serão feitas (“*primeiro vamo(s) vê(r) ali na tela algumas coisas... depois vamo(s)(s) debatê(r) o assunto*”).

Além de aparecerem nos momentos de apresentação de temas ou de pessoas, essas sequências também são usadas em um determinado momento de entrevista. O grafiteiro convidado, Ricardo AKN, ao ser questionado sobre o processo de criação e produção do seu quadro (“*como é que foi?*”), desenvolve sequências para descrever esse processo.

De modo geral, podemos observar que essa edição do “Manos e Minas” se inicia com sequências dialogais (saudações iniciais do apresentador ao público). Logo em seguida, o apresentador faz a apresentação dos convidados e dos quadros do programa por meio de sequências descritivas. Durante a apresentação dos convidados e da plateia, há novamente sequências dialogais que interpelam o público presente a participar por meio de aplausos, gritos e assobios. Podemos observar que as sequências descritivas desenvolvidas pelo apresentador para anunciar os tópicos e os quadros são, na maioria das vezes, acompanhadas de sequências dialogais:

Exemplo 4			
313	TH	GOG com vocês aqui no “Manos e Minas”	Seq. Dialogal
314		((cumprimentam-se)) ave Maria... é assim que tem	
315		que sê(r)...	
316		24 {bom...eu gostaria de falá(r) pra vocês que o	Seq. Descritiva
317		assunto que a gente vai falá(r) agora... daqui a pouco	
318		tem mais GOG pra gente podê(r) tirá(r) nosso	

319	barato... se divertí(r) ainda mais... certo? mas agora	
320	tenho um assunto muito sério... preocupante... que a	
321	gente vai colocá(r) no ar agora aqui em debate... que	
322	são histórias envolvendo violência que acontece nas	
323	escolas... isso sem dúvida nenhuma... é	
324	preocupante... e a gente vai vê(r) isso agora...	
325	vamo(s) debatê(r) o assunto... primeiro vamo(s) vê(r)	
326	ali na tela algumas coisas... depois vamo(s) debatê(r)	
	o assunto }	

Nesse exemplo 4, após a apresentação musical de Gog, o apresentador Thaíde cumprimenta o *rapper* e dá sequência ao programa por meio da descrição da próxima situação comunicativa: a reportagem sobre violência na escola.

No exemplo 5 a seguir, podemos observar que o apresentador faz o retorno do programa com sequências dialogais que interpelam a plateia. Em seguida, Thaíde descreve a sua próxima “ação”: a leitura dos e-mails escritos pelos telespectadores.

Exemplo 5			
170	TH	[...] nós estamos de volta com “Manos e Minas”...	
171		todo mundo aqui se divertindo... é ou não é? é ou não	
172		é?	
173	PL	((palmas, gritos e assobios))	Seq. Dialogal
174	TH	se não não tem graça...	
175		15{bom...é o seguinte...nós estamos em ligação	
176		direta com vocês...com quem assiste o “Manos e	
177		Minas”...e vamo(s) lê(r) agora alguns <i>e-mails</i> que	
178		vocês mandaram pra gente aqui... certo? mas vô(u)	Seq. Descritiva
179		lê(r) do meu jeito pode sê(r)? muito obrigado...tem o	
180		Daniel Jonathan...ele diz o seguinte...ele é lá do	
		Ceará }	

Podemos observar que, nos dois exemplos, as sequências descritivas se iniciam após as sequências dialogais com o desenvolvimento de um novo SegT que é introduzido, por sua vez, pelo MD *bom*. Segundo Guerra (2007), esse MD funcionaria como um subtipo dos MDs cuja função é a de sequenciar a interação. No caso, o MD *bom* seria classificado

como um **iniciador**, ao lado dos MDs *checkings* (*certo?*, por exemplo) e *feedbacks* (*isso mesmo*, por exemplo). Essa autora, então, ao contrário de Risso (2006), considera que esse tipo de MD não funciona como sequenciador tópico, mas como um sequenciador da interação, já que “MDs como *bom*, *olha* etc. parecem sinalizar, primariamente, que o falante vai iniciar a resposta a uma pergunta ou uma nova parte da interação” (GUERRA, 2007, p.68). A função desses MDs, então, é a de chamar a atenção do interlocutor para o início do turno ou resposta e não propriamente marcar uma relação entre dois segmentos do discurso.

Ao longo do programa, é interessante notar que o apresentador Thaíde usa esses MDs iniciadores por 6 vezes, quatro delas em sequências descritivas, principalmente na passagem da sequência dialogal para a sequência descritiva, o que mostra que esse tipo de MD conjuga tanto uma função interacional por chamar a atenção do interlocutor quanto uma função de organização textual por marcar a passagem de um tipo de sequência para outro, no caso, de sequência dialogal para sequência descritiva.

Outro MD que também é bastante usado, seja sozinho ou junto com outro MD, em início de sequência descritiva após sequência dialogal é o *é o seguinte*. Observamos duas ocorrências desse MD, agrupado ao MD *agora*, iniciando esse tipo de sequência. Também o observamos, agrupado com o MD *bom* e com o MD *e*, atuando na abertura de SegTs e de sequências do tipo descritiva. O MD *bom* assim como o MD *é o seguinte* parecem, então, conjugar a função de abertura de SegT e, mais especificamente, de abertura de sequência descritiva.

Além do MD *bom*, nas sequências descritivas, também se observa o uso dos seguintes MDs:

MDs interacionais					MDs sequenciadores			
Checking	Feedback	Injuntivo	Iniciador	Interpelativo				
Certo? (6)	Pode crê(r) (1)	Olha só (3)	Bom (3)	0	E (8)			
Hein? (2)			Ah (1)		é o seguinte (5)			
Né? (2)						Mas (3)		
(es)tá certo? (1)							Agora (2)	
cê tá entendendo?: 1								Então (1)
	Porque (1)							
Total: 12 (30%)		Total: 1 (2,5%)	Total: 3 (7,5%)	Total: 4 (10%)	0			

Tabela 7: Uso dos MDs nas sequências descritivas no programa “Manos e Minas” de 20/09/2009.

Em relação aos MDs interacionais, podemos observar o significativo uso de MDs do tipo *checking*, que totalizam mais da metade do uso dos MDs interacionais (60%). Também há uso de injuntivos e dos iniciadores *bom* e *ah*, como expusemos acima.

Quanto aos MDs textuais, o *então* não é tão produtivo nas sequências descritivas quanto o é nas dialogais. Os MDs com uso mais expressivo são *e*, *é o seguinte* e *mas*. Nesse caso, “(...) o *mas* marcador não explicita relações de contraste entre orações (adjacentes ou não): as sequências que ele introduz não expressam ideias opostas às de alguma oração antecedente. Sua atuação se dá somente no sequenciamento e na organização do discurso” (RODRIGUES, 1995, p. 41). Ou seja, o *mas* como MD atua na progressão tópica, seja como mecanismo de tomada de turno, como engate para digressão opinativa, como sequenciador tópico, enfim, como sequenciador da organização tópica.

Como salienta Guerra (2007), a abordagem textual-interativa, ao contrário das abordagens da Pragmática, da Teoria da Relevância e da Teoria da Coerência, parece “analisar MDs com relação a sua função na estruturação do discurso”. Tal análise justificaria, segundo a autora, “a distinção entre coordenadores, por um lado, como elementos de estruturação da sentença gramatical, e MDs, por outro, como elementos de estruturação de unidades discursivas mais amplas (GUERRA, 2007, p. 23).

Podemos observar que no exemplo 5 acima, no trecho “..e vamo(s) lê(r) agora alguns e-mails que vocês mandaram pra gente aqui... certo? mas vô(u) lê(r) do meu jeito pode sê(r)? muito obrigado...”, o *mas* não atua como MD. Se levarmos em consideração os critérios propostos por Guerra (2007), iremos observar primeiramente que há integração prosódica, pois não há alongamento ou pausa, o que parece indicar que é o conjunto das duas partes ligadas, e não cada uma individualmente, que constitui o próximo passo na progressão do discurso.

Além disso, podemos observar, por meio do critério mais elementar na distinção entre o sequenciador tópico e o sequenciador frasal, que há integração sintática e semântico-pragmática entre os enunciados conectados pelo *mas*. Quando o apresentador anuncia que “vamo(s) lê(r) agora alguns e-mails que vocês mandaram pra gente aqui”, a expectativa é que ele lerá os e-mails da forma como estão escritos. A quebra dessa expectativa é marcada pelo *mas* que introduz a informação de como será feita a leitura:

“*vou ler do meu jeito*”. Portanto, esse item funciona no sequenciamento frasal, marcando uma relação de contraste entre os dois enunciados ligados por ele e construindo uma estrutura sentencial hipotática adversativa.

No exemplo a seguir, ao contrário, as duas ocorrências do *mas* funcionam, a nosso ver, como sequenciadores tópicos e, portanto, como MDs:

Exemplo 6			
641		então não saia daí que já já a gente volta... vamo(s)	Seq. Dialogal
642		que vamo(s)	
643	PL	⁴⁴ [[((aplausos, gritos e assobios))] o som não pode	
644		pará(r)	
645	TH	é bom demais... é isso aí	
646		((vinheta - intervalo))	
647		((vinheta – retorno do programa))	
648	TH	⁴⁵ [muito bem... é: muito bem... “Manos e Minas” está	
649		de volta no ar].... depois desse pequeno intervalinho ...	
650		a gente continua se divertindo aqui... não é verdade?	
651		não é verdade? não é?	
652	PL	⁴⁵ [[((palmas, gritos e assobios))]	
653	TH	57{mas agora a gente vai falá(r) ali... com o nosso	Seq. Descritiva
654		grande convidado de hoje o grafite(i)ro... Ricardo	
655		AKN... certo?}	
656	RA	e aí beleza?	Seq. Dialogal
657	TH	58 ⁴⁶ [que gosta muito de grafitá(r) lá na área dele...no	Seq. Descritiva
658		Jardim Ângela...} 59{ mas eu gostaria de perguntá(r) o	
659		seguinte]	
660	PL	⁴⁶ [[((aplausos e gritos))]	
661	TH	olha só... tem nome o grafite que você fez... ou foi	
662		uma inspiração no momento... como é que foi?	
663	RA	ah então é um trabalho mais figurativo... eu vô(u)	
664		recolhendo um traço de cada elemento que eu vejo na	
665		rua... uma pessoa com boné... um estilo de cabelo...	
666		um estilo de sei lá de se vestí(r)... e vô(u) colocando	
667		um pouco de desenho de quadrinhos... as cores dos	
668		quadrinhos... essas coisas do tipo né?}	

Em relação à primeira ocorrência (linha 653), o *mas* inicia um novo SegT, o que é possível afirmar por meio do critério de contração. Das linhas 641 a 652, observa-se que não há a contração em um tópico e que esse segmento constitui uma sequência do tipo dialogal. A partir da linha 653, observa-se que o apresentador passa a veicular uma nova informação, que está relacionada com a própria atividade de apresentar as atrações do programa. Nesse caso, a partir desse ponto, podemos dizer que um novo SegT ligado ao subtópico “Apresentação dos convidados” passa a ser desenvolvido. O apresentador não deixa, nesse caso, de se dirigir à plateia e aos telespectadores, como vinha fazendo na sequência dialogal, mas, a partir desse momento, começa a haver conteúdo referencial e referentes concernentes entre si (“*o nosso grande convidado de hoje*”, “*o grafiteiro Ricardo AKN*”).

Além disso, é bastante evidente que o *mas* não marca uma relação de contração, como normalmente faz quando atua como sequenciador frasal. A informação nova (“*agora a gente vai falá(r) ali... com o nosso grande convidado de hoje o grafite(i)ro*”) não se contrapõe à informação anterior (“*depois desse pequeno intervalinho ... a gente continua se divertindo aqui*”), ou seja, “falar com o grafiteiro” não se contrapõe à ação de se divertir. É evidente, então, que esse item atua na articulação tópica e não no sequenciamento frasal.

Quanto à segunda ocorrência (linha 658) do *mas* nesse trecho, novamente observamos que ele atua na articulação intertópica, sinalizando a abertura de um novo SegT. Se o SegT anterior está centrado ainda na apresentação do grafiteiro, a partir do *mas* um novo conteúdo começa a ser desenvolvido. Esse novo SegT, apesar de também estar subordinado ao supertópico “Grafiteiro”, trata especificamente do “Método de criação do quadro”. Novos referentes começam a ser relevantes a partir do *mas*: “*o grafite que você fez*”, “*trabalho mais figurativo*”, “*um traço de cada elemento que vejo na rua*”, “*uma pessoa com bonê*”, “*um estilo de cabelo*”, “*um estilo de sei lá de se vestí(r)*”, “*as cores dos quadrinhos*”. São expressões referenciais que se relacionam ao trabalho do grafiteiro ou àquilo que serve de inspiração para ele na produção de seu trabalho.

Quanto a essa última ocorrência do *mas*, também observamos que não há uma relação semântica de contração entre a informação anterior e posterior: o *mas*, então,

não marca um contraste entre “[Ricardo AKN] *que gosta muito de grafita(r) lá na área dele...no Jardim Ângela*” e “*eu gostaria de perguntá(r) o seguinte*”. Ele funciona, como dissemos, como um sinalizador da abertura de um novo SegT e, portanto, de novos referentes concernentes entre si.

Ainda em relação aos MDs sequenciadores nas sequências do tipo descritiva, pudemos observar que a grande maioria deles exerce a função de abertura de SegT, conforme podemos observar na tabela a seguir:

Subfunção do MD sequenciador	e	é o seguinte	mas	então	porque	agora	Total
Abertura de Seg. tópico	5	5	3	-	1	2	16 (80%)
Fechamento de Seg. tópico	2	-	-	-	-	-	2 (10%)
Abertura de resposta	-	-	-	1	-	-	1 (5%)
Introdução de inserção parentética	1	-	-	-	-	-	1 (5%)

Tabela 8: Subfunções dos MDs sequenciadores nas sequências descritivas.

Como dissemos anteriormente, observa-se um significativo número de ocorrências de MDs sequenciadores abrindo os SegTs e as próprias sequências do tipo descritiva, como é o caso dos MDs *e, é o seguinte, mas e agora*.

Importa ressaltar ainda que o fato de os trechos de sequências descritivas conterem geralmente verbos no futuro ocorre, a nosso ver, em função de o apresentador empregá-las segundos antes ou na mesma temporalidade em que as ações “descritas” são realizadas. Assim, essas sequências parecem estar relacionadas a uma descrição procedimental, simultânea às ações desenvolvidas no programa. Dessa forma, o apresentador parece revelar um conhecimento convencionalizado sobre o gênero, ou seja, o apresentador apresenta uma competência metagenérica (BENTES *et al*, 2003) que o permite se apropriar do gênero programa de auditório

Com isso, torna-se fácil o entendimento do porquê de os MDs sequenciadores, nessas sequências, ocorrerem de forma equilibrada quando comparados aos interacionais: é com o auxílio deles que o apresentador Thaíde dá andamento ao programa, usando-os geralmente para iniciar sequências textuais que buscam “chamar” as atrações seguintes, e realizando, portanto, momentos de transição entre as diferentes situações comunicativas.

Diferentemente das sequências dialogais e descritivas, que são mais desenvolvidas pelo apresentador, as sequências explicativas são desenvolvidas, em sua maior parte, pelos convidados do programa.

Quanto à situação comunicativa, a grande parte das sequências explicativas ocorre em uma reportagem externa na qual especialistas do tema abordado são entrevistados. No programa de 20/09/2009, trata-se de uma reportagem externa cuja temática é “Violência na escola”. Após o relato de uma mãe e de seu filho sobre um caso de violência vivida pelo menino na escola, o especialista no assunto, Renato Alves, pesquisador do Núcleo de Estudos da Violência da USP, desenvolve sequências explicativas que têm a função de esclarecer e orientar os telespectadores quanto ao tema. O exemplo a seguir mostra uma sequência explicativa desenvolvida por esse especialista durante a reportagem:

Exemplo 7			
361	RA	30 {a gente quando pensa em violência... pensa naquela	Seq. Explicat.
362		violência mais grave assim né? ... uma agressão que	
363		tira o sangue de alguém...que marca o corpo de	
364		alguém... que até mata alguém...o <i>bullyng</i> é um tipo de	
365		violência... é uma violência talvez a mais perversa	
366		porque ela não deixa marcas físicas... ela deixa	
367		marca... vamo(s) chamá(r) assim... na alma da	
368		pessoa... então você não vai dando atenção pra esse	
369		tipo de violência...vamo(s) chamá(r) assim de	
370		violência imaterial... ela muitas vezes se desdobra	
371		numa violência física... ((mostram-se cena de filmes))}	
372		31 {desde que a criança entra na escola... esse tema da	
373		violência... ele tem que sê(r) posto...como né? ...você	
374		monitorando e você ensinando essa criança a lidar com	
375		conflito...coibindo pequenas violências que acontecem	
376		no cotidiano... quando você não coíbe essas pequenas	
377		violência...e isso as nossas pesquisas mostram... elas	
378		vão se desdobrando em violências cada vez mais	
379		graves...até chegá(r) nesses casos graves que a gente	
380		vê na televisão}	

A função das seqüências explicativas no programa parece estar relacionada, então, não à sua apresentação, como as seqüências descritivas, ou à interpelação da plateia e do telespectador, como no caso das dialogais, mas aos quadros e às reportagens externas de orientação ou conscientização social sobre um tema considerado problemático, por assim dizer, e em voga nas discussões nacionais.

O pesquisador Renato Alves, como especialista, elabora um breve panorama inicial, versando sobre a existência do problema da “violência nas escolas” e, em seguida, com a ajuda da pergunta instaurada pela repórter CG, produz informações que são construídas como possíveis causas para o problema (“quando você não coíbe essas pequenas violências... e isso as nossas pesquisas mostram... elas vão se desdobrando em violências cada vez mais graves”); ao final, o especialista esboça possíveis soluções para a questão (“você monitorando e você ensinando essa criança a lidar com conflito”).

No exemplo acima, podemos observar dois MDs sequenciadores atuando na articulação intratópica. O MD *então* (linha 368) atua no encaminhamento tópico do segmento 30, intitulado “O *bullying* e o risco de violência física”. Alguns critérios foram levados em consideração para a análise desse item como sequenciador tópico. Primeiramente, observamos que a pausa anterior ao *então* aponta para a ausência de integração prosódica.

Em segundo lugar, não observamos o *então* atuando na indicação de tempo (como sinônimo de *(n)esse* ou *(n)aquele tempo*) ou como elo sequencial entre orações encadeadas em seqüência cronológica ou ainda na esfera semântica da implicatividade entre duas proposições (ex: “se x, *então* y”). Nesse caso, o *então* não promove a integração semântica das sentenças que articula.

Em terceiro lugar, podemos observar que o *então* introduz uma nova informação que se configura como importante para a construção global do SegT: se antes o foco era apenas a violência imaterial (o *bullying*), a partir do *então* passa-se a tematizar a transformação dessa violência imaterial em física, contribuindo assim para a construção no nível mais global do SegT intitulado “O *bullying* e o risco de violência física”. O *então* atua, portanto, não na introdução de um segmento que constitui a continuação de uma sentença, mas sim na introdução de uma informação que expande a construção do SegT de

forma que se tematize o *bullying* e também a transformação desse tipo de violência em violência física.

Em relação ao MD *e*, podemos observar primeiramente que não há integração prosódica das sentenças, visto que há uma pausa anterior a ele. Em segundo lugar, podemos observar que não há uma integração semântica do tipo aditiva entre as sentenças ligadas pelo *e*, ou seja, “*e isso as nossas pesquisas mostram*” não tem equivalência funcional com a informação “*quando você não coíbe essas pequenas violências*” de modo que não podemos pensar em uma ligação de adição localmente situada (não há um tópico comum entre as orações e as orações não representam um mesmo estado de coisas, por exemplo), como seria se tivéssemos, por exemplo, “*quando você coíbe essas pequenas violências e evita transformar a violência imaterial em violência física*”. Nesse exemplo, observamos claramente o sujeito se mantendo (“você”) e ações que representam um mesmo estado de coisas (coibir violência/evitar transformação de um tipo de violência em outro).

Além desses critérios apresentados, também podemos dizer que “*e isso as nossas pesquisas mostram*” parece se tratar de uma inserção parentética. Assim consideramos, primeiramente porque a informação do trecho não apresenta conteúdo referencial relevante para o tópico “Formas de prevenção da violência”. Apesar de não veicular uma informação relevante do ponto de vista do conteúdo referencial, esse segmento apresenta um papel importante na defesa de um ponto de vista: o de que as informações procedentes são seguras e confiáveis, pois são provenientes de pesquisa. Desse modo, o segmento “*e isso as nossas pesquisas mostram*” tem uma importante função discursiva ao explicitar a fonte das informações que o seguem e, dessa forma, podemos considerar que ele é responsável por garantir a confiabilidade dessas informações, já que elas são fontes de pesquisas e de estatísticas comprovadas.

Ainda em relação às sequências explicativas presentes na reportagem sobre violência nas escolas, pudemos observar que elas são desenvolvidas quando se trata dos tópicos “Violência verbal e violência física”, “O papel da escola nos casos de violência”, “Negação da escola em falar sobre o problema da violência”, “Experiências de combate à violência”. Como se trata de um problema a ser resolvido, a violência é tematizada no programa sobretudo por meio de sequências explicativas, desenvolvidas pelos especialistas

para se explicar o que se trata (“Violência verbal e violência física”), como se lida com ela (“Negação da escola em falar sobre o problema da violência” e “Experiências de combate à violência”) e como deveria se lidar com ela (“O papel da escola nos casos de violência”).

Além dessa situação comunicativa, as sequências explicativas também são desenvolvidas no início da entrevista de Juca Kfourri, quando o jornalista esportivo desenvolve o subtópico “O Brasil como não país do futebol”, subordinado ao supertópico “Brasil e futebol”.

Interessa notar que, nas situações comunicativas em que ocorre o predomínio dessas sequências - reportagem externa sobre o tema “Violência nas escolas” e quadro “Interferência” -, ocorre o maior uso de MDs do tipo interacional, como pode ser visto na tabela abaixo:

MDs interacionais					MDs sequenciadores
Checking	Feedback	Injuntivo	Iniciador	Interpelativo	
Né? (6)	0	0	0	0	E (3)
Certo? (1)					Então (1)
Entendeu? (1)					Mas (1)
Total: 8 (61,5%)					Total: 5 (38,5%)

Tabela 9: Uso dos MDs nas sequências explicativas no programa “Manos e Minas” de 20/09/2009.

Apesar dos MDs sequenciadores serem fundamentais para dar prosseguimento ao panorama que requer explicação e esclarecimento sobre o assunto, em função de não ocorrerem tantas alternâncias de turnos de fala durante o desenvolvimento das sequências explicativas, o uso dos MDs interacionais do tipo *checking* (61,5%) pode estar relacionado a esses turnos de fala mais extensos e à necessidade de os locutores se sentirem “habilitados para dar prosseguimento ao seu discurso”. Isso ocorre, segundo Guerra (2007), pois:

(...) os falantes, normalmente, não desenvolvem um segmento muito longo de seu discurso sem utilizar algum tipo de Checking. (...) Por isso, parece pertinente dizer que esses tipos de MDs são responsáveis pela coesão interacional do discurso. (GUERRA, 2007, p. 62, grifos nossos).

As postulações da autora confirmam, então, a relação entre o uso de MDs do tipo *checking* e o desenvolvimento de turnos mais longos pelos locutores, como ocorre

também na amostra analisada. No exemplo 7 acima, podemos observar o uso do MD *né?* na sequência explicativa desenvolvida pelo especialista. É interessante salientar que todas as ocorrências desse MD se encontram na fala do especialista que desenvolve sequências para explicar o problema da violência e suas possíveis soluções. É evidente, então, que esse tipo de sequência pareça demandar MDs que requeiram a atenção do interlocutor, sobretudo em função do caráter mais didático desse tipo de ação discursiva.

Em relação à subfunção exercida pelos sequenciadores, pudemos observar que duas ocorrências abrem o SegT (*e* e *mas*), duas ocorrências encaminham o tópico (*então* e *e*) e uma ocorrência introduz inserção parentética (*e*, como foi observada no exemplo 7 acima).

No que diz respeito às sequências narrativas, Passeggi *et al.* (2010) reafirmam sua função de expor um fato estruturado como “evento” ou “ação” e apontam que “as diferentes formas de construção da narrativa dependem de seu grau de 'narrativização', ou seja, de sua complexidade narrativa” (p. 284). Assim, o mais alto grau de narrativização expressaria 5 macroproposições que podem ser entendidas como: uma situação inicial de orientação; um nó desencadeador; uma re-ação ou avaliação; um desenlace ou resolução e uma situação final.

Dessa forma, consideramos que a relação entre os cinco momentos da narrativa, como descritos por Adam (2008), e o uso dos MDs está bastante presente no caso do programa “Manos e Minas”, como mostra o seguinte exemplo:

Exemplo 8			
599	TH	51 {Bianca por favor qual a sua experiência desagradável?	Seq. Narrativa
600			
601	BI	então ... um dia na escola os meninos desligaram a força e começaram a tacar carteira nas janelas... nos vidros... agredí(r) as pessoas que (es)tavam embaixo...	
602			
603			
604		e os responsáveis que são os professores e os diretores... eles subiram... trancaram os portões...	
605			
606		subiram pra cima e deixaram a gente lá embaixo...	
607		então isso trouxe certo trauma pra algumas pessoas...	
608		e uma dessas pessoas sou eu né? ...} 52 { e o que me ajudô(u) a superá(r) foi o... uma das coisas... foi o	
609			

610	curso do projeto que eu (es)tô(u) fazendo que é o	
611	PROTEJO... que me ajudô(u) muito... as pessoas são	
612	maravilhosas... e é o que me ajudô(u) mesmo }	

É possível observar que a narrativa acima já começa com a referência à série de ações violentas na qual a entrevistada BI esteve envolvida como vítima: alunos quebrando a escola e agredindo as pessoas, e os professores e responsáveis pela escola referendando a violência perpetuada pelos alunos ao se “protegerem”, deixando à mercê dos alunos mais violentos todos os outros alunos. Sendo assim, a complicação é apresentada já no início da narrativa. Em seguida, a entrevistada faz uma avaliação da narrativa, referindo-se às consequências psicológicas causadas por aquela violência sofrida por ela e por outras pessoas.

Podemos ver que o encadeamento dessas duas informações, que constituem, respectivamente, o nó-desencadeador da sequência narrativa (a violência sofrida) e a avaliação (o trauma vivido), é feito por meio de um MD sequenciador. Nesse caso, assim como pôde ser observado no exemplo 7 acima, o *então* atua como sequenciador tópico, pois o segmento introduzido constitui uma nova informação necessária para a construção da informação global e não propriamente para a organização local do conteúdo de uma sentença.

Podemos dizer que a informação introduzida não tem a mesma natureza que a da informação anterior: enquanto aquela introduz uma avaliação, esta está centrada no episódio vivido. Desse modo, essa nova informação - o trauma - atua no encaminhamento do SegT intitulado “Trauma causado pela violência vivida na escola” cujo foco é exatamente o trauma em decorrência do episódio de violência vivido. Podemos dizer ainda que essa informação atua não apenas globalmente nesse SegT como serve para a expansão do tópico. Em seguida a essa informação, a entrevistada fecha o segmento com o MD *e* e a informação de que “*uma dessas pessoas sou eu né?*”. Ou seja, BI especifica que o trauma foi vivido por ela. E após o fechamento desse SegT, a entrevistada inicia o SegT intitulado “Ajuda de um Projeto Social para superar o trauma da violência”, que é desenvolvido a partir da instauração, no segmento anterior, do referente e do conteúdo a respeito do “trauma”.

No caso da primeira ocorrência do *então*, diferentemente de atuar na articulação tópica, ele é responsável por introduzir a resposta da entrevistada. Nesse caso, ele funciona como um adiamento do conteúdo tópico, durante a interação, ou seja, a entrevistada procura ganhar um certo tempo diante da pergunta que lhe é dirigida por meio de uma resposta prefaciada que retarda, de certo modo, o atendimento imediato do ponto relevante da informação suscitada pela pergunta (Risso, 2006) e que evita a ocorrência de uma pausa não-preenchida. Nesse caso, além de atuar como sequenciador na abertura da informação que será focal no SegT, esse MD apresenta uma natureza interacional ao preencher uma pausa e mostrar a predisposição do entrevistado em responder a pergunta do entrevistador.

No exemplo acima, ainda há o uso do MD *e* abrindo o SegT 52 e fechando esse mesmo segmento. Na abertura do novo SegT, observamos que novas expressões referenciais começam a ser introduzidas (“*o curso do projeto*”, “*PROTEJO*”) e um novo tópico passa a ser desenvolvido. Esse SegT assim como o SegT 51 estão ligados ao supertópico “Experiência de agressão na escola: caso IV”. Porém, ao contrário do SegT anterior, que focaliza o trauma vivenciado pela experiência de violência, o segmento 52 tematiza especificamente o projeto que ajudou BI a superar o trauma relatado anteriormente.

Nesse caso, por meio dos critérios de centração e organicidade, é possível identificar que um novo SegT se inicia a partir do *e* (linha 608) e que essa expressão, portanto, sinaliza a abertura desse SegT. Já no caso da segunda ocorrência do *e* (linha 612), observamos que há a repetição da informação fornecida no início do SegT. Desse modo, observamos que essa estratégia de repetir estruturas (“*e é o que me ajudô(u) mesmo*”) que introduziram o tópico (“*e o que me ajudô(u) a superá(r) foi o... uma das coisas... foi o curso do projeto (...)*”) funciona como delimitadora do SegT, restringindo-o e pontuando-o na linha do discurso. O uso de um MD sequenciador para marcar algumas (sub)partes da estruturação tópica de um texto, como observamos nesse caso, tem justamente a função de explicitar parte dessa estruturação tópica e, assim, facilitar seu reconhecimento.

No exemplo abaixo, podemos observar outra sequência narrativa. Essa sequência foi desenvolvida pelo *rapper* Gog quando tratava do “encontro do *hip-hop* de São Paulo (Thaíde) e do *hip-hop* de Brasília (Gog)”:

Exemplo 9			
214		17 {você uma vez disse numa música sua... a favela do	Seq. Narrativa
215		Thaíde... isso existiu... existe ou foi pra cumprí(r) uma	
216		rima?	
217	GO	((risos)) então... olha só... é::... as pessoas contam	
218		né?... até em livro muitas vezes que o <i>hip-hop</i>	
219		brasileiro nasceu em São Paulo... o que é uma	
220		inverdade... Thaíde sabe disso... o <i>hip-hop</i> na verdade	
221		ele foi pipocando pelo Brasil em várias cidades como	
222		estações né? e:: em oitenta e oito... oitenta e nove...	
223		Brasília já tinha o <i>hip-hop</i> totalmente montado...	
224		estruturado... mas nós não conhecíamos os outros	
225		estados... não sabíamos que em São Paulo tinha <i>rap</i> e	
226		nem <i>hip-hop</i> ... e eis que quando GOG vê Thaíde... –	
227		“uai você existe?”-	
228	TH	eu existo e sou deste tamanho... mesmo	
229	GO	-“e é deste tamanho... faz isso tudo”-... e o que	
230		aconteceu?... ai foi o primeiro encontro né?... do <i>hip-</i>	
231		<i>hop</i> de Brasília com o <i>hip-hop</i> de São Paulo... e o	
232		mais interessante é o seguinte... nós fazíamos todos os	
233		movimentos... mas nós não conhecíamos ainda o giro	
234		de cabeça	
235	TH	é verdade	
236	GO	e o Smurf foi lá... ³⁴ [e impressionou]	
237	TH	³⁴ [apavorô(u)]	

Observamos que o entrevistado novamente inicia sua resposta com o MD prefaciador *então*. Na verdade, o *rapper* Gog faz uso de dois MDs prefaciadores: o *então* e o *olha só*. No caso deste último, verifica-se seu foco dominante na segunda pessoa do discurso. Trata-se, segundo Risso (2006), de um tipo de MD que apresenta uma natureza predominantemente fática e de automonitoramente formulativo, o que faz com que funcione “para manter aberto o canal de interlocução enquanto se procura o feitiço da resposta propriamente dita” (p.494). Outro MD interacional bastante importante nas sequências narrativas e que ocorre duas vezes nesse exemplo é o *checking né?*.

Quanto aos MDs sequenciadores usados nessa sequência narrativa, há primeiramente o uso do *e* (linha 222). Esse MD é produzido com alongamento, o que já

começa a evidenciar que o segmento introduzido por ele constitui um novo passo na progressão do discurso. Em segundo lugar, verificamos que há, a partir do *e*, a introdução de um novo tópico frasal: “Brasília”, o que parece indicar mais uma vez a introdução de uma informação que não tem equivalência funcional e sintática com o que foi informado antes. Em terceiro lugar, podemos dizer que a especificação que há, a partir da introdução do *e* (fala-se inicialmente do *hip-hop* no “Brasil” e, em seguida, do *hip-hop* em “Brasília”), é fundamental para que introduzam os referentes mais relevantes para esse SegT, que não trata do *hip-hop* brasileiro de forma geral, mas mais especificamente do encontro entre o *hip-hop* de Brasília e de São Paulo. Nesse sentido, o *e* encaminha o SegT para o seu conjunto principal de referentes e pode ser considerado, em função desse e dos outros critérios apresentados, um MD articulador intratópico.

No caso da segunda ocorrência do *e* (linha 226), além da pausa anterior e do novo tópico frasal (“Gog”), consideramos que o MD *e* introduz a ação central da sequência narrativa e do SegT “O encontro do *hip-hop* de São Paulo (Thaíde) e do *hip-hop* de Brasília (Gog)”. Nesse caso, o *e* serve como uma pista de que uma nova informação, focal no SegT, será introduzida. Podemos dizer, então, que esse SegT vai sendo desenvolvido em um crescente de relevância de informações. O MD *e* é responsável por introduzir novos referentes que são mais relevantes no SegT se comparados aos referentes anteriores.

Isso é possível, pois quando se desenvolve um SegT, que se constitui por enunciados formulados pelos interlocutores a respeito de um conjunto de referentes, concernentes entre si e em relevância num determinado ponto da mensagem (Jubran, 2006), um conjunto de referentes pode se destacar em relação a outros conjuntos de referentes que apresentam uma relevância secundária, embora também sejam concernentes ao conjunto principal de referentes. Nesse sentido, em termos de relevância, podemos pensar que os segmentos assim se encadeiam por meio do MD *e* justamente para sinalizar a focalização/relevância que vai estruturando o SegT até se chegar no segmento “*e eis que quando GOG vê Thaíde*”.

Ainda nesse SegT, observamos a introdução de uma pergunta retórica que constitui uma inserção parentética por meio do MD *e*: “*e o que aconteceu?*”. Para o retorno ao tópico principal, há, então, o uso do MD *aí* que retoma a ação principal da sequência

narrativa e do SegT: “*ai foi o primeiro encontro né?... do hip-hop de Brasília com o hip-hop de São Paulo*”.

Por fim, há a introdução de outra inserção parentética: o comentário a respeito do fato de não se conhecer um passo de dança. Nesse caso, o *e* é responsável por introduzir esse comentário: “*e o mais interessante é o seguinte*”. O item *é o seguinte* não constitui MD, pois se trata de um item produzido dentro de um comentário parentético e que não apresenta, portanto, função na articulação tópica do segmento.

Como pudemos observar nos dois exemplos de sequências narrativas analisados, os MDs sequenciadores são bastante importantes nas sequências do tipo narrativa, conforme pode ser verificado na tabela a seguir em que constam os MDs usados nesse tipo de sequência:

MDs interacionais					MDs sequenciadores
Checking	Feedback	Injuntivo	Iniciador	Interpelativo	E (16)
Né? (11)	É verdade (1)	Olha só (1)	0	0	Então (5)
Certo? (1)					Uhum (1)
					E tipo (1)
					Mas aí (1)
					Tipo (1)
Total: 12 (30%)	Total: 2 (5%)	Total: 1 (2,5%)			Total: 25 (62,5%)

Tabela 10: Uso dos MDs nas sequências narrativas no programa “Manos e Minas” de 20/09/2009

Além dos MDs com função sequenciadora, podemos observar também que os participantes do programa fazem um uso significativo de MDs com função interacional, principalmente aqueles com função *checking* (30%). Isso ocorre, a nosso ver, pelo fato de as sequências narrativas serem desenvolvidas em turnos longos pelos participantes do programa assim como ocorre no caso das explicativas. Nos exemplos acima, como pudemos observar, os dois entrevistados, ao desenvolverem suas sequências narrativas, fazem uso do MD *né?* e também de MDs prefaciadores de respostas.

Quanto aos MDs sequenciadores, eles exercem diferentes subfunções, como pode ser visto na tabela a seguir:

Subfunção dos sequenciadores	e	então	aí	e tipo	mas aí	tipo	Total
Abertura de Seg. tópico	3	1	-	1	-	-	5 (20%)
Encaminhamento do tópico	8	1	1	-	1	-	11 (44%)
Fechamento de Seg. tópico	1	-	-	-	-	-	1 (4%)
Exemplificação/Paráfrase	-	-	-	-	-	1	1 (4%)
Abertura de resposta	-	2	-	-	-	-	2 (8%)
Introdução de inserção parentética	3	1	-	-	-	-	4 (16%)
Retorno ao tópico após inserção parentética	1	-	-	-	-	-	1 (4%)

Tabela 11: Subfunções dos MDs sequenciadores nas seqüências narrativas.

Conforme podemos ver, o *e* parece ser um MD bastante multifuncional, pois atua tanto na articulação intertópica (abertura de SegT) como na articulação intratópica (encaminhamento e fechamento do tópico, introdução de parênteses e retorno tópico após parênteses). Já o *então* parece assumir tanto uma função mais tipicamente textual, atuando na articulação intertópica, como uma função de natureza textual-interativa, atuando na abertura de respostas/turnos. Conforme pudemos observar nos dois exemplos anteriores (exemplos 8 e 9), o *então* foi usado tanto por Gog como pela entrevistada BI na introdução de suas respotas, atuando, portanto, textual-interativamente. Já o MD *e* atuou tanto na introdução de SegT (articulação intertópica) como no seu encaminhamento ou fechamento (articulação intratópica), além de constituir uma pista para a introdução de inserção parentética.

Partindo do fato de que os exemplos de seqüência narrativa ilustram o intuito do programa “Manos e Minas” em não restringir aos convidados do palco os momentos de entrevista, podemos dizer, então, que o exemplo 8 acima de entrevista na plateia corrobora os objetivos do programa, tais como descritos por Granato (2011). Como afirma a autora, o programa pretende “dar voz ao povo da periferia”. Isto se confirma a partir do momento que esses convidados que são moradores comuns da periferia têm a possibilidade de relatar suas experiências vividas, como pode ser visto no exemplo apresentado.

Quanto às seqüências argumentativas, pudemos observar que elas ocorrem no programa “Manos e Minas” de 20/09/2009 nas seguintes situações comunicativas: entrevista com o *rapper* Gog, entrevista com uma convidada no palco sobre o tema

“Violência na escola” e entrevista com o jornalista esportivo Juca Kfourri no quadro “Interferência”.

Na entrevista com o *rapper* Gog, observamos que ele usa sequências argumentativas quando justifica que o Prêmio Nacional de Comunicação e Justiça não vai na “contramão do rap”. O tópico “Prêmio Nacional de Comunicação e Justiça” é o único na entrevista que faz com que o *rapper* use sequências argumentativas, pois se trata, a nosso ver, de uma pergunta que envolve um tema polêmico e que, segundo o próprio Gog, o provoca (“*[(vo)cê (es)tá me provocan(d)o rapaz*”). Nesse caso, o tópico abordado induz à emergência da sequência argumentativa. Em outro momento do programa, há algumas curtas sequências argumentativas quando se repercute no palco a reportagem sobre “Violência na escola”. Nesse caso, as sequências argumentativas são produzidas para se justificar a tese da necessidade de projetos na escola para prevenir casos de violência (subtópico “O papel da escola nos casos de violência” subordinado ao supetópico “Violência nas escolas”). Por fim, essas sequências são desenvolvidas na entrevista do quadro Interferência, apresentado por Ferréz.

Podemos dizer que, ao contrário das outras situações comunicativas do programa de 20/09/2009 nas quais o entrevistador requer dos convidados relatos de experiências pessoais (sequências narrativas) ou explicações/orientações sobre um tema preocupante (sequências explicativas), no quadro Interferência, o entrevistador Ferréz requer do entrevistado Juca Kfourri posições e argumentos sobre os tópicos: “Copa no Brasil” (“*quem que vai ganhá(r) com essa copa da CBF?*”, “*copa do mundo é caríssima é?*”); “Salários milionários no futebol”; “Papel social do jornalista” e “Possível vencedor da eleição presidencial”. Por isso, então, sequências argumentativas são largamente desenvolvidas nesse quadro, como podemos observar a seguir:

Exemplo 10			
699	FE	62 {essa coisa da copa da CBF aqui no Brasil... quem	Seq. Argument.
700		que vai ganhá(r) com essa copa da CBF?	
701	JK	ah:: ... vão ganhá(r) com a copa os cartolas que	
702		(es)tão organizando... os empreiteiros... algumas	
703		agências de propaganda... essa gente que vai	

704	ganhá(r)... e evidentemente nós vamo(s)(s) pagá(r)...	
705	eles dizem que tudo vai sê(r) feito por iniciativa	
706	privada... que não vai entrá(r) um tostão do dinheiro	
707	público pra fazê(r) estádio... só que aí acontece como	
708	aconteceu nos jogos pan-americanos do Rio de	
709	Janeiro... começa a atrasar... começa a atrasar...	
710	começa atrasar... enfia a faca no peito do governo...	
711	diz –“o:: vai sê(r) uma vergonha... nós vamo(s) ter	
712	que desistí(r)” –... aí a viúva paga... vão tomá(r) o	
713	nosso dinheiro pra fazê(r) a copa...vão ficá(r) mais	
714	ricos... e o povão não vai vê(r) a copa a não sê(r) na	
715	televisão}	

Nesse exemplo, podemos verificar inicialmente a presença de um prefaciador (*ah*) abrindo a resposta do entrevistado. Assim como os prefaciadores *bom*, *bem* e *olha*, esse MD sinaliza a abertura do canal comunicativo e o comprometimento do entrevistado com a resposta. Porém, diferentemente daqueles, o seu foco específico incide mais frequentemente, segundo RISSO (2006), no próprio locutor, definindo de certa maneira sua reação pessoal e emotiva ao teor da pergunta. Trata-se, então, de uma adaptação do extrato semântico-discursivo da interjeição homônima. No exemplo mostrado, podemos considerar que essa reação do entrevistado (JK) se deva ao fato de a pergunta requerer sua posição quanto a uma questão polêmica e delicada: os gastos públicos com a copa do mundo no Brasil.

Podemos observar que os outros itens que poderiam constituir MDs não atuam na abertura do SegT. Por isso, é necessário que analisemos se eles atuam na articulação intratópica (encaminhamento do SegT) ou apenas como sequenciadores frasais.

Como se trata de uma sequência do tipo argumentativa, partindo do postulado de Penhavel (2010) de que os SegTs do gênero Relato de Opinião se fundamentam na relação central-subsidiário/posição-suporte, passamos a considerar que há uma relação desse tipo nesse SegT: enquanto o segmento “vão ganhá(r) com a copa os cartolas que (es)tão organizando... os empreiteiros... algumas agências de propaganda... essa gente que vai ganhá(r)... e evidentemente nós vamo(s)(s) pagá(r)” parece constituir a tese, o segundo segmento (a partir da linha 705) constitui a exemplificação que serve como apoio à

comprovação da tese. Já quando observamos a terceira subparte do SegT (“*ai a viúva paga... vão tomá(r) o nosso dinheiro pra fazê(r) a copa...vão ficá(r) mais ricos... e o povão não vai vê(r) a copa a não sê(r) na televisão*”), verificamos que há novamente a tese sendo reiterada. Nesse caso, podemos dizer que esse SegT se estrutura da seguinte maneira: sequência central (linhas 699-704) - subsidiário (linhas 705-712) - central (linhas 712-715).

Partindo da análise de que a estrutura global desse SegT compreende a sequência central- subsidiário- central, poderíamos considerar como MDs aqueles itens que atuam na abertura de cada uma dessas subpartes.

Podemos observar inicialmente que o item *ai* abre a terceira subparte do SegT (central) e que, portanto, atua na articulação intertópica. Ou seja, após o apoio à tese por meio da inserção da exemplificação de uma situação que aconteceu e pode vir a acontecer novamente, o entrevistado retorna ao tópico principal (“*ai a viúva paga... vão tomá(r) o nosso dinheiro pra fazê(r) a copa ai a viúva paga... vão tomá(r) o nosso dinheiro pra fazê(r) a copa*”) e, de certa forma, retoma a ideia contida no início do SegT: “*e evidentemente nós vamo(s)(s) pagá(r)*”. O *ai* funciona, então, na abertura de uma subparte cujas ideias são centrais no SegT. Essa atuação se diferencia bastante da expressão sintática *só que ai*, que, além de não abrir as subpartes do SegT, apresenta dependência sintática em relação à sentença em que está inserida. Desse modo, ela funciona como uma conjunção integrada à oração.

Ainda na articulação intratópica, podemos observar o item *e* funcionando no fechamento desse mesmo SegT. Nesse caso, a paráfrase (“*e o povão não vai vê(r) a copa a não sê(r) na televisão*”) da informação introduzida inicialmente no segmento (“*e evidentemente nós vamo(s)(s) pagá(r)*”) sinaliza a delimitação do SegT, delimitação que é marcada pelo MD *e*.

No exemplo a seguir, podemos observar outra sequência do tipo argumentativa. Essa sequência foi desenvolvida pelo *rapper* Gog ao tratar do “Prêmio Nacional de Comunicação e Justiça”:

Exemplo 11			
265	GO	23 {e sabe qual é uma das peças principais do ministério	Seq. Argument.
266		público gente? é o promotor... e sabe quem é o	
267		promotor? na maioria das vezes hoje eles não são	
268		negros... eles não moram nas periferias... mas julgam	
269		os problemas sociais que acontecem na periferia	
270		quando isso vira crime... então sem criticá(r) o	
271		promotor... agora como é que o promotor sem	
272		conhecê(r) a nossa realidade vai julgá(r) alguém da	
273		gente?}... 24 { daí que vem aquela discussão né? ...	
274		política de cotas... oportunidades para todos... ações	
275		afirmativas... pra quê? pra que nós possamos	
276		conhecer... e na favela não pode tê(r) só... cantor de	
277		<i>rap</i> ... não pode tê(r) só... cantor de samba... não pode	
278		tê(r) só... jogador de futebol como sucesso... porque	
279		quando chega com um tênis desse na quebrada... com	
280		a camiseta bem passada... –“ô GOG (vo)cê (es)tá	
281		fazendo os movimento mano? ”- não velho... olha ...	
282		através da política de cotas hoje eu sô(u) um	
283		advogado bem sucedido... (es)tô(u) advogando aqui	
284		na minha comunidade... e hoje eu posso andá(r) com	
285		esse tênis aqui entendeu? que custa duzentos	
286		trezentos reais... nós temos que ter engenheiros civis	
287		na periferia... nós temos que ter agrônomos nas	
288		periferias e não simplesmente profissões com eiros	
289		né? ... pedre(i)ro... marmite(i)iro...confeite(i)ro mais o	
290		que Thaíde?... (vo)cê rima muito também... mas você	
291		sabe que a profissão com eiro felizmente nesse caso	
292		não é bom pra nós... claro que elas são dignas... mas	
293		na maioria das vezes...mal renumeradas...não	
294		remuneradas ³⁷ [no valor e no preço que ela tem pras	
295		comunidades que se servem delas]}	

Nesse exemplo, observamos alguns MDs atuando na abertura do SegT (*e*-linha 265 e *daí*-linha 273), na introdução de inserção parentética (*e*-linha 266 e *então*-linha 270), na reintrodução tópica após inserção parentética (*mas*-linha 290), na mudança de orientação discursiva (*agora*- linha 271) e também na abertura de subparte do SegT.

Em relação a essa última função, a de introdução de subparte do SegT, podemos considerar que o SegT 24 se estrutura da seguinte maneira: subparte subsidiária (apoio para a tese), parte central (a tese: “*e na favela não pode tê(r) só... cantor de rap... não pode tê(r) só... cantor de samba... não pode tê(r) só... jogador de futebol como sucesso*”), subparte subsidiária (exemplo narrativo) e subparte central novamente (“*nós temos que ter engenheiros civis na periferia... nós temos que ter agrônomos nas periferias e não simplesmente profissões com eiros*”). Nesse caso, observamos que os MDs *e* e *porque* introduzem, respectivamente, as subpartes central e subsidiária.

Suporte	<i>daí que vem aquela discussão né?... política de cotas... oportunidades para todos... ações afirmativas... pra quê? pra que nós possamos conhecer...</i>
Posição	<i>e na favela não pode tê(r) só... cantor de rap... não pode tê(r) só... cantor de samba... não pode tê(r) só... jogador de futebol como sucesso...</i>
Suporte	<i>porque quando chega com um tênis desse na quebrada... com a camiseta bem passada... –“ô GOG (vo)cê (es)tá fazendo os movimento mano?”- não velho... olha... através da política de cotas hoje eu sô(u) um advogado bem sucedido... (es)tô(u) advogando aqui na minha comunidade... e hoje eu posso andá(r) com esse tênis aqui entendeu? que custa duzentos trezentos reais...</i>
Posição	<i>nós temos que ter engenheiros civis na periferia... nós temos que ter agrônomos nas periferias e não simplesmente profissões com eiros né?... pedre(i)ro... marmite(i)iro...confeite(i)ro mais o que Thaíde?... (vo)cê rima muito também... mas você sabe que a profissão com eiro felizmente nesse caso não é bom pra nós... claro que elas são dignas... mas na maioria das vezes... mal renumeradas... não remuneradas ³⁷[no valor e no preço que ela tem pras comunidades que se servem delas]</i>

Para confirmar as ocorrências do *e* e do *porque* como MDs, podemos analisá-los também quanto aos critérios propostos por Guerra (2007). No caso do *e*, observamos que ele ocorre com pausa demarcativa e que os segmentos ligados por ele não apresentam

integração sintática e/ou semântico-pragmática, pois possuem tópicos sentenciais diferentes e não apresentam uma estrutura hipotática (uma relação semântica puramente aditiva entre as orações conectadas). As sentenças ligadas por esse MD não formam, então, uma coordenação gramatical típica – o que constitui evidência de sequenciamento tópico – e, além disso, podemos dizer que, ao introduzir a tese da sequência argumentativa, o segmento introduzido pelo *e* tem relevância na construção global do SegT.

No caso do *porque*, podemos dizer que ele insere um exemplo de natureza narrativa que serve para apoiar a tese de que “*na favela não pode tê(r) só... cantor de rap... não pode tê(r) só... cantor de samba... não pode tê(r) só... jogador de futebol como sucesso*”. Nesse caso, a estratégia de exemplificação de Gog por meio da narrativa de um encontro com um morador da periferia é bastante produtiva se levarmos em conta o público para o qual o programa “Manos e Minas” se dirige: moradores da periferia, sobretudo. O *porque*, então, não atua nesse caso numa simples relação de causa e consequência, mas atua na introdução de uma exemplificação que justifica a tese defendida por Gog e, portanto, funciona no encaminhamento do SegT.

Queremos salientar ainda o uso do *agora* na mudança de orientação discursiva. Nesse caso, a orientação/perspectiva que o locutor assume em relação ao que está sendo dito é a de que não deveria ocorrer a situação relatada, qual seja: a dos promotores não conhecerem a realidade da periferia (“*eles não são negros... eles não moram nas periferias*”) e julgarem “*os problemas sociais que acontecem na periferia quando isso vira crime*”. Mesmo introduzindo uma inserção parentética que funciona como uma atenuação à posição assumida (“*então sem criticá(r) o promotor*”), o entrevistado assume sua orientação discursiva como contrária a essa realidade relatada por meio do modo discursivo interrogativo introduzido pelo MD *agora* (“*agora como é que o promotor sem conhecê(r) a nossa realidade vai julgá(r) alguém da gente?*”). Esse MD atua, dentre outras funções, sinalizando essa perspectiva.

Podemos dizer ainda que a posição assumida por Gog nega a afirmação do entrevistador Thaíde de que o prêmio recebido pelo *rapper*, intitulado “Conheça o Ministério Público Federal”, iria “*na contramão do rap*”. Se Gog assume que o promotor não conhece a realidade da periferia e que julga os problemas desta, ele destaca, então, a

importância do seu vídeo e de se “*conhecer o Ministério Público Federal*”. Nesse caso, por meio da pergunta introduzida pelo *agora*, Gog não apenas assume a perspectiva de que o promotor não deveria julgar os problemas da periferia sem conhecê-la como também assume que seu prêmio e seu vídeo são importantes para mudar essa realidade e para contribuir para a periferia.

Por fim, no caso do *mas* (linha 290), observamos a sua atuação na reintrodução do tópico principal após a inserção parentética (“*mais o que Thaíde?... (vo)cê rima muito também*”), que parece apresentar a função de inserir uma rápida interação com o entrevistador para que este possa fornecer mais exemplos de palavras terminadas em “-eiro”. Nesse caso, não se trata, a nosso ver, de uma inserção baseada no enunciado, mas de uma inserção baseada na interação, ou seja, ela atua garantindo que, apesar da natureza argumentativa e do posicionamento de Gog ser contrário à afirmação pressuposta na pergunta de Thaíde (“*o prêmio vai na contramão do rap*”), a interação se baseia na proximidade e apresenta uma natureza fática.

Em relação ao uso dos MDs em todas as sequências argumentativas, parece haver, além de um equilíbrio entre as ocorrências de MDs do tipo interacional e do tipo textual, maior diversificação dos MDs usados em relação às outras sequências, como podemos ver na tabela a seguir:

MDs interacionais					MDs sequenciadores
Checking	Feedback 0	Injuntivo	Iniciador	Interpelativo Meu (1)	E (6)
Né? (7)		Ô (1)	Ah (2)		mas (3)
Entendeu? (2)		Olha (1)		Mano (1)	quer dizê(r) (2)
Não é verdade? (1)					Total: 2 (6%)
é? (1)				Total: 2 (6%)	
Total: 11 (32%)	0	Total: 2 (6%)	Total: 2 (6%)	Total: 2 (6%)	

Tabela 12: Uso dos MDs nas sequências argumentativas no programa “Manos e Minas” de 20/09/2009

Acreditamos que o equilíbrio entre as ocorrências dos MDs pode sinalizar um aspecto interessante dos momentos de desenvolvimento de sequências argumentativas: trata-se de sequências que, de modo semelhante às explicativas e às narrativas, apresentam

turnos de fala mais longos por parte dos locutores, o que faz com que, além da necessidade de encadear dados e apoios com vistas a formar sua argumentação por meio de MDs sequenciadores, os locutores também não percam de vista a recepção de seus argumentos por parte dos interlocutores. Desse modo, o emprego dos sequenciadores relaciona-se à primeira necessidade, enquanto o emprego dos interacionais (*checking*, em sua maioria), indicaria a requisição de acordo, por parte do entrevistado JK, ou seja, o entrevistado requer a confirmação de que seu interlocutor considera e reconhece seu argumento/opinião como válida.

Quanto aos MDs sequenciadores usados nas sequências argumentativas, podemos verificar que a maioria exerce a subfunção de abertura de SegT (articulação intertópica) ou sinaliza a mudança de orientação discursiva (articulação intratópica):

Subfunção dos sequenciadores	e	mas	quer dizer	agora	aí	daí	então	e aí	porque	Total
Abertura de SegT	2	-	-	-	-	1	-	-	-	3 (17,6%)
Encaminhamento	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1 (5,9%)
Fechamento de SegT	1	-	-	-	1	-	-	-	-	2 (11,8%)
Exemplificação/ Paráfrase	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1 (5,9%)
Abertura de resposta	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1 (5,9%)
Introdução de inserção	1	-	-	-	-	-	1	1	1	4 (23,5%)
Retorno ao tópico após inserção	1	1	-	-	-	-	-	-	-	2 (11,8%)
Mudança de orientação discursiva	-	2	-	1	-	-	-	-	-	3 (17,6%)

Tabela 13: Subfunções dos MDs sequenciadores nas sequências argumentativas.

Como podemos observar na tabela, há um uso equilibrado dos MDs sequenciadores segundo as suas diferentes subfunções. Cabe destacar, porém, que apenas nas sequências do tipo argumentativa os MDs sequenciadores atuam na sinalização da mudança de orientação discursiva, conforme pudemos observar no exemplo acima em relação ao MD *agora*.

Essa atuação exclusiva dos MDs na mudança de orientação discursiva nas sequências argumentativas parece estar relacionada ao fato de que o discurso argumentativo

está ligado à defesa de um ponto de vista ou de uma tese e/ou na refutação de uma tese e a orientação se refere justamente à perspectiva assumida pelo locutor, perspectiva esta que pode ser apresentada após retomar uma posição em relação à qual se manifesta discordância. Nesse caso, as sequências argumentativas e a mudança de orientação discursiva envolvem acordos e desacordos e explicitação de posições/perspectivas. Por isso, é compreensível a atuação de MDs como *mas* e *agora* na mudança de orientação discursiva exclusivamente em sequências do tipo argumentativa⁴¹.

Porém, apesar de termos observado os MDs atuando na mudança de orientação discursiva exclusivamente nas sequências argumentativas, acreditamos que a argumentatividade permeia todas as sequências, sobretudo as argumentativas clássicas. Ou seja, nem sempre a argumentatividade se estrutura de forma clássica sob a forma de sequência textual argumentativa. É por isso que Bentes, Ferreira-Silva e Mariano (2013) observaram em suas análises da entrevista de Mano Brown, como mostramos no capítulo inicial, a ocorrência de acordos e desacordos em outros tipos de sequências que não apenas a argumentativa.

Cabe salientar ainda que foram usados nessa amostra do “Manos e Minas” os MDs que são classificados por Guerra (2007) como interpelativos, quais sejam: *meu* (1 ocorrência) e *mano* (2 ocorrências). O primeiro item foi usado quando, durante a entrevista de Juca Kfourri no quadro “Interferência”, foi mobilizada uma imagem de uma pessoa dizendo “(es)tá feia a situação *né meu?*”. Segundo Granato (2011), é comum que, no decorrer das entrevistas, sejam exibidas, concomitantemente ou logo em seguida à fala do entrevistado, breves cenas de filme e/ou de desenhos; falas de personalidades públicas; imagens; caricaturas; breves trechos de músicas, de reportagens, de notícias, de duração média de 2 a 3 segundos. Dessa forma, o programa apresenta essa coocorrência e/ou articulação de semioses que estabelece uma relação de complementaridade com o verbal para a construção de sentidos no quadro.

⁴¹ Quando falamos em sequências argumentativas, referimo-nos especificamente à categorização proposta por Adam (2008), embora saibamos que pela nova retórica perelmaniana os acordos e desacordos se estabelecem como estratégia de argumentação em qualquer tipo de texto.

Quanto ao item *mano*, ele é usado, primeiramente, na carta endereçada ao programa que é lida por Thaíde no palco, ou seja, é um MD usado na modalidade escrita por um telespectador. Em um segundo momento, ele é usado por Gog, quando este, em sua entrevista, traz uma fala citada para exemplificar a pergunta que receberia se chegasse na sua “quebrada” com um tênis de marca e com a camiseta bem passada: “ô GOG (vo)cê (es)tá fazendo os movimento *mano*?”. Trata-se, portanto, da fala que Gog acredita que seria a de um morador da periferia dirigindo-se a ele. É interessante notar, então, que tanto o programa, ao mobilizar um recurso multissemiótico na entrevista, como Gog, ao supor uma fala de um morador da periferia, trazem o uso dos MDs interpelativos *meu* e *mano* como recursos textuais-discursivos. Isso revela, então, que, para se representar fidedignamente a fala do morador da periferia, acredita-se que esse tipo de recurso – o MD interpelativo – deve ser mobilizado por fazer parte do repertório desses sujeitos.

Até aqui, foi possível observar principalmente a convergência existente entre o emprego de certas sequências textuais e os objetivos do programa, tais como descritos por Granato (2011). Isso porque, como mostraram as análises desenvolvidas, essas sequências são responsáveis (i) por dar acesso a experiências e trajetórias pessoais dos participantes do programa (como ocorre nos momentos de emprego das narrativas), (ii) por acompanhar os representantes da periferia na própria temporalidade de suas práticas e ações culturais (no caso das sequências descritivas), (iii) por fornecer panoramas de orientação e conscientização sobre temas problemáticos (como o fazem as explicativas), (iv) por demonstrar suas perspectivas, sejam estas pessoais ou culturais, sobre assuntos atinentes à realidade da periferia como um todo (como ocorre nos usos das argumentativas) e (v) por permitir aos interactantes estabelecer intercâmbios de abertura e fechamento da conversação nos quais se reconhecem como participantes do mesmo grupo (como ocorre com o uso das sequências dialogais). Todas essas ações representam, portanto, o modo pelo qual os participantes do programa dão voz, legitimam, reafirmam e, mais do que isso, exaltam a cultura da periferia.

Na próxima seção, apresentamos algumas conclusões quanto à análise quantitativa dos MDs usados nessa amostra do programa, e também quanto às relações que podem ser estabelecidas entre os MDs usados e as sequências textuais desenvolvidas e

entre as ações de textualização analisadas e os objetivos colocados pelo programa, o gênero em que são produzidas e o tipo de estrutura de participação que caracteriza os quadros de orientação do gênero.

3.1.3. Algumas conclusões

Quanto ao uso dos MDs, apresentamos ainda alguns gráficos que ilustram os usos totais dos MDs no programa. No primeiro gráfico podemos observar todos os MDs usados na amostra do “Manos e Minas” de 20/09/2009:

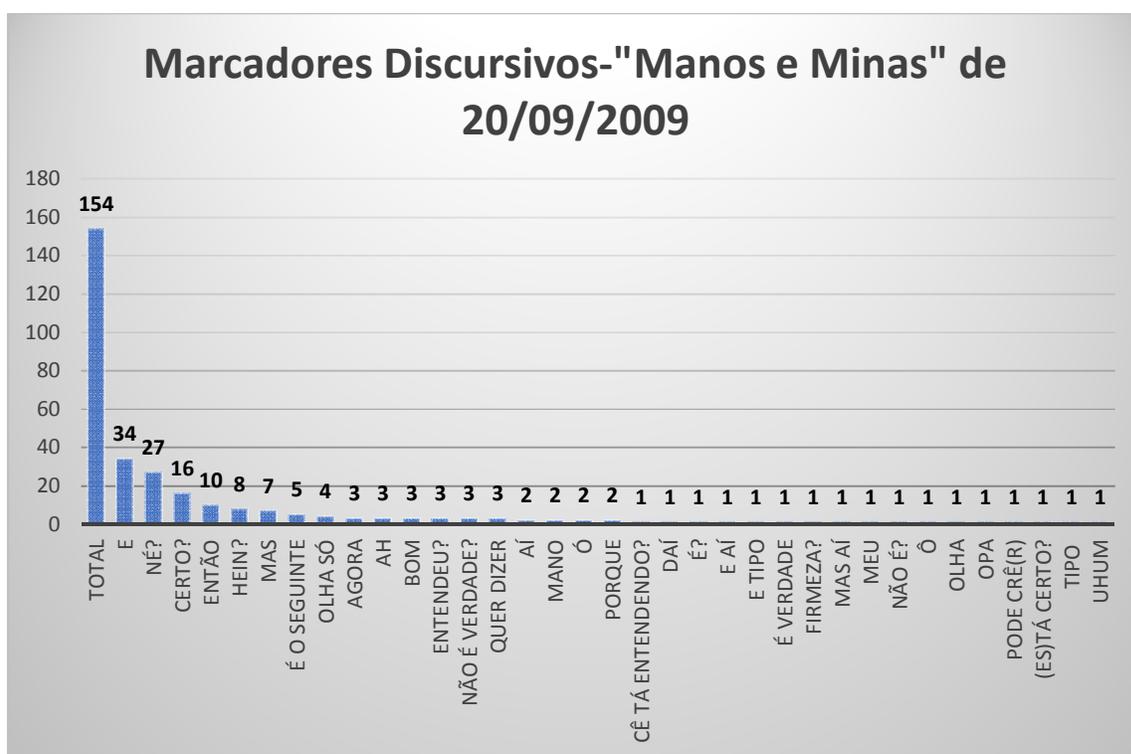


Gráfico 14: MDs usados no Programa “Manos e Minas” de 20/09/2009. Total: 154.

Além do número significativo de MDs usados (154, no total), podemos observar que se faz uso de diversos tipos de MDs (35 diferentes tipos). Esses números parecem revelar que esses elementos textuais-discursivos, apesar de não terem conteúdo referencial e de não serem obrigatórios, têm um papel fundamental na organização textual-

interativa do programa e em todos os tipos de sequências textuais. Em função, então, desse importante papel, são muitos os itens lexicais ou gramaticais que, a par de seu uso como adjetivo (*certo, bom*), advérbio (*agora, aí, então, assim*), conjunção (*e, mas, porque*), interjeição (*ah, ô*), verbo (*entendeu?, olha, sabe?, é?*), atuam na dimensão textual-interativa como MDs, perdendo parte da sua transparência semântica e da sua função original.

Os próximos dois gráficos ilustram a comparação entre os usos que os participantes fazem dos MDs sequenciadores e dos MDs interacionais:



Gráfico 15: MDs sequenciadores usados no Programa “Manos e Minas” de 20/09/2009. Total: 71.



Gráfico 16: MDs interacionais usados no Programa “Manos e Minas” de 20/09/2009. Total: 83.

Esses gráficos mostram que os usos de MDs sequenciadores e interacionais são percentualmente equilibrados na amostra de 20/09/2009: 46% e 54%, respectivamente. Porém, em relação ao número de tipos de MDs mobilizados, podemos perceber uma supremacia de MDs interacionais (22 tipos) em relação aos sequenciadores (13 tipos). Resta-nos investigar, então, se, em nossa língua, temos à disposição mais tipos de MDs interacionais ou se os participantes do programa “Manos e Minas”, que são, em sua maioria, moradores da periferia e ligados à cultura *hip-hop*, possuem um repertório verbal em que a mobilização de MDs interacionais é mais significativa.

Interessa-nos observar também os usos dos MDs em relação ao participante do programa que os mobiliza. Em função disso, apresentamos os gráficos a seguir em que podemos observar os usos dos MDs por parte dos apresentadores e repórteres do programa (Thaíde, Cristiane Gomes e Ferréz) e por parte dos participantes do programa (convidados musicais, convidados da plateia entrevistados e convidados entrevistados em reportagens externas).



Gráfico 17: MDs usados pelos apresentadores no Programa “Manos e Minas” de 20/09/2009. Total: 75.



Gráfico 18: MDs usados pelos convidados no Programa “Manos e Minas” de 20/09/2009. Total: 79.

Podemos observar nesses gráficos que os MDs mais usados pelos apresentadores são: *e, certo? e hein?*, enquanto os mais usados pelos convidados são: *né?, e e então*. Além disso, os convidados fazem mais uso de MDs sequenciadores (58%) e os apresentadores, de MDs interacionais (53,5%). Esses usos diferenciados talvez se devam ao fato de que os apresentadores, em um programa de auditório, têm de lidar com uma estrutura de elocução que envolve o convidado entrevistado, o convidado da plateia e o telespectador. Consideramos, então, que, para interagir com esses três diferentes interlocutores, os apresentadores lançam mão dos MDs, sobretudo dos *checkings*, que reforçam o caráter colaborativo e cooperativo da interação. No caso do maior uso de MDs sequenciadores pelos convidados, acreditamos que isso se deva ao fato de que eles desenvolvem mais sequências do tipo narrativa e argumentativa, que exigem, como já afirmamos, MDs que promovam o encadeamento das macroproposições da narrativa ou dos dados e apoios da argumentação.

Nossas análises a respeito dos usos dos MDs e do desenvolvimento das sequências textuais no programa “Manos e Minas” de 20/09/2009 também demonstraram que algumas sequências textuais têm relação com papéis específicos da estrutura de participação do programa: assim, foi possível notar que as sequências dialogais e descritivas são comumente empregadas pelo apresentador Thaíde, enquanto as sequências narrativas e argumentativas podem ser associadas à participação dos convidados (tanto músicos/artísticos como membros da plateia); já o emprego das sequências explicativas estaria relacionado ao papel exercido pelos “especialistas” presentes nos quadros de orientação e conscientização. No que concerne às relações entre os tipos de MDs usados e as sequências textuais desenvolvidas, consideramos que os dados da tabela abaixo podem demonstrar de modo mais claro tais relações:

MDs \ Sequências		Dialogais	Descritivas	Explicativas	Narrativas	Argument.
		Checking	19 ocorrências 6 tipos	12 ocorrências 5 tipos	8 ocorrências 3 tipos	12 ocorrências 2 tipos
Feedback	1 ocorrência 1 tipo	1 ocorrência 1 tipo	0	2 ocorrências 2 tipos	0	
Injuntivo	2 ocorrências 1 tipo	3 ocorrências 1 tipo	0	1 ocorrência 1 tipo	2 ocorrências 2 tipos	
Iniciador	0	4 ocorrências 2 tipos	0	0	2 ocorrências 1 tipo	
Interpelativo	1 ocorrência 1 tipo	0	0	0	2 ocorrências 2 tipos	
Total	23 ocorrências 9 tipos	20 ocorrências 9 tipos	8 ocorrências 3 tipos	15 ocorrências 5 tipos	17 ocorrências 9 tipos	
Sequenciadores	4 ocorrências 3 tipos	20 ocorrências 6 tipos	5 ocorrências 3 tipos	25 ocorrências 6 tipos	17 ocorrências 9 tipos	

Tabela 14: Tabela comparativa dos usos dos MDs nas sequências textuais do programa “Manos e Minas” de 20/09/2009.

Apesar da proximidade numérica entre as ocorrências de MDs textuais e interacionais nas sequências descritivas, explicativas e argumentativas, é importante levar em consideração que o número de tipos e funções dos MDs interacionais é muito maior quando comparado aos tipos e funções dos MDs textuais. Dessa forma, o equilíbrio que mencionamos anteriormente diz respeito ao número de ocorrências e não às funções que desempenham.

As análises desenvolvidas e a tabela comparativa acima nos apontam três relações bem evidentes entre o uso do MDs e o desenvolvimento das sequências textuais nessa amostra. Tais relações também são fruto de investigação na outra amostra do programa “Manos e Minas” selecionada. A primeira relação que pudemos observar nesse programa é entre o alto uso de MDs interacionais e o desenvolvimento de sequências dialogais - o que revelaria, a nosso ver, reforço interacional dado por esses MDs. Essa significativa presença de sequências dialogais ao longo do programa, e de MDs do tipo

interacional nessas e em outras sequências, parece indicar como traço da estrutura composicional do programa um forte caráter interacional e fático, no sentido de que os interlocutores procuram a cooperação e a construção conjunta da interação, hipótese que deve ser verificada na análise da próxima amostra.

A segunda relação a que podemos chegar por meio das nossas análises desenvolvidas até o momento é entre o uso dos MDs sequenciadores e as sequências narrativas. Quanto ao tipo de MD usado, é interessante destacar que tanto nas narrativas, como nas demais sequências textuais, o MD sequenciador *aí* (2 vezes) é menos usado que o MD *então* (10 vezes), sendo que este último estaria mais próximo do polo da formalidade, se considerarmos a emergência dos outros MDs nessa situação (*né?*, *hein?*, *olha só*, *ô*, *tipo*, *mano*) e o monitoramento estilístico (atenção à fala) nessa situação.

Uma terceira relação que pudemos estabelecer foi o desenvolvimento de turnos mais longos e a incidência de MDs interacionais do tipo *checking* que, em sequências do tipo explicativa, narrativa e argumentativa, revelam a preocupação dos participantes em confirmar a aprovação por parte do interlocutor tanto do conteúdo mobilizado quanto da continuação dos papéis que desempenham (locutor/interlocutor).

Se levarmos em consideração que se trata de um programa de auditório que se diz produzido “pela periferia e para a periferia” no qual o apresentador estabelece interações com a plateia, com os convidados e com os telespectadores baseadas na proximidade e solidariedade e no qual os convidados participam de entrevistas em que os seus entrevistadores (apresentadores) pertencem ao seu grupo social e compartilham da vivência da periferia, é possível dizer que os participantes, ao privilegiarem o uso de MDs do tipo interacional, fazem usos desses recursos textuais-discursivos de forma consistente com os tipos de interações instauradas no programa. Dentre os MDs interacionais que mais se destacam estão: *né?* (usado principalmente nas sequências explicativas, argumentativas e narrativas em que se observam longos turnos conversacionais) e *certo?* (usado sobretudo nas sequências descritivas pelo apresentador).

Por fim, podemos dizer que as análises desenvolvidas até o momento revelam também que os MDs parecem ser responsáveis pelo encadeamento de diferentes sequências textuais, tal como expusemos no caso do uso do MD *bom*. As sequências geralmente são

iniciadas com um novo SegT. Nesse caso, é comum que haja a abertura desse SegT e dessa sequência textual com um MD. Observamos, por exemplo, 9 sequências do tipo descritiva sendo iniciadas com MDs (ou agrupamentos de MDs), tais como: *agora é o seguinte, e, bom é o seguinte, bom, e é o seguinte, mas, é o seguinte*.

Como expusemos inicialmente, é comum que, mesmo havendo mudança de situação comunicativa, o mesmo supertópico continue sendo desenvolvido. Consideramos, portanto, que tanto a centração em um tópico discursivo (Jubran *et al.*, 2002) como o uso dos MDs auxiliam na construção de uma estrutura composicional (Adam, 2008) para o programa e também colaboram para a sua coesão textual. Assim, as análises desenvolvidas demonstram que a noção de texto que assumimos consegue dar conta dos processos que estão na base da produção discursiva do programa “Manos e Minas”: o programa se caracteriza por um conjunto heterogêneo de ações sociais que constituem e, ao mesmo tempo, são constituídas pelas ações textuais que estão na base da mobilização das diferentes sequências textuais e de recursos linguísticos específicos que auxiliam nos processos de progressão textual.

Além disso, as análises articularam duas categorias analíticas importantes nos estudos textuais, mostrando que a textualidade constitutiva dessa produção discursiva é plasmada pelas relações sociais estabelecidas entre os interactantes, possibilitando a (re)construção conjunta dos sentidos sociais produzidos por esse produto midiático.

A fim de observar se essas relações entre os usos dos MDs e o desenvolvimento das sequências textuais também podem ser observadas em outra amostra do programa “Manos e Minas” e também com o objetivo de verificar possíveis mudanças nas ações de textualização empreendidas pelos participantes, selecionamos uma amostra mais recente do programa, exibida em 07/05/2011, depois do mesmo passar por algumas reformulações, que foram expostas no capítulo anterior. Na próxima seção, então, damos continuidade às análises desenvolvidas, procurando observar os fenômenos textuais-discursivos nessa outra amostra selecionada.

3.2. Analisando o programa “Manos e Minas” de 07/05/2011

3.2.1. Organização tópica e sequências textuais

Conforme exposto no capítulo anterior, selecionamos a amostra do programa “Manos e Minas” de 07/05/2011 por ser uma amostra mais recente em relação à outra amostra selecionada e em função de o programa ter passado por algumas reestruturações no ano de 2010.

O programa “Manos e Minas” de 07/05/2011 se diferencia da amostra de 20/09/2009, entre outras coisas, por ter dois apresentadores na sua condução. Conforme apresentamos no capítulo anterior, em 2010, o programa passa a ter como apresentadores o *rapper* Max B.O e a cantora Anelis Assumpção. Outra diferença que também pudemos constatar nessa amostra é a ausência de entrevistas na plateia em que se expande o tópico tratado nas reportagens externas. Essa ausência de entrevistas com os convidados da plateia para que narrem suas trajetórias de vida e/ou para que deem seus pontos de vista também foi observada em outras amostras do programa do ano de 2011 que fazem parte do *corpus* do projeto “*É nós na fita: a formação de registros e a elaboração de estilos no campo da cultura popular urbana paulista*”.

Outra diferença que também cabe salientar se refere ao fato de que não há, nessa amostra, reportagem com especialista sobre um tema considerado problemático e em voga nas discussões nacionais, como ocorreu na amostra de 20/09/2009. Nos programas de 2008 e 2009, conforme analisados por Granato (2011), eram várias as amostras que traziam especialistas para tratar, por exemplo, de temáticas referentes ao “método Paulo Freire de educação”, à “importância da leitura e do saber”, à “saúde como educação”, aos “conselhos de saúde para a população”, à “situação do Brasil em relação à gravidez na adolescência”, à “mortalidade de mulheres”, aos “direitos e deveres civis”, à “empregabilidade juvenil”, à “oportunidade de emprego na periferia”, ao “crescimento do consumo de crack”, entre outros. Uma investigação mais longitudinal se faz necessária para observar se o programa deixa, então, a partir de 2010 de apresentar esse tipo de quadro, conforme parece realmente acontecer.

Pudemos observar que os tópicos desse programa estão mais relacionados, sobretudo, às trajetórias da vida profissional dos convidados, que são legitimados dentro da cultura da periferia e do *hip-hop*, e à história dos bailes negros cujo auge se deu na década de 70. Esses tópicos, bastante distintos em termos de conteúdo daqueles que foram desenvolvidos na amostra de 20/09/2009, podem impactar, a nosso ver, o tipo de sequência textual que é predominantemente desenvolvida no programa.

De todo modo, cabe ressaltar que os quadros da amostra de 07/05/2011 corroboram os objetivos mais gerais do programa ao tematizarem, sobretudo, o universo da cultura negra (reportagem sobre os bailes negros em São Paulo na década de 70 e atualmente, entrevista com Toni Tornado) e da cultura *hip-hop* (reportagem sobre o trabalho de um grafiteiro).

Porém, observamos uma diferença importante no que diz respeito à estrutura de participação dessa amostra. Se, no programa de 20/09/2009, a plateia participa ao ser entrevistada, ao fazer relatos de sua vida e ao participar da apresentação de dança, e os telespectadores têm seus e-mails lidos pelo apresentador; no programa de 07/05/2011, não observamos a participação desses moradores da periferia que podemos chamar de “comuns”. Aqueles que participam, então, do programa são artistas, sobretudo, ligados à música e ao grafite. No caso dos músicos, podemos observar que eles participam do programa, dando entrevistas sobre sua trajetória pessoal e profissional (Flora Matos, Aquiles, Sombra, Toni Tornado, Rincon Sapiência, Rapadura Xique-Chico), sobre os bailes negros da década de 70 e 80 (Tony Hits, Izzy Nylon, KL Jay, Mano Brown, Carlos Família) e fazendo homenagens ao programa (Edi Rock, Dexter, Gog, Dandan, Criolo, Ellen Oléria).

Quando procedemos à análise da organização tópica da amostra do “Manos e Minas” de 07/05/2011, observamos, assim como ocorrera na amostra de 20/09/2009, que não há um supertópico que superordene todos os tópicos do programa. Apesar disso, é possível identificar, assim como também foi possível observar na amostra anteriormente analisada, cinco supertópicos que encabeçam os principais quadros tópicos do programa, quais sejam: “Apresentação do programa “Manos e Minas”, “Convidados musicais do programa”, “Grafite”, “Bailes Negros” e “História de Toni Tornado”.

Desses supertópicos, podemos observar também que o primeiro e o segundo estão relacionados especificamente aos elementos do gênero programa de auditório e aos atores sociais que participam especificamente do “Manos e Minas” (banda “Projeto Nave” e os músicos que geralmente estão ligados à cultura da periferia), já os outros se relacionam às temáticas mais específicas do “Manos e Minas”.

Porém, apesar de estarem relacionados aos elementos do gênero programa de auditório (participantes do palco e da plateia do programa, quadros do programa a serem exibidos no dia e convidados musicais), esses dois primeiros supertópicos apresentam uma concentração em elementos específicos de um programa que é voltado para a periferia, já que os convidados e quadros se relacionam diretamente ao universo da periferia. Já os outros supertópicos (“Grafite”, “Bailes Negros” e “História de Toni Tornado”) dizem respeito às temáticas do programa Manos e Minas, as quais estão em consonância direta com os objetivos específicos propostos pelo programa: trazer à televisão a realidade social e as práticas culturais da periferia brasileira e a cultura *hip-hop*. Por conta disso, tematizam-se (i) a arte produzida na e pela periferia; (ii) os elementos do *hip-hop*: *rap*, *grafite*, *break dance* etc.; (iii) as atividades culturais típicas da periferia (“Bailes Negros”); e (iv) a história de vida de um artista negro intimamente ligado a essa cultura (“História de Toni Tornado”).

Em relação às sequências textuais, podemos observar que, nessa amostra de 2011 do “Manos e Minas”, são desenvolvidas, sobretudo, sequências descritivas, dialogais e narrativas. Ao contrário da amostra anterior, não observamos o desenvolvimento de sequências do tipo argumentativa, e as sequências do tipo explicativa são desenvolvidas pontualmente pelos artistas convidados em duas entrevistas. Enquanto, então, na apresentação do programa no palco são mobilizadas, sobretudo, sequências do tipo descritiva e dialogal, durante as reportagens e as entrevistas estão presentes algumas sequências descritivas e muitas sequências do tipo narrativa. Nesse sentido, nessa amostra do programa, os entrevistadores não requerem que os entrevistados assumam posicionamentos e defendam seu ponto de vista ou que expliquem sobre “questões problemáticas”.

Os quadros do programa se constituem, então, por relatos de histórias de artistas que viveram os bailes negros da década de 70 e de artistas que relatam suas próprias experiências pessoais e profissionais. A não presença de sequências argumentativas e a quase ausência de sequências explicativas podem impactar, então, a nosso ver, os usos de MDs que os participantes do programa fazem.

Além disso, os supertópicos identificados parecem nos revelar o tipo de ação de textualização no que se refere à produção das sequências textuais: eles dizem respeito à apresentação do programa “Manos e Minas” (supertópico 1), aos convidados musicais do programa (supertópico 2), à arte do grafite (supertópico 3), à história dos bailes negros da década de 70 (supertópico 4) e à história de vida de Toni Tornado (supertópico 5). Não há, como no programa anterior, tópicos relacionados a problemas sociais (como a violência, por exemplo) e a questões polêmicas (como os gastos públicos com a Copa do Mundo no Brasil ou como a relação entre periferia e sociedade). Por isso, tendo em vista os tópicos instaurados pelos entrevistadores, os entrevistados não desenvolvem sequências do tipo explicativa ou argumentativa.

Observemos, então, o primeiro quadro tópico do programa, encabeçado, assim como no caso da amostra anterior, pelo supertópico “Apresentação do programa “Manos e Minas”:

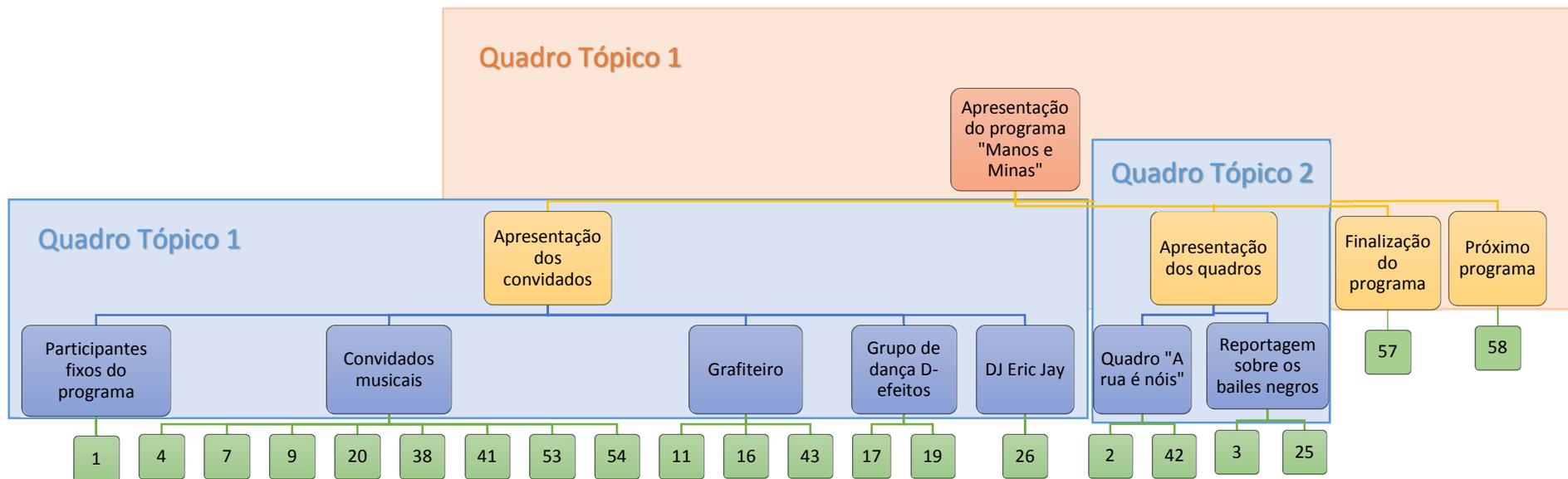


Gráfico 19: Supertópico “Apresentação do programa Manos e Minas”, amostra do Manos e Minas de 07/05/2011.

Segmento tópico	Linhas	Segmento tópico	Linhas
1	7-20	30	297-317
2	21-26	31	319-322
3	27-31	32	323-326
4	32-42	33	327-331
5	49-67	34	332-342
6	70-73	35	343-349
7	74-75	36	350-354
8	76-92	37	355-360
9	93-94	38	361-364
10	103-107	39	371-384
11	113-117	40	384-391
12	118-126	41	396-397
13	127-133	42	397-401
14	134-139	43	408-411
15	141-145	44	412-416
16	147-149	45	425-433
17	150-151	46	442-456
18	158-160	47	457-466
19	166-173	48	467-472
20	182-186	49	473-484
21	192-194	50	485-491
22	196-204	51	492-494
23	205-211	52	495-497
24	212-228	Inserção⁴²	
25	239-241	53	512-514
26	265-270	54	517-518
27	271-275	55	522-530
28	275-282	56	531-536
29	283-296	57	542-544
		58	567-575

Tabela 15: Organização linear dos segmentos tópicos do programa “Manos e Minas” de 07/05/2011⁴³.

Assim como na amostra anterior, observamos que o primeiro quadro tópico é encabeçado pelo supertópico “Apresentação do programa Manos e Minas” que apresenta, por sua vez, como subtópicos: “Apresentação dos convidados”, “Apresentação dos quadros

⁴² Inserção do tópico: “Criação dos filhos”.

⁴³ As linhas da amostra do programa não contempladas nessa tabela se referem às sequências do tipo dialogal, que, a nosso ver, não são centradas em um tópico discursivo e que não constituem, portanto, segmentos tópicos.

do programa” e “Finalização do programa”. Além disso, nesse programa há a tematização da próxima amostra do programa que será exibida: “Próximo programa”.

É interessante salientar que o número de SegTs dedicados ao desenvolvimento desse supertópico nesse programa é o mesmo que no programa anterior. Isso parece revelar realmente que esse supertópico constitui uma convenção do gênero programa de auditório, convenção esta que é comprovada pela estabilidade da forma como é organizado: o número de SegTs ligados a esse supertópico é estabilizado e esses segmentos são geralmente produzidos no início (SegTs 1, 2, 3, 4, 7, 9, 11, 16, 17) e no final do programa (SegTs 41 a 43, 53, 54, 57 e 58), quando o apresentador tematiza, respectivamente, (i) os quadros que serão exibidos e os convidados que farão suas apresentações artísticas e (ii) o próprio encerramento do programa e as atrações que foram apresentadas.

No gráfico a seguir, podemos observar o supertópico que é desenvolvido nas entrevistas com os convidados musicais (Flora Matos, Sombra, Rincon Sapiência, Banda Projeto Nave, Xique-Chico) no palco:

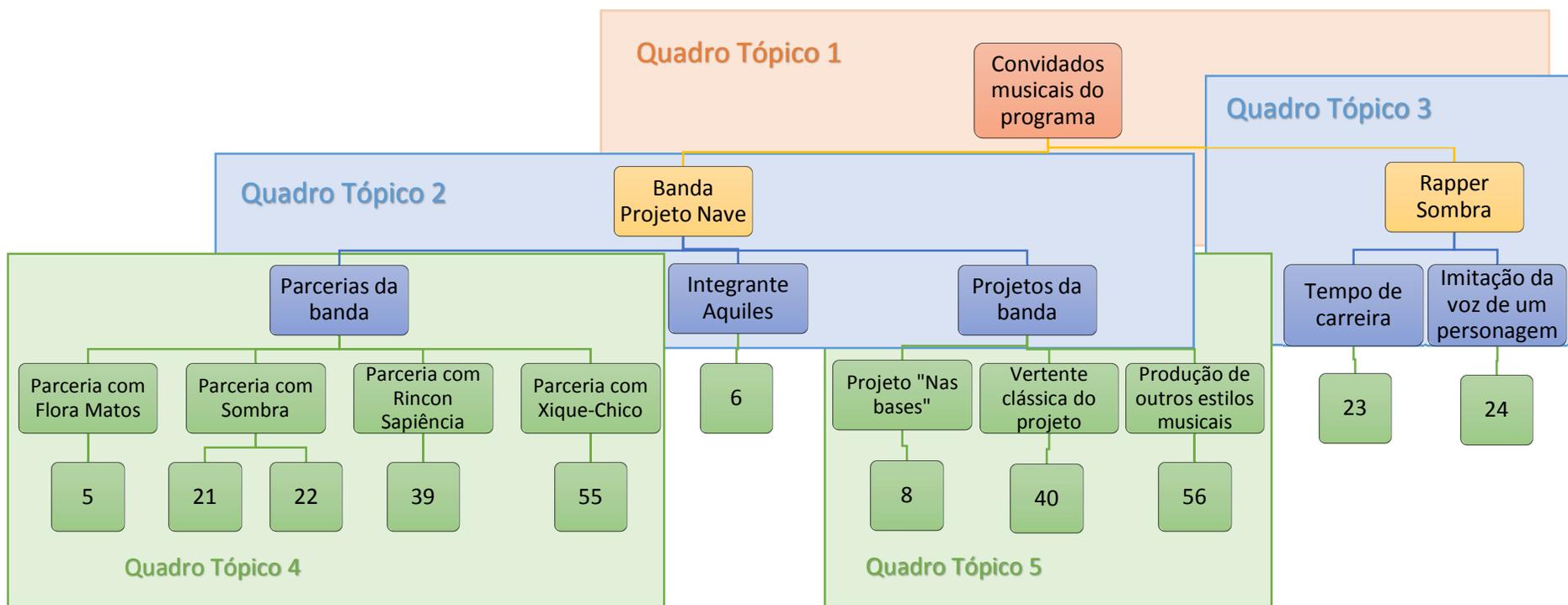


Gráfico 20: Supertópico “Convidados musicais do programa”, amostra do Manos e Minas de 07/05/2011.

Quanto a esse supertópico, destacamos o fato de que o tópico “Parcerias da banda Projeto Nave” é instaurado pelo apresentador em todas as diferentes entrevistas realizadas com os convidados musicais no palco. Por isso, trata-se de um tópico que, assim como o tópico “Projetos da banda”, não é desenvolvido apenas pontualmente, mas um tópico cujo desenvolvimento ocorre em diversos momentos do programa.

No gráfico a seguir, podemos ver os subtópicos ligados ao supertópico “Graffiti”:

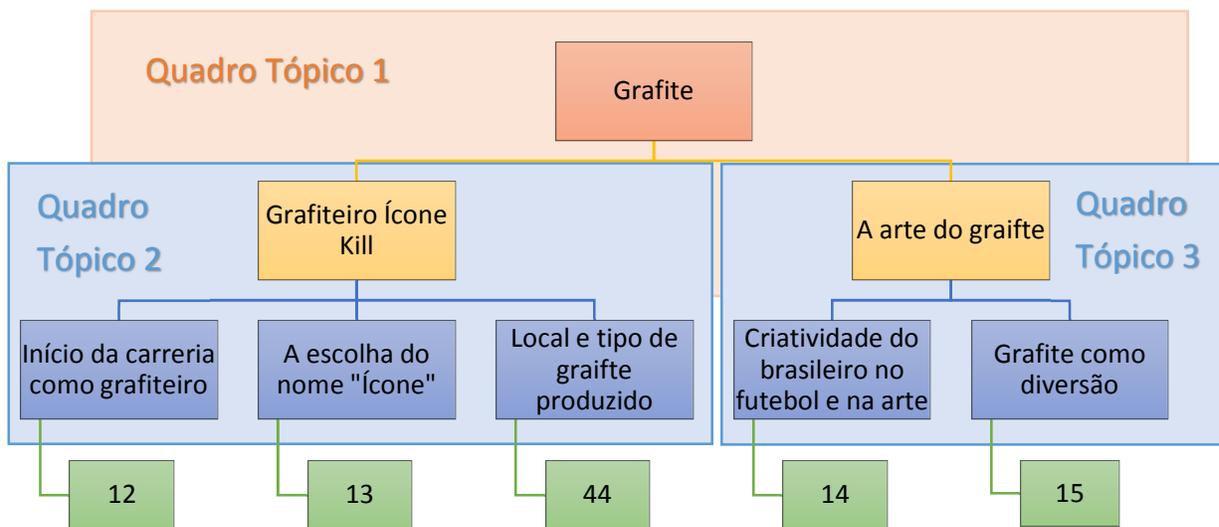


Gráfico 21: Supertópico “Graffiti”, amostra do Manos e Minas de 07/05/2011.

Geralmente o grafiteiro é apresentado no primeiro bloco do programa e entrevistado no último, quando ele pode explicar as motivações da sua composição artística, produzida durante o programa. No caso da amostra analisada, observamos que é feita uma reportagem sobre o trabalho do grafiteiro Ícone Kill. Como se trata de uma reportagem, o grafiteiro tem a possibilidade de expor seu próprio trabalho e explicar sobre ele (“Local e tipo de graffiti produzido”), como comumente ocorre no programa, e também pode tematizar sua própria carreira (“Início da carreira como grafiteiro”), seu nome (“A escolha do nome “Ícone”) e a própria arte do graffiti quanto à criatividade e à diversão envolvidas (“A arte do graffiti”). Os tópicos relacionados à arte do graffiti ganham destaque, então, nessa amostra do programa.

No gráfico a seguir, observamos a organização hierárquica do quadro tópicos encabeçado pelo supertópico “Bailes Negros”.

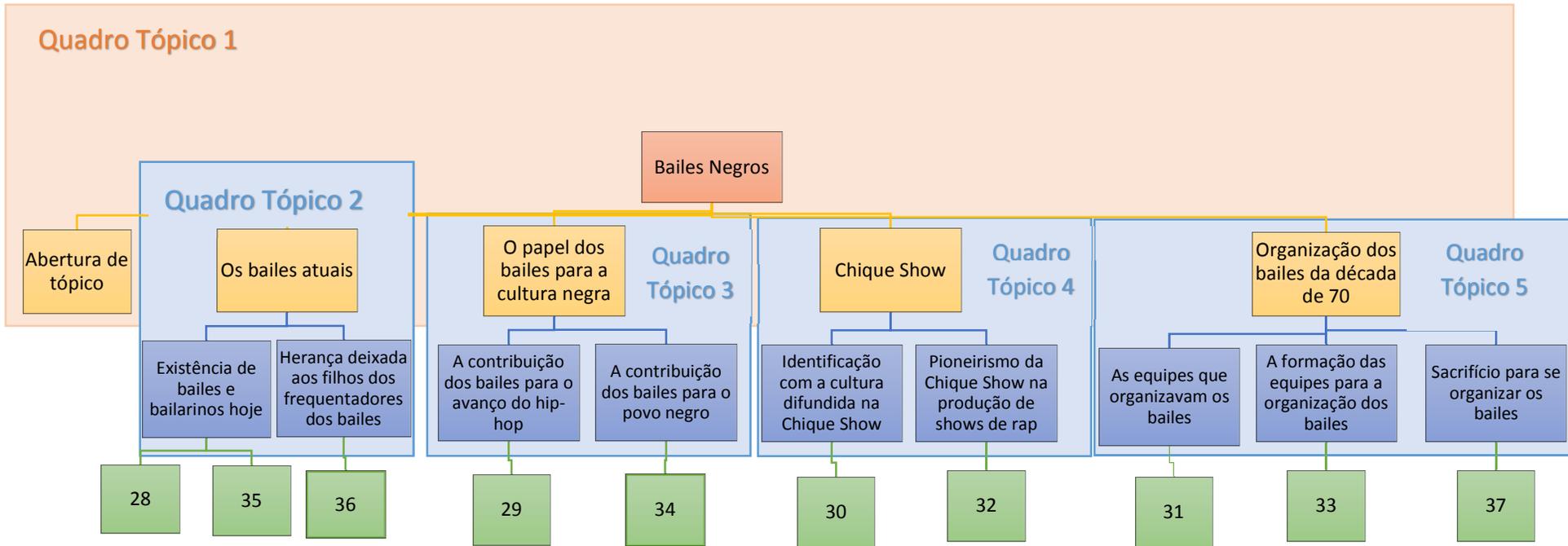


Gráfico 22: Supertópico “Bailes Negros”, amostra do Manos e Minas de 07/05/2011.

O supertópico “Bailes Negros” é desenvolvido em uma reportagem mais longa a respeito de uma temática relativa às práticas culturais e, mais especificamente, aos eventos culturais da periferia. Os tópicos subordinados a esse supertópico são desenvolvidos do SegT 27 ao SegT 37. O programa, portanto, tem sua maior parte dedicada a esse tópico. Não observamos, porém, ao contrário da amostra do programa anteriormente analisada, a expansão desse tópico da reportagem externa em entrevistas na plateia. Aliás, nenhum tópico tratado nas reportagens e no quadro externo dessa amostra do programa foi retomado e expandido em entrevistas na plateia.

Por fim, o supertópico intitulado “História de Toni Tornado” é desenvolvido no quadro do programa “A rua é nós” em que o *rapper* e repórter Emicida entrevista o cantor e ator Toni Tornado:

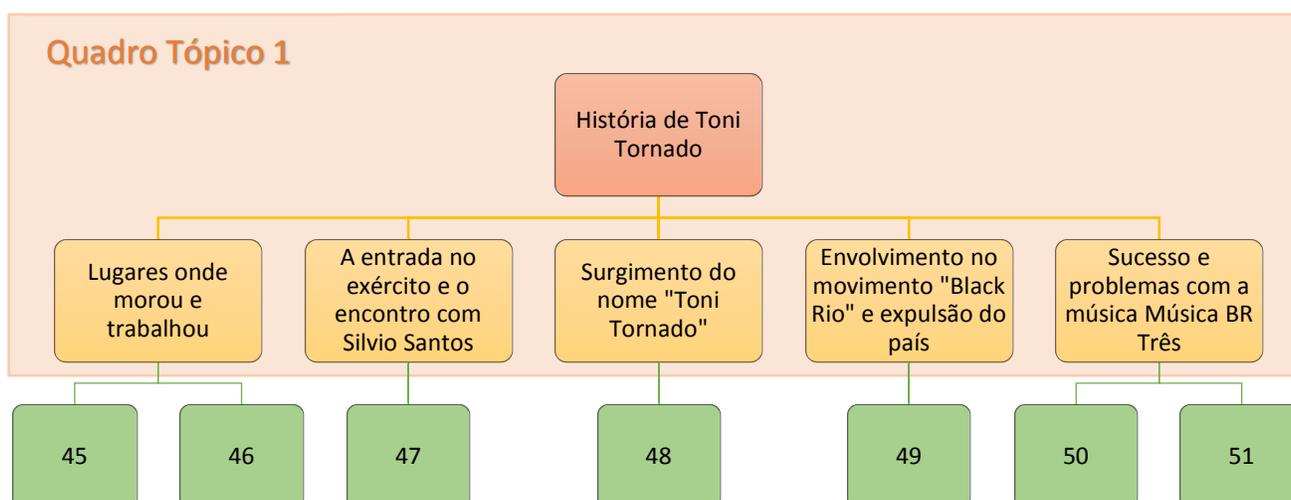


Gráfico 23: Supertópico “História de vida de Toni Tornado”, amostra do Manos e Minas de 07/05/2011.

Podemos observar que os tópicos instaurados pelo repórter nesse quadro do programa e desenvolvidos pelo entrevistado dizem respeito especificamente à história pessoal e profissional de Toni Tornado. Assim como ocorria nas entrevistas do quadro Interferência (Ferréz), a entrevista com Toni Tornado no quadro “A rua é nós” apresenta

tópicos relacionados especificamente à história de vida e/ou atuação profissional do entrevistado, que vivenciou e/ou compartilhou da realidade da periferia no Brasil.

Entretanto, diferentemente do quadro Interferência analisado na amostra anterior, essa entrevista com Toni Tornado não tematiza questões polêmicas ou quando as tematiza (a acusação de que o movimento Black Rio era racista e a expulsão do entrevistado do país), essas questões são apenas relatadas. O entrevistador não requer, então, que o entrevistado se posicione perante essas questões. Nesse sentido, não há, como ocorria no quadro Interferência, segundo Granato (2011), discussões sobre temáticas relativas à música, televisão, grande mídia, educação, periferia do Brasil, política etc. Há apenas relatos a respeito da experiência pessoal e/ou profissional do entrevistado.

Essas diferenças apontadas no que diz respeito aos tópicos e às sequências textuais desenvolvidas nas duas amostras do programa “Manos e Minas” analisadas são importantes para que se possa verificar também se há distinções quanto aos usos dos MDs nessas amostras.

Quando passamos a observar as relações entre os tópicos desenvolvidos e as sequências textuais mobilizadas, podemos verificar que as sequências do tipo descritiva e dialogal são as mais mobilizadas quando os supertópicos “Apresentação do programa “Manos e Minas” e “Bailes Negros” são desenvolvidos. No caso do supertópicos “Convidados musicais do programa” e “História de Toni Tornado”, são desenvolvidas, sobretudo, sequências narrativas. Na tabela a seguir, podemos observar que, no desenvolvimento de cada supertópico, é comum a predominância do desenvolvimento de um ou dois tipos de sequência textual:

Supertópico	Subtópicos	Sequência Textual
Apresentação do programa “Manos e Minas”	Apresentação dos convidados	Descritivas
	Apresentação dos quadros do programa	Descritivas Narrativa
	Finalização do programa	Descritiva
	Próximo programa	Descritiva
Convidados musicais do programa	Banda Projeto Nave	Narrativas Descritivas
	<i>Rapper</i> Sombra	Descritiva Narrativa
Grafite	Grafiteiro Ícone Kill	Narrativa Descritiva

	A arte do grafite	Narrativa Explicativa
Bailes Negros	Abertura de tópico	Descritiva
	Os bailes atuais	Descritivas
	O papel dos bailes para a cultura negra	Narrativas Descritiva
	Chique Show	Narrativas
	Organização dos bailes da década de 70	Narrativas Descritiva
História de Toni Tornado	Lugares onde morou e trabalhou	Descritiva Narrativa
	A entrada no exército e o encontro com Silvio Santos	Narrativa
	Surgimento do nome "Toni Tornado"	Explicativa
	Envolvimento no movimento "Black Rio" e expulsão do país	Narrativa
	Música "BR Três": Sucesso e problemas	Narrativa

Tabela 16: Tópicos e sequências textuais desenvolvidos no programa “Manos e Minas” de 07/05/2011.

Podemos observar ainda que as únicas sequências explicativas desenvolvidas no programa são mobilizadas quando se instaura o subtópico “A arte do grafite”, ligado ao supertópico “Grafite”, e o subtópico “Surgimento do nome “Toni Tornado”, ligado ao supertópico “História de Toni Tornado”. Esses dois subtópicos são desenvolvidos quando os entrevistados respondem, respectivamente, a respeito do que representa o grafite na sua vida (“*o grafite pra mim?*”) e a respeito do surgimento do nome Toni Tornado (“*como que nasceu esse nome aí... Toni Tornado?*”). Não são, portanto, sequências desenvolvidas por especialistas e nem explicações de problemas (como a violência escolar), como ocorria na amostra anterior

Quanto às sequências dialogais, pudemos observar que, assim como no programa de 20/09/2009, essas sequências são bastante numerosas na amostra de 07/05/2011. O desenvolvimento dessas sequências⁴⁴ ocorre em várias situações comunicativas dessa amostra, inclusive em quadros e reportagens externas e não apenas no auditório, como ocorria na amostra anterior. Além de estar presente, então, na apresentação dos convidados e dos quadros a serem exibidos, também podemos observar o

⁴⁴ A ausência de sequências dialogais ocorre apenas nos casos da reportagem externa sobre os bailes negros em São Paulo.

desenvolvimento desse tipo de sequência, sobretudo, no início e na finalização das entrevistas com os convidados, tanto na plateia como no quadro “A rua é nós”, quando se desenvolve o supertópico “História de Toni Tornado”. No exemplo a seguir, observamos o uso dessa sequência no início da entrevista com Toni Tornado:

Exemplo 12			
434	EM	salve rapaziada hoje nós (es)tamo(s) aqui... com	Seq. Dialogal
435		mestre... Toni Tornado... satisfação total...obrigadão	
436		pelo tempo aí mestre	
437	TT	valeu companheiro... (vo)cê sabe que eu sempre tive	
438		curiosidade em conhecê-lo né? ((corte))... agora leva	
439		aí o papo ((dão-se as mãos))... que que (es)tá	
440		pegando? ((foco da imagem no boné que TT segura	
441		nas mãos com música de fundo)) ((corte))	

É interessante observar que, no início desse quadro do programa, há tanto a saudação por parte de Emicida ao público telespectador (“*salve rapaziada hoje nós (es)tamo(s) aqui... com mestre... Toni Tornado*”) quanto a saudação do entrevistador ao entrevistado (“*satisfação total...obrigadão pelo tempo aí mestre*”). O apresentador do quadro mobiliza, então, essas sequências dialogais por conta da estrutura de interlocução que envolve, nesse caso, o convidado entrevistado e o público telespectador. As sequências dialogais são responsáveis, então, por reforçar o caráter cooperativo das interações instauradas no programa nas quais os apresentadores não perdem de vista a estrutura de elocução que envolve mais de um interlocutor.

No final da entrevista, também observamos a mobilização de sequências dialogais – agradecimentos feitos pelo entrevistador e pelo entrevistado, como pode ser observado no exemplo a seguir:

Exemplo 13			
498	EM	(o)brigadão por tudo que (vo)cê fez pra gente	Seq. Dialogal
499		chegar no momento que a gente vive hoje	
500	TT	((resmungo))... assim você me emociona (es)tá?	
501	EM	(o)brigado me(s)mo	
502	TT	muito obrigado... quero deixá(r) minha	
503		mensagem de paz e amor que diz “quando duas	

504	mãos se encontram... refletem no chão a sombra	
505	da mesma cor”	
	[...]	

Nesse caso, se as entrevistas do programa se caracterizam pela mobilização de sequências dialogais tanto em seu início como no seu encerramento, essas interações são marcadas por cumprimentos, agradecimentos ou despedidas que tornam, segundo Adam (2008), mais natural a conversação e reforçam, como já dissemos anteriormente, o caráter colaborativo das interações que ocorrem no programa. Podemos dizer, então, que as interações, além de simétricas por ocorrerem entre sujeitos do mesmo grupo social, são colaborativas e cooperativas.

Na amostra analisada, também observamos o desenvolvimento de sequências dialogais quando alguns artistas ligados à cultura da periferia e à cultura *hip-hop* fazem homenagens ao aniversário de três anos do programa. É interessante notar que em todas essas homenagens há a incidência de sequências do tipo dialogal, o que parece revelar que a ação de homenagear está muito relacionada à mobilização dessas sequências e que estas não incluem apenas “saudações elementares habituais” que podem abrir e fechar a sequência transacional em uma conversação.

Exemplo 14		
233	DD	meus parabéns a esses três anos aí... e::... espero que
234		prosperar cada vez mais... que cresça cada vez mais... se
235		inflame cada vez mais... a periferia muito agradece isso
236	CL	um beijo no coração de cada um de vocês... e:: desejo a
237		vocês... força e resistência
		Seq. Dialogal

Importa ressaltar, então, que, na amostra de 07/05/2011, os apresentadores continuam sendo os principais locutores das sequências dialogais, como na amostra de 20/09/2009, porém, essas também são largamente desenvolvidas pelos convidados, seja nas homenagens ou nas próprias entrevistas. Também observa-se a emergência de uma sequência dialogal quando o grafiteiro Ícone Kill deixa uma mensagem aos telespectadores na qual se observa o uso de verbos no infinitivo com valor de imperativo para dar a eles alguns conselhos: “*se você... pretende fazer alguma coisa com o grafite... é::... se passá(r)*”

de um romance de verão... *estudá(r)* sobre a parada né?... *conhecê(r)* né?... *sabê(r)* o que você (es)tá fazendo (...)

Nesse caso, ainda podemos admitir a relação entre a função dessas sequências e o papel do apresentador no que diz respeito à estrutura de participação do programa. Nesse sentido, como já dissemos anteriormente, os apresentadores, por meio das sequências dialogais, promovem a interação com a plateia (“*um salve pra nossa plateia:*”), com os telespectadores (“*se segura aí que o intervalo é rápido... enquanto isso... maestro Eric Jay... aperta o play e solta*”) e também, em outros momentos, com os convidados do palco (“*muito obrigada ((beija Flora Matos))... prazer em receber você*”).

Porém, temos de considerar que há nessa amostra o uso significativo das sequências dialogais por parte dos convidados, ao contrário do que pudemos observar na amostra anterior. Essa incidência significativa parece estar relacionada ao fato de que, no programa, os convidados entrevistados são artistas e não os moradores “comuns” da periferia. Esses artistas, assim como ocorre no caso dos apresentadores, têm de lidar com uma estrutura de interlocução que envolve não apenas o apresentador/entrevistador, mas também a plateia e os telespectadores, já que não podem deixar de interagir também com aqueles que acompanham sua trajetória profissional.

Dessa forma, eles cumprimentam e agradecem os apresentadores, mas sem deixar de interagir também com seu público, como pode ser observado no exemplo 14 acima em que Toni Tornado deixa uma “mensagem” aos telespectadores e também no exemplo abaixo em que a cantora Flora Matos faz uma saudação ao público mais amplo (plateia e telespectadores):

Exemplo 15			
95	AA	Flora muito obrigada	Seq. Dialogal
96	PL	¹⁰ [((gritos e aplausos))]	
97	FM	eu que agradeço... ¹¹ [máximo respeito]	
98	AA	¹¹ [boa sorte] (es)tamo(s) esperando seu vinil	
99	FM	valeu (es)tá chegando... ¹² [máximo respeito]	
100		rapaziada... é nós]	
101	PL	¹² [((gritos e aplauso))]	
102	AA	¹² [até já]	

Até aqui, procuramos apresentar a organização tópica da amostra do programa “Manos e Minas” de 07/05/2011; as relações que observamos no que diz respeito aos tópicos desenvolvidos e as sequências textuais mobilizadas; e como se caracteriza o desenvolvimento das sequências dialogais. Na próxima seção, caracterizamos essa amostra quanto às sequências textuais produzidas pelos seus participantes e fazemos uma análise quantitativa e qualitativa dos MDs usados e de suas subfunções nas diferentes sequências textuais.

3.2.2 Marcadores discursivos, sequências textuais e tópico

Quando analisamos os usos dos MDs nas sequências dialogais, podemos observar que, na amostra de 07/05/2011, os MDs, principalmente os interacionais, são pouco usados quantitativamente nesse tipo de sequência, ao contrário do que ocorrera na amostra de 20/09/2009 em que houve um significativo uso de MDs com função *checking* (*certo?, hein?, não é verdade?*):

MDs interacionais					MDs sequenciadores
Checking	Feedback	Injuntivo	Iniciador	Interpelativo	
Né? (2)	Pode crê(r) (1)	Ó (1)	0	0	E (1)
(es)tá? (1)	Pois é (1)				Quer dizê(r) (1)
Hein? (1)					
Total: 4 (44,5%)	Total: 2 (22,2%)	Total: 1 (11,1%)	0	0	Total: 2 (22,2%)

Tabela 17: Usos dos MDs nas sequências dialogais do programa “Manos e Minas” de 07/05/2011.

Ainda em relação às sequências dialogais, salientamos que elas são extremamente frequentes nos momentos iniciais e finais do programa, momentos nos quais os apresentadores fazem um primeiro ou último contato com os demais participantes e com o público, mas também são largamente empregadas ao longo de todo o programa e em todas as situações comunicativas com exceção da reportagem sobre os Bailes em São Paulo. Por isso, consideramos que esse tipo de sequência caracteriza o programa “Manos e Minas” pelo seu desenvolvimento recorrente e significativo nas três amostras selecionadas.

Assim como no caso das sequências dialogais, o emprego das sequências descritivas é bastante significativo na amostra de “Manos e Minas” de 07/05/2011 e

também encontra-se relacionado ao papel do apresentador. Porém, ao contrário da amostra anterior, nessa amostra de 2011 os convidados entrevistados também mobilizam significativamente essas sequências.

Como comumente ocorre no programa de auditório, a edição do “Manos e Minas” de 07/05/2011 se inicia com uma sequência dialogal (saudações iniciais do apresentador ao público) que marca a abertura do programa. Logo em seguida, o apresentador faz a apresentação dos elementos do *hip-hop* que são fixos do programa (os apresentadores, o DJ Eric Jay e a banda Projeto Nave) por meio de sequências descritivas. Também por meio de sequências do tipo descritiva, há a apresentação dos artistas convidados do programa e do convidado do quadro “A rua é nós”, destacando-se o fato de esse convidado ter se transformado em ícone na década de 70 ao vencer um importante festival de Música.

Podemos observar que, no início do programa, foram apresentados os elementos do gênero - atores sociais e recursos semióticos - e os quadros a serem exibidos por meio, sobretudo, de sequências descritivas. Além disso, em seu início e depois da apresentação musical foram desenvolvidas sequências dialogais típicas do programa de auditório.

No decorrer do programa, as sequências descritivas também são, assim como na amostra anterior, desenvolvidas pelo apresentador no auditório, sobretudo na mudança de situação comunicativa, como podemos ver no exemplo 17, a seguir, em que, após a interação com a plateia para agradecer a sua participação por meio de sequências dialogais, os apresentadores Max B.O e Anelis Assumpção iniciam a chamada do próximo quadro. Essa apresentação ocorre por meio de sequências que trazem os tópicos que serão tratados na reportagem (“*na década de setenta e oitenta a galera negra de São Paulo... se reunia nos bailes*”; “*os bailes ainda estão reunindo... estilosos bailarinos*”).

Exemplo 16			
252	MB	um salve pra nossa plateia::	Seq. Dialogal
253	PL	¹⁹ [[((gritos e aplausos))]]	
254	MB	¹⁹ [e o salve de hoje vai pra Escola Estadual Johann	
255		Gutenberg do Parque do Chaves Zona Norte	

	[...]		
271	AA	27 {e por falá(r) em baile... olha só ... na década de	Seq. Descritiva
272		setenta e oitenta a galera negra de São Paulo... se	
273		reunia nos bailes... (vo)cê já ouviu falá(r) no Chique	
274		Show?... é... Nelson Triunfo cos/costumava arrasar	
275		nessa balada...} 28 { mas se você pensa que os bailes	
276		acabaram... está muito enganado	
277	MB	é isso aí Anelis... quem acha que os bailes	
278		acabaram... se engana... como constatou a nossa	
279		repórter Cris Gomes pelos bailes de S.P..... os bailes	
280		ainda estão reunindo... estilosos bailarinos... tem	
281		bailarinos com muito estilo... garbo e elegância...	
282		prestô(u) atenção? de olho no telão... vai lá}	

Podemos observar que, nessa sequência descritiva, os apresentadores fazem uso de alguns MDs interacionais, tanto do tipo *checking* (*né?*, *prestô(u) atenção?*) quanto do tipo injuntivo (*olha só*). Esses MDs são usados pelos apresentadores tanto para estabelecer a interação com o DJ do programa (“*essa daí a pegada é baile né?*”) quanto para interagir com a plateia e com o telespectador (*olha só, prestô(u) atenção?*).

Ainda podemos observar o MD *mas* abrindo o SegT28. O SegT27 está ligado ao subtópico “Abertura do tópico”, pois trata-se de uma introdução de alguns tópicos que serão tratados na reportagem. Por isso, ele apresenta referentes mais genéricos como “*bailes*”, “*a galera negra de São Paulo*” e referentes ligados a vários subtópicos subordinados ao supertópico “Bailes Negros”, como “*Chique Show*” e “*Nelson Triunfo*”. Já a partir do *mas* inicia-se um novo foco: os bailes atuais (“*os bailes ainda estão reunindo*”). É interessante notar que além da mudança dos referentes concernentes entre si, verifica-se também uma mudança no modo discursivo: no SegT28 a apresentadora começa a se dirigir diretamente aos interlocutores. O *mas*, então, marca essa dupla mudança: no tópico e na dimensão interacional. Também cabe ressaltar que o tópico introduzido no SegT28 é retomado e expandido ao longo da reportagem (SegTs 35 e 36).

Pudemos observar que é comum que os SegTs que são desenvolvidos por meio de sequências descritivas sejam iniciados com MDs. Essa sinalização da abertura de um

novo tópico ocorre nos seguintes SegTs: 2 (MD *e*), 24 (MDs *aí é o seguinte*), 27 (MD *e*), 28 (MD *mas*), 35 (MD *mas*), 42 (MD *então*), 53 (MDs *agora é o seguinte*).

Quanto aos usos dos MDs interacionais e sequenciadores nas sequências descritivas, podemos observá-los na tabela a seguir:

MDs interacionais					MDs sequenciadores
Checking	Feedback	Injuntivo	Iniciador	Interpelativo	
Né? (5)	Exato (2)	Ó (1)	Ah (1)	0	E (6)
Prestô(u) atenção? (3)					Então (3)
(es)tá bom? (2)					Mas (2)
Não é isso? (1)	É (1)	Olha só (1)			É o seguinte (2)
					Agora; aí; seguinte (1)
Total: 11 (33,5%)	Total: 3 (9%)	Total: 2 (6%)	Total: 1 (3%)	0	Total: 16 (48,5%)

Tabela 18: Usos dos MDs nas sequências descritivas do programa “Manos e Minas” de 07/05/2011.

Nas sequências descritivas dessa amostra do programa não há o uso do MD iniciador *bom*, como ocorria nas sequências descritivas da amostra anterior, e nem há um uso significativo de MDs do tipo iniciador. Pudemos observar que são poucas as sequências descritivas que apresentam algum MD responsável por sinalizar o seu início. Ou seja, apesar dos SegTs dessas sequências geralmente ser abertos por MDs, as sequências propriamente não costumam vir introduzidas por essas expressões. Apesar de não ser, então, característico dessa amostra do programa apresentar MDs iniciadores nas sequências descritivas, podemos dizer que há um uso significativo de MDs *checkings* (tais como *né?* e *prestô(u) atenção?*) e de MDs sequenciadores (tais como *e* e *então*), conforme pode ser observado no próximo exemplo:

Exemplo 17			
412	IK	44 {eu (es)tô(u) n'um ambiente que eu gosto muito de	Seq. Descritiva
413		pintá(r)... que é uma viela... passa muitas pessoas...	
414		então eu quis fazê(r) uma letra colorida... p(r)a dá(r)	
415		uma cor né? ... acho que é isso... colorida ((imagens da	
416		obra de IK))}	

Nesse exemplo, o grafiteiro, assim como ocorrera na amostra anterior, desenvolve sequências que descrevem o processo de criação de sua obra. No desenvolvimento do SegT44, esse participante do programa usa dois MDs típicos das sequências descritivas dessa amostra do programa: o *então* e o *né?*.

Quanto ao *então*, cabe destacar que ele é usado no encaminhamento do tópico: após fazer uma introdução descrevendo o local em que desenvolveu sua arte (“*eu (es)tô(u) n'um ambiente que eu gosto muito de pintá(r)... que é uma viela... passa muitas pessoas*”), o grafiteiro dá prosseguimento ao tópico informando especificamente sobre o tipo de grafite produzido. O foco continua sendo o grafite produzido, porém, observamos que o SegT pode ser dividido em duas subpartes: o local onde foi feito o grafite e o tipo de produção feita. Como ambos constituem a metodologia de trabalho do artista, decidimos nomeá-lo “Local e tipo de grafite produzido”. O *então* marca, portanto, a introdução de uma informação relevante do ponto de vista global para o SegT.

Podemos dizer, então, que, em ambas as amostras do programa “Manos e Minas” analisadas, as sequências descritivas são desenvolvidas, sobretudo, pelos apresentadores e pelo grafiteiro na descrição de sua obra. Além disso, nessa amostra mais recente, os convidados também descrevem: (i) o programa quando fazem sua homenagem a ele (“(...) “*Manos e Minas*”... *que é realmente um programa... do rap... de pessoas que gostam de rap... que fazem rap e para o rap...*”) e (ii) a Chique Show e os bailes negros na reportagem externa sobre o tema (“*a Chique Show era uma das maiores equipes... Black Magic... Secret Power... (Zimbabwe)... Cascata... era outras equipes que também organizaram festas históricas*”).

Em relação aos MDs interacionais usados, podemos observar o uso significativo dos *checkings* e *feedbacks*, assim como ocorrera na amostra anterior.

Quanto aos sequenciadores, o *e* é bastante produtivo e multifuncional, conforme podemos verificar na tabela a seguir na qual constam as subfunções dos MDs sequenciadores nas sequências descritivas:

Subfunção dos sequenciadores	e	então	mas	é o seguinte	agora	aí	seguinte	Total
Abertura de SegT	2	1	2	2	1	1	1	10 (62,5%)
Encaminhamento	3	2	-	-	-	-	-	5 (31,3%)
Fechamento de Seg.T	1	-	-	-	-	-	-	1 (6,2%)

Tabela 19: Subfunções dos MDs sequenciadores nas sequências descritivas.

Cabe destacar que os MDs sequenciadores nessas sequências atuam, então, sobretudo na abertura e no encaminhamento do SegT, conforme pôde ser observado no exemplo acima.

Importa ressaltar ainda que muitas das sequências descritivas dessa amostra também se caracterizam por apresentarem perífrases verbais do tipo “ir + infinitivo”⁴⁵ (“*ao longo do programa a gente vai acompanhá(r)*”, “*eu vô(u) chamá(r) agora no nosso palco*”) em função, como já dissemos na seção anterior, de os apresentadores empregá-los segundos antes ou na mesma temporalidade em que as ações “descritas” são realizadas. Assim, essas sequências parecem estar relacionadas a uma descrição procedimental, simultânea à ação. Nesse caso, podemos observar que os apresentadores dessa amostra, Max B.O. e Anelis Assumpção, também parecem revelar um conhecimento convencionalizado sobre o gênero ou, nos termos de Bentes *et al.* (2003), uma competência metagenérica, ao usar essas sequências descritivas e esse tempo verbal.

Quanto aos MDs nessas sequências, consideramos que o equilíbrio dos usos de MDs sequenciadores e interacionais mostra que os apresentadores e convidados usam aqueles para abrir um SegT ou para fazer avançar topicamente sua descrição e usam

⁴⁵ Segundo Wekker (1976 *apud* Fonseca, 2010), a construção *be going to*, funcionalmente semelhante a ir+infinitivo, possui uma orientação no presente porque, neste uso, há indicações no presente de que alguma coisa irá acontecer. Em outras palavras, a escolha do locutor por uma das formas de futuro está relacionada ao seu ponto de interesse, que pode estar voltado para o presente ou para o futuro. No caso do uso da perífrase verbal ir+infinitivo, o locutor revela que o ponto de interesse é o momento presente, com atenção voltada para o pós-presente, e, no caso analisado, o tempo expresso pela perífrase é o de futuro próximo.

igualmente os interacionais para iniciar não perder de vista o acompanhamento das descrições por parte dos interlocutores (*checkings*).

Em relação às sequências explicativas, cabe primeiramente ressaltar que na amostra selecionada, conforme já foi dito no início dessa seção, não há reportagens externas com especialistas sobre temas de orientação e conscientização. A ausência ou a diminuição da exibição desse tipo de reportagem parece, a nosso ver, fazer parte das mudanças que reestruturaram o programa a partir de 2010.

Apesar de não haver esse tipo de reportagem, podemos observar, em dois momentos da amostra de 07/05/2011, o desenvolvimento de sequências explicativas. A primeira ocorrência dessa sequência ocorre na reportagem sobre o trabalho do grafiteiro Ícone Kill em que ele explica o que significa o grafite na sua vida:

Exemplo 18			
141	IK	15 { o grafite pra mim?... ah é::... mais do que tudo é	Seq. Explicativa
142		uma diversão né? tipo... trabalhei essa semana inteira	
143		e hoje eu (es)tô(u) aqui fazendo um... uma letra	
144		colorida... (es)tô(u) relaxan(d)o... acima de tudo é::	
145		uma diversão vem... pintá(r) com os amigos }	

É interessante observar que inicialmente IK parece repetir a pergunta que lhe foi feita (nessa reportagem, não são exibidas as perguntas dos repórteres) e, em seguida, usa um MD iniciador (*ah*) para iniciar sua resposta. Em sua resposta, o grafiteiro explica que, para ele, o grafite representa “*diversão*” porque pode relaxar “*com os amigos*”. Nesse caso, não se trata da explicação de um “problema”, tal como Adam (2008) postula haver nas sequências explicativas. Porém, consideramos que, nesse trecho, há o desenvolvimento de uma sequência do tipo explicativa, pois o grafiteiro introduz o objeto (*o grafite*), faz uma descrição inicial (“*é uma diversão*”) e, em seguida, explica o porquê dessa descrição e reitera, ao final, tal descrição (“*acima de tudo é:: uma diversão*”).

Nesse caso, observamos a primeira macroproposição obrigatória: a questão que podemos inferir a partir da repetição por IK de parte da pergunta feita pelo repórter (“*o grafite pra mim?*”); e a segunda macroproposição obrigatória: a explicação/resposta a essa questão: “**tipo...** trabalhei essa semana inteira e hoje eu (es)tô(u) aqui fazendo um... uma

letra colorida... (es)tô(u) relaxan(d)o". Além disso, essa sequência ainda apresenta a macroproposição de descrição inicial e a macroproposição de ratificação. Podemos dizer, então, que o MD *tipo* atua na abertura de uma exemplificação, mas também na abertura de uma nova subparte do SegT – a explicação/resposta.

Outra situação comunicativa em que ocorre o desenvolvimento desse tipo de sequência é o quadro “A rua é nós” em que Emicida entrevista Toni Tornado:

Exemplo 19			
467	EM	48 {como que nasceu esse nome aí... Toni Tornado?	Seq. Explicativa
468	TT	porque eu dançava... parecia um furacão... parecia um	
469		rodamoinho... -“ ah você parece um tornado e tal”-...	
470		aí ficô(u) Toni Tornado ((imagens de TT dançando	
471		em seu show na época e de um desenho animado cujo	
472		personagem gira parecendo um tornado))}	

Nesse caso, também observamos que não se trata da explicação de um “problema”, mas da explicação sobre a origem do nome “Toni Tornado”. Uma das marcas que deixam evidente que se trata de uma sequência do tipo explicativa é a conjunção *porque* que inicia a resposta de TT e a sua explicação a respeito dessa origem. Nessa sequência também observamos o uso do iniciador *ah* que funciona, nesse caso, para marcar o início de uma fala citada por Toni Tornado, ao exemplificar uma afirmação que as pessoas faziam a respeito de sua dança; e o uso do sequenciador *aí* que marca a reintrodução do tópico principal após a exemplificação (inserção parentética) feita por meio de uma fala citada.

Nessas duas sequências explicativas, pudemos observar, então, a ocorrência de 2 MDs sequenciadores (*tipo* e *aí*), que introduzem exemplificação e reintroduzem o tópico após inserção parentética; e de 3 MDs interacionais: o iniciador *ah* (2 ocorrências) e o *checking né?* (1 ocorrência). Como dissemos na análise da amostra anterior, os MDs sequenciadores são usados para dar prosseguimento ao tópico (no caso, para introduzir exemplificação e fazer o retorno ao tópico principal) e os MDs interacionais são usados em função de os locutores desejarem se sentir “habilitados para dar prosseguimento a seu discurso”, sobretudo, em turnos mais longos.

Ainda sobre as sequências explicativas, podemos dizer que não foram numerosas nessa amostra do programa se comparadas às sequências dialogais, descritivas e narrativas. Além disso, elas foram desenvolvidas em momentos distintos do programa, não relacionadas à sua apresentação, mas às entrevistas em reportagens externas. Também cabe destacar que elas não foram mobilizadas em reportagens externas de orientação ou conscientização social sobre um tema considerado problemático, pois esse tipo de reportagem, como ressaltamos inicialmente, vem perdendo seu espaço no programa a partir de 2010.

No que diz respeito às sequências narrativas, primeiramente observamos que elas são bastante numerosas na amostra em questão e também são desenvolvidas em longos turnos pelos participantes. Em segundo lugar, salientamos o fato de que essas sequências não são desenvolvidas pelos participantes da plateia, tal como ocorria na amostra de 20/09/2009. Como expusemos no capítulo anterior, o programa, a partir de 2010, diminui e quase extingue as participações dos convidados da plateia e passa a entrevistar sobretudo artistas legitimados no campo da cultura popular da periferia.

As sequências narrativas na amostra de 07/05/2011 são desenvolvidas, então, por esses artistas, que tematizam principalmente sua carreira profissional, conforme podemos observar no exemplo seguinte:

Exemplo 20			
192	MB	21 {queria que você falasse pra gente... como foi o primeiro encontro seu com o Projeto Nave... se você lembra como foi o primeiro encontro?}	Seq. Narrativa
193			
194			
195	SM	¹⁶ [certo meu parce(i)ro?]	Seq. Dialogal
196		22 { bom justamente o que DJ Aquiles e produtor aí... um dos manos da banda aí falô(u) anteriormente... é o seguinte ... a gente que... acostumava a colar com espontaneidade n'um pico ali na Augusta chamado Saraievo... e ainda por cima dava de encontro com os cara(s) fazendo uma música... instrumental ao vivo... aí fomo(s) ganhan(d)o uma coletividade... o barato foi ganhando o corpo... e a gente (es)tá aí com os cara(s) até o dia de hoje... gerô(u) frutos... valeu }	Seq. Narrativa
197			
198			
199			
200			
201			
202			
203			
204			

Nesse exemplo, podemos observar primeiramente que, antes de desenvolver a sequência narrativa requerida pela pergunta do entrevistador (“*como foi o primeiro encontro?*”), o entrevistado faz um cumprimento ao entrevistador (“*certo meu parce(i)ro?*”), tornando, assim, mais natural a interação, mesmo que seja uma interação institucionalizada (entrevista televisiva).

Em segundo lugar, podemos observar que a sequência narrativa é iniciada com o MD *bom*. Como já afirmamos anteriormente, partimos da postulação de Guerra (2007) para a qual esse tipo de MD ao lado de MDs como *ah e bem* são sequenciadores da interação, já que parecem constituir formas de encadeamento da interação, sinalizando que o locutor vai dar continuidade à interação. Nesse caso, podemos notar que o *bom* não inicia propriamente o turno, mas a sequência narrativa. Dizemos, então, que, além de representar uma marca do locutor que sinaliza o desencadeamento da interação, esse MD chama a atenção para o novo tipo de sequência textual que iniciará após a sequência dialogal. Ele atua, portanto, não como sequenciador tópico, pois não marca uma relação entre dois segmentos do discurso, mas como sequenciador da interação ao chamar a atenção do interlocutor para o fato de que o locutor vai iniciar a resposta a uma pergunta e/ou uma nova parte da interação.

Ainda em relação a essa sequência narrativa, é possível observar que ela começa com a referência ao lugar em que o encontro entre os músicos ocorre: “*a gente que... acostumava a colar com espontaneidade n’um pico ali na Augusta chamado Saraievo*”. Em seguida, observamos o nó da narrativa: o encontro com os músicos (“*e ainda por cima dava de encontro com os cara(s) fazendo uma música... instrumental ao vivo*”) e o desenlace da narrativa em que o entrevistado narra as consequências desse encontro: “*ai fomo(s) ganhan(d)o uma coletividade... o barato foi ganhando o corpo*”.

Ainda podemos observar que no fechamento da narrativa, o entrevistado retorna ao momento presente, recobrando os impactos do encontro (nó desencadeador) na situação atual dos envolvidos: “*e a gente (es)tá aí com os cara(s) até o dia de hoje*”. Nesse sentido, o entrevistado finaliza a narrativa com uma avaliação final em que as ações narradas são tomadas por encerrado (o encontro) e, então, com a passagem de volta para o espaço-tempo atual.

Também é importante dizer que essa sequência narrativa, apesar de não apresentar um alto grau de narrativização por conta da ausência do momento inicial (antes do processo), constitui-se como tal por apresentar a narração de um evento em que a situação inicial (que podemos inferir como sendo a anterior ao encontro dos músicos e ao desenvolvimento dos projetos coletivos) foi modificada por um encontro que trouxe consequências para a vida dos envolvidos.

Além disso, como nosso objetivo é olhar em que medida os usos dos MDs se relacionam com as sequências textuais, nos propomos a olhar com mais cuidado esses usos nesse tipo de sequência. No caso das sequências narrativas desenvolvidas na amostra de 20/09/2009, havíamos observado que elas se caracterizavam por apresentar um significativo número de MDs sequenciadores, que atuavam, sobretudo, no encaminhamento do SegT. No exemplo acima, podemos observar que, além dos MDs que são responsáveis por iniciar a resposta do entrevistado (*bom*) e por iniciar propriamente o tópico após inserção parentética (comentário metadiscursivo: “*justamente o que DJ Aquiles e produtor aí... um dos manos da banda aí falô(u) anteriormente*”), há o uso de dois MDs sequenciadores atuando na articulação intratópica.

Nossa análise a partir dos critérios propostos por Guerra (2007) nos mostrou que os itens *aí* e *e* se tratam de sequenciadores tópicos e não de sequenciadores frasais. Quanto ao *aí*, observamos que ele é introduzido após pausa e que a informação que introduz constitui o desenlace da narrativa, ou seja, a consequência do encontro entre os músicos (“*fomo(s) ganhan(d)o uma coletividade... o barato foi ganhando o corpo*”). Essa informação, portanto, é distinta daquela do início do SegT em que se fala a respeito do “*encontro com os cara(s) fazendo uma música*”. Não podemos considerar, então, que se trata de um sequenciamento frasal, pois os dois segmentos articulados pelo *aí* não têm integração semântica ou equivalência funcional dentro do SegT.

Já em relação ao *e*, podemos observar que se trata de um MD, primeiramente em função da falta de integração sintática: o segmento introduzido pelo *e* não apresenta o mesmo tópico frasal ou o mesmo aspecto verbal do segmento anterior. Além disso, o segmento “*a gente (es)tá aí com os cara(s) até o dia de hoje... gerô(u) frutos... valeu*”

claramente constitui o fechamento do SegT por se tratar de um enunciado de caráter conclusivo e avaliativo em relação ao relato feito.

Nesse outro exemplo de sequência narrativa, observamos novamente o uso do *e* e do *então* no encaminhamento tópico:

Exemplo 21			
118	IK	12 {((fala enquanto grafita)) comecei pintá(r) em	Seq. Narrativa
119		noventa e nove... mil novecentos e noventa e nove...	
120		na verdade meu irmão pichava... e::... já gostava de	
121		desenho... tudo... e tinha um skatista na rua que tinha	
122		uma revista chamada... “Grafite”... “Fiz: Graffiti	
123		Attack” né? ... uma revista feita pelos	
124		gêmeos... então :::... ele pegou emprestado essa	
125		revista... então depois desse dia... nunca mais... é:::...	
126		vivi sem... vivi sem grafite...} ((imagens de IK	
127		grafitando com música de fundo)) 13 {eu e meu irmão	
128		a gente... gostava de lê(r) muito gibi e na D.C tem	
129		um...tinha um herói negro que chamava Ícone né? ...	
130		ele tinha uma história mais ou menos parecida né?	
131		com a do Super-Man... então a gente (es)tava	
132		querendo encontrar um nome na época ... pra pintá(r)	
133		e... surgiu esse...}	

Nessa sequência narrativa, podemos observar o uso de 6 MDs sequenciadores. No SegT12, verificamos o uso do *então* na reintrodução do tópico principal após inserção parentética. Apesar de manter um traço de aproximação com o tópico, consideramos que o segmento “*uma revista feita pelos gêmeos*” se trata de uma inserção por constituir uma explicação sobre a revista, ou seja, trata-se de um esclarecimento a respeito de um referente instaurado. Além disso, há marcas formais que comprovam se tratar de uma inserção: ausência de conectores do tipo lógico que pudessem estabelecer relações lógico-semânticas entre os parênteses e o segmento em que se encarta e as demarcações prosódicas anterior e posterior à inserção.

Quanto ao *então* (linha 124), além de evidentemente reintroduzir o tópico, não pode ser considerado sequenciador frasal, pois há evidências que comprovam sua atuação no sequenciamento tópico. São elas: a pausa anterior e o alongamento vocálico, a falta de

integração sintática e semântica com o segmento imediatamente anterior (“*uma revista feita pelos gêmeos...então:::... ele pegou emprestado essa revista*”).

Ainda no SegT12, observamos outro uso do *então*. Essa ocorrência pode ser considerada um MD, pois mais uma vez observa-se pausa anterior a ele e a introdução de uma informação que é o desfecho da narrativa (“*depois desse dia... nunca mais... é:::... vivi sem... vivi sem grafite*”). Esse desfecho retoma a informação inicial (“*comecei pintá(r) em noventa e nove... mil novecentos e noventa e nove*”). Podemos considerar, portanto, que o *então* atua no fechamento do SegT e não como um sequenciador no nível frasal.

No SegT13, observamos inicialmente o uso do MD *e*. Apesar de observamos integração prosódica entre os dois segmentos ligados por esse item, consideramos que se trata de um sequenciador tópico. Podemos dizer que não há integração sintática e semântica, pois os tópicos frasais são distintos (“*eu e meu irmão*” e “*na DC tem...*”) e os verbos são distintos do ponto de vista da transitividade e da função. Poderíamos ter um *e* como sequenciador frasal se tivéssemos, por exemplo, “*gostava de lê(r) muito gibi e livros infantis*” ou “*gostava de lê(r) muito gibi e de desenhar*”. Também consideramos que o referente introduzido pelo *e* tem relevância central no SegT, que trata justamente da origem do nome do grafiteiro Ícone Kill. Nesse sentido, ao inserir o referente “*um herói negro que chamava Ícone*”, o segmento é relativamente mais central que o anterior. O *e* marca justamente, então, essa focalização da informação mais relevante que a anterior.

Em relação ao *então* (linha 131), consideramos que se trata novamente de um reintrodutor do tópico principal. O segmento “*ele tinha uma história mais ou menos parecida né? com a do Super-Man*” pode ser considerado um segmento parentético na medida em que introduz uma explicação a respeito da história do personagem que é importante para o entendimento do relato. Essa explicação é uma inserção, pois, de certo modo, interrompe o fluxo da narrativa e tem uma natureza descritiva que se difere do restante do SegT. O *então* marca, portanto, a reintrodução às ações da narrativa e a retomada do sujeito frasal do início do SegT (“*a gente*” retoma “*eu e meu irmão*”).

Por fim, o *e* (linha 133) sinaliza o fechamento do SegT. Isso é evidenciado pelo caráter conclusivo do enunciado, pelas pausas e pela retomada do anafórico “*esse*”.

Quando observamos a tabela dos usos dos MDs nas sequências narrativas desenvolvidas no programa de 07/05/2011, notamos que os MDs sequenciadores continuam exercendo um papel muito importante:

MDs interacionais					MDs sequenciadores
Checking	Feedback	Injuntivo	Iniciador	Interpelativo	
Né? (13)	0	0	Ah (1)	Meu (1)	E (12)
Entendeu? (1)			Bem (1)		Então (9)
(es)tá? (1)					Aí (3)
(es)tá ligado? (1)					Mas (1)
Viu? (1)					Bom (1)
Total: 17 (34%)	0	0	Total: 3 (6%)	Total: 1 (2%)	E aí (1)
					É o seguinte (1)
					Por exemplo (1)
					Total: 29 (58%)

Tabela 20: Usos dos MDs nas sequências narrativas do programa “Manos e Minas” de 07/05/2011.

Observamos, nessa tabela, o uso significativo do MD *né?*, que também foi encontrado nas sequências dialogais e descritivas. Tal uso reforça, mais uma vez, a observação de Guerra (2007) de que os locutores não desenvolvem um segmento muito longo de seu discurso sem utilizar algum tipo de *checking*. Nesse caso, os MDs interacionais ocorrem por se tratar de narrativas em situação oral e de interação. Nesse caso, como postula Adam (2008), o modo de composição do diálogo conversacional estende sua hegemonia sobre todos os outros quatro modos de composição (descrição, narração, explicação e argumentação). Portanto, os usos dos MDs interacionais, típicos da interação e das sequências dialogais, estão presentes nesses outros tipos de sequência, em maior ou menor grau, em função do tipo de interação que se estabelece no programa.

Quanto aos sequenciadores, cabe ressaltar que o *e* continua sendo bastante produtivo nessas sequências assim como se mostrou no caso das descritivas. Além disso, observamos que o *então* e o *aí* apresentam também um uso bastante significativo nas sequências narrativas. No caso desse primeiro MD, é interessante notar que ele também ocorre com frequência nas sequências descritivas. O *aí*, porém, tem uso significativo

apenas na sequência narrativa. Na amostra de 20/09/2009, havíamos observado o uso significativo do *aí* nas sequências narrativas e nas sequências argumentativas. Cabe, então, investigarmos em outras amostras do programa se o uso desse MD estaria mais ligado a esses tipos de sequência e menos às outras (explicativa, descritiva e dialogal), apesar de exercer a função de sequenciador assim como exercem MDs como *então* e *e*.

Conforme podemos observar na tabela a seguir em que constam as subfunções exercidas pelos MDs sequenciadores nas sequências narrativas, o *aí* atua no encaminhamento tópico, enquanto o *e* e o *então* são bastante multifuncionais:

Subfunção dos sequenciadores	e	mas	por exemplo	agora	aí	e aí	então	é o seguinte	Total
Abertura de SegT	1	1	-	1	-	-	-	-	3 (10,4%)
Encaminhamento do SegT	5	-	-	-	3	1	1	-	10 (34,5%)
Fechamento de SegT	5	-	-	-	-	-	2	-	7 (24,1%)
Exemplificação/ Paráfrase	-	-	1	-	-	-	-	-	1 (3,4%)
Abertura de resposta	-	-	-	-	-	-	3	-	3 (10,4%)
Introdução de inserção	1	-	-	-	-	-	1	-	2 (6,8%)
Retorno ao tópico após inserção	-	-	-	-	-	-	2	1	3 (10,4%)

Tabela 21: Subfunções dos MDs sequenciadores nas sequências narrativas.

Os MDs sequenciadores atuam nas sequências narrativas sobretudo no encaminhamento e no fechamento do SegT, como pôde ser observado na análise dos exemplos selecionados.

Não pudemos observar o desenvolvimento de sequências argumentativas na amostra do “Manos e Minas” de 07/05/2011. Consideramos que isso se deva, em grande parte, aos tópicos tratados nesse programa. No programa de 20/09/2009, as sequências argumentativas foram desenvolvidas na entrevista com o *rapper* Gog quando ele justifica que o Prêmio Nacional de Comunicação e Justiça não vai na “contramão do *rap*”; na situação de entrevista na plateia para se justificar a tese da necessidade de projetos na escola para prevenir casos de violência; e na situação de entrevista com Juca Kfourri quando

este as usa para desenvolver os tópicos “Copa no Brasil”, “Salários milionários no futebol”, “Papel social do jornalista” e “Possível vencedor da eleição presidencial”. No caso da amostra de 07/05/2011, não observamos nenhum tema considerado problemático, tal como a violência nas escolas, e nem perguntas por parte dos entrevistadores que trouxessem algum tema polêmico e que fosse considerado provocador pelo entrevistado, tal como ocorreu na entrevista com Gog.

Além disso, todas as perguntas feitas pelos entrevistadores no programa “Manos e Minas” de 07/05/2011 pediam que os entrevistados narrassem ou descrevessem e, em casos específicos, explicassem, conforme podemos ver nesses exemplos: (i) “*agora fala um negócio pra mim... eu senti uma liga... bonita aqui entre Flora e Projeto Nave... não é a primeira vez né?*”; (ii) “*queria que (vo)cê falasse.. com’é que começô(u) essa brincadeira séria*”; (iii) “*queria que você falasse pra gente... como foi o primeiro encontro seu com o Projeto Nave*”; (iv) “*queria que você falasse um pouca da sua história e um*²²*[pouco de todas essas coisas]*”; (v) “*como que... a música... entrô(u) na sua vida?*”; (vi) “*você serviu [(no exército)]?*”; (vii) “*como que nasceu esse nome aí... Toni Tornado?*”, (viii) “*com’é que foi trazê(r) essa mistura de rap e repente? (...)*”. Podemos observar que as perguntas apresentam pronomes interrogativos - *como*- e verbos que pedem sobretudo que os entrevistados narrem (“*como começou?*”, “*como foi o primeiro encontro*”, “*falasse da sua história*”, “*como a música entrou na sua vida?*”, “*como foi trazer essa mistura...*”).

Não observamos, então, nenhuma pergunta que requeresse dos entrevistados posições e argumentos sobre os tópicos, tal como as que foram feitas por Ferréz a Juca Kfourri no quadro Interferência. Cabe, a nosso ver, investigar se a ausência de temas mais polêmicos e de perguntas que requeiram dos convidados posições e argumentos a respeito dos tópicos é algo que também faz parte do quadro de reestruturações do programa “Manos e Minas” a partir de 2010.

Na próxima seção, apresentamos algumas conclusões quanto à análise quantitativa dos MDs usados nessa amostra do programa. Apresentamos também as relações que pudemos observar entre os MDs usados e as sequências textuais desenvolvidas e entre as ações de textualização analisadas e os objetivos colocados pelo programa, o

gênero em que são produzidas e o tipo de estrutura de participação que caracteriza os quadros de orientação do gênero.

3.2.3 Algumas conclusões

Até aqui, foi possível observar algumas mudanças em relação ao desenvolvimento das sequências textuais se compararmos com as que foram desenvolvidas na amostra anteriormente analisada. Isso porque, como mostraram as análises desenvolvidas, essas sequências, sobretudo as narrativas, não foram desenvolvidas para dar acesso a experiências e trajetórias pessoais dos moradores “comuns” da periferia, mas para dar acesso à trajetória profissional dos artistas convidados.

Conforme Granato (2011) conclui em sua pesquisa, o programa “Manos e Minas” se diferenciaria dos outros programas de auditório em função de não ter seus objetivos centrados no entretenimento, mas na exposição, na promoção e na valorização da realidade da periferia.

Apesar de observamos que, na amostra de 07/05/2011, há a exposição dessa realidade da periferia por meio da divulgação das práticas culturais várias dos representantes da periferia (no programa, participam artistas vinculados à cultura negra, periférica e do *hip-hop* tanto ligados à música como ao grafite) – além das apresentações musicais e do acompanhamento da produção artística de uma grafiteiro, o programa aborda o tema dos bailes negros na cidade de São Paulo cuja origem ocorreu na década de 70 –, não há nessa amostra do programa crítica aos problemas sociais e econômicos vivenciados pelos moradores da periferia, acompanhamento e divulgação de projetos sociais que são desenvolvidos na periferia e que ajudam os seus moradores, panoramas de orientação e conscientização sobre temas problemáticos, exposição de perspectivas, sejam estas pessoais ou culturais, sobre assuntos atinentes à realidade da periferia como um todo.

Dessa forma, também não se observa no programa o desenvolvimento de sequências do tipo argumentativa, pois os entrevistados são apenas requisitados a narrar e a descrever.

Essas diferenças no que diz respeito às sequências textuais desenvolvidas nessa amostra também impactam, como pôde ser observado ao longo das análises, os usos dos MDs. Apresentamos, então, alguns gráficos que ilustram esses usos a fim de que possamos ter uma visão mais geral desses recursos textuais-discursivos na amostra do “Manos e Minas” de 07/05/2011:



Gráfico 24: MDs usados no Programa “Manos e Minas” de 07/05/2011. Total: 97.

Podemos observar, em primeiro lugar, uma redução significativa (de 38%) do número total de MDs usados em relação à amostra de 20/09/2009. Apesar dessa redução, os participantes do programa ainda fazem uso de diversos tipos de MDs (30 diferentes tipos). Essa redução do número total de MDs usados pode ser explicada, como discutimos adiante, em função da queda de quase 60% dos usos por parte dos apresentadores, sobretudo dos MDs interacionais e *checkings*.

Os próximos dois gráficos ilustram a comparação entre os usos que os participantes fazem dos MDs sequenciadores e dos MDs interacionais na amostra de 07/05/2011:

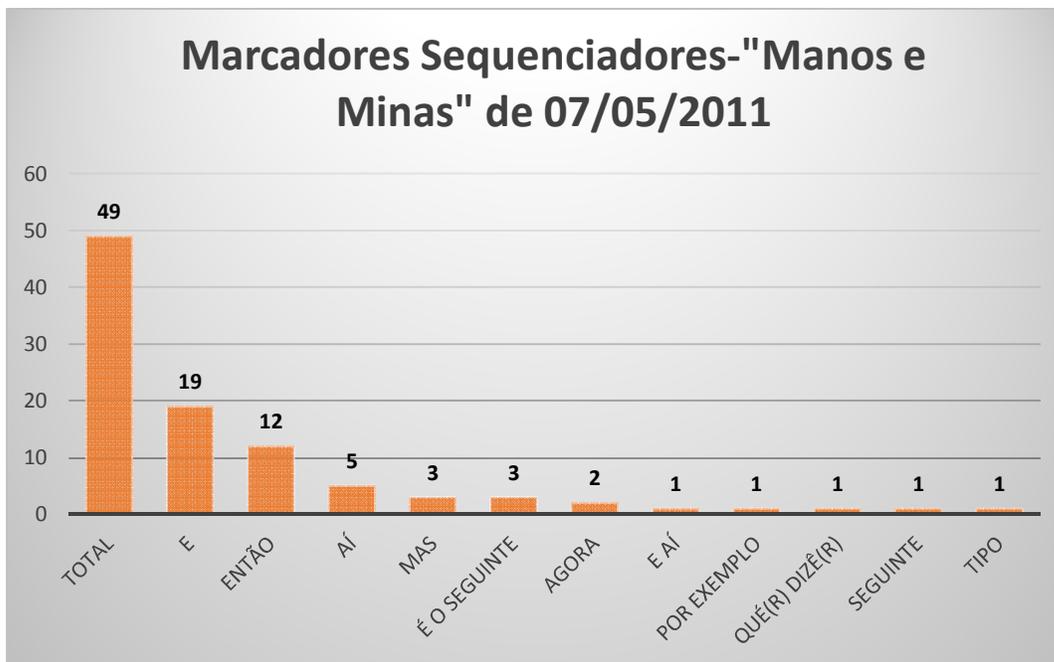


Gráfico 25: MDs sequenciadores usados no Programa “Manos e Minas” de 07/05/2011. Total: 49.



Gráfico 26: MDs interacionais usados no Programa “Manos e Minas” de 07/05/2011. Total: 48.

Esses gráficos mostram que os usos de MDs sequenciadores e interacionais continuam sendo percentualmente equilibrados na amostra de 07/05/2011, assim como ocorria na amostra de 20/09/2009. Em relação ao número de tipos de MDs mobilizados, observamos que os MDs interacionais (19 tipos) continuam sendo comparativamente mais variados do que os sequenciadores (11 tipos), assim como também ocorria na amostra de 20/09/2009. Porém, os usos dos MDs interacionais diminuíram em relação à amostra de 20/09/2009, sobretudo na fala dos apresentadores, como podemos observar no gráfico a seguir:



Gráfico 27: MDs usados pelos apresentadores no Programa “Manos e Minas” de 07/05/2011. Total: 34.

Enquanto na amostra de 20/09/2009, os apresentadores e repórteres do programa eram responsáveis pelo uso de 86 MDs, dos quais 46 eram interacionais (53,5%), na amostra de 07/05/2011, apesar de termos mais de um apresentador no palco, há uma diminuição significativa de MDs (redução de 60%), sobretudo dos interacionais, que são usados apenas 18 vezes (53%). Isso não significa ausência ou diminuição do caráter cooperativo e colaborativo das interações que ocorrem no programa, pois ainda observamos usos significativos dos MDs interacionais por diferentes participantes nas diferentes situações comunicativas e nas diferentes sequências textuais. Porém, não podemos deixar de considerar que essa diminuição dos usos dos MDs totais e dos usos dos MDs interacionais como um indício de que as mudanças pelas quais o programa passou em 2010 se refletem nos usos dos recursos textuais-discursivos.

Também observamos uma diferença nos MDs mais usados no programa. Enquanto na amostra de 2009, os MDs mais usados pelos apresentadores foram o *e*, o *certo?* e o *hein?*, na amostra de 2011, os apresentadores continuaram usando mais o *e*, mas usaram mais os *checkings né?* e *prestô(u) atenção?*.

Já em relação aos convidados, podemos observar também uma redução no número total de MDs usados, conforme mostra o gráfico a seguir:

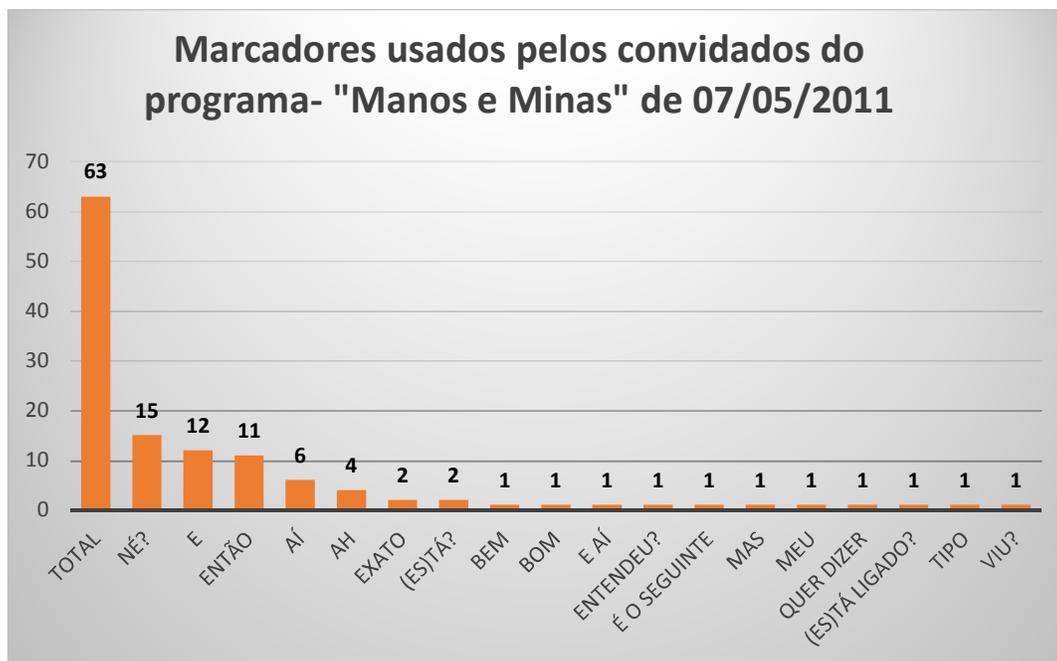


Gráfico 28: MDs usados pelos convidados no Programa “Manos e Minas” de 07/05/2011. Total: 63.

Observamos que os convidados continuam fazendo maior uso dos sequenciadores (54%) e os MDs *né?*, *e* e *então* continuam sendo os mais usados. Porém, também observamos uma redução no número absoluto de MDs. Enquanto na amostra de 2009, os convidados faziam uso de 79 MDs, na amostra de 2011 usam apenas 63 (redução de mais de 20%). Nossa hipótese é a de que essa redução do número de MDs sequenciadores e interacionais na fala dos convidados se deva ao fato de eles não produzirem sequências do tipo argumentativa e produzirem menos sequências explicativas. Dessa forma, não mobilizam tantos MDs interacionais em função de não produzirem turnos mais longos para ao desenvolvimento desses dois tipos de sequência; e também não mobilizam tantos sequenciadores por não haver a necessidade de encadear dados e apoios com vistas a formar a argumentação ou a necessidade de promover o sequenciamento no

caso de panorama que requer explicação e esclarecimento sobre o assunto. As diferenças nas sequências textuais produzidas impactam, a nosso ver, os MDs mobilizados.

No que concerne às relações entre os tipos de MDs usados e as sequências textuais desenvolvidas, consideramos que os dados da tabela abaixo podem demonstrar de modo mais claro tais relações de modo que possamos compará-las com aquelas que foram observadas na amostra anterior:

MDs \ Sequências		Dialogais	Descritivas	Explicativas	Narrativas
		Interacionais	Checking	5 ocorrências 2 tipos	13 ocorrências 6 tipos
Feedback	0		5 ocorrências 5 tipos	0	0
Injuntivo	1 ocorrência 1 tipo		2 ocorrências 2 tipos	0	0
Iniciador	0		1 ocorrência 1 tipo	1 ocorrência 1 tipo	4 ocorrências 4 tipos
Interpelativo	0		0	0	1 ocorrência 1 tipo
Total	6 ocorrências 3 tipos		21 ocorrências 14 tipos	2 ocorrências 2 tipos	18 ocorrências 8 tipos
Sequenciadores		8 ocorrências 3 tipos	25 ocorrências 7 tipos	3 ocorrências 3 tipos	35 ocorrências 9 tipos

Tabela 22: tabela comparativa do uso dos MDs nas sequências textuais do programa “Manos e Minas” de 07/05/2011.

Podemos observar que, em relação à amostra de 20/09/2009, há uma redução significativa das ocorrências e dos tipos dos MDs interacionais usados nas sequências dialogais. Enquanto na amostra de 20/09/2009, observamos 20 ocorrências e 6 tipos de MDs do tipo *checking* e 3 ocorrências e 3 tipos de MDs do tipo *feedback*, nas sequências dialogais da amostra de 07/05/2011, observamos apenas 5 ocorrências do primeiro e nenhuma ocorrência do segundo.

Outras diferenças que observamos foram o aumento das ocorrências dos MDs do tipo *feedback* e a diminuição dos MDs do tipo iniciador nas sequências descritivas. Na amostra de 20/09/2009 não havíamos observado ocorrências de *feedbacks*, mas havíamos observado 4 ocorrências dos iniciadores nesse tipo de sequência. Já na amostra de 07/05/2011, houve ocorrências do MD do primeiro tipo (5), mas não houve ocorrências dos

iniciadores. Também observamos uma diminuição nos usos dos MDs do tipo *checking* nas sequências explicativas dessa amostra.

Se compararmos, então, as amostras do programa “Manos e Minas” de 20/09/2009 e de 07/05/2011, podemos observar algumas diferenças quanto ao desenvolvimento das sequências textuais e aos usos dos MDs. Essas diferenças serão expostas nas conclusões do nosso trabalho. Além dessas diferenças, também procuramos traçar algumas semelhanças que nos permitem dar início à descrição da estrutura composicional desse programa midiático no que se refere às ações de textualização empreendidas pelos seus participantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em nossas conclusões, apresentamos os resultados no que se refere à investigação teórica empreendida em nossa pesquisa e às análises empíricas desenvolvidas. Quanto à investigação teórica apresentada no primeiro capítulo deste trabalho, podemos afirmar que a Perspectiva Textual-Interativa se destaca como uma das poucas abordagens que apresentam uma definição exaustivamente abrangente de MDs na medida em que essa definição é proposta a partir da análise de expressões linguísticas segundo critérios bem definidos. A nosso ver, trata-se, portanto, de uma abordagem que dispõe de mecanismos bastante sofisticados para identificar se uma expressão funciona ou não como MD em determinado contexto e, inclusive, para identificar graus de prototipicidade dos MDs, o que desconhecemos que exista em outras abordagens.

Quanto aos resultados dos estudos sobre os MDs desenvolvidos sob a perspectiva textual-interativa apresentados no primeiro capítulo (Penhavel, 2010, 2011; Guerra e Penhavel, 2010; Mariano, 2012; Bentes e Mariano, 2013; Bentes, Ferreira-Silva e Mariano, 2013), podemos afirmar que, ao postularem a natureza estratégica dos usos dos MDs e a sua atuação na sinalização de como devem ser interpretada a organização textual-interativa, os autores corroboram as postulações de Maschler (2009), segundo a qual os MDs atuam como pistas de contextualização (Gumperz, 1982) na mudança de enquadre. Dessa forma, os MDs atuam não apenas na organização textual-interativa, mas também sociocognitivamente, ao funcionarem como pistas aos interlocutores de como a interação deve ser interpretada. Ou seja, essas estratégias funcionam no estabelecimento de enquadres (*frames*) na medida em que o locutor sinaliza por meio delas a atividade em que está engajado e com que quadros comunicativos está operando.

Embora não adotemos a concepção de MDs proposta por Maschler (2009), consideramos fundamental a postulação da autora de que haveria uma relação entre o uso dos MDs e a mudança de enquadre, pois tal relação é algo que fundamentou nossa hipótese a respeito da existência de relações entre os usos dos MDs e as sequências textuais que os participantes dos programas analisados produzem. Os MDs marcariam, então, a mudança de enquadre e o tipo de sequência textual produzida pelos participantes do programa.

Defendemos, então, ao longo deste trabalho, a incorporação por parte da perspectiva textual-interativa da postulação de Maschler (2009), baseada nos pressupostos teóricos da Sociolinguística Interacional. Consideramos que a incorporação das reflexões elaboradas por essa autora possibilitaria que a análise dos MDs no que se refere à dimensão interacional fosse feita de modo a realmente se estudar o texto como um produto linguístico marcado pela dinâmica da atuação interacional.

Desenvolvemos, então, nossas análises sob a perspectiva textual-interativa, procurando contribuir para reforçar a pertinência dos mecanismos propostos por essa perspectiva no que se refere à análise dos MDs e procurando indicar a legitimidade dessa abordagem como um quadro teórico-metodológico apto à descrição e à explicação de fenômenos vinculados a dimensão textual-interativa da linguagem.

Nas análises das amostras do programa “Manos e Minas”, observamos a figura do apresentador como o principal locutor das sequências dialogais (apesar de não ser o único). Esse fato pode ser explicado, a nosso ver, pela relação entre a função dessas sequências e o papel do apresentador no que diz respeito à estrutura de participação do programa. Por meio das sequências dialogais, o apresentador, então, promove a interação com a plateia, com os telespectadores e também, em determinados momentos, com os convidados do palco.

De forma, então, a promover as diferentes interações, o apresentador faz uso recorrentemente de sequências dialogais e de MDs interacionais. Tais usos reforçam tanto o caráter interativo do programa como o caráter cooperativo e colaborativo das interações, principalmente em função do fato de que há um significativo uso de MDs com função *checking*, tais como *certo?*, *né?*, *não é verdade?* etc.

No caso da amostra de 2011, observamos que, além do apresentador, os artistas convidados mobilizam bastante esse tipo de sequência, seja para assumir uma interação com a plateia e com o público telespectador por meio de cumprimentos e agradecimentos, ou ainda para fazer homenagens ao aniversário do programa.

No caso das sequências descritivas, pudemos observar que, no programa “Manos e Minas”, o seu emprego também encontra-se, assim como no caso das sequências dialogais, bastante relacionado ao papel do apresentador, sobretudo na mudança de situação

comunicativa. Além disso, observamos que a maioria das sequências descritivas desenvolvidas pelo apresentador para anunciar os tópicos e os quadros é acompanhada de sequências dialogais, responsáveis pela interpelação da plateia e do público telespectador.

Nessas sequências descritivas, é comum, então, o equilíbrio dos usos dos MDs sequenciadores e interacionais. Podemos dizer que é com o auxílio dos sequenciadores que o apresentador do “Manos e Minas” dá andamento ao programa, usando tais MDs geralmente para iniciar sequências textuais que buscam “chamar” as atrações seguintes e para realizar, então, momentos de transição entre as diferentes situações comunicativas. Já os MDs interacionais atuam na interpelação da plateia e do público telespectador de forma que se estabeleça uma relação de cooperação entre os interactantes.

Ainda em relação a essas sequências, cabe ressaltar seu uso nos momentos de acompanhamento dos sujeitos em suas rotinas pessoais ou quando guiam o repórter pelos lugares da favela onde há atividades culturais, conforme foi possível observar na amostra do programa de 2008.

Em relação à função das sequências explicativas no programa, podemos observar que elas parecem estar relacionadas não à sua apresentação, como as sequências descritivas, ou à interpelação da plateia e do telespectador, como no caso das dialogais, mas aos quadros e às reportagens externas de orientação ou conscientização social sobre um tema considerado problemático, no caso da amostra de 20/09/2009.

A partir das mudanças nas configurações sócio-históricas do programa “Manos e Minas” em 2010, observamos que esse tipo de reportagem não tem sido mais tão exibido. Dessa forma, as sequências explicativas, além de terem sofrido redução na amostra de 07/05/2011, não são mais atinentes ao papel do especialista do assunto tratado. São desenvolvidas pontualmente, então, pelos entrevistados, seja em reportagens externas ou em entrevistas no auditório.

Uma relação bastante importante que pudemos observar em nossas análises se refere ao uso equilibrado de MDs sequenciadores e de MDs interacionais nas sequências argumentativas, descritivas e explicativas do programa “Manos e Minas”. Quanto aos sequenciadores, eles se mostram importantes no encadeamento de dados e apoios com vistas a formar a argumentação no caso das sequências argumentativas; na abertura dos

segmentos tópicos das sequências descritivas, principalmente em função dessas sequências ocorrerem após sequências dialogais, que não apresentam conteúdo tópico; e no prosseguimento do panorama que requer explicação e esclarecimento sobre o assunto no caso das sequências explicativas. Além disso, vemos que durante o desenvolvimento dessas sequências, não ocorrem tantas alternâncias de turnos de fala. Nesse caso, por haver turnos mais longos, os participantes mobilizam mais MDs interacionais, sobretudo os do tipo *checking*, por desejarem se sentir “habilitados para dar prosseguimento a seu discurso” (GUERRA, 2007, p. 62).

Especificamente quanto às sequências argumentativas, observamos que há um uso equilibrado dos sequenciadores segundo as suas diferentes subfunções (abertura de SegT, encaminhamento do SegT, fechamento do SegT, introdução de inserção parentética, retorno tópico após inserção parentética, abertura de resposta, exemplificação ou paráfrase).

Cabe destacar, porém, que apenas nas sequências do tipo argumentativa os MDs sequenciadores atuam na sinalização da mudança de orientação discursiva. Essa atuação exclusiva dos MDs como *mas* e *agora* na mudança de orientação discursiva nas sequências argumentativas parecem estar relacionadas, como já dissemos, ao fato de que o discurso argumentativo está ligado à defesa de um ponto de vista ou de uma tese e/ou na refutação de uma tese ou de certos argumentos de uma tese adversa. Se consideramos que a orientação se refere justamente à perspectiva assumida pelo locutor, perspectiva esta que pode ser apresentada após retomar uma posição em relação à qual se manifesta discordância, podemos dizer, então, que tanto as sequências argumentativas como a mudança de orientação discursiva envolvem acordos e desacordos e explicitação de posições/perspectivas.

Apesar de não ter sido objetivo deste trabalho, observamos que a argumentatividade permeia todas as sequências, sobretudo as argumentativas clássicas. Nesse caso, nem sempre a argumentatividade se estrutura de forma clássica sob a forma de sequência textual argumentativa. Apesar, então, de termos observado os MDs atuando na mudança de orientação discursiva exclusivamente nas sequências argumentativas, acreditamos que possa haver acordos e desacordos em outros tipos de sequências que não

apenas a argumentativa, como observaram Bentes, Ferreira-Silva e Mariano (2013) na análise da entrevista de Mano Brown ao Roda Viva.

Quanto às sequências narrativas, podemos observar que na amostra de 20/09/2009, elas foram desenvolvidas sobretudo pelos participantes da plateia que foram entrevistados após a exibição de uma reportagem. Já no caso da amostra de 07/05/2011, essas sequências foram desenvolvidas sobretudo pelos artistas convidados, seja nas reportagens externas, seja no palco do programa. Nesse tipo de sequência, observou-se o uso, sobretudo, de MDs sequenciadores, responsáveis pelo encaminhamento do SegT ao sinalizarem novas etapas da construção narrativa, ou seja, novas macroproposições (Adam, 2008).

No caso da amostra de 20/09/2009, podemos dizer que há uma nítida convergência entre o emprego de certas sequências textuais e os objetivos do programa, do modo como estes últimos foram descritos por Granato (2011). Isso porque, como mostraram as análises desenvolvidas, essas sequências são responsáveis por dar acesso a experiências e trajetórias pessoais dos participantes do programa (como ocorre nos momentos de emprego das narrativas), por acompanhar os moradores da periferia na própria temporalidade de suas práticas e ações culturais (no caso das sequências descritivas), por fornecer panoramas de orientação e conscientização sobre temas problemáticos (como o fazem as explicativas), por demonstrar suas perspectivas, sejam estas pessoais ou culturais, sobre assuntos atinentes à realidade da periferia como um todo (como ocorre no desenvolvimento das argumentativas) e por permitir aos interactantes estabelecer intercâmbios de abertura e fechamento da conversação nos quais se reconhecem como participantes do mesmo grupo (como ocorre com o uso das sequências dialogais). Todas essas ações representam, portanto, o modo pelo qual os participantes do programa dão voz, legitimam, reafirmam e, mais do que isso, exaltam a cultura da periferia.

Além disso, as análises da amostra de 20/09/2009 permitiram que estabelecêssemos três relações bastante evidentes entre os usos dos MDs e o desenvolvimento das sequências textuais. Essas relações estabelecem-se entre o alto uso de MDs interacionais e o desenvolvimento de sequências dialogais - o que revelaria, a nosso ver, reforço interacional dado por esses MDs; entre as sequências narrativas e o uso dos

MDs sequenciadores para o encadeamento das macroproposições daquelas; entre o desenvolvimento de turnos mais longos e a incidência de MDs interacionais do tipo *checking* que, em seqüências do tipo explicativa, descritiva e argumentativa, revelam a preocupação dos participantes em confirmar a aprovação por parte do interlocutor tanto do conteúdo mobilizado quanto da continuação dos papéis que desempenham (locutor/interlocutor).

Também pudemos observar que a significativa presença de seqüências dialogais ao longo do programa e de MDs do tipo interacional nessas e em outras seqüências parece indicar como traço da estrutura composicional do programa um forte caráter interacional e fático de modo que os interactantes procuram a cooperação e a construção conjunta da interação.

Além disso, os MDs interacionais são usados de forma consistente com os tipos de interações instauradas no programa, já que se trata de um programa de auditório produzido “pela periferia e para a periferia” em que o apresentador estabelece interações baseadas na proximidade e na solidariedade tanto com a plateia como com os convidados e os telespectadores. Em outras palavras, os convidados participam de entrevistas nas quais os seus entrevistadores (apresentadores) pertencem ao seu grupo social e compartilham da vivência da periferia. Ou seja, são interações simétricas e que, por meio dos usos dos MDs interacionais, mostram-se cooperativas e colaborativas.

Quanto à amostra do programa “Manos e Minas” de 07/05/2011, pudemos concluir que a diminuição e quase extinção das participações dos convidados da plateia, a participação sobretudo de artistas legitimados no campo da cultura popular da periferia, a quase extinção de reportagens externas de orientação ou de conscientização social, a extinção dos quadros mais etnográficos e outras mudanças no que se refere às temáticas do programa impactam as ações de textualização empreendidas pelos seus participantes.

No caso específico dessa amostra, pudemos observar que, apesar da exposição da realidade da periferia por meio da divulgação das práticas culturais dos seus moradores (no programa, participam artistas vinculados à cultura negra, periférica e do *hip-hop* que fazem apresentações musicais, expõem seu grafite e tratam dos bailes negros na cidade de São Paulo cuja origem ocorreu na década de 70), não há nessa amostra do programa crítica

aos problemas sociais e econômicos vivenciados pelos moradores da periferia; acompanhamento e divulgação de projetos sociais que são desenvolvidos na periferia e que ajudam os seus moradores; panoramas de orientação e conscientização sobre temas problemáticos; ou exposição de perspectivas, sejam estas pessoais ou culturais, sobre assuntos atinentes à realidade da periferia como um todo.

Se compararmos, então, as amostras do programa “Manos e Minas” de 20/09/2009 e de 07/05/2011, podemos observar algumas diferenças quanto ao desenvolvimento das sequências textuais:

- a) na amostra de 07/05/2011, as sequências narrativas são desenvolvidas por artistas convidados e não por participantes da plateia/sujeitos “comuns”, como acontecia na amostra de 20/09/2009;
- b) na amostra de 07/05/2011, as sequências dialogais são desenvolvidas não apenas no auditório, mas significativamente também nos quadros e nas reportagens externas;
- c) na amostra de 07/05/2011, as sequências dialogais incluem não apenas saudações elementares dos apresentadores ao público e aos convidados nas entrevistas, como havíamos observado na amostra anterior, mas também ações como as de homenagear o programa e de dar “conselhos” aos telespectadores (grafiteiro Ícone Kill);
- d) as sequências dialogais, apesar de ainda serem bastante atinentes ao papel do apresentador na amostra de 07/05/2011, também são bastante desenvolvidas pelos convidados do programa. Essa incidência significativa parece estar relacionada ao fato de que, no programa, os convidados entrevistados são artistas e não sujeitos “comuns”. Como artistas, eles têm de lidar com uma estrutura de interlocução que envolve não apenas o apresentador/entrevistador, mas a plateia e os telespectadores, pois não podem deixar de interagir também com aqueles que acompanham sua trajetória profissional;
- e) as sequências explicativas na amostra de 07/05/2011 não são desenvolvidas em reportagens sobre temas de orientação/conscientização, pois estas não estão

presentes nessa amostra, diferentemente do que ocorrera na amostra de 20/09/2009;

- f) não há a mobilização de seqüências argumentativas na amostra de 2011, já que nas entrevistas os entrevistados são apenas requisitados a narrar e a descrever.

Quanto aos usos dos MDs nos diferentes tipos de seqüências textuais, pudemos observar as seguintes diferenças quando comparamos as três amostras:

- a) na amostra de 2011, observa-se um uso relativamente baixo de MDs interacionais (6 ocorrências, 3 tipos) nas seqüências dialogais, ao contrário do que se observou na amostra de 2009 em que essas seqüências se caracterizavam pelo uso recorrente de MDs interacionais (27 ocorrências, 66%). Apesar de haver, na amostra de 2011, mais seqüências do tipo dialogal e com funções diversas que não apenas cumprimentar ou agradecer, verifica-se um número baixo de ocorrências de MDs interacionais que reforçariam o caráter fático desse tipo de seqüência;
- b) na amostra de 2011 não é tão comum o uso de um MD marcando concomitantemente o início do SegT e o início de um novo tipo de seqüência textual, como ocorria na amostra de 2009;
- c) enquanto na amostra de 2011 o MD *né?* foi usado significativamente nas seqüências dialogais, na amostra de 2009 esse MD foi produtivo nas seqüências narrativas, argumentativas e explicativas, ou seja, nas seqüências cujos turnos eram mais longos e nas quais os locutores requeriam algum tipo de aprovação para se sentirem habilitados a dar prosseguimento a seu discurso.

Além dessas diferenças, observamos uma redução significativa (de quase 40%) do número total de MDs usados na amostra de 07/05/2011 em relação à amostra de 20/09/2009. Diferença esta que pode ser explicada, sobretudo, pela queda de quase 60% no uso dos MDs por parte dos apresentadores. Se na amostra de 2009, os apresentadores faziam uso de 75 MDs (49%) no programa de 58 minutos, os apresentadores do programa de 2011 fizeram uso de apenas 34 MDs (35%) nos 50 minutos de duração do programa.

Essa redução se mostra expressiva principalmente no número de MDs do tipo interacional: se na amostra de 2009, os apresentadores fazem uso de 45 MDs interacionais (60%), no programa de 2011 há apenas 18 MDs interacionais (53%) sendo usados pelos apresentadores.

Isso não significa, a nosso ver, ausência ou diminuição do caráter cooperativo e colaborativo das interações que ocorrem no programa, pois ainda observamos usos significativos dos MDs interacionais por diferentes participantes nas diferentes situações comunicativas e nas diferentes sequências textuais. Porém, essa diminuição dos usos dos MDs totais e dos usos dos MDs interacionais são um indício de que as mudanças pelas quais o programa passou em 2010 se refletem nos usos dos recursos textuais-discursivos, principalmente porque essa redução ocorre também nos MDs interacionais das sequências do tipo dialogal, que se caracterizam pelo enfoque em uma ação - no caso, interacional- e não em um tópico concernente.

As diferenças nas ações de textualização empreendidas pelos participantes do programa encontram-se relacionadas em grande medida:

- i. às reestruturações do programa e às suas mudanças nas configurações sócio-históricas no que se refere à extinção dos quadros de Ferréz (Interferência) e de Alessandro Buzo (Buzão: Circular Periférico);
- ii. à redução e quase extinção dos quadros de cunho mais etnográfico nos quais os repórteres visitavam projetos e lugares da periferia e entrevistavam os moradores desses lugares, mostrando ações culturais e projeto sociais na periferia;
- iii. à extinção da expansão do tópico das reportagens externas em entrevistas com participantes da plateia, o que permitia que eles expusessem seus pontos de vista sobre as realidades retratadas e/ou relatassem suas próprias experiências. Ou seja, a distribuição de vozes passa a ser mais reduzida;
- iv. às temáticas dos dois programas analisados. No programa de 20/09/2009, tematizou-se a respeito da violência nas escolas e da função social do projeto Protejo; orientou-se a respeito desse tema e abriu-se espaço para relatos de pessoas que sofreram violência na escola; fez-se uma entrevista com o *rapper*

Gog na qual ele não apenas narra sua trajetória pessoal e profissional, mas argumenta em favor da “ocupação” de espaços políticos e institucionais como o Ministério Público Federal por moradores da periferia. Já no programa de 07/05/2011, as temáticas não envolvem temas mais problemáticos, tal como a violência nas escolas, e as perguntas por parte dos entrevistadores não apresentam tema polêmico que pudesse ser considerado provocador pelo entrevistado. Além disso, não foram divulgados nessa amostra os projetos sociais desenvolvidos na periferia.

Tanto as mudanças mais estruturais no programa quanto a mudança nas temáticas abordadas por ele e, sobretudo, as mudanças nas ações de textualização empreendidas pelos seus participantes revelam, a nosso ver, uma orientação do programa que parece ir na direção do entretenimento, como outros programa de auditório. Nossa hipótese se confirma quando observamos que as temáticas da amostra de 07/05/2011 se aproximam daquelas tratadas pelo programa *Altas Horas*, que mobiliza, segundo Granato (2011), tópicos relacionados à carreira profissional dos entrevistados e à sua vida pessoal e às atividades exercidas no momento atual ao das entrevistas.

Essa nossa hipótese se reforça ainda mais se comparamos os usos dos MDs nas três amostras selecionadas:

Programa	M & M 16/07/2008	M & M 20/09/2009	M & M 07/05/2011
MDs			
Total de MDs	106	154	97
MDs sequenciadores	40 (38%)	71 (46%)	49 (51,5%)
MDs interacionais	66 (62%)	83 (54%)	48 (49,5%)

Tabela 23: Usos dos MDs em três amostras do programa “Manos e Minas”.

Como podemos observar, nas amostras de 2008 e 2009, há percentualmente um maior uso de MDs interacionais se comparadas com a amostra de 2011. Além disso, resumidamente podemos dizer que, assim como na amostra de 2009, a amostra de 16/07/2008 apresenta uso significativo do *né?* (21 ocorrências) e de outros MDs *checkings*

(17 ocorrências); uso significativo de MDs interacionais nas sequências dialogais (16 ocorrências, 89%); uso significativo do MD *né?* (4 ocorrências) e de outros MDs interacionais nas sequências narrativas (8 ocorrências, 53%); equilíbrio do uso de MDs sequenciadores e interacionais nas sequências argumentativas (3 ocorrências de interacionais e 4 ocorrências de sequenciadores); equilíbrio dos usos dos MDs sequenciadores e interacionais nas sequências descritivas (38 ocorrências, 58%) com destaque para o uso dos MDs do tipo *checking* (22 ocorrências) e do tipo iniciador (8 ocorrências) e para o uso do sequenciador *e* (15 ocorrências).

Quando observamos a tabela a seguir, podemos constatar que, apesar das diferenças observadas ao longo de nossas análises entre os usos dos MDs nas amostras de 2009 e 2011, os MDs mais usados nessas e na amostra de 2008 refletem algumas semelhanças:

MDs mais usados	Manos e Minas 16/07/2008	Manos e Minas 20/09/2009	Manos e Minas 07/05/2011
1º	E: 22	E: 34	Né?: 21
2º	Né?: 21	Né?: 27	E: 19
3º	Bom: 12	Certo?: 16	Então: 12
4º	Entendeu?: 6	Então: 10	Aí: 5
5º	Tipo: 6	Hein?: 8	Ah:4

Tabela 24: MDs mais usados em três amostras do programa “Manos e Minas”.

Podemos observar que os MDs *e* e *né?*, além de terem frequência de uso bem próxima nas três amostras, são os MDs mais usados em todas elas. Em nossa pesquisa anterior (Mariano, 2012), também havíamos observado que esses MDs eram os mais usados nas situações comunicativas analisadas. No discurso público de agradecimento do *rapper* Mano Brown, houve 11 ocorrências do *né?* (27,5%) e 10 ocorrências do *e* (25%); na situação de depoimento, houve 3 ocorrências do *né?* (20%) e 3 ocorrências do *e* (20%); na situação de discussão informal entre *rappers*, houve 11 ocorrências do *né?* (7,2%) e 13 ocorrências do *e* (8,5%); e, na situação de entrevista televisiva, houve 82 ocorrências do *né?* (37,3%) e 23 ocorrências do *e* (10,5%).

Esses resultados revelam, a nosso ver, que esses MDs são bastante significativos na fala dos representantes da periferia, tanto dos artistas (Mano Brown e convidados do “Manos e Minas”) como dos moradores “comuns” (participantes do “Manos e Minas”), nas diferentes situações comunicativas e sequências textuais.

Também podemos observar um uso significativo do *então* nas três amostras. Apesar de não ser tão mobilizado como o *tipo* no caso da amostra de 2008, podemos considerar que se trata de um MD bastante frequente nas amostras analisadas, pois observa-se que ele é mais usado que sequenciadores típicos como *á* e *mas*.

No caso dos *checkings*, podemos observar que nas amostras de 2008 e 2009, eles são mais usados (além do *né?*, há o uso do *entendeu?*, do *certo?* e do *hein?*) do que na amostra de 2011. Também observa-se a importância dos MDs iniciadores no caso das amostras de 2008 (12 ocorrências do *bom*) e de 2011 (4 ocorrências do *ah*). Esses MDs, portanto, parecem constituir a base do repertório de MDs dos participantes do programa, que os mobilizam a depender do tipo de sequência textual que produzem e do tipo de interação que estabelecem.

Além dessas semelhanças no que se refere aos exemplares de MDs usados, pudemos observar outras semelhanças no que se refere aos usos das sequências textuais e desses recursos textuais-discursivos, quais sejam:

- a) as sequências dialogais são bastante numerosas e desenvolvidas em praticamente todas as situações comunicativas nas três amostras analisadas (2008, 2009 e 2011);
- b) as sequências dialogais são desenvolvidas sobretudo no início e no fim das entrevistas, caracterizando, assim, essas interações simétricas (entre sujeitos do mesmo grupo social) como colaborativas e cooperativas;
- c) os apresentadores são os principais locutores das sequências dialogais, visto que precisam lidar com uma estrutura de participação que envolve a interação com a plateia, com os telespectadores, com os convidados e, no caso da amostra de 07/05/2011, com o outro apresentador;
- d) assim como as dialogais, as sequências descritivas são bastante mobilizadas nas amostras analisadas e são também atinentes sobretudo ao papel do apresentador, que é responsável por descrever os elementos do *hip-hop* fixos do programa (os

- apresentadores, o DJ Eric Jay e a banda Projeto Nave), os convidados, os quadros e as reportagens do programa;
- e) as sequências descritivas também foram mobilizadas nas três amostras analisadas pelos grafiteiros ao descreverem o processo de criação da sua obra;
 - f) nas três amostras analisadas, observou-se o uso equilibrado de MDs interacionais e sequenciadores nas sequências descritivas. Esse equilíbrio, como já dissemos, mostra que os apresentadores e convidados usam os sequenciadores para dar andamento ao programa ou para fazer avançar topicamente sua descrição e usam igualmente os interacionais para iniciar a sequência ou o turno (*bom*) ou ainda para não perder de vista o acompanhamento das descrições por parte dos interlocutores (MDs *checkings*);
 - g) os MDs sequenciadores parecem atuar, sobretudo, na abertura de SegT no caso das sequências descritivas e no encaminhamento do SegT no caso das sequências narrativas;
 - h) a presença de MDs do tipo *checking* está ligada ao desenvolvimento de turnos mais longos, como ocorre no desenvolvimento das sequências narrativas, explicativas e argumentativas. Esse uso revela a preocupação dos participantes em confirmar a aprovação por parte do interlocutor tanto do conteúdo mobilizado quanto da continuação dos papéis que desempenham na interação.

Quanto à mobilização das sequências dialogais nos mais variados momentos do programa e em coocorrência com sequências de outros tipos, podemos dizer que ela indica que, no caso de um gênero cuja composição se caracteriza pelo diálogo conversacional, como é o caso do programa de auditório, que se constitui de interações entre seus diferentes participantes (entre apresentador e convidado, entre os apresentadores, entre apresentador e plateia, entre apresentador e público-telespectador, entre convidado e apresentador, entre convidado e plateia, e entre convidado e telespectador), esse modo de composição estende sua hegemonia sobre os outros modos de composição (sequências explicativas, narrativas, descritivas e argumentativas).

Em função disso é que se tem, segundo Adam (2008), o encaixamento dessas sequências dialogais em (i) sequências narrativas por meio da interrupção do diálogo e do estabelecimento de transições entre esses modos de composição; (ii) sequências descritivas, o que conduz geralmente à dialogização do procedimento descritivo; (iii) sequências argumentativas e explicativas, que são mais facilmente integradas na coconstrução de um texto dialogal.

Ainda em relação a essas semelhanças, podemos concluir que a apresentação do programa se caracteriza pela mobilização de (i) sequências dialogais que são mobilizadas pelo apresentador para marcar a interação com os diferentes interlocutores (diretos e indiretos) e para interpelar o público a acompanhar o programa e a plateia a participar por meio de aplausos, gritos e assobios; e de (ii) de sequências descritivas, desenvolvidas pelo apresentador para anunciar os tópicos e os quadros do programa.

A partir de nossas análises, observamos também, no programa “Manos e Minas”, relações de mútua constitutividade existentes entre (i) o emprego de certas sequências textuais e determinadas situações comunicativas desenhadas para atingir certos objetivos mais gerais do programa e entre (ii) a emergência de algumas sequências textuais e os papéis sociais específicos desempenhados pelos sujeitos dentro da estrutura de participação do programa.

Ressaltamos ainda o papel fundamental dos MDs na estruturação dos microtextos do programa. Como expusemos em nossas análises, é comum que, mesmo havendo mudança de situação comunicativa, o mesmo supertópico continue sendo desenvolvido no programa “Manos e Minas”, o que chamamos de expansão tópica. Consideramos, portanto, que tanto a centração em um tópico discursivo (Jubran *et al.*, 2002) como o uso dos MDs auxiliam na construção de uma estrutura composicional (Adam, 2008) para o programa e também colaboram para a sua coesão textual.

Assim, as análises desenvolvidas demonstram que a noção de texto que assumimos consegue dar conta dos processos que estão na base da produção discursiva do programa “Manos e Minas”: o programa se caracteriza por um conjunto heterogêneo de ações sociais que constituem e, ao mesmo tempo, são constituídas pelas ações textuais que

estão na base da mobilização das diferentes sequências textuais e de recursos linguísticos específicos que auxiliam nos processos de progressão textual.

Pudemos perceber também que as ações de textualização produzidas no interior dos gêneros são diretamente influenciadas pela forma como o gênero está em relação com estruturas de poder: apesar de o programa de auditório “Manos e Minas” produzir sua identidade no interior da esfera do entretenimento, ele valoriza conteúdos outros (políticos e culturais) que não os de entretenimento e dá voz a um grupo social específico.

Por fim, podemos dizer que nossas análises deram visibilidade às inúmeras possibilidades de combinação de tipos e ações textuais, combinações estas que, em geral, são conectadas por meio de MDs. Além disso, acreditamos que nosso estudo tenha mostrado que a textualidade constitutiva da produção discursiva analisada é plasmada pelas relações sociais estabelecidas entre os interactantes e que essa textualidade é radicalmente heterogênea. A presença significativa dos MDs interacionais que reforça o caráter fático e colaborativo das interações, o desenvolvimento de sequências dialogais e a mobilização de sequências descritivas relacionadas à ação de apresentação do programa são ações de textualização que, assim como a eleição de determinados tópicos e a emergência de certos tipos de MDs, indiciam as identidades sociais colocadas em jogo e também dão corpo às restrições dos gêneros.

Tentamos, então, enfatizar ao longo de nossa pesquisa a relação entre os processos de produção textual e o mundo social nos quais emergem, considerando de maneira bastante significativa a heterogeneidade textual e discursiva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAM, J. M. *A Linguística Textual: introdução à análise textual dos discursos*. São Paulo: Cortez, 2008.

ANSCOMBRE, J. C. & DUCROT, O. L'argumentation dans la langue. In *Languages* 42, Paris, Didier-Larousse, 1976, p.5-27.

ARONCHI DE SOUZA, J. C. *Gêneros e formatos da televisão brasileira*. São Paulo: Summus, 2004.

BEAUGRANDE, R. *New foundations for a science of text and discourse: cognition, communication, and the freedom of access to knowledge and society*. New Jersey: Ablex Publishing Corporation, 1997. Disponível em: [http://www.beaugrande.com/new_foundations_for_a_science.htm], acesso em 18 Fev. 2013.

_____ ; DRESSLER, W.U. *Introduction to text linguistics*. London: Longman, 1981. Disponível em: [http://www.beaugrande.com/], acesso em 20 Fev. 2013.

BECKER, A. L. Language in particular: A lecture. In: TANNEN, D. (ed.). *Linguistics in context: Connecting observation and understanding. (Lecture from the 1985 LSA/TESOL and HEH Institutes)*. Norwood, NJ: Ablex, 1988, p.17-35.

BELL, A. Back in style: reworking audience design. In: ECKERT, P.; RICKFORD, J. (eds.). *Style and sociolinguistic variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001, p. 139-169.

BENTES, A.C. *A arte de narrar: da constituição das estórias e dos saberes dos narradores da Amazônia paraense*. 313 p. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

_____. *Linguística Textual*. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A.C. (Orgs). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. 9.ed. São Paulo: Cortez, [2001] 2012, p. 261-303.

_____. *É nós na fita: a formação de um registro e a elaboração de registros no campo da cultura popular urbana paulista*. Nº do processo: 2009/08369-8. Projeto de pesquisa financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa. Campinas: Unicamp, 2009a.

_____. *Tudo que é sólido desmancha no ar: sobre o problema do popular na linguagem*. *Gragoatá*. Niterói, n. 27, 2009b, p. 12-47.

_____. *É nós na fita: a formação de um registro e a elaboração de registros no campo da cultura popular urbana paulista*. Relatório Científico Parcial do Projeto de pesquisa financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa. Nº do processo: 2009/08369-8. Campinas: Unicamp, 2011.

_____ ; KOCH, I. G. V.; NOGUEIRA, C. M. A. Gênero, mídia e recepção: sobre a narrativa televisiva e seus espectadores. *Cadernos de Estudos Linguísticos* (UNICAMP), Campinas, v. 44, 2003, p. 265-282.

BENTES, A.C.; REZENDE, R. C. Texto: conceitos, questões e fronteiras (con)textuais. In: SIGNORINI, I. (Org.). *(Re)Discutir texto, gênero e discurso*. São Paulo: Parábola, 2008, p. 19-46.

_____ ; MARIANO, R.D. A linguagem dos manos: é possível falar sobre um registro popular paulista? In: CEZÁRIO, M.M.; CUNHA, M.A.F. (Orgs.) *Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad, 2013, p.147-161.

_____ ; FERREIRA-SILVA, B.; MARIANO, R. D. Atenuação e impolidez como estratégias estilísticas em contexto de entrevista televisiva. *Cadernos de Letras da UFF*. Niterói, n. 47, 2013, p. 285-314.

BOURDIEU, P. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BRIZ, A. Eficácia, imagem social e imagem de cortesia. In: BRAVO, D. *Estudios de la (des)cortesía em espanõl*. Buenos Aires: Dunkem, 2005, p. 53-92.

COUPLAND, N. Language, situation and the relational self: theorizing dialect-style in sociolinguistics. In ECKERT, P.; RICKFORD, J. (eds.). *Style and sociolinguistic variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001, p. 185-210.

_____ *Style: variation and identity*. New York: Cambridge University Press, 2007.

CULPEPER, J. Reflections on impoliteness, relational work and power. In: BOULSFIELD, D.; LOCHER, M. A. (eds.) *Impoliteness in language: studies on its interplay with power in theory and practice*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2008, p. 17-44.

DUCROT, O. *La preuve et le dire*. Mame, Repérs, 1973.

_____ . *Les mots du discours*. Paris, Ed. De Minuit, 1980.

_____ . *Provar e dizer: leis lógicas e leis argumentativas*. São Paulo: Global, 1981.

FÁVERO, L.L.; ANDRADE, M. L. C. V. O.; AQUINO, Z.G.O. Correção. In: JUBRAN, C.C.A.S.; KOCH, I.G.V. (Orgs.) *Gramática do Português Culto Falado no Brasil: Construção do texto falado*. v.1. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006, p. 255-273.

FONSECA, A.M.H. *A perífrase verbal ir+infinitivo e o futuro do dialeto riopretano : um estudo na interface Sociolinguística/Gramaticalização*. 174 p. Dissertação (Mestrado em Linguística). Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2010.

GOFFMAN, E. A elaboração da face: uma análise dos elementos rituais na interação social. In: FIGUEIRA, S. (Org.). *Psicanálise e Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1967, p. 76-114.

_____. (1964) A situação negligenciada. In: RIBEIRO, B.T. & GARCEZ, P. M. (Orgs.). *Sociolinguística Interacional*. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002, p.13-20.

GOFFMAN, E. (1979) Footing. In: RIBEIRO, B.T. & GARCEZ, P. M. (Orgs.). *Sociolinguística Interacional*. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002, p. 107-148.

GRANATO, L.B. *Gêneros discursivos em foco: dos Programas Manos e Minas e Altas Horas*. 353 p. Dissertação (Mestrado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

GUERRA, A.L. *Funções textual-interativas dos marcadores discursivos*. 233 p. Dissertação (Mestrado em Linguística). Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2007.

_____.; PENHAVEL, E. O processo de estruturação interna de segmentos tópicos mínimos em cartas de leitores de jornais paulistas do século XIX. *Confluência*. Rio de Janeiro, n.37-38, 2010, p. 137-161.

_____.; PENHAVEL, E. A subfunção interacional de “checagem” na gramática textual-interativa. *Revista Diadorim*. v.10, Dezembro 2011, p.158-173. [<http://www.revistadiadorim.letras.ufrj.br>]

GUIMARÃES, E. *Texto e argumentação. Um estudo de conjunções do português*. 2 ed. Campinas: Pontes, 2001.

GUMPERZ, J. J. *Discourse strategies*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

HANKS, W.F. *Língua como prática social: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin*. In: BENTES, A.C.; REZENDE, R.C.; MACHADO, M.A. (Orgs.). São Paulo: Cortez, 2008.

IRVINE, J. Style as distinctiveness: the culture and ideology of linguistic differentiation. In: ECKERT, P.; RICKFORD, J. (eds.). *Style and sociolinguistic variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001, p. 21-43.

JUBRAN, C. C. A. S. Tópico discursivo. In: JUBRAN, C.C.A.S.; KOCH, I.G.V. (Orgs.). *Gramática do Português Culto Falado no Brasil: Construção do texto falado*. v.1. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006a, p. 89-132.

_____. Revisitando a noção de tópico discursivo. *Cadernos de Estudos Linguísticos*. Campinas, v.48, 2006b, p. 33-41.

_____. Parentetização. In: JUBRAN, C.C.A.S.; KOCH, I.G.V. (Orgs.). *Gramática do Português Culto Falado no Brasil: Construção do texto falado*. v. I. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006, p. 301-357.

_____ *et al.* Organização tópica da conversação. In: ILARI, R. (Org.). *Gramática do português falado*. v. II. 4 ed. Campinas: Editora da UNICAMP, [1992] 2002, p. 341-377.

_____ ; KOCH, I.G.V. (Orgs.). *Gramática do Português Culto Falado no Brasil: Construção do texto falado*. v. I. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006.

KOCH, I.G.V. Aspectos do processamento do fluxo de informação no discurso oral dialogado. In: CASTILHO, A.T. (Org.). *Gramática do Português Falado*. v. I. Campinas: Edunicamp/Fapesp, 1990, p. 83-98.

KOCH, I.G.V. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002.

KOCH, I.G.V. *Introdução à Linguística Textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____ *Argumentação e linguagem*. 12. ed. São Paulo: Cortez, [1984]2009.

LABOV, W. *Padrões Sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008.

MARCUSCHI, L.A. *Análise da Conversação*. São Paulo: Ática, 1998.

_____. Hesitação. In: JUBRAN, C.C.A.S.; KOCH, I.G.V. (Orgs.). *Gramática do Português Culto Falado no Brasil: Construção do texto falado*. v. 1. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006, p. 48-70.

MARIANO, R. D. *Análise da gestão tópica do programa "Manos e Minas"*. Monografia (Licenciatura em Letras). Orientadora: Anna Christina Bentes da Silva. Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

_____. *Recursos para a construção de estilos: tópico e marcadores discursivos na fala de um rapper paulista*. Relatório final do Projeto de Iniciação Científica financiado pela FAPESP, Processo no. 2010/17357-0. Orientadora: Anna Christina Bentes. Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2012.

MASCHLER, Y. *Metalanguage in Interaction: Hebrew Discourse Markers*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing, 2009.

MAYNARD, D. Placement of topic changes in conversation. In: *Semiotica*.v.30, n.3/4, 1980, p. 263-290.

MIRA, C.C.C.R. *Afasia e interação: uma análise da dinâmica de turnos e da gestão do tópico nas práticas conversacionais de sujeitos afásicos e não-afásicos*. 166p. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

PALUMBO, R. *Referenciação e Argumentação: a dinâmica nas orientações argumentativas em debates políticos televisivos*. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

PASSEGGI, L. *et al.*. A análise textual dos discursos: para uma teoria da produção co(n)textual de sentido. In: BENTES, A.C.; LEITE, M.Q. (orgs.). *Linguística de Texto e Análise da Conversação: panorama das pesquisas no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2010, p. 262-315.

PENHAVEL, E. Funções textuais e discursivas do conector aditivo. *Estudos Linguísticos (GEL)*. São Paulo, v. XXXIII, n.1, 2004, p. 751-755.

_____. *Marcadores Discursivos e Articulação Tópica*. 168p. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

PENHAVEL, E. O funcionamento de marcadores discursivos no processo de estruturação interna de segmentos tópicos mínimos. *Línguas e Instrumentos Linguísticos*. Campinas, n.27/28, 2011, p.63-84.

PENHAVEL, E. O que diferentes abordagens de marcadores discursivos têm em comum?. *(Con)textos Linguísticos*. Vitória, v.6, n.7, 2012a, p. 78-98.

_____. Vocativos e marcadores discursivos na Gramática textual-interativa. *Linha d'Água*. São Paulo, n. 25 (2), 2012b, p. 51-65.

REZENDE, R. C. *Expedientes metadiscursivos na articulação e categorização de práticas comunicativas em Relato de um certo oriente, de Milton Hatoum*. 194p. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

RISSE, M.S. Marcadores Discursivos basicamente sequenciadores. In: JUBRAN, C.C.A.S.; KOCH, I.G.V. (Orgs.). *Gramática do Português Culto Falado no Brasil: Construção do texto falado*. v.1. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006, p. 427-496.

_____; SILVA, G.M. de O.; URBANO, H. Marcadores Discursivos: traços definidores. In KOCH, I.G.V. (Org.). *Gramática do Português Falado*. v. VI. Campinas: Editora da UNICAMP, 2002, p. 21-103.

_____; SILVA, G.M. de O.; URBANO, H. Traços definidores dos marcadores discursivos. In: JUBRAN, C.C.A.S.; KOCH, I.G.V. (Orgs.). *Gramática do Português Culto Falado no Brasil: Construção do texto falado*. v.I. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006, p. 403-425.

RODRIGUES, A. Os níveis de atuação do “mas” no discurso. *Caderno de Estudos Linguísticos*. Campinas: Unicamp/IEL, n.28, Jan/Jun 1995, p. 37-44.

SCHIFFRIN, D. *Discourse Markers*. Cambridge:Cambridge University Press, 1987.

TANNEN, D.; WALLAT, C. (1987) Enquadres interativos e esquemas de conhecimento em interação. Exemplos de um exame/consulta médica. In: RIBEIRO, B.T.; GARCEZ, P. M. *Sociolinguística Interacional*. 2.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002, p. 183-214.

TENANI, L. E.; GONÇALVES, S. C. L. *Manual do Sistema de Transcrição de Dados – PROJETO ALIP* (Amostra Linguística do Interior Paulista). Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2003. Não publicado.

URBANO, H. Aspectos basicamente interacionais dos marcadores discursivos. In: NEVES, M. H. de M. (Org.). *Gramática do Português falado*. v.VII Campinas: Editora da UNICAMP, 1999, p. 195-258.

_____. Marcadores discursivos basicamente interacionais. In: JUBRAN, C.C.A.S.; KOCH, I.G.V. (Orgs.). *Gramática do Português Culto Falado no Brasil: Construção do texto falado*. v.1. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006, p. 497-527.

VOGT, C.A. *Linguagem, Pragmática e Ideologia*. Hucitec/Funcamp, 1980.

VOGT, C.A. & DUCROT, O. “De magis a mas: uma hipótese semântica”. In VOGT, C.A. *Linguagem, Pragmática e Ideologia*. Campinas: Hucitec/Funcamp, 1980.

ANEXOS

ANEXO 1: Normas de Transcrição do Ibrouna

Quadro de sinais da transcrição

OCORRÊNCIAS	SINAIS	OBSERVAÇÕES/EXEMPLOS
Sobre a grafia das palavras		
Nomes próprios em geral	Iniciais Maiúsculas	...a festa foi na casa do Carlos ... Não se usam maiúsculas após os sinais ... ?
Nomes próprios que identificam o informante ou pessoa do relacionamento do informante	Não transcrever o nome e grafar apenas as iniciais maiúsculas	Doc: Dona M. , a senhora falou que o J. , seu marido....
Nomes de obras (livros, revistas, jornais) e/ ou palavras estrangeiras	Em itálico e grafia da língua de origem, quando for o caso.	... adorava ouvir <i>Purple Rain</i> gostei de ler <i>Cem Anos de Solidão</i> ...
Marcadores discursivos	Ocorrência seguida do ponto “?”, quando for o caso.	... é pra deixar aqui né? então acho que aí é o ponto
Fáticos/Interjeições	Ocorrência seguida do ponto “!”	... ah! ... que alívio...
Interjeições já dicionarizadas		Vixe!, ixel, pô!,
Numerais e letras	Por extenso	... foram trinta e três alunos... ... marca com um xis a alternativa bê

		na a questão dez , marquei a alternativa bê e não a dê
Siglas e abreviaturas Importante: siglas não se confunde com redução de palavras, como por exemplo, depê, para 'dependência', que devem ser grafadas na sua forma reduzida, em minúsculas.	Grafar conforme a pronúncia do informante. Se pronunciada letra a letra (ex.1), grafar em caixa alta, separando as letras por ponto. Se pronunciada como palavra (ex.2), seguir a grafia prevista pela ortografia, em caixa alta e sem pontos entre as letras.	Ex. 1: B.O., I.N.S.S., I.N.P.S., U.F.R.J, R.G., C.P.F. Ex.2: USP, IAMSP, TAM, SUS, UFSCAR, CIC.
Truncamento (palavras incompletas) ⁴⁶	/	... ca/ casou semana passada...
Metalinguagem do informante	'aspas simples'	... o ' mesmo ' do carioca
Citação	"aspas duplas"	... Armstrong disse " pequeno passo para o homem... gigantesco salto para a humanidade "
Sobre alguns aspectos morfo-fonológicos		
Indicar a inserção de segmentos vocálicos somente quando for a forma a padrão	Registrar a forma realizada	alembirá(r), avoá(r), drento, depois, revórve
Indicar o apagamento de segmentos, quando for:		
a) Segmento vocálico e/ou consonantal em início, meio	Colocar o segmento não realizado entre parênteses.	(a)rrancô(u), tam(b)ém, me(s)mo

⁴⁶ Cabe observar aqui que o termo truncamento não se confunde com o termo truncação. Truncação (ou 'blend', ou 'palavra-portmanteau') denomina um tipo de composição vocabular, como por exemplo, 'portunhol' de 'PORTUguês' e 'espaNHOL'. Truncamento indica a ocorrência de palavras incompletas ou também quando alguém é bruscamente cortado pelo parceiro.

ou final de palavra		
b) Ditongos		ca (i) xa, pe (i) xe, po (u) co
c) Redução de 's' do morfema de primeira pessoa plural		nós fomo (s) , nós pegamo (s)
d) Redução de gerúndio ou sequência –nd–		cantan (d) o, propagan (d) a
e) Redução de infinitivo de verbos	Colocar o segmento não realizado entre parênteses e marcar a tonicidade da sílaba final com acento agudo.	cantá (r) , vendê (r) , sorrí (r)
Indicar as realizações não-previstas das preposições, quando houver:		
a) Contração da preposição com + artigo	Indicar a contração com uma aspa	c'a (=com + a), c'o (=com + o), c'um (=com + um), c'uma (=com + uma)
b) Contração da preposição de + artigo indefinido		d'um (=de + um), d'uma (=de + uma)
c) Contração da preposição de + pronome eu		d'eu (= de + eu)
d) Contratação da preposição de + palavra iniciada por vogal		d'oeste (=de + Oeste), d'água (=de água), d'onde (de+ onde)
e) Redução da preposição para	Registrar a forma realizada	pra (sem acento), pa (sem acento)
f) Contração da preposição	Registrar a forma realizada	pra (=para + a), pa (=para +

para reduzida + artigo		a), pro (=pra + o), po (=para + o), pr'um(a) (=pra + um(a)), pum(a) (=pa + um(a))
g) Modificação da preposição em	Grafar como ela é realizada (em > ne)	a gente vai muito ne rio pa pescá(r)
h) Inserção/modificação de preposição	Registrar a forma realizada	eu penso de que ele não deve ir... eu perguntei na onde ele morava... eu perguntei da onde ele vinha...
Sobre alguns elementos prosódicos		
Silabação	Hífen entre as sílabas (sem espaço)	... foi quando ele disse... -fi-que-a-qui- ...
Pausa	Reticências para qualquer tipo	... ele... voltou feliz...
Ênfase	CAIXA ALTA	... ele almoçou com ELA ...
Alongamento (de vogais/consoantes)	Dois pontos digitados duas vezes	... ele a:: cha...
Interrogação	Ponto-de-interrogação	... você vai à festa?...
Sobre alguns aspectos da interação		
Identificação dos participantes da interação	Documentador (Doc.), Informante (Inf) e Interveniente (Int)	Doc.: o senhor gosta de pescar? Inf.: eu não sei pescar... eu não aprendi...
Início de turno	Minúsculas	
Discurso direto	Aspas duplas e duplo	... ela disse -“vamos à festa?”- eu respondi -

	travessão	“talvez”-
Sequência de discurso direto	Separar por travessão cada um dos turnos	Inf.: aí ele falou – “cadê o dinheiro” – ... – “ta lá atrás” – o outro falou.
Mudança do fluxo discursivo	Duplo travessão	... eu não tinha – fique quieto ((falando com o cachorro)) – tempo de estudar...
Superposição/simultaneidade de vozes	Texto entre colchetes, com índice sobrescrito à esquerda do colchete inicial. Todas as sobreposições devem ser indicadas sequencialmente em toda a transcrição (1, 2, ..., n)	Inf.1: eu não tinha saído de lá... ¹ [e foi então...] Doc.: ¹ [cê tava] em casa ainda? Inf.1: eu tava... e foi então que ele ligou...
Intervenção do documentador no fluxo de fala do informante	Se não houver sobreposição de vozes	Inf: outro dia eu estava na casa do João [Doc.: ahan] quando...
	Se houver sobreposição de vozes:	Inf: outro dia eu estava na casa do ¹ [João] ¹ [Doc.: ahan] quando ...
Risadas simultâneas de documentador e informante		Doc e Inf: ((risos))
Sobre os comentários do transcritor		
Hipótese do que se ouviu	Entre parênteses	... foi então que ele (fez) a prova...
Comentário descritivo do transcritor	Entre parênteses duplos	... eu não gosto de pescar... é que não sei pescar... ((risos)) por isso que não gosto...

ANEXO 2: Transcrição do Programa “Manos e Minas” exibido em 20/09/09

Situação Comunicativa	Auditório
Participantes	Plateia = PL
	Thaíde = TH
	Genival O. Gonçalves = GO
	Ricardo AKN = RA
	Vitor = VI
	Iago = IA
	Jamil = JÁ

1	PL	¹ [ei... ô...ei...ô... ei... ô] ((dançando))	Seq. Dialogal
2	TH	¹ [é assim que tem que ser... vamo(s) no refrão...	
3		daquele jeito... então como é que é?] ² [é manos]	
4	PL	² [e minas] ³ [é manos... e minas] ((dançando))	
5	TH	³ [nossa senhora].	
6	PL	⁴ [é manos e minas]	
7	TH	⁴ [ave maria]	
8	PL	⁵ [é manos e minas]	
9	TH	⁵ [que que é isso aqui?] ⁶ [de novo]	
10	PL	⁶ [é mano e minas]	
11	TH	⁷ [diz]	
12	PL	⁷ [é manos... e minas]	
13	TH	⁸ [diz]	
14	PL	⁸ [é manos... e minas]	
15	TH	⁹ [ave Maria]	
16	PL	⁹ [é manos... e minas] ¹⁰ [é manos e minas...é manos e	
17		minas]	
18	TH	¹⁰ [é assim que tem que quer sê(r)...ave Maria] e ae	
19		rapaziada?... “Manos e “Minas está no ar ... ¹¹ [cadê o	
20		barulho que eu quero ouví(r)]	
21	PL	¹¹ [((palmas, gritos e assobios))]	
22	TH	1 { ¹² [muito bem... muito bem... eu estou aqui... sou	Seq. Descritiva
23		Thaíde e estou aqui com o nosso time de sempre]....	
24		que hoje (es)tá um pouquinho diferente} 2 { porque	
25		hoje nós temos aqui o Kokada e o Catatau que são	

26		nossos b-boys... Ana P e Sil... dançarinas de rua }	
27	PL	¹² (((palmas, gritos e assobios)))	
28	TH	3 {mas aqui a diferença está no nosso DJ convidado...	Seq. Explicativa
29		DJ Buiú... ¹³ [palmas pra ele]}	
30	PL	¹³ (((palmas, gritos e assobios)))	
31	TH	4 {já que o nosso DJ queridíssimo DJ Erick Jay...	
32		(es)tá defendendo o Brasil... lá no campeonato mundial de DJ dois mil e nove...}	
33			
34		5 { agora é o seguinte hein? ... direto do Jardim Santa Margarida... Jardim Ângela na verdade... o Ricardo Arantes Costa... mais conhecido como Ricardo AKN... é o grafiteiro de hoje no “Manos e Minas”... RG do grafiteiro na tela ((mostra-se o RG do grafiteiro))... } 6 {“Manos e Minas” mostra aí e debate também... um assunto que interessa a todo mundo... a violência nas escolas... a gente vai falá(r) sobre isso hoje...} 7 {direto da barraca do Saldanha... no Capão Redondo... Ferréz conversa com ele que é um craque no jornalismo esportivo... Juca Kfourí ... é fera o rapaz}...	Seq. Descritiva
35			
36			
37			
38			
39			
40			
41			
42			
43			
44			
45		e na nossa plateia pra animá(r) a festa ((aponta a plateia))...pra animá(r) a festa...cadê o barulho que eu quero ouví(r)... ¹⁴ [cadê o barulho]	Seq. Dialogal
46			
47			
48	PL	¹⁴ (((palmas, gritos e assobios)))	
49	TH	Escola Estadual Isaías Luiz ¹⁵ [Matiazzo de Caieiras]	
50	PL	¹⁵ (((palmas, gritos e assobios)))	
51	TH	Escola Municipal General ¹⁶ [Álvares...Álvaro da Silva Braga do Butantã]	
52			
53	PL	¹⁶ (((palmas, gritos e assobios)))	
54	TH	¹⁷ [PROTEJO ((Proteção de Jovens em Território Vulnerável)) de Osasco]	
55			
56	PL	¹⁷ (((palmas, gritos e assobios)))	
57	TH	Colégio Estadual Dona Pilar Garcia ¹⁸ [Vidal do Jardim Quarto Centenário]	
58			
59	PL	¹⁸ (((palmas, gritos e assobios)))	
60	TH	Escola Estadual Johann ¹⁹ [Gutenberg do Parque do Chaves]	
61			
62	PL	¹⁹ (((palmas, gritos e assobios)))	
63	TH	não não não Carvalho... ó ... mostra a coreografia por	

64		favor... mostra essa coreografia... Yohann	
65		Guttemberg do Parque do Chaves	
66	PL	((coreografia))	
67	TH	essa rapaziada eu vô(u) te contá(r)...	
68		8 {eu posso falá(r) um po(u)quinho da nossa atração	Seq. Descritiva
69		de hoje? é muito... olha só ... é muito respeito...eu	
70		(es)tô(u) emocionado porque ele realmente é um	
71		grande nome do <i>rap</i> brasileiro...}	
72		9 {ele nasceu na cidade satélite de Sobradinho... lá no	Seq. Narrativa
73		Distrito Federal... com oito anos foi morá(r) em	
74		Guará dois onde começou o convívio com tudo	
75		aquilo que mudô(u) a sua vida... o futebol... o vinil...	
76		a <i>black music</i> ... o aparelho três em um do pai...	
77		depois vem o break... aí vem o rap e a faculdade...	
78		esse é só um pedaço...um pedaço da história do nosso	
79		convidado de hoje mais que especial... eu estou	
80		falando de Genival Oliveira Gonçalves... o poeta do	
81		rap brasileiro... GOG... com muito orgulho... honra e	
82		cadê o ²⁰ [barulho pra ele porque ele é Gog]	Seq. Dialogal
83	PL	²⁰ [((palmas, gritos e assobios))]	
84	TH	10 { ²¹ [((Gog entra e cumprimenta Thaíde)) esse aqui é	Seq. Descritiva
85		GOG... esse aqui é GOG ((aponta))... esse aqui é o	
86		DJ A que vai dominá(r) as quadradas pro GOG]...	
87		certo? } ((Thaíde cumprimentam o DJ A))	
88		11 {eu gostaria de dizê(r) pra você que eu (es)tô(u)	Seq. Explicativa
89		muito emocionado...	
90	PL	²¹ [((palmas, gritos e assobios))]	
91	TH	porque a gente conhece muito da sua história... somos	
92		amigos e hoje estamos aqui... junto de pé... levando a	
93		rapaziada aquilo que a gente sabe fazê(r) que é a	
94		nossa arte... certo? }	
95		cadê o barulho do GOG... ²² [cadê?]	Seq. Dialogal
96	PL	²² [((palmas, gritos e assobios))]	
97	TH	GOG... aqui está o seu microfone... eu gostaria que	
98		você mandasse a sua ideia positiva pra essa rapaziada	
99		aqui... você MANJA	

100	GO	12{então... eu devo muito a São Paulo... sô(u) de	Seq. Narrativa
101		Brasília... nascido na periferia de Brasília... mas São	
102		Paulo me fez um ser humano melhor... }	
103		então uma salva de palmas ²³ [pra São Paulo]	Seq. Dialogal
104	PL	²³ [((palmas, gritos e assobios))]	
105	GO	²⁴ [pras periferias de São Paulo...e pra todos aqueles	
106		que fazem do Brasil um país melhor]	
107	PL	²⁴ [((palmas, gritos e assobios))]	
108		((GOG começa a cantar “Guerrilha G.O.G.”))	
109	TH	²⁵ [grande GOG... é isso ae]	
110	PL	²⁵ [((palmas, gritos e assobios))]	
111	TH	daqui a pouco tem mais hein? ... daqui a pouco tem	
112		mais...cadê Kokada e Catatau.? cadê Kokada e	
113		Catatau? cadê vocês... vamo(s) colocá(r) os b-boys na	
114		conversa agora... certo? quem que vê(r) b-boy	
115		²⁶ [dançá(r) aqui no “Manos e Minas”... Kokada e	
116		Catatau... quem qué(r)... quem qué(r)?... quem	
117		qué(r)? quem mais? quem mais?]	
118	PL	²⁶ [((palmas, gritos e assobios))]	
119	TH	quem mais? Kokada e Catatau é com vocês... Buiú	
120		manda um som porque agora é peso pesado vamo(s)	
121		que vamo(s) ((Buiú toca e b-boys dançam))	
122		²⁷ [Kokada e Catatau... muito bem]	
123	PL	²⁷ [((palmas, gritos e assobios))]	
124			
125	TH	13{agora é o seguinte... momento caça talentos	Seq. Descritiva
126		“Manos e Minas” ... }	
127		quem sabe dançá(r)... rimá(r)... fazê(r) qualquer	Seq. Dialogal
128		coisa... qué(r) dizê(r) ... qualqué(r) coisa no bom	
129		sentido né? o quê? ((olhando pra plateia)) três aqui?	
130		chega aí... chega aí... ²⁸ [chega aí...chega aí]	
131	PL	²⁸ [((palmas, gritos e assobios))]	
132	TH	chega aí...como é que (es)tá? ((Thaíde cumprimentam	
133		o trio)) qual o seu nome?	
134	VI	é Vitor	
135	TH	não entendi	
136	VI	Vítor	
137	TH	você?	

138	IA	Iago ((cumprimentam-se))	
139	TH	e você?	
140	JA	Jamil ((cumprimentam-se))	
141	TH	Jamil...Jamil...Iago e Vitor... vocês vão fazê(r) o quê?	
142		<i>step?</i> é bom que eu não sei com é que é e agora eu	
143		vou aprendê(r)... então vocês ficam aqui certo? você	
144		tem um <i>step</i> aí? é sem música? não (es)per'ái... mas	
145		quando eu comecei tinha música	
146	VI	é sem música	
147	TH	(es)tá bom... da onde vocês são... (es)tão	
148		representando?	
149	VI	(es)tô(u) representan(d)o o ²⁹ [Guttemberg aí... Zona	
150		Norte é nós]	
151	PL	²⁹ [[palmas, gritos e assobios]]	
152	TH	sem música... vai ((os três se apresentam)) ³⁰ [a:::	
153		((abraça Vitor e cumprimenta os outros))]	
154	PL	³⁰ [[palmas, gritos e assobios]]	
155	TH	nossa que bagu(lh)io doido... gostei...não realmente...	
156		muito obrigado... parabéns... muito obrigado... é...	
157		assim que tem que sê(r)... nós vamo(s) pra um rápido	
158		intervalo... mas não sai daí porque a gente volta com	
159		o “Manos e Minas”...	
160		14{ e a gente vai falá(r) daquele assunto muito sério...	
161		que já virô(u) manchete de jornal... a violência nas	Seq. Descritiva
162		escolas... certo?}	
163		vamo(s) que vamo(s)	
164	PL	o som não pode pará(r)	
165	TH	muito bem... é isso aí	
166		((vinheta - intervalo))	
167		((vinheta – retorno do programa))	
168	PL	³¹ [ei... ô...ei...ô... ei... ô]	
169	TH	³¹ [muito bem...muito bem...é assim que tem que	
170		sê(r)...]nós estamos de volta com “Manos e Minas”...	Seq. Dialogal
171		todo mundo aqui se divertindo... é ou não é? é ou não	
172		é?	
173	PL	((palmas, gritos e assobios))	
174	TH	se não não tem graça...	

175		15 {bom... é o seguinte...nós estamos em ligação	
176		direta com vocês...com que assiste o “Manos e	
177		Minas”...e vamo(s) lê(r) agora alguns e-mails que	
178		vocês mandaram pra gente aqui... certo? mas vô(u)	Seq. Descritiva
179		lê(r) do meu jeito pode sê(r)? muito obrigado...tem o	
180		Daniel Jonatan...ele diz o seguinte...ele é lá do Ceará}	
181		–“mando um salve aí pra galera que (es)tá ligada no	
182		programa véi certo?	
183	PL	((palmas, gritos e assobios))	
184	TH	e quero também dizê(r) que todo o nordeste em peso	
185		(es)tá curtindo o programa... e quero pedí(r) um salve	
186		pra favela seminário e pra todos que fazem rap no	
187		Ceará... assinado Daniel... rap em casa”... vamo(s)	Seq. Dialogal
188		mandá(r) um salve pra ele todo mundo	
189		junto... ³² [firmeza?]	
190	PL	³² [((palmas, gritos e assobios))] salve:	
191	TH	isso mesmo... de novo	
192	PL	salve	
193	TH	muito bem... muito bem...	
194		16 {temos também “Manos e Minas” lá no blog...	
195		olha só b-boy Mateus que mandô(u) assim...–“ pode	
196		crê(r) ... represent b-boys... só que aí eu já não	
197		entendi muita coisa... eu vou assistí(r) vocês	Seq. Descritiva
198		deveriam trazê(r) uma câmera pra b-boys” que deve	
199		sê(r) um campeonato... “mas o programa é muito	
200		bom... e é o único que representa a cultura de rua... }	
201		valeu...boa sorte com programa... um salve pra	
202		rapaziada..manda um salve lá no programa pra rapa	
203		do Paraná”...quem curte o programa em peso... um	
204		salve pra rapaziada do Paraná	
205	PL	salve	
206	TH	parabéns...vocês aprendem rápido hein? ...e o Buzina	
207		também escreveu o seguinte... –“aí Thaíde...eu amo	
208		<i>rap</i> e <i>hip hop</i> das antiga mano... certo aí?”...	Seq. Dialogal
209		continua escreven(d)o pra gente... certo GOG meu	
210		irmão?cadê o barulho pro buzina? ³³ [cadê o barulho	
211		pro buzina?]	
212	PL	³³ [((palmas, gritos e assobios))]	

213	TH	chega aqui GOG... chega aqui GOG...	
214		17 {você uma vez disse numa música sua... a favela	
215		do Thaíde... isso existiu... existe ou foi pra cumprí(r)	
216		uma rima?	
217	GO	((risos)) então... olha só... é::... as pessoas contam	
218		né?... até em livro muitas vezes que o hip hop	
219		brasileiro nasceu em São Paulo... o que é uma	
220		inverdade... Thaíde sabe disso... o Hip Hop na	
221		verdade ele foi pipocando pelo Brasil em várias	
222		idades como estações né? e:: em oitenta e oito...	
223		oitenta e nove... Brasília já tinha o Hip Hop	
224		totalmente montado... estruturado... mas nós não	
225		conhecíamos os outros estados... não sabíamos que	
226		em São Paulo tinha rap e nem Hip Hop... e eis que	
227		quando GOG vê Thaíde... uai você existe?	
228	TH	eu existo e sou deste tamanho... mesmo	
229	GO	e é deste tamanho... faz isso tudo... e o que	
230		aconteceu?... ai foi o primeiro encontro né?... do Hip	
231		Hop de Brasília com o Hip Hop de São Paulo... e o	
232		mais interessante é o seguinte... nós fazíamos todos	Seq. Narrativa
233		os movimentos... mas nós não conhecíamos ainda o	
234		giro de cabeça	
235	TH	é verdade	
236	GO	e o Smurf foi lá... ³⁴ [e impressionou]	
237	TH	³⁴ [apavorô(u)]	
238	GO	18 {a gente... e isso gente... eu (es)tô(u) contando	
239		histórias dos anos oitenta e oito... oitenta e nove...	
240		noventa... quando o Hip Hop era discriminado... era	
241		só de quem não tinha futuro	
242	TH	foi bom você falá(r) isso... deixa eu só pegá(r) uma	
243		carona... foi bom você falá(r) isso porque essa época	
244		não tinha futuro... era um som marginalizado}... 19 {	
245		só que hoje pessoas como o GOG...quero que você	
246		fale sobre isso... acaba de ganhar um prêmio... que é	
247		o prêmio nacional de comunicação e justiça com o	
248		vídeo institucional conhecido como... conheça o	
249		ministério público... }	

250		20 {isso aí não vai na contra mão do rap... já que ele	Seq. Argument.
251		sempre protestô(u) é uma música de protesto	
252		³⁵ {(inint.)]	
253	GO	³⁵ {(vo)cê (es)tá me provocan(d)o rapaz... (es)tá me	
254		provocan(d)o)... ³⁶ {você(s) estão vendo]	
255	TH	³⁶ {diz aí... diz aí]	
256	GO	contramão do rap... qual a contramão do rap? qual a	
257		contramão do rap gente? qual a contramão do Hip	
258		Hop? não... o Hip Hop sempre tem que sê(r)	
259		contributivo... entregá(r) a mão... puxá(r) com a mão	
260		né? geração... passagem... coração... pulsação...}	
261		21 {e a minha ida ao ministério público federal foi	
262		exatamente... nós temos que habitar essas águas	
263		também... nós temos que conhecê(r) e sabê(r) o que	
264		que acontece no ministério público federal}... 22 {e	
265		sabe qual é uma das peças principais do ministério	
266		público gente? é o promotor... e sabe quem é o	
267		promotor? na maioria das vezes hoje eles não são	
268		negros... eles não moram nas periferias... mas julgam	
269		os problemas sociais que acontecem na periferia	
270		quando isso vira crime... então sem criticá(r) o	
271		promotor... agora como é que o promotor sem	
272		conhecê(r) a nossa realidade vai julgá(r) alguém da	
273		gente?}... 23 {daí que vem aquela discussão né? ...	
274		política de cotas... oportunidades para todos... ações	
275		afirmativas... pra quê? pra que nós possamos	
276		conhecer... e na favela não pode tê(r) só... cantor de	
277		rap... não pode tê(r) só... cantor de samba... não pode	
278		tê(r) só... jogador de futebol como sucesso... porque	
279		quando chega com um tênis desse na quebrada... com	
280		a camiseta bem passada... –“ô GOG (vo)cê (es)tá	
281		fazendo os movimento mano? ”- não velho... olha ...	
282		através da política de cotas hoje eu sô(u) um	
283		advogado bem sucedido... (es)tô(u) advogando aqui	
284		na minha comunidade... e hoje eu posso andá(r) com	
285		esse tênis aqui entendeu? que custa duzentos	
286		trezentos reais”-... nós temos que ter engenheiros	
287		civis na periferia... nós temos que ter agrônomos nas	
288		periferias e não simplesmente profissões com eiros	

289		né?... pedre(i)ro... marmite(i)iro...confeite(i)ro mais	
290		o que Thaíde?... (vo)cê rima muito também... mas	
291		o que Thaíde?... (vo)cê rima muito também... mas	
292		o que Thaíde?... (vo)cê rima muito também... mas	
293		o que Thaíde?... (vo)cê rima muito também... mas	
294		o que Thaíde?... (vo)cê rima muito também... mas	
295		o que Thaíde?... (vo)cê rima muito também... mas	
296	PL	³⁷ (((palmas, gritos e assobios)))	
297	TH	grande GOG...eu sabia que esse papo ia sê(r) um	
298		papo muito interessante e inteligente... mas agora eu	
299		quero pedí(r) pra você... toca mais uma no bom	
300		sentido aí pra gente... no bom sentido certo?	
301	GO	no bom sentido... ó o Thaíde...	
302	TH	o GOG vai mandá(r) mais um som pra gente... é	
303		assim que tem que sê(r)... eu posso assisti(r) dali...	
304		posso assistí(r) dali?	
305	GO	opa... e... Thaíde... essa eu vô(u) oferecê(r) pra você	
306		porque você sabe que você tem esse carinho no	
307		coração da gente	
308	TH	é tudo nosso... GOG com vocês mais um peso	
309		pesado... vamo(s) que vamo(s) aqui no “Manos e	
310		Minas”	
311		((GOG começa a cantar “Dia-a-dia da periferia” 25’16” –	
312		28’24’’))	
313	TH	GOG com vocês aqui no “Manos e Minas”	
314		((cumprimentam-se)) ave Maria... é assim que tem	
315		que sê(r)...	
316		24{bom... eu gostaria de falá(r) pra vocês que o	
317		assunto que a gente vai falá(r) agora... daqui a pouco	
318		tem mais GOG pra gente podê(r) tirá(r) nosso	
319		barato... se divertí(r) ainda mais... certo? mas agora	
320		tenho um assunto muito sério... preocupante... que a	
321		gente vai colocá(r) no ar agora aqui em debate... que	
322		são histórias envolvendo violência que acontece nas	
323		escolas... isso sem dúvida nenhuma... é preocupante...	
324		e a gente vai vê(r) isso agora... vamo(s) debatê(r) o	
325		assunto...primeiro vamo(s) vê(r) ali na tela algumas	
326		coisas... depois vamo(s) debatê(r) o assunto...	

Seq. Dialogal

Seq. Descritiva

327	vamo(s) fazê(r) assim rapaziada? vamo(s) que	Seq. Dialogal
328	vamo(s)	

Situação Comunicativa	Reportagem sobre a violência nas escolas
Participantes	Alexandra dos S. Rosa = AR
	RE = RE (estudante)
	Cristiane Gomes = CG (repórter)
	Renato Alves = RA
	Guilherme Bueno = GB
	Narradora = ND

329	((mostra-se imagens de jornais relatando casos de violência com	Seq. Narrativa
330	música de fundo))	
331	AR 25 {quando eu vi o estado do meu filho... do maior...	
332	que ficou desacordado... foi dado como morto... na	
333	frente da escola... quando ele chegô(u) ele já havia	
334	acordado... só que ele chegô(u) em choque e todo	
335	ensanguentado... o mundo desaba na sua cabeça né? }	
336	((mostra-se cenas do filme “Mentes perigosas” com	
337	música de fundo))	
338	CG 26 {conta pra mim o que que rolô(u) pra esse menino	
339	tê(r) te agredido lá na escola?	
340	RE rolô(u) nada... (es)tava indo pra sala ele veio me	
341	passou uma rasteira e começô(u) a tirá(r) sarro de	
342	mim... –“ a bobão (vo)cê caiu... bem feito”}	
343	CG 27 {e tipo... os professores...inspetores...diretores da	
344	escola... ninguém falava nada? ninguém se metia	
345	assim?	
346	RE falavam... –“é da pra pará(r)”... só falavam isso...	
347	falavam... ou (vo)cê para ou te levo pra direção... mas	
348	ele continuava e não acontecia nada}	
349	AR 28 {no dia em que ocorreram os fatos... assim a escola	
350	prestô(u) a sua solidariedade... diretor foi até o	
351	hospital com a gente certo? no outro dia nós	
352	estivemos na escola... eu ouvi de professores pedindo	
353	pra gente lá dentro... ir com caso até o fim porque isso	
354	era demais dentro da escola... acontece aos olhos da	

355		direção... e a direção não toma postura nenhuma}	
356	CG	29 {a violência no ambiente escolar é um assunto	Seq. Descritiva
357		complexo e que tem muitas caras... vai desde aquelas	
358		zuadas entre colegas no pátio do colégio... até casos	
359		graves de agressão ((fala isso enquanto passa cenas do	
360		filme “Entre os muros da escola” e “Verônica”))}	
361	RA	30 {a gente quando pensa em violência... pensa	Seq. Explicativa
362		naquela violência mais grave assim né? ... uma	
363		agressão que tira o sangue de alguém... que marca o	
364		corpo de alguém... que até mata alguém... o <i>bullyng</i> é	
365		um tipo de violência... é uma violência talvez a mais	
366		perversa porque ela não deixa marcas físicas... ela	
367		deixa marca... vamo(s) chamá(r) assim... na alma da	
368		pessoa... então você não vai dando atenção pra esse	
369		tipo de violência... vamo(s) chamá(r) assim de	
370		violência imaterial... ela muitas vezes se desdobra	
371		numa violência física...} ((mostra cena de filmes com	
372		música de fundo)) 31 {desde que a criança entra na	
373		escola... esse tema da violência... ele tem que sê(r)	
374		posto... como né? ... você monitorando e você	
375		ensinando essa criança a lidar com conflito... coibindo	
376		pequenas violências que acontecem no cotidiano...	
377		quando você não coíbe essas pequenas violências... e	
378		isso as nossas pesquisas mostram... elas vão se	
379		desdobrando em violências cada vez mais graves... até	
380		chegá(r) nesses casos graves que a gente vê na	
381		televisão}... ((toca música da Pitty mostrando jornais	
382		relatando casos de violência nas escolas)) 32 {a gente	
383		percebe que a escola não está preparada a lidar com	
384		esses conflitos... tanto não está que muitas vezes a	
385		melhor solução que a escola encontra pra lidar com a	
386		violência é chamá(r) a polícia...((mostra cena do filme	
387		em que a polícia prende um aluno)) e isso também	
388		demonstra que a escola está despreparada a lidar com	
389		a violência... a violência também é uma questão	
390		pedagógica}	
391	GB	33 {nós temos sim uns problemas que são problemas	
392		que deveriam sê(r) resolvidos dentro da escola... com	
393		ação pedagógica... com ação de orientação... com	

394		ação... com proximidade da família e da comunidade	
395		escolar... porém nós temos problemas de segurança	
396		pública sim}	
397	CG	34 {e se engana quem pensa que essa situação... só	Seq. Descritiva
398		acontece no quintal do outro ((enquanto fala mostra	
399		cenar do filme “Elefante”))	
400	RA	muita gente pensa em violência nas escolas... já pensa	Seq. Explicativa
401		logo em violência nas escolas da periferia... sem	
402		dúvida nenhum esse é o fenômeno mais visível	
403		porque a escola pública é aquela mais fácil de você	
404		entrar... não que não esteja presente também nas	
405		escolas particulares... é que nas escolas particulares	
406		esses casos não ganham visibilidade}	
407	CG	35 {e quando a matéria é violência... o silêncio ganha	
408		nota zero... é preciso discutir o problema abertamente	
409		((mostram várias cenas, tanto de jornal quanto de	
410		filme))	
411	RA	quando você omite um problema... muitas vezes você	
412		também acirra que aquele problema continue	
413		acontecendo com tanta frequência ((mostra cena de	
414		um filme com música de fundo))}	
415	CG	36 {por que que as escolas se negam a falá(r) desse	
416		assunto... a tratá(r) desse tema?	
417	RA	muitas vezes o funcionário público... seja municipal...	
418		seja estadual... ele não é autorizado a falá(r) em nome	
419		dele...nem quando representante do funcionalismo	
420		público... tem...me parece algumas regras... algumas	
421		leis que cerceiam né? ... que coíbem esse tipo	
422		né? ...de...de... de ação... esse tipo de informação	
423		também pro público... né? ou pra mídia ou pro	
424		público}	
425	CG	37 {há alguma orientação da secretaria... pra esses	
426		professores... diretores não falarem sobre o assunto?	
427	GB	não...não... absolutamente... da secretaria não há	
428		nenhuma orientação nesse sentido ((mostra uma	
429		mulher falando –“cala a boca todo mundo”))}	
430	RA	38 {será que esse silêncio não tem contribuído pro	
431		crescimento né? dessa violência...ou pelo menos	
432		dessa percepção que a gente tem do crescimento da	

433		violência nos nossos dias... silenciar-se diante da	
434		violência também não é contribuir com a própria	
435		violência? ((mostra cena de uma briga de escola))}	
436	AR	39 {se não houver envolvimento de todos a coisa não	
437		vai dá(r)... a gente vai ouví(r) mais casos assim... meu	
438		filho podia tê(r) morrido esse dia }	
439		((mostra cena de filme com música de fundo))	

Situação Comunicativa	Auditório
Participantes	Thaíde = TH
	Felipe = FE
	Plateia = PL

440	PL	³⁸ [[[aplausos, gritos e assobios)]]	
441	TH	40 { ³⁸ [é um assunto sério esse... preocupante realmente	
442		porque... em um lugar onde a gente vai pra	
443		aprendê(r)]...pra se desenvolvê(r)... a gente ainda	Seq.
444		sofre esse tipo de coisa... tem a possibilidade de não	explicativa
445		voltá(r) pra casa e se complicá(r) de alguma maneira...	
446		é muito preocupante... }	
447		eu queria falá(r) com alguém da platéia aqui sobre	
448		esse assunto... que é que vai falá(r) sobre esse	
449		assunto? qual seu nome?	Seq.
450	FE	Felipe	Dialogal
451	TH	levanta por favor Felipe... diz aí Felipe...	
452		41 {qual foi a sua experiência desagradável?	
453	FE	foi assim o... começô(u) com o bullying que é o que o	
454		cara falô(u)... tipo pressão psicológica... zuação com	
455		mãe... acontece muito disso e eu também participava	
456		da zuação... mas aí depois tipo vai perdendo a	Seq.
457		paciência e passa pra agressão física... diretoria isso...	Narrativa
458		you não pensa... a reação é lógica... você vai querê(r)	
459		descontá(r) na hora	
460	TH	você apanhou ou você bateu?	
461	FE	bati... mas depois eu apanhei de alguns caras depois }	
462	TH	42 { bom isso na verdade é uma questão que... a gente	Seq.

463 464 465 466 467 468 469 470 471 472 473 474 475 476 477		não (es)tá aqui pra julgá(r) nada... em um situação de discussão realmente... porque a gente tem realmente pavio curto... ninguém aqui é santo pra falar... não eu vou dá(r) a outra face... é coisa de livro... hoje em dia a gente (es)tá passando por uma situação muito difícil... um stress mental muito grande}... 43 {mas daqui a pouco... logo depois do intervalo a gente vai voltá(r) a falá(r) sobre esse assunto... vamo(s) abrí(r) aqui um discussão com vocês... e também vamo(s)s mostrar experiências de combate à violência... que (es)tá dando certo... e isso também é muito interessante... não é só coisa ruim que acontece... coisas boas também acontecem... e a gente vai ver isso logo depois do intervalo... e também ainda tem mais GOG... mais assuntos interessantes aqui no “Manos e “Minas”... }	Descritiva
478 479 480 481 482 483 484	PL TH ((vinheta - intervalo)) ((vinheta – retorno do programa)) PL	vamo(s) que vamo(s) o som não pode pará(r) é isso aí ³⁹ [[palmas]]	Seq. Dialogal
485 486 487 488 489 490 491 492 493 494	TH	44 { ³⁹ [muito bem rapaziada... o meu lema sempre foi e será violência não está com nada... e é por isso que a gente (es)tá trazendo esse assunto preocupante... sério demais... que está em todos os lugares... que é a violência no seu local ((problema de gravação)) mas acontece na verdade né? ... mas a gente descobriu também projetos que comprovam que a arte e a conversa pode ser o primeiro passo pra mudança desse assunto... querem saber como? vamo(s) dar uma olhadinha ali na tela }	Seq. Descritiva

Situação Comunicativa	Reportagem Violência
Participantes	Cristiane Gomes = CG
	Guilherme Bueno = GB
	Márcia Simonato = MS
	Maria Juliana = MJ
	Deivison Silva = DS
	Ranniery dos Santos = RS

495	((cenas de filmes com partes agressivas))	
496	CG	Seq. Narrativa
497		
498		
499	GB	
500		
501		
502		
503		
504		
505		
506		
507		
508		
509	}	
510	CG	
511		
512		
513		
514		
515		
516		
517		
518	MS	
519		
520		
521		
522		
523	CG	

524		abraçaram o projeto... que já virou ponto de encontro	
525		da galera nos finais de semana...	
526		a cultura Hip Hop então é uma ferramenta importante	Seq. Explicativa
527		pra combater a violência... pra combatê(r) as drogas?	
528	MS	importantíssima... é::... muitas letras retratam a vida	
529		deles... o cotidiano deles... em cima disso se	
530		trabalha... entendeu? ... a sociabilidade desse aluno }	
531	CG	47 {e foi com Hip Hop que Juliana aprendeu... que	Seq. Narrativa
532		alguns confrontos podem ate sê(r) bem legais	
533	MJ	depois que criaram esse projeto né? ... diminui mais a	
534		violência na escola... vão aprendendo a um conviver	
535		no dia a dia com o outro... confrontá(r) duma forma	
536		amigável... que a dança é um confronto... mas é	
537		amigável no hip hop... você cata muito amor por	
538		isso... e o Hip Hop hoje em dia...nossa é tudo mesmo	
539	CG	e o resultado... não podia sê(r) outro... e os casos de	
540		violência diminuíram também?	
541	MS	com certeza... eu tenho relato de alunos que eram	
542		usuários de droga... que por conta do projeto... por	
543		conta das atividades... eles pararam de utilizar drogas	
544		né?	
545	DS	hoje em dia né? ... a gente prefere hoje mais fazê(r)	
546		um esporte do que saí(r) rouban(d)o e matan(d)o por	
547		aí ((mostra como funcionam as atividades no projeto))	
548	CG	a violência nas escolas é um assunto muito	
549		preocupante... mas são projetos como esse que dão	
550		aos jovens a esperança de dias melhores	
551	RS	quando eu comecei a participá(r) desse projeto meu	
552		mundo mudô(u) bastante	
553	MJ	mudô(u) tudo né?	
554	RS	eu era um menino solitário... e eu comecei a dançá(r)	
555		praticá(r) arte... eu fiquei bem mais feliz	
556	DS	era um mundo escuro pra mim... agora (es)tá aquele	
557		mundo claro }	

Situação Comunicativa	Auditório
Participantes	Thaide = TH
	Platéia = PL
	Jorge = JO
	Bianca = BI
	Genival O. Gonçalves = GO
	Ricardo Akeni = RA

558	TH	⁴⁰ [legal]	Seq. Descritiva
559	PL	⁴⁰ [((aplausos))]	
560	TH	48 { ⁴¹ [muito bem... muito bem... a gente vai escolhê(r)	
561		aquí pessoas pra falá(r) sobre esse assunto]... sobre	
562		experiências que passaram e tudo mais... eu poderia	
563		começar com:::...}	
564		aquí... desse lado primeiro? vamo(s) desse lado	Seq. Dialogal
565		então... falá(r) com esse rapaz de verde... bonita	
566		camisa hein?	
567	PL	⁴¹ [((aplausos))]	
568	JO	obrigado	
569	TH	qual o seu nome?	Seq. Narrativa
570	JO	Jorge	
571	TH	49 {qual foi a sua experiência?	
572	JO	na escola eu sofri agressão verbal... física... também	
573		emocional as vezes	
574	TH	e como que foi essa situação?	
575	JO	eu estava fazendo lição... ele veio baten(d)o...	
576		chutan(d)o... tacan(d)o bolinha	
577	TH	quem? não precisa citá(r) nome nem nada... é só...	
578	JO	um aluno	
579	TH	um aluno?	
580	JO	uhum	
581	TH	e isso de graça?	
582	JO	é}	
583	TH	50 {o que você no momento é claro... você teve a sua	Seq. Argument.
584		reação instantânea... mas o que você depois com	
585		cabeça fria...o que você acha que pode sê(r) feito pra	
586		isso...sê(r) melhorado... pra que isso seja amenizado	

587		pelo menos?	
588	JO	pensando no assunto mesmo... eu acho que teríamos	
589		que tê(r) mais atividades nas escolas... que tirasse(m)	
590		um pouco a violência às vezes }	
591	TH	eu gostaria agora de falar... ⁴² [palmas pra ele por	Seq. Dialogal
592		favor... palmas pra ele que ele merece]	
593	PL	⁴² (((palmas)))	
594	TH	vamo(s) falá(r) com essa... senhorita... tudo bem com	
595		você?	
596	BI	tudo	
597	TH	qual o seu nome?	
598	BI	Bianca	
599	TH	51 {Bianca por favor qual a sua experiência	Seq. Narrativa
600		desagradável?	
601	BI	então ... um dia na escola os meninos desligaram a	
602		força e começaram a tacar carteira nas janelas... nos	
603		vidros... agredí(r) as pessoas que (es)tavam embaixo...	
604		e os responsáveis que são os professores e os	
605		diretores... eles subiram... trancaram os portões...	
606		subiram pra cima e deixaram a gente lá embaixo...	
607		então isso trouxe certo trauma pra algumas pessoas...	
608		e uma dessas pessoas sou eu né? }... 52 { e o que me	
609		ajudô(u) a superá(r) foi o... uma das coisas... foi o	
610		curso do projeto que eu (es)tô(u) fazendo que é o	
611		PROTEJO... que me ajudô(u) muito... as pessoas são	
612		maravilhosas... e é o que me ajudô(u) mesmo	
613	TH	esse projeto é na sua escola... próximo...é no seu	Seq. Descritiva
614		bairro...onde fica esse projeto?	
615	BI	é perto da minha casa}	
616	TH	53 {na escola por exemplo não tem um projeto como	
617		esse que acabou de sê(r) mostrado aqui?	
618	BI	não... na minha escola não	
619	TH	talvez seria interessante os diretores e tudo mais...	Seq. Argument.
620		começá(r) a pensá(r) em projetos desse tipo... quem	
621		sabe a gente pode amenizá(r) a situação não é	
622		verdade? }	
623		muito obrigado pela participação Bianca	Seq. Dialogal
624	PL	((palmas))	

625	TH	54 {e como a gente sabe que a arte sempre tem lutado	Seq. Descritiva
626		e ajudado a combatê(r) a violência e a ignorância em	
627		si...um pouco mais de GOG pra todos nós (es)tá	
628		certo? }	
629		agora eu vô(u) assistí(r) dali... daquele lado... pode	Seq. Dialogal
630		sê(r)? posso chegá(r) até aí? muito obrigado... eu	
631		vô(u) ali... certo? GOG com vocês aqui no “Manos e	
632		Minas”... mas cadê o barulho pra ele ⁴³ [porque ele	
633		merece]	
634	PL	⁴³ [((palmas, gritos e assobios))]	
635		((GOG começa a cantar “Brasil com P” 45’29’’ – 49’44’’))	
636	TH	⁴⁴ [grande GOG... poeta GOG no “Manos e Minas”...]	
637		55 {e é o seguinte hein?... daqui a pouco a gente vai	Seq. Descritiva
638		chegá(r) e trocá(r) mais uma idéia... vamo(s)	
639		chamá(r) mais GOG}}... 56 {e também Ferrez batendo	
640		aquele bolão com Juca Kfourri...}	
641		então não saia daí que já já a gente volta... vamo(s)	Seq. Dialogal
642		que vamo(s)	
643	PL	⁴⁴ [((aplausos, gritos e assobios))] o som não pode	
644		pará(r)	
645	TH	é bom demais... é isso aí	
646		((vinheta - intervalo))	
647		((vinheta – retorno do programa))	
648	TH	⁴⁵ [muito bem... é: muito bem... “Manos e Minas” está	
649		de volta no ar].... depois desse pequeno intervalinho ...	
650		a gente continua se divertindo aqui... não é verdade?	
651		não é verdade? não é?	
652	PL	⁴⁵ [((palmas, gritos e assobios))]	
653	TH	57 {mas agora a gente vai falá(r) ali... com o nosso	Seq. Descritiva
654		grande convidado de hoje o grafite(i)ro... Ricardo	
655		AKN... certo? }	
656	RA	e aí beleza?	Seq. Dialogal
657	TH	58 { ⁴⁶ [que gosta muito de grafitá(r) lá na área dele...no	Seq. Descritiva
658		Jardim Ângela...} 59 { mas eu gostaria de perguntá(r) o	
659		seguinte]	
660	PL	⁴⁶ [((aplausos e gritos))]	
661	TH	olha só ... tem nome o grafite que você fez... ou foi	

662		uma inspiração no momento... como é que foi?	
663	RA	ah então é um trabalho mais figurativo... eu vô(u)	
664		recolhendo um traço de cada elemento que eu vejo na	
665		rua... uma pessoa com boné... um estilo de cabelo...	
666		um estilo de sei lá de se vestí(r)... e vô(u) colocando	
667		um pouco de desenho de quadrinhos... as cores dos	
668		quadrinhos... essas coisas do tipo né? }	
669	TH	eu já quero agradecê(r)... muito obrigado pela sua	
670		participação... muito obrigado	
671	RA	obrigado	
672	TH	⁴⁷ [mais um grafite pra nossa galeria... Ricardo AKN	Seq.
673		apavoran(d)o muito... muito obrigado pela	Dialogal
674		participação]	
675	PL	⁴⁷ [((palmas, gritos e assobios))]	
676	TH	Carvalho chega aí... chega aí...	
677		60{é o seguinte... quem gosta de futebol... que assiste	
678		já o ESPN... conhece muito bem de quem eu (es)tô(u)	
679		falan(d)o... sabe muito bem de quem eu vô(u) falá(r)	Seq.
680		porque ele (es)tá sempre lá...trocan(d)o idéia com	Descritiva
681		Ferrez o grande jornalista esportivo... Juca Kfourì...	
682		com certeza vai sê(r) uma idéia muito interessante... }	
683		vamo(s) vê(r) juntos aí	Seq. Dialogal

Situação Comunicativa	Interferência
Participantes	Ferréz = FE
	Juca Kfourì = JK

684	FE	61{ Juca Kfourì... deixa eu falar pra você... eu não	
685		gosto de futebol... nesse país você acha que eu sou	
686		normal?	
687	JK	você é mais normal do que imagina... a gente gosta	
688		tanto de mentiras de falsidades de de inventar	Seq.
689		teorias...que a gente diz que o Brasil é o país do	Explicativa
690		futebol... eu posso garanti(r) pra você que o Brasil	
691		não é o país do futebol... muito mais país de futebol	
692		do que o Brasil é por exemplo a Argentina... sem	

693		dúvida nenhuma é a Inglaterra... é a Itália... e a prova	
694		disso você tem pesquisa...qualquer pesquisa que você	
695		pegue de tamanho de torcida... o primeiro contingente	
696		é das pessoas que dizem que não se interessam por	
697		futebol... a confusão que se faz é por causa de copa	
698		do mundo... é que vira festa }	
699	FE	62 {essa coisa da copa da CBF aqui no Brasil... quem	
700		que vai ganhá(r) com essa copa da CBF?	
701	JK	ah :: ... vão ganhá(r) com a copa os cartolas que	
702		(es)tão organizando... os empreiteiros... algumas	
703		agências de propaganda... essa gente que vai	
704		ganhá(r)... e-evidentemente nós vamo(s)(s) pagá(r)...	
705		eles dizem que tudo vai sê(r) feito por iniciativa	
706		privada... que não vai entrá(r) um tostão do dinheiro	
707		público pra fazê(r) estádio... só que aí acontece como	
708		aconteceu nos jogos pan-americanos do Rio de	
709		Janeiro... começa a atrasar... começa a atrasar...	
710		começa atrasar... enfia a faca no peito do governo...	
711		diz –“o:: vai sê(r) uma vergonha... nós vamo(s) ter	
712		que desistí(r)”... aí a viúva paga... vão tomá(r) o	
713		nosso dinheiro pra fazê(r) a copa...vão ficá(r) mais	
714		ricos... e o povão não vai vê(r) a copa a não sê(r) na	
715		televisão }	
716		((mostra alguém falando de futebol))	
717	FH	63 {copa do mundo é caríssima é?	
718	JK	claro... copa do mundo é pra elite... copa do mundo	
719		não é pro torcedor comum... que vai ao Pacaembu...	
720		((mostra alguém falando –“(es)tá feia a situação né	
721		meu? ”)... 64 {o futebol é um negócio caro... jogador	
722		ganha o que ganha... treinador ganha o que ganha...	
723		você tem aí os Luxemburgo da vida que (es)tá	
724		ganhando quinhentos... seiscientos... setecentos pau	
725		por mês o que é um absurdo ((mostra alguém falando	
726		–“todo mundo quer saber quanto eu ganho né? ”)... se	
727		você pensar... um moleque que sai duma favela e que	
728		vira ídolo do Barcelona... que passava fome e que	
729		passa a ganhar um milhão de euros por mês né? ...	
730		esse cara... se não tiver uma baita de uma estrutura	
731		esse cara vai... esse cara vai pirá(r)... porque não	

Seq.
Argument.

732		segura a cabeça }	
733	FE	65 {falar em honestidade... em caráter no jornalismo...	
734		a gente vai agora... pegá(r) sua cerveja favorita... é a	
735		Brahma... ou Skol... ou a Kaiser... isso faz parte né?	
736	JK	quer dizê(r) ... o que você tem hoje... (vo)cê não sabe	
737		se o cara é jornalista ou se ele é garoto propaganda...	
738		ou (es)tá a serviço de um empresário... e aí ... como é	
739		que você vai elogiar o jogador do empresário?... você	
740		fala...-“pô mas será que esse cara joga isso tudo?”	
741		querendo vê(r) se vende o cara... pra ter uma grana de	
742		comissão da venda do cara... entendeu? } 66 {o	
743		jornalismo não é uma profissão qualquer... qué(r)	
744		dizê(r) ... o jornalismo tem dentro de si a obrigação de	
745		querê(r) melhorá(r) a esquina da rua onde (vo)cê	
746		mora... a cidade onde (vo)cê vive... o país onde (vo)cê	
747		nasceu... e com tremenda pretensão... melhorá(r) o	
748		mundo...jornalista é o cara que tem que por o dedo na	
749		ferida... porque pra falá(r) bem das coisas tem	
750		publicitário ((mostra um jogo de futebol))...} 67 { é	
751		curioso você observar isso... torcedor é capaz de se	
752		mobilizá(r) pra hostilizá(r) jogador ((mostra briga no	
753		estádio)) mas ao mesmo tempo deixa o prefeito	
754		fazê(r) o que bem entende ... o governador fazê(r) o	
755		que bem entende... presidente fazê(r) o que bem	
756		entende	
757	FE	é o velho ditado do... -“ ah nós tem(os) que exigí(r)	
758		do prefeito pra mudá(r) as coisa(s) e tal ... mas (vo)cê	
759		viu mesmo o capítulo de ontem? o Gilberto... (es)tá	
760		traindo a Amanda”-... ((mostra uma novela)) e o	
761		futebol também contribui com esse ópio	
762	JK	o futebol é o ópio do povo... é uma religião }	
763	FE	68 {quem você acha que vai ganhá(r) a eleição... a	
764		Dilma... o Serra ou o Ronaldo?	
765	JK	((risos)) se o Ronaldo fosse candidato ele tinha	
766		grandes chances... metendo gol do jeito que ele (es)tá	
767		metendo gol... ele teria grandes chances }	
768	FE	69 {já que você é um cara que sempre foi ligado ali no	
769		jornalismo esportivo não virou um cara legal...como o	
770		Faustão apresentando o programa de domingo...não	

771		virou um apresentador bacana como o Datena...dá pra	
772		prevê(r) o caminho desses caras?	
773	JK	digamos que eu talvez	
774	FE	você escapou?	
	JK	eu não tenha esse talento...digamos sê(r) isso}	

Situação Comunicativa	Auditório
Participantes	Thaíde = TH
	Plateia = PL

775	TH	⁴⁸ [eu já quero agradecer a presença de todos vocês... do	
776		DJ A... muito obrigado também... Buiú o nosso DJ	
777		convidado de hoje certo? ... e vocês podem falar com	
778		a gente]	Seq. Dialogal
779	PL	⁴⁸ [((aplausos, gritos e assobios))]	
780	TH	70 {sábado que vem estaremos de volta as sete da	
781		noite com reprise a uma e meia da manhã (vo)cê	
782		(es)tá entendendo? pode falar com a gente no manos	
783		e minas arroba TV cultura ponto com ponto br ou no	
784		twitter ponto com barra manos e minas tv e também	Seq. Descritiva
785		no blog manos e minas ponto wordpress ponto com...	
786		não tem desculpa pra não falar com a gente... certo	
787		rapaziada?}	
788		vão pra escola...estudem ... respeitem os amigos e os	
789		professores... pai e mãe também... Hip Hop não para	
790		muito obrigado GOG meu irmão... juízo hein	
791		mulherada?... um beijo pra vocês rapaziada... muito	
792		obrigado pela presença... toda equipe... iluminação...	Seq. Dialogal
793		maquiagem... som... diretores em geral... vocês	
794		realmente hein? ... e aí Carvalho...Carvalho todo	
795		mundo aí obrigado aí hein? ...	
796		71 {tem mais GOG pra vocês... mais mensagens	
797		positivas... mais letras inteligentes...mais uma	
798		performance desse grande artista do Hip Hop	Seq. Descritiva
799		brasileiro...}	
800		pode ser agora? pode ser agora produção? GOG é	
801		com você... DJ A vai que vai que o som não pode	Seq. Dialogal
802		pará(r)	

803	((GOG começa a cantar “Cavalo sem dono selvagem” 1h 00’53’’	
804	- 1h04’20’’))	
	PL ((aplausos, gritos e assobios))	

ANEXO 3: Transcrição do programa “Manos e Minas” exibido em 07/05/2011

Situação Comunicativa	Auditório
Participantes	Plateia = PL
	Max B.O = MB
	Anelis Assumpção = AA
	Flora Matos = FM
	Aquiles = AK

1	((vinheta de abertura))		
2	PL ¹ [[((gritos e aplausos))]	Seq. Dialogal	
3	MB ¹ ["Manos e Minas" (es)tá no ar...bem-vindos] ((DJ começa a tocar)) salve salve famí:: ² [lia]		
4			
5	PL ² [[((gritos e aplausos))]		
6	AA ² [olá]		
7	MB 1 {“Manos e Minas” (es)tá no ar... comemorando... 8 três anos e como a gente costuma dizê(r)... isso aqui é 9 uma fes-ta:: 10 AA e n’um ³ [tem melhor jeito de comemorá(r) que] n’um 11 seja... fazendo muito barulho 12 PL ³ [[((gritos e aplausos))]		Seq. Descritiva
13	AA ⁴ [trazendo diversão... cultura... e arte] aqui no palco 14 do “Manos”... Max B.O 15 PL ⁴ [[((gritos e aplausos))]		
16	MB Anelis Assumpção 17 AA tem D.J Eric Jay 18 MB e tem também... Projeto Na ⁵ [ve::] 19 AA ⁵ [uh::]		
20	PL ⁵ [[((gritos e aplausos))]		
21	MB 2 {e atenção... para o nosso cardápio de hoje 22 MB Emicida encontra Toni Tornado... ator e cantor que na 23 década de setenta se transformou em ícone ao vencer 24 o quinto Festival Internacional da Canção... com a 25 música “BR Três”... tudo isso... tudo isso no quadro 26 “A Rua é Nós”}		
27	AA 3 {e por falar em anos setenta... os bailes daquela 28 época... serviam de pretexto para o encontro da	Seq. Narrativa	

29		população negra em São Paulo... esse caldeirão de	
30		cultura...semeou muita coisa que chegou depois...	
31		como por exemplo ... o <i>hip hop</i> nacional...	
32		4 {na parte musical... nossa banda residente faz a festa	Seq. Descritiva
33		e convida... Flora Matos... Sombra... Rincon	
34		Sapiência e Rapadura Xique-Chico	
35	MB	é isso aí e a nossa primeira convidada é uma das mais	
36		promissoras cantoras do <i>rap</i> nacional ⁶ [na	
37		atualidade... barulho pra Flora Mato::s]	
38	PL	⁶ [((gritos e aplausos))]	
39		((Flora Matos inicia apresentação musical: “Luz”:	
40		2’12’’-06’12’’))	
41	PL	[((gritos e aplausos))]	
42	AA	⁷ [Flora Matos no palco do “Manos e Minas”... }	
43		muito obrigada ((beija Flora Matos))... prazer em	Seq. Dialogal
44		receber você]	
45	PL	⁷ [((gritos e aplausos))]	
46	FM	nós que agradece(mos)	
47	AA	aqui no programa de aniversári::rio do “Manos e	
48		Minas”... Flora Matos...	
49		5 { agora fala um negócio pra mim... eu senti uma	Seq. Narrativa
50		liga... bonita aqui entre Flora e Projeto Nave... não é a	
51		primeira vez né?	
52	FM	não	
53	AA	conta aí essa história	
54	FM	então ... a gente::	
55	AA	vem pra cá	
56	FM	faz um som aí... há algum tempo... é::... desde o	
57		Saraievo... que eles faziam um som lá... eu tam(b)ém	
58		colava... com a Família Madá... eles me convidavam	
59		pra fazê(r) um <i>freestyle</i> de vez em quando e essa liga	
60		foi rolando... aí a gente fez a música “Luz”... que é	
61		essa música... e::... agora... (es)tamo(s) querendo	
62		lançar um vinil desse som... que é esse <i>single</i> que a	
63		gente acabô(u) de lançá(r) na verdade... já fizemos ela	
64		aqui... em... outra versão	
65	AA	pra alegria dos ⁸ [DJs né Eric?]	
66	FM	⁸ [em outro momento] ((risos))	
67	AA	vinilzão... }	

68		agora Aquiles... vem cá... chega aí... gente... uma	Seq.
69		salva de palmas ⁹ [barulho pro Aquiles...]	Dialogal
70		6 {ele fica ali quietinho... escondidinho... mas é o	
71		responsável pelo Projeto Nave]	
72	PL	⁹ [((gritos e aplausos))]	Seq.
73	FM	menino monstro}	Descritiva
74	AA	7 {hoje... vários convidados do “Manos e Minas”... são	
75		particularmente convidados do Projeto Nave...}	
76		8 {queria que (vo)cê falasse.. com'é que começô(u)	
77		essa brincadeira séria	
78	AK	bem... como a Flora já esclareceu... o projeto... ele	
79		deu início em meados de julho de dois mil e oito... vai	
80		completá(r) três anos... onde nós tínhamos uma	
81		residência mais de dois pra três e... três anos lá no	
82		Saraievo... e era constante a aparição espontânea de	
83		alguns MCs como Flora... Sombra... Emicida...	
84		Família Madá... e::: enfim... a partir daí a gente teve	
85		uma ideia do Projeto Nave lançá(r) um trabalho que	
86		desse o suporte... ou seja... a base que intitula o	
87		projeto... Nas Base... pra que alguns MCs dessem seu	
88		recado e pudesse(m) cantá(r) em cima d'uma estética	
89		que fugisse dos padrões de bases convencionais	
90	AA	e já já... (es)tá chegando isso daí né?	
91	AK	(es)tá chegan(d)o aí...e muitos mais virão por aí	
92		ainda}	Seq. Narrativa
93	AA	9 ¹⁰ {é... aqui no palco do “Manos e Minas” também...	Seq.
94		muito mais convidados hoje...}	Descritiva
95		Flora muito obrigada]	
96	PL	¹⁰ [((gritos e aplausos))]	
97	FM	eu que agradeço... ¹¹ [máximo respeito]	
98	AA	¹¹ [boa sorte] (es)tamo(s) esperando seu vinyl	
99	FM	valeu (es)tá chegando... ¹² [máximo respeito]	
100		rapaziada... é nós]	
101	PL	¹² [((gritos e aplauso))]	Seq.
102	AA	¹² [até já]	Dialogal

Situação Comunicativa	Homenagem em Comemoração aos 3 anos de programa
Participantes	Dexter = DX

103	DX	10 {quero começá(r) dizendo que pra mim foi... foi um privilégio... uma satisfação enorme... me senti lisonjeado de ter participado do “Manos e Minas”... que é realmente um programa... do <i>rap</i> ... de pessoas que gostam de <i>rap</i> ... que fazem <i>rap</i> e para o <i>rap</i> ... }	Seq. Descritiva
104			
105			
106			
107			
108		um abraço para todos vocês da produção... sem palavras... é nós... (es)tamo(s) junto(s) e eu Dexter sempre que precisá(r)... (es)tamo(s) junto(s) na revolução ((cruza os braços))... muita paz e até o dia que vocês quiserem... é só chegá(r) ((faz rima))	Seq. Dialogal
109			
110			
111			
112			

Situação Comunicativa	Auditório
Participante	Max B.O = MB

113	MB	11 {agora... a gente vai... pra quebrada do DJ Eric Jay... a gente vai lá pra Zona Leste...de São Paulo... aonde o ícone Kill... (es)tá compondo mais uma de suas artes lá... mais um de seus grafites... prestô(u) atenção? ... de olho no telão... vai lá}	Seq. Descritiva
114			
115			
116			
117			

Situação Comunicativa	Reportagem sobre o trabalho de grafite de Ícone Kill
Participantes	Ícone Kill = IK

118	IK	12 {((fala enquanto grafita)) comecei pintá(r) em noventa e nove... mil novecentos e noventa e nove... na verdade meu irmão pichava... e::... já gostava de desenho... tudo... e tinha um skatista na rua que tinha uma revista chamada... “Grafite”... “Fiz: Graffiti Attack” né? uma revista feita pelos gêmeos... então :::... ele pegou emprestado essa revista... então depois desse dia... nunca mais... é::... vivi sem... vivi sem grafite...} ((imagens de IK	Seq. Narrativa
119			
120			
121			
122			
123			
124			
125			
126			

127	grafitando com música de fundo)) 13 {eu e meu	
128	irmão a gente... gostava de lê(r) muito gibi e na D.C	
129	tem um...tinha um herói negro que chamava Ícone	
130	né? ... ele tinha uma história mais ou menos parecida	
131	né? com a do Super-Man... então a gente (es)tava	
132	querendo encontrar um nome na época ... pra pintá(r)	
133	e... surgiu esse...} ((falando para a câmera sem	
134	grafitar)) 14 {acho que o Brasil...é:: referência pelo	
135	lado criativo... brasileiro é criativo... entendeu? ... eu	
136	acho que é::...foi/é criativo na música... é criativo no	
137	futebol... na arte por que não? no grafite por que	
138	não? acho que é isso...vem do do... do D.N.A do	
139	brasileiro...	
140	((imagens de IK grafitando com música de fundo))}	
141	15 {o grafite pra mim?... ah é::... mais do que tudo é	
142	uma diversão né? tipo... trabalhei essa semana	
143	inteira e hoje eu (es)tô(u) aqui fazendo um... uma	
144	letra colorida... (es)tô(u) relaxan(d)o... acima de tudo	
145	é:: uma diversão vem... pintá(r) com os amigos }	Seq. Explicativa

Situação Comunicativa	Auditório
Participantes	Plateia = PL
	Max B.O = MB
	Anelis Assumpção = AA

146	PL	¹³ (((gritos e aplausos)))	
147	AA	16 ¹³ [ao longo do programa a gente vai acompanhá(r)	
148		toda a evolução... do grafite do Ícone Kill... fique	
149		esperto]}	Seq. Descritiva
150	MB	17 {é iss' aí e tem também o grupo D-efeitos aí... um	
151		grupo inovador na dança... }	
152		se segura aí que o intervalo é rápido... enquanto isso...	
153		maestro Eric Jay... aperta o play e solta	
154	PL	que a gente já volta:::	Seq. Dialogal
155		((vinheta de intervalo)) ((vinheta de retorno do programa))	

Situação Comunicativa	Homenagem em Comemoração dos 3 anos de programa
Participantes	Gog = GG

156	GG	eu quero mandá(r) um salve do coração pro “Manos e Minas”....	Seq. Dialogal
157			
158		18 {dizê(r) que é uma trincheira nossa... um território nosso... um território ocupado e eu m(ai)’or respeito... sério}	Seq. Descritiva
159			
160			
161		e quero que esse programa tenha anos e anos porque o <i>hip hop</i> precisa desse tipo de oxigênio Genival de Oliveira Gonçalves... parceirão do “Manos e Minas”	Seq. Dialogal
162			
163		Gog... valeu	
164			

Situação Comunicativa	Auditório
Participantes	Plateia = PL
	Max B.O = MB
	Anelis Assumpção = AA
	Integrante do Grupo = IG
	Sombra = SM

165	PL	¹⁴ {((gritos e aplausos))}	
166	MB	19 { ¹⁴ “Manos e Minas”... estamos de volta e eu quero convidar a todos]... para prestarem muita atenção na nossa próxima atração... é isso mesmo... é um grupo de dança... que usa os erros como forma de expressão artística e melhor do que falá(r) dessa rapaziada... é mostrá(r) o trabalho de dança de André Bidu... André Dedo e Renan Live os caras que formam o grupo... D-efeitos...}	Seq. Descritiva
167			
168			
169			
170			
171			
172			
173			
174		barulho “Manos e Minas”	
175	PL	((gritos e aplausos))	
176		((inicia apresentação de dança de 1’02’’ – 2’55’’))	
177	AA	¹⁵ [D-Efeitos no palco do “Manos e Minas... arrasô(u)]	Seq. Dialogal
178			
179	PL	¹⁵ {((gritos e aplausos))}	
180	IG	obrigado pessoal...valeu D-efeitos	
181	MB	é iss’ae “Manos e Minas”... agradecendo a presença	

		da rapaziada do D-Efeitos...	
182 183 184 185 186		20 {eu vô(u) chamá(r) agora no nosso palco... um cara que já está no <i>hip hop</i> há mais de quinze anos... um grande MC (es)tá em carreira solo e foi também... um dos idealizadores ali... uma pedra fundamental do grupo S.N.J...}	Seq. Descritiva
187 188 189 190 191	PL MB	muito barulho...chega aí Sombra:: ((gritos e aplausos)) ((início da apresentação musical “Atritos e Conflitos”: 3’34’’ – 6’37’’)) o:: So::mbra... seja bem vindo ao ¹⁶ [“Manos e Minas”]...	Seq. Dialogal
192 193 194		21 {queria que você falasse pra gente... como foi o primeiro encontro seu com o Projeto Nave... se você lembra como foi o primeiro encontro?}	Seq. Narrativa
195	SM	¹⁶ [certo meu parce(i)ro?]	Seq. Dialogal
196 197 198 199 200 201 202 203 204		22 { bom justamente o que DJ Aquiles e produtor aí... um dos manos da banda aí falô(u) anteriormente... é o seguinte ... a gente que... acostumava a colar com espontaneidade n’um pico ali na Augusta chamado Saraievo... e ainda por cima dava de encontro com os cara(s) fazendo uma música... instrumental ao vivo... aí fomo(s) ganhan(d)o uma coletividade... o barato foi ganhando o corpo... e a gente (es)tá aí com os cara(s) até o dia de hoje... gerô(u) frutos... valeu }	Seq. Narrativa
205 206 207 208 209 210 211 212 213 214 215 216 217	MB SM MB SM MB	23 {maneiro... maneiro... seguinte ... o Sombra... pra quem não (es)tá ligado... o Sombra é um cara que já (es)tá no <i>hip hop</i> nacional há... pra n’um ficá(r) pra não dizê(r) em número há mais de uma década e meia exato ... em meados de é ... em meados de... aquele ali... aquele noventa lá... exato } 24 { aí é o seguinte ... pra quem n’um (es)tá ligado... pra quem (es)tá chegan(d)o agora... queria que você falasse uma coisa... sua carreira particular que é sua... voz... você desenvolvia... a voz na época do S.N.J através de um personagem... do desenho	Seq. Descritiva

		animado... não é isso?	
218	SM	é a gente acostumava:... e acostuma até o dia de	Seq. Narrativa
219		hoje... cultivá(r) essa parada de assistí(r) muita	
220		animação... muito filme... esse barato do efei/... dos	
221		efeitos especial... que chama muito a nossas atenções	
222		e na época... quando molecão ali... eu acostumava	
223		antes de ir pra escola... na hora do almoço... assistí(r)	
224		He-man... esqueleto e pá... a sensação do momento	
225		¹⁷ [um cara] fortão... cabelo loiro... um colete do	
226		Vasco-da-Gama e uma tanga de urso... (es)tá	
227		ligado? ... a gente curtia pra caramba ¹⁸ [e o esqueleto	
228		(inint.)... e a voz é o seguinte ((imita))}	
229	MB	¹⁷ [pode crê(r)]... ¹⁸ [e a voz? e a voz?].... e bendito	Seq. Dialogal
230		Sombra:... mais uma salva de palmas pro Sombra...	
231		valeu	

Situação Comunicativa	Homenagem em Comemoração aos 3 anos de programa
Participantes	Dandan = DD
	Criolo = CL

232	DD	meus parabéns a esses três anos aí... e::... espero que	Seq. Dialogal
233		prosperar cada vez mais... que cresça cada vez mais...	
234		se inflame cada vez mais... a periferia muito	
235		agradece isso	
236	CL	um beijo no coração de cada um de vocês... e::	
237		desejo a vocês... força e resistência	

Situação Comunicativa	Auditório
Participantes	Plateia = PL
	Anelis Assumpção = AA

238	AA	25 {se liga... no próximo bloco daqui a pouquinho	Seq. Descritiva
239		(vo)cê vai vê(r) as equipes de baile que mudaram a	
240		vida da noite... em São Paulo... por enquanto...}	

241		DJ Eric Jay... aperta o play e solta	Seq. Dialogal
242	PL	que a gente já volta:::	
243		((vinheta de intervalo))	
244		((vinheta de retorno do programa))	

Situação Comunicativa	Homenagem em Comemoração aos 3 anos de programa
Participantes	Edi Rock = ER

245	ER	parabéns “Manos e Minas”... três anos de vida... é isso	Seq. Dialogal
246		aí... continuá(r)...três seis nove... doze... (es)tamo(s)	
247		junto(s)	

Situação Comunicativa	Auditório
Participantes	Plateia = PL
	Anelis Assumpção = AA
	Max B.O. = MB

248	MB	“Manos e Minas” de volta e é chegada a hora...	Seq. Dialogal
249		daquele salve a lá Michael Jackson... pro	
250		combustível que move essa engrenagem...um salve	
251		pra nossa plateia::	
252	PL	¹⁹ [[((gritos e aplausos))]]	
253	MB	¹⁹ [e o salve de hoje vai pra Escola Estadual Johann	
254		Gutenberg do Parque do Chaves Zona Norte...	
255		Comunidade Cidadã Jovens Urbanos do Parque	
256		América...Crea Várzea Paulista... Escola Estadual	
257		Joaquim Soares de Fazenda da Juta...Organizações	
258		Rec Play da Vila Mariana... Caravana do Jardim	
259		Granja Viana de Carapicuíba... Serviço de Medida	
260		Socioeducativa em Meio Aberto de Perus]... salve	
261		salve também pro pessoal de Franco da Rocha...	
262		pessoal de Cajamar Campinas e Hortolândia... é	
263		nóis... agora barulho porque essa é a lei...	

264		26 {é hora do nosso tricampeão... DJ Eric Jay:::	Seq. Descritiva
265	PL	((gritos e aplausos))	
266		((apresentação de Eric Jay))	
267	MB	DJ Eric Jay::	
268	AA	essa daí a pegada é baile né?	
269	MB	essa é pegada baile}	
270	AA	27 {e por falá(r) em baile... olha só ... na década de	
271		setenta e oitenta a galera negra de São Paulo... se	
272		reunia nos bailes... (vo)cê já ouviu falá(r) no Chique	
273		Show?... é... Nelson Triunfo cos/costumava arrasar	
274		nessa balada}... 28 {mas se você pensa que os bailes	
275		acabaram... está muito enganado	
276	MB	é isso aí Anelis... quem acha que os bailes	
277		acabaram... se engana... como constatou a nossa	
278		repórter Cris Gomes pelos bailes de S.P.... os bailes	
279		ainda estão reunindo... estilosos bailarinos... tem	
280		bailarinos com muito estilo... garbo e elegância...	
281		prestô(u) atenção? de olho no telão... vai lá}	

Situação Comunicativa	Reportagem sobre os Bailes em SP
	Tony Hits = TH
	Izzy Nylon = IN
	KL Jay = KJ
	Mano Brown = MB
	Carlos Família = CF

282	CG	29 {desde o final dos anos cinquenta que os bailes	Seq. Narrativa
283		negros rolavam em São Paulo... mas foi no final	
284		dos anos setenta que o lance começou a bombar e a	
285		fazer história	
286	TH	foi história base de todo mundo... principalmente	
287		do <i>rap</i>	
288	IN	pra mim foi meio a minha referência de e...	
289		filosofia de vida... de carreira né?	
290	KJ	foi uma época marcante assim... que colaborou	

291		muito pra sê(r) quem eu sô(u)... quem o Racionais é	
292	MB	sem um não haveria o outro... sem essas equipe não	
293		haveria <i>hip hop</i> não haveria Brown... não haveria	
294		Racionais... não haveria Sabotage... todo mundo	
295		veio dos baile(s) ((corte))	
296	KJ	30 {a gente ia... nós íamos pro Rádio Club e::... um	
297		dia um amigo meu disse... –“vam/... meu (vo)cês	
298		(es)tão indo pro lugar errado... vamo(s) no Chique	
299		Show ali no Asa Branca de Pinheiros que (vo)cês	
300		vão vê(r)”-... quando eu entrei naquele lugar...	
301		realmente... foi uma sensação diferente... porque...	
302		eu me identifiquei muito ali... hora que eu entrei...	
303		eu vi um pessoal parecido comigo... dançando as	
304		músicas... curtindo as músicas que eu gostava...	
305		mas que não tocavam nas outras festas e tal... então	
306		ali foi... de imediato uma identificação... e:: isso foi	
307		em... oitenta e dois... oitenta e dois... oitenta e um	
308		oitenta e dois pra sê(r) mais exato	
309	TH	eu lembro dos tênis da Adidas e das marcas (inint.)	
310		dos tênis Le Coq... das pizza na calça... eu lembro	
311		dos passe de dança do samba rock... eu lembro da	
312		música do Bebeto... a primeira vez que eu entrei no	
313		clube da cidade que eu vi a música do Bebeto... é	
314		((canta a música))... eu chapei com o	
315		ambiente...falei -“isso é o meu lugar... eu quero	
316		estar aqui semana que vem”-... eu me identifico	
317		com o ambiente... com o clima} ((mostra um cantor	
		fazendo show))	
318	CG	31 {a Chique Show era uma das maiores equipes...	
319		Black Magic... Secret Power... (Zimbabwe)...	
320		Cascata... era outras equipes que também	
321		organizaram festas históricas}	Seq. Descritiva
322	TH	32 {além da:: referência musical... é:: foram eles	
323		que trouxeram os primeiros shows de <i>rap</i> para cá	
324		né? ... primeiro show de <i>rap</i> que eu vi... foi da	
325		Comodi... foi a Chique Show que trouxe né? }	
326	KJ	33 {ninguém é:: conseguia tudo sozinho... um	
327		comprava o toca disco... o outro comprava a	
328		caixa... outro comprava o disco e se juntavam... e	Seq. Narrativa

329		acabavam formando uma equipe... cada um tinha	
330		uma parte... dessa história e se juntavam pra fazê(r) um baile}	
331	CG	34 {os tempos eram outros... e os bailes eram importantes espaços de encontro e resistência	Seq. Descritiva
332			
333	KJ	mantê(r) todos juntos... manter todos em harmonia... é onde o neg(r)o se encontra... e se encontrava e se divertia... é::... ele tinha uma forma ali mais tranquila... de falá(r) de igual pra igual... com todo mundo... eu acho que os bailes... só fez(izeram) muito bem... é:: pra o povo negro... p(r)a o povo de... é::... menor poder aquisitivo	Seq. Narrativa
334			
335			
336			
337			
338			
339			
340	CG	as equipes de baile tiveram papel fundamental pra fortalecer a cultura negra aqui em São Paulo... }	
341			
342		35 {mas quem acha que isso é coisa dos anos setenta... dos anos oitenta... que ficô(u) pra trás... (es)tá muito enganado... hoje...sábado à noite eu (es)tô(u) aqui no Musicaliando... que rola no bairro da Liberdade religiosamente todo mês... e pela animação dessa galera que (es)tá na pista... essa é uma cultura que vai continuá(r) viva... por muito tempo}	Seq. Descritiva
343			
344			
345			
346			
347			
348			
349			
350	CF	36 {os jovem que (es)tão aí...que estão aí...são pessoas que são filho(s) dos que já frequentavam há muito tempo... então ouve as músicas que o pai... e a mãe... a curte... dançam às vezes em casa... eles passam a se adaptá(r)...(a)costumá(r)...e começa a frequentá(r)}	
351			
352			
353			
354			
355	KJ	37 {melhorô(u) muito pra quem (es)tá fazendo hoje... pra quem (es)tá fazendo hoje... mas foi um sacrifício muito grande pra quem começô(u) lá trás e valeu a pena o tanto sacríficio?	Seq. Narrativa
356			
357			
358	CG	valeu... eu começaria tudo de novo	
359	KJ	igual àquela época não vai tê(r) mais ponto}	
360	TH		

Situação Comunicativa	Auditório
Participantes	Max B.O. = MB
	Plateia = PL
	Rincon Sapiência = RS

361	MB	38 ²⁰ {((canta uma música da época dos bailes)) é::... o	Seq. Descritiva
362		tempo do baile ó ... só no <i>swing</i> ...charme e elegância...	
363		e agora é hora de eu chamar um M.C] que combina	
364		com charme e elegância...}	
365		chega pro palco do “Manos e Minas”... toma	Seq. Dialogal
366		providência... Rincon... Sapiên::cia	
367	PL	²⁰ {((gritos e aplausos))}	
368		((início da apresentação musical “O Punhal”: 08’09” – 11’30’’))	
369	PL	((gritos e aplausos))	
370	MB	((cantando)) ... chega aqui Rincon Sapiência	
371		39 {a Donna Hills e o James não estavam lá na época	Seq. Narrativa
372		do Clube Saraievo lá...do Projeto Nave mas com’é	
373		que foi trazê(r) eles dois aqui pra essa música?... fala	
374		aí de reuní(r) a turma do Projeto Nave contigo e eles	
375		agora com você nesses clássicos aí	
376	RS	verdade... então ...o lance eu trombava muito era o	
377		Aquiles no Saraievo... porém... a banda me(s)mo	
378		trampan(d)o eu n’um cruzava... aí de contato... ideia	
379		vai ideia vem... ele me mandô(u) umas faixa por	
380		internet e a gente já foi direto pro ensaio... então nós	
381		nunca tinha feito sessão de <i>fresstyle</i> ... nem sessão	
382		livre... a gente foi lá pro estúdio depois e essa daí...	
383		essa música que a gente fez... é a terceira música que	
384		saiu desses ensaios todos ...} 40 {é muito lô(u)co que	
385		eu curto música eletrônica... timbre eletrônico...	
386		sintetizado(r)... trampá(r) D.J... mas eu gosto muito	
387		das coisas clássicas também... então eu acho que com	
388		essa banda... o Projeto Nave... eu acho que é onde eu	
389		encontro... eu boto pra fora esse meu lado... mais	
390		classicão... mais anos setenta... sessenta que eu gosto	
391		também }	

392	MB	maravilha... (o)brigado Rincon... salve salve...	Seq. Dialogal
393		(o)brigado... Donna Hills pela presença... (o)brigado	
394		James também... Anelis Assumpção... agora o papo é	
395		com você... vai lá	
396	AA	41 {Rincon falando de amor aqui no palco do “Manos e Minas”... (vo)cê viu né? }... 42 { então ... no próximo	Seq. Descritiva
397		palco você vai ver mais coisas ainda... qué(r) sabê(r) o	
398		qué?... Emicida... encontra Toni Tornado...	
399		imperdível... por enquanto... D.J Eric Jay... aperta o	
400		play e solta}	
401		que a gente já volta:::	
402	PL		
403		((vinheta de intervalo)) ((vinheta de retorno do programa))	

Situação Comunicativa	Homenagem em Comemoração aos 3 anos de programa
Participantes	Ellen Oléria = EO

404	EO	salve toda galera do “Manos e Minas”... juntos... mais um	Seq. Dialogal
405		ano... juntas mais um ano... e mu::itos anos a mais pra	
406		nós... novos ciclos... muito axé	

Situação Comunicativa	Auditório
Participantes	Plateia = PL
	Max B.O. = MB

407	PL	((gritos e aplausos))	Seq. Descritiva
408	MB	43 {salve “Manos e Minas”... Ícone Kill grafita suas letras	
409		lá na zona leste de São Paulo e agora... a gente vai vê(r)	
410		com' é que ficô(u) o grafite dele depois de pronto... (vo)cê	
411		prestô(u) atenção? ... de olho no telão... vai lá}	

Situação Comunicativa	Reportagem sobre o grafite de Ícone Kill
Participantes	Ícone Kill = IK

412	IK	44 {eu (es)tô(u) n'um ambiente que eu gosto muito de pintá(r)... que é uma viela... passa muitas pessoas... 413 414 então eu quis fazê(r) uma letra colorida... p(r)a dá(r) 415 uma cor né? ... acho que é isso... colorida ((imagens da 416 obra de IK))}	Seq. Descritiva
417		se você... pretende fazer alguma coisa com o grafite... 418 é::... se passá(r) de um romance de verão... estudá(r) 419 sobre a parada né? ... conhecê(r) né? ... sabê(r) o que 420 você (es)tá fazendo... pra quando vir uma tia... uma 421 avó sua... um leigo... perguntá(r) o que é que (vo)cê 422 (es)tá fazendo... –“ ah (es)tô(u) fazendo grafite... é 423 isso isso isso bibibibibi”-	Seq. Dialogal

Situação Comunicativa	Auditório
Participantes	Plateia = PL
	Anelis Assumpção = AA
	Max B.O. = MB

424	PL	((gritos e aplausos))	Seq. Descritiva
425	AA	45 {o convidado de hoje do Emicida... é um cara muito 426 especial... ele já foi menino de rua... já engraxô(u) sapato... 427 já vendeu amendoim já serviu a escola de paraquedismo 428 onde foi amigo de Silvio Santos... quem diria	
429	MB	é iss'ae Anelis... ele já morô(u) também em Nova York e 430 voltando dos Estados Unidos pro Brasil... ele trouxe na sua 431 bagagem muita <i>soul music</i> e muito <i>funk</i> ... eu (es)tô(u) é 432 isso aí falando de Toni Tornado... que agora solta a voz... 433 ao lado de Emicida no quadro A Rua é Nós }	

Situação Comunicativa	A Rua é Nós
Participantes	Emicida = EM
	Toni Tornado = TT

434	EM	salve rapaziada hoje nós (es)tamo(s) aqui... com	Seq. Dialogal
435		mestre... Toni Tornado... satisfação total...obrigação	
436		pelo tempo aí mestre	
437	TT	valeu companheiro... (vo)cê sabe que eu sempre tive	
438		curiosidade em conhecê-lo né? ((corte))... agora leva	
439		aí o papo ((dão-se as mãos))... que que (es)tá	
440		pegando? ((foco da imagem no boné que TT segura	
441		nas mãos com música de fundo)) ((corte))	
442	EM	46 {eu (es)tava vindo pra cá... os cara falô(u) que	Seq. Narrativa
443		você ((corte))... (vo)cê morô(u) nos Estados Unidos	
444		((corte)) (vo)cê guerreou ²¹ [no Oriente Médio]...	
445		queria que você falasse um pouca da sua história e	
446		um ²² [pouco de todas essas coisas]	
447	TT	²¹ [[risos]]... ²² [ah ::: história é longa né?]... a	
448		história é longa...((imagens de TT quando jovem: em	
449		uma cena de novela, jogando basquete, andando de	
450		bicicleta, respectivamente)) eu morei na	
451		Tchecoslováquia... em Cuba e mais o <i>swing</i> do	
452		Harlem... eu morei no Harlem durante quatro anos e	
453		meio ((cenas de negros ouvindo boombox,	
454		dançando))... trabalhava n'um <i>Car Wash</i> lá... lá era	
455		gerente d'um <i>Car Wash</i> ... ((imagens de um lava-	
456		rápido)) d'um lava-rápido}	
457	EM	47 {como que... a música... entrô(u) na sua vida?	
458	TT	saí de casa com doze anos ((Imagem de uma criança	
459		negra na rua))... fui para o Rio de Janeiro...essa era a	
460		época do exército era mil novecentos e quarenta e	
461		nove... eu conheci o... Senhor Abravanel Santos que	
462		veio a ser o Silvio Santos	
463	EM	você serviu [(no exército)]?	
464	TT	[serviu]...serviu ((imagem de Silvio Santos com	
465		roupa do exército com sua fala: “quem quer	
466		dinheiro?”)}	

467	EM	48 {como que nasceu esse nome aí... Toni Tornado?	Seq. Explicativa
468	TT	porque eu dançava... parecia um furacão... parecia	
469		um rodaminho... -“ ah você parece um tornado e	
470		tal”-... aí ficô(u) Toni Tornado ((imagens de TT	
471		dançando em seu show na época e do desenho	
472		animado cujo personagem gira parecendo um tornado))... }	
473		49 {no Rio de Janeiro tinha um movimento... no qual	Seq. Narrativa
474		eu paguei muito caro por comandar esse	
475		movimento... chamava o movimento Black Rio né?	
476		((imagens do movimento na época))... era um	
477		movimento que aglutinava um maior número de	
478		negros... naturalmente levado pelo tipo de música	
479		que a gente apresentava... aí eles acharam que era	
480		um movimento racista que eu estava incentivando...	
481		que eu estava fazendo apologia... resolveram então	
482		me expulsar do país e voltei mais brasileiro do que	
483		nunca né? ... pô é muito bom isso pra mim ((imagens	
484		da bandeira brasileira)) }	
485	EM	50 {a sua interpretação da... da “B.R Três” lá em mil	
486		novecentos e setenta no Maracanzinho lá aquilo foi	
487		o pontapé... da... da sua carreira mesmo?	
488	TT	a música “BR Três” era muito boa... também me	
489		trouxe problema... porque diziam... que era apologia	
490		ao tóxico né? ... pouca gente sabe viu? mas “BR	
491		Três” vendeu um milhão e meio de cópias (es)tá?)... }	
492		51 {filhos todos criados... eu tenho quatro filhos	
493		maravilhosos... meu filho mais velho tem cinquenta e	
494		um anos pô... já (es)tá um senhor... de bengala}.... }	
495		52 { mas tudo passô(u)... tudo acabô(u)... hoje nós	
496		estamos vivendo bem graças a Deus... (es)tô(u) feliz	
497		da vida }	
498	EM	(o)brigadão por tudo que (vo)cê fez pra gente chegar	Seq. Dialogal
499		no momento que a gente vive hoje	
500	TT	((resmungo))... assim você me emociona (es)tá?	
501	EM	(o)brigado me(s)mo	
502	TT	muito obrigado... quero deixá(r) minha mensagem de	
503		paz e amor que diz quando duas mãos se encontram...	
504		refletem no chão a sombra da mesma cor...é isso aí...	

505		<i>right on ... right on ... right on ...</i> qué(r) dizê(r)	
506		estamos aí	
507	EM	((improvisa))	

Situação Comunicativa	Auditório
Participantes	Plateia = PL
	Max B.O.= MB
	Rapadura Xique-Chico = RC
	Anélis Assumpção= AC

508	PL	²³ [((gritos e aplausos))]	
509	MB	²³ [grande... grande grande grande Toni Torna::do... a	Seq.
510		gente morre... a gente corre na B.R trê::s] da pesada	Dialogal
511		hein Projeto Nave?...	
512		53 { agora é o seguinte ...eu quero chamá(r) agora pro	Seq.
513		último musical junto com o projeto Nave nesse	Descritiva
514		programa... “Rapadura Xique-Chico”...}	
515		chega pra cá meu mano... “Rapadura Xique-Chico”...	Seq.
516		ó xente...	Dialogal
517		54 {que veio pra embolá(r) o cenário musical	Seq.
518		brasileiro com sua mistura de <i>rap</i> com repente...}	Descritiva
519		beleza?	Seq.
520	RC	e aí cabra tudo bom?	Dialogal
521	MB	beleza...	
522		55 {com’ é que foi trazê(r) essa mistura de <i>rap</i> e	Seq.
523		repente... toda seu jeito embolado aí... pra esse nas	Narrativa
524		base do Projeto Nave?	
525	RC	então conheci o Projeto Nave o ano passado quando	
526		eu cantei na pista de <i>skate</i> de São Bernardo do	
527		Campo e aí a gente se identificou pra caramba com o	
528		trabalho um do outro... começamo(s) a convivê(r) a	
529		trocá(r) ideia e tal... e da convivência surgiu a	
530		música... porque assim que tem que ser...}	
531		56 {o projeto é esse... convivência é música e hoje... a	Seq.

532		gente vai mostrá(r) que além do <i>rap</i> com repente	Descritiva
533		com a embolada ... a gente pode fazê(r) em outros	
534		ritmos outros estilos... vamos fazer uma valsa... eu	
535		escrevi uma carta de saudade a minha terra e vô(u)	
536		cantá(r) aqui hoje essa carta...vô(u) lê(r) essa carta }	
537	MB	é isso aí... então Roni... fecha aqui comigo... que não	Seq. Dialogal
538		vai batê(r) na trave... Rapadura Xique-Chico e	
539		Projeto Nave::	
540		((início da apresentação musical: “Além do Mar ” 08’00” -	
541		12’32’))	
542	AA	57 {Rapadura aqui falando de saudade... por falar em	Seq. Descritiva
543		saudade... o “Manos e Minas”...de hoje especial de	
544		aniversário de três anos está chegando ao fim	
545	PL	a:::	Seq. Dialogal
546	AA	pois é ...mas não precisa ficá(r) com muita saudade	
547		não que a gente volta...eu quero... muito agradecê(r)	
548		a todas as pessoas que fizeram esse programa	
549		acontecê(r) hoje... a nossa plateia ²⁴ [querida...	
550		muitíssimo obrigado... você de casa... muito obrigada	
551		também]... muito obrigada a todas as pessoas que	
552		fizeram o “Manos e Minas” acontecer durante esses	
553		três anos	
554	PL	²⁴ [((gritos e aplausos))]	
555	MB	obrigado a você que chegô(u) agora no finalzinho do	
556		“Manos e Minas” e vai acessá(r) o site... teve cultura	
557		ponto com ponto be erre barra manos e minas...	
558		obrigado você que já assistiu “Manos e Minas” e vai	
559		assistir daqui a pouco a <i>reprise</i> ... a nossa página no	
560		Facebook... ou então no Twitter arroba manos e	
561		minas teve... falando em Twitter... continua rolando	
562		essa campanha aí ó ... jogo da velha... eu quero	
563		Racionais M.Cs no ²⁵ [“Manos e Minas”... (vo)cês	
564		(es)tão ouvindo né? ... é o que todo mundo qué(r) diz	
565		aí Anelis]	
566	PL	²⁵ [((gritos e aplausos))]	
567	AA	58 {é o que todo mundo qué(r)... e chega de saudade	Seq. Descritiva
568		agora... chega de saudade... porque sábado que	
569		vem...a gente (es)tá de volta de novo... às seis e	
570		quinze da tarde com reapresentação... depois do Cine	

571		Brasil na madrugada ali de sábado para	
572		domingo... (es)tá bom?	
573	MB	mais ou menos uma hora	
574	AA	é... lá pela uma... fica esperto (es)tá bom? então	
575		chega de saudade	
576	MB	valeu “Manos e Minas”... tchau	Seq.
577	AA	tchau	Dialogal